

cecelia ahern

A estreia da autora best-seller no gênero Young Adult



IMPERFEITOS

Nossos defeitos nos fazem ser quem somos





SUMÁRIO

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de créditos](#)

[Dedicatória](#)

[IMPERFEITO](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[NOTA](#)

**Cecelia
Ahern**

IMPERFEITOS

Tradução
Paulo Polzonoff Junior





Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

© Cecelia Ahern, 2016

Publicado originalmente em inglês na Grã Bretanha, por HarperCollins Children's Books.

HarperCollins Children's Books é um selo de HarperCollinsPublishers Ltd.

© 2016 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2016

Produção editorial: Equipe Novo Conceito

Preparação de texto: Mariana Silva de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ahern, Cecelia

Imperfeitos / Cecelia Ahern ; tradução Paulo Polzonoff junior. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2016.

Título original: Flawed.

ISBN 978-85-8163-645-0

1. Ficção irlandesa I. Título.

16-07232 | CDD-ir823.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para você, pai

IMPERFEITO; errado, defeituoso, maculado, danificado, distorcido, deteriorado, inadequado, deficiente, incompleto, inválido. (De uma pessoa) que apresenta uma falha de caráter.



Sou uma menina de definições, de lógica, de preto no branco.

Lembre-se disso.



Nunca confie num homem que se senta, sem ser convidado, à cabeceira da mesa da casa de outro homem.

Não são minhas estas palavras. Elas foram ditas pelo meu avô, Cornelius, que, por dizê-las, acabou se sentando bem longe desta mesa, e não vai voltar tão cedo. O problema não é necessariamente o que ele disse, mas sim a quem ele estava se referindo: o juiz Crevan, um dos homens mais poderosos do país e que, apesar do comentário do meu avô no ano passado, está mais uma vez sentado à cabeceira da nossa mesa de jantar na nossa reunião anual no Dia da Terra.

O papai volta da cozinha com mais uma garrafa de vinho tinto e encontra seu lugar de sempre ocupado. Vejo que ficou desconcertado, mas, como se trata do juiz Crevan, ele simplesmente para, fica balançando o saca-rolhas na mão por um tempo, pensando no que fazer, e depois dá a volta na mesa para se sentar ao lado da mamãe na outra ponta, onde o juiz Crevan deveria ter se sentado. Dá para ver que a mamãe está nervosa. Vejo isso porque ela está mais perfeita do que nunca. Ela não tem um só fio de cabelo fora do lugar em seus cabelos perfeitamente penteados, suas mechas loiras presas num coque que só ela poderia fazer, tendo de deslocar os dois ombros para alcançar a parte de trás da cabeça. Sua pele é como porcelana, como se ela brilhasse, como se fosse a forma mais pura de alguma coisa. Sua maquiagem está imaculada, o vestido azul-claro combinando perfeitamente com os olhos também azuis, os braços perfeitamente bronzeados.

Na verdade, minha mãe aparece assim bela para a maioria das pessoas no dia a dia, como uma modelo em alta. Apesar dos três filhos, o corpo dela é perfeito como sempre foi, ainda que eu suspeite – eu saiba – que, como a maioria das pessoas, ela teve ajuda para manter-se assim. A única forma de saber que a mamãe está num dia ou semana ruim é quando ela chega em casa com o rosto

mais corado, a boca carnuda, a testa lisa e os olhos aparentemente menos cansados. Mudar o visual é o estimulante dela. Mamãe é muito exigente quanto à aparência. Ela julga as pessoas pela aparência, avalia-as numa olhada rápida. Qualquer coisa abaixo da perfeição a incomoda; um dente torto, um queixo duplo, um nariz grande demais, tudo isso a faz questionar as pessoas, desconfiar delas de alguma forma. Ela não é a única. Boa parte das pessoas se sente exatamente como minha mãe. Ela diz que é como tentar vender um carro sem lavá-lo primeiro. O carro deveria estar tinindo! O mesmo serve para as pessoas. A preguiça de manter a aparência representa o que as pessoas são por dentro. Sou perfeccionista também, mas não quanto à aparência física, e sim quanto ao comportamento e forma de falar, o que irrita profundamente minha irmã, Juniper, que é a pessoa mais indefinida que conheço. Apesar de ela ser simples de uma forma nada simples, tenho de reconhecer.

Observo o comportamento nervoso da minha família com um sentimento de superioridade, porque não sinto nem um dedinho da tensão deles nesse momento. Na verdade, estou me divertindo. Conheço o juiz Crevan como Bosco, pai do meu namorado, Art. Vou à casa dele todos os dias, já passei feriados com ele, estive em festas da família, conheço-o melhor do que meus pais e a maioria das pessoas o conhece. Já vi Bosco logo depois de acordar, com os cabelos despenteados e a escova de dentes na boca. Já o vi no meio da noite, andando insone, só de cueca e meia – ele sempre usa meias na cama –, até o banheiro ou cozinha para tomar um copo d’água. Já o vi bêbado e apagado no sofá, de boca aberta, com a mão no saco. Já coloquei pipoca dentro da camisa dele e coloquei sua mão na água quente enquanto ele dormia para que ele ficasse com vontade de fazer xixi. Já o vi dançar bêbado na pista e cantar mal no karaokê. Já o ouvi vomitando depois de uma noite agitada. Já o ouvi roncar. Já cheirei seus puns e o ouvi chorar. Não tenho medo de alguém cujo lado mais humano já vi e conheço.

Mas minha família e o restante do país o veem como um personagem amedrontador que deve ser temido e reverenciado. Eu o considero como um daqueles juízes de shows de calouros na TV, um personagem caricato exagerado que gosta de ser vaiado. Gosto de imitá-lo também, para a alegria de Art. Ele sai rolando de rir quando desfilo para lá e para cá como Bosco vestido de juiz, ajeitando minha capa improvisada, fazendo caras e bocas e apontando o dedo. Bosco adora apontar o dedo sempre que ligam a câmera. Estou convencida de que o personagem assustador, ainda que importante para seu trabalho, não passa de um papel que ele interpreta; ele não é assim de verdade. Ele também gosta de

pular de bomba na piscina.

Bosco, conhecido por todos, menos por mim e por Art, como juiz Crevan, é o principal juiz de um comitê chamado Tribunal. O Tribunal, criado como uma solução temporária do governo para investigar transgressões, agora é uma instituição permanente que supervisiona o julgamento de indivíduos acusados de serem Imperfeitos. Os Imperfeitos são pessoas comuns que cometeram transgressões morais ou éticas.

Nunca estive no Tribunal, mas ele é aberto ao público e é possível vê-lo na TV. É um processo justo porque, além das testemunhas do acontecimento em questão, amigos e familiares são chamados para falar sobre o caráter do acusado. No Dia da Sentença, o juiz decide se o acusado é ou não Imperfeito. Se sim, suas imperfeições são pronunciadas publicamente e sua pele é marcada com um *I* em um dos cinco lugares possíveis. A localização do *I* depende da transgressão cometida.

Para quem toma decisões ruins, é na têmpora.

Para quem mente, na língua.

Para quem trapaceia, na palma da mão direita.

Para quem é desleal com o Tribunal, no peito, sobre o coração.

Para quem não segue as regras da sociedade, na sola do pé direito.

Eles também têm de usar uma braçadeira com a letra *I* marcada em vermelho o tempo todo, para que sempre sejam identificados pelo público e sirvam de exemplo. Eles não são presos; não fizeram nada ilegal, mas agiram, sim, de uma forma considerada prejudicial à sociedade. Eles ainda vivem entre nós, mas são ostracizados pela sociedade, e seguem outras regras.

Depois que o nosso país rolou ladeira abaixo numa grave recessão econômica supostamente por causa das decisões erradas de nossos líderes, o principal objetivo do Tribunal ao ser criado era tirar pessoas Imperfeitas dos papéis de liderança. Hoje ele consegue afastar essas pessoas antes mesmo que elas assumam essa posição, para que nenhum deslize seja cometido. Num futuro próximo, o Tribunal se vangloria, seremos uma sociedade moral e eticamente perfeita. O juiz Bosco Crevan é visto por muitos como um herói.

Art se parece com o pai – cabelos loiros, olhos azuis –, e com mechas loiras incontroláveis e olhos azuis enormes que brilham como os de um menino

sapeca, ele sempre parece estar prestes a fazer uma travessura, e é o que ele geralmente faz. Art se senta de frente para mim na mesa de jantar e tenho de me segurar para não ficar olhando para ele o tempo todo, ainda que por dentro eu esteja pulando de felicidade por ele ser meu. Por sorte, Art não tem toda essa intensidade do pai. Ele sabe como se divertir e relaxar, sempre fazendo um comentário engraçado quando a conversa fica séria demais. Ele sabe o que dizer na hora certa. Até mesmo Bosco ri. Art é como uma luz para mim, iluminando os recantos mais sombrios de tudo.

Todos os anos, neste dia de abril, celebramos o Dia da Terra com nossos vizinhos, os Crevan e os Tinder. As comemorações do Dia da Terra são algo que Juniper e eu amamos desde que éramos crianças. Contamos os dias que faltam em nossos calendários, planejamos o que vamos vestir, decoramos a casa e botamos a mesa. Neste ano, estou mais animada do que nunca porque é o primeiro ano em que Art e eu estamos oficialmente juntos. Não que eu esteja planejando agarrá-lo por sob a mesa ou coisa assim, mas a presença do meu namorado torna tudo mais empolgante.

O papai é o chefe de um canal de notícias, o News 24, e nosso vizinho e outro convidado, Bob Tinder, é o editor do jornal *Daily News*, as duas empresas pertencem à Crevan Media, então os três unem os negócios ao prazer. Os Tinder estão sempre atrasados. Não sei como Bob consegue cumprir os prazos do jornal se nem consegue chegar aos jantares na hora marcada. É a mesma coisa todos os anos. Já passamos uma hora bebendo no salão e esperávamos que, se fôssemos para a sala de jantar, de alguma forma mágica eles apareceriam. Agora estamos aqui sentados com três cadeiras vazias; a filha deles, Colleen, que estuda na minha turma, é a terceira convidada.

— Deveríamos começar — diz Bosco repentinamente, tirando os olhos do telefone, encerrando a conversa casual e sentando-se mais formalmente.

— O jantar está pronto — diz a mamãe, pegando a taça cheia de vinho das mãos do papai. — Imaginei que haveria este pequeno atraso. — Ela sorri.

— Deveríamos começar — repete Bosco.

— Está com pressa? — pergunta Art, olhando intrigado para Bosco, que de repente parece nervoso. — O problema em ser pontual é que ninguém percebe isso — diz Art, e todos riem. — E posso dizer isso, já que estou sempre esperando por essa menina. — Ele dá um chutinho de leve no meu pé direito sob a mesa.

— Não — discordo. — Pontualidade é *agir ou chegar exatamente na hora marcada*. Você não é pontual; você está sempre absurdamente adiantado.

— Passarinho que chega cedo come a melhor minhoca — diz Art, defendendo-se.

— Mas o rato que chega depois fica com o queijo — rebato, e Art mostra a língua para mim.

Meu irmão mais novo, Ewan, ri. Juniper revira os olhos.

Bosco, aparentemente frustrado com nossa conversa, interrompe e repete:

— Summer, Cutter, deveríamos começar o jantar agora.

Ele fala de um jeito que faz todos pararem de rir imediatamente e se virarem para ele. Foi uma ordem.

— Papai — diz Art, surpreso, com uma risadinha constrangida. — Quem é você? O fiscal da comida?

Bosco não tira os olhos da mamãe. Aquilo provoca um efeito estranho sobre todos à mesa, deixa uma atmosfera tensa, do tipo que você sente pouco antes de ouvir o trovão. Pesada, úmida, que dá dor de cabeça.

— Não acha que devemos esperar Bob e Angelina? — pergunta o papai.

— E Colleen — acrescento, e Juniper revira os olhos novamente. Ela detesta que eu fique perturbando com cada detalhezinho, mas não consigo evitar.

— Não, acho que não — diz ele firmemente, sem acrescentar mais nada.

— Certo — diz a mamãe, levantando-se e indo até a cozinha, toda calma e plácida como se nada tivesse acontecido, o que significa que suas pernas estão trêmulas.

Olho toda confusa para Art e sei que ele percebe a tensão também, porque sinto que ele está prestes a contar outra piada, o que sempre faz quando se sente constrangido, assustado ou incomodado. Vejo como o lábio dele começou a se curvar ao pensar no desfecho da piada, que nunca cheguei a ouvir porque lá fora soou a sirene.



A sirene soa, um alerta demorado e grave. Ela me faz saltar na cadeira, assustada, e faz meu coração bater enlouquecidamente, cada centímetro do meu corpo sentindo o perigo. É um som que conheço desde sempre, um som que você nunca vai querer que seja direcionado a você. O Tribunal o chama de sinal de alerta, uma sirene que soa das vans do Tribunal por três a cinco minutos, e, apesar de eu não ter passado por nenhuma guerra, isso me dá uma noção de como as pessoas se sentiam antes de serem atacadas. No meio de uma situação completamente normal, aquilo pode invadir seus pensamentos mais positivos.

A sirene soa próximo a nossa casa, de um jeito sinistro. Todos nós ficamos paralisados à mesa por um instante, até que Juniper, agindo como Juniper, que sempre fala antes de pensar e é toda atrapalhada, levanta-se, bate na mesa e derruba os copos. O vinho tinto se derrama pelo linho branco da toalha e se acumula como coágulos de sangue. Ela não se dá ao trabalho de pedir desculpas ou limpar; só sai correndo para fora da sala. O papai vai atrás dela.

A mamãe parece totalmente assustada, paralisada. Pálida, ela olha para Bosco, e acho que ela vai desmaiar. Ela nem mesmo tenta impedir Ewan de sair correndo pela porta.

A sirene ganha intensidade; ela está se aproximando. Art se levanta, depois eu faço o mesmo; sigo-o pelo corredor que dá lá fora, onde todos estão reunidos no jardim. A mesma coisa acontece em todos os jardins ao nosso redor, o sr. e a sra. Miller no jardim à direita abraçados, parecendo assustados, esperando para ver em que casa a sirene parará. Do outro lado da rua, Bob Tinder abre a porta e sai. Ele vê o papai e eles se encaram. Há algo ali, mas não compreendo. No começo, acho que o papai está com raiva de Bob, mas Bob o encara da mesma forma. Não consigo decifrar o olhar. Não sei o que está acontecendo. Agora é sentar e esperar. Quem será?

Art segura minha mão com força, aperta-a para me tranquilizar e tenta abrir um daqueles seus sorrisos que me conquistam, mas o sorriso sai torto, rápido demais, e provoca o efeito contrário. As sirenes estão quase em cima da gente agora, o som está bem em nossos ouvidos, em nossas cabeças. As vans entram na nossa rua. Duas vans pretas com os *I* marcados em vermelho nas laterais, avisando a todos quem são. Os Delatores são o exército do Tribunal, enviados para proteger a sociedade dos Imperfeitos. Não são nossa polícia oficial; são responsáveis por prender aqueles que são moral e eticamente Imperfeitos. Criminosos vão para a prisão; eles não têm nada a ver com o sistema jurídico dos Imperfeitos.

As luzes de emergência nos tetos das vans giram, as luzes vermelhas dão voltas, tão brilhantes que quase iluminam a escuridão do céu, enviando um sinal de alerta a todos. Os membros das famílias que celebravam o Dia da Terra se apegam uns aos outros, esperando que não sejam eles, que um deles não lhes seja tirado. Que não seja a família deles, a casa deles, não nesta noite. As duas vans param no meio da rua, bem em frente à nossa casa, e sinto meu corpo começar a tremer. As sirenes param.

— Não — sussurro.

— Eles não podem nos levar — Art sussurra para mim, e há tanta certeza em seu rosto, está tão convencido, que acredito nele. Claro que não podem nos levar, temos o juiz Crevan sentado em nossa casa para o jantar. Somos praticamente intocáveis. Isso ameniza um pouco meu medo, mas a ansiedade se volta para a pessoa infeliz que eles estão buscando. Isso me surpreende, porque sempre acreditei que os Imperfeitos são errados, que os Delatores estão ao meu lado, me protegendo. Mas agora que isso está acontecendo na minha rua, na minha porta, tudo muda. Sinto que somos nós contra eles. Essa ideia irracional e perigosa me deixa arrepiada.

As portas da van se abrem e os apitos soam quando quatro Delatores uniformizados saem do veículo, em seus típicos trajes vermelhos, sobre botas de combate e camisas pretas. Eles continuam apitando ao caminharem, o que faz minha mente embotar e me torna incapaz de qualquer forma de raciocínio. Na minha cabeça só resta o pânico. Talvez seja esta a intenção. Os Delatores correm, e eu congelo.



Eles não correm em nossa direção; eles vão na direção oposta, para a casa dos Tinder.

— Não, não, não — diz o papai, e ouço uma raiva repentina em sua voz.

— Ai meu Deus — sussurra Juniper.

Olho para Art, surpresa, esperando pela reação dele, e ele olha fixo para a frente, com uma expressão tensa. E então noto que mamãe e Bosco ainda não vieram para o lado de fora junto com a gente.

Solto a mão de Art e corro para a porta.

— Mamãe, Bosco, rápido! São os Tinder!

Enquanto mamãe se lança pelo corredor, os cabelos de seu coque se soltam e caem sobre seu rosto. O papai a vê e eles trocam um olhar que significa alguma coisa para eles, a mão do papai se abrindo e se fechando ao lado do corpo. Não há sinal de que Bosco está vindo ficar com a gente.

— Não entendo — digo, observando-os se aproximarem de Bob Tinder. — O que está acontecendo?

— Cale a boca e veja — repreende-me Juniper.

Colleen Tinder está agora no jardim com o pai, Bob, e seus dois irmãos mais novos, Timothy e Jacob. Bob está em frente aos filhos, fazendo uma barreira, protegendo-os, estufando o peito contra os Delatores. Não sua família, sua casa, não hoje à noite.

— Eles não podem levar os bebês — diz mamãe, a voz baixa e distante, tanto que sei que ela está bem aqui, entrando em pânico.

— Não levarão — diz o papai. — É ele. Tem de ser ele.

Mas as autoridades passam por Bob, ignorando-o e ignorando as crianças assustadas que começaram a chorar, e abrindo um pedaço de papel diante da cara dele, papel que Bob começa a ler. Eles entram na casa. Percebendo repentinamente o que está acontecendo, ele joga o papel para o alto e sai correndo. Ele grita para Colleen cuidar dos meninos, o que é difícil porque as crianças estão começando a entrar em pânico também.

— Vou ajudá-la — diz Juniper, movendo-se, mas o papai a segura com força pelo braço. — Ai! — grita ela.

— Fique aqui — diz o papai com um tom de voz que jamais o vi usar antes.

De repente se ouve gritos de dentro da casa. É Angelina Tinder. Mamãe cobre o rosto com as mãos rapidamente. Um borrão em sua maquiagem.

— Não! Não! — Angelina grita repetidas vezes até que, finalmente, nós a vimos pela porta, sendo segurada por dois Delatores. Ela está quase pronta para nosso jantar, usando um vestido preto de cetim, pérolas ao redor do pescoço. O cabelo encaracolado. Ela está usando sandálias com pedrarias. Ela é tirada à força de casa. Os meninos começam a chorar ao verem a mãe sendo levada embora. Eles correm até ela e tentam tocá-la, mas os Delatores os afastam.

— Tire suas mãos dos meus filhos! — grita Bob, atacando-os, mas é derrubado no chão, seguro por dois enormes Delatores enquanto Angelina grita desesperada e pede para não ser afastada de seus bebês. Nunca ouvi um grito humano como aquele, nunca ouvi um som como aquele. Ela tropeça, os Delatores a seguram e ela manca para a frente, o salto da sandália quebrado.

Bob grita, mesmo caído no chão:

— Um pouco mais de respeito, droga.

Ela é levada para dentro da van. A porta se fecha. O som dos apitos cessa.

Nunca ouvi um homem chorar como Bob. Os Delatores que o seguram falam com vozes calmas e baixas. Ele para de gritar, mas continua chorando. Eles finalmente o soltam e desaparecem na segunda van. Vão embora.

Meu coração bate forte e mal consigo respirar. Não acredito no que estou vendo.

Espero por uma demonstração de amor dos vizinhos. Somos uma comunidade bastante unida; nós nos apoiamos. Olho em volta e espero. As pessoas observam

Bob sentado na grama, abraçando os filhos e chorando. Ninguém se move. Quero perguntar por que ninguém faz nada, mas isso parece estúpido, porque também estou parada. Não consigo fazer nada. Ainda que os Imperfeitos não sejam criminosos, ajudar um Imperfeito é algo passível de prisão. Bob não é Imperfeito, é a esposa dele quem está sendo acusada, mas ainda assim todos têm medo de se envolver. Nossos vizinhos, sr. e sra. Miller, viram-se e voltam para dentro de casa, e quase todos os outros fazem o mesmo. Fico boquiaberta, chocada.

— Malditos sejam! — grita Bob para a rua. Primeiro ele fala baixinho, e acho que ele está dizendo para si mesmo, e depois, quando ele levanta a voz, penso que está dizendo aquilo para as vans que desapareceram. Mas, à medida que ele fala mais e mais alto e a raiva aumenta, vejo que está dizendo para nós. O que fizemos?

— Fique aqui — diz o papai para nós, e depois lança um olhar demorado na direção da mamãe. — Todos, de volta para dentro. Fiquem calmos, sim?

Mamãe concorda com a cabeça e exhibe uma expressão serena como se nada tivesse acontecido. A máscara voltou, as mechas soltas de volta no lugar, apesar de eu não me lembrar de ela ter ajeitado os cabelos.

Ao me virar para olhar para minha casa, vejo Bosco de pé na janela, com os braços cruzados, assistindo ao desenrolar da cena. E percebo que é para ele que Bob está gritando. Bosco, o chefe do Tribunal, lidera a organização que levou Angelina.

Ele pode ajudar, sei disso. Ele é o chefe da justiça dos Imperfeitos. Ele será capaz de ajudar. Tudo vai ficar bem. Tudo voltará à normalidade. O mundo voltará ao eixo. As coisas farão sentido. Por saber disso, minha respiração começa a voltar ao normal.

À medida que o papai se aproxima de Bob, os gritos silenciam, mas o choro continua, um som de partir o coração.

Aquilo que você viu, está visto. Aquilo que você ouviu nunca mais poderá não ter sido ouvido. Eu sei, lá no fundo, que esta noite aprendi algo que não pode ser desaprendido. E esta parte do meu mundo que foi alterada nunca mais será a mesma.



— Vamos tratar do elefante na sala — diz Bosco de repente, pegando o vinho tinto e enchendo a taça. Ele insistiu para que todos nos sentássemos à mesa, ainda que ninguém mais esteja com fome depois do que acabamos de testemunhar. O papai ainda está com o Bob. A mamãe está na cozinha preparando o prato principal.

— Não entendo — digo para Bosco. — Angelina Tinder está sendo acusada de ser Imperfeita?

— Ahã — diz ele, benevolente, os olhos azuis dançando ao olhar para mim. É quase como se ele estivesse feliz com minha reação.

— Mas Angelina é...

A mamãe deixa cair um prato na cozinha e o barulho de ele quebrando me faz parar. Era um aviso dela? Dizendo-me para parar de falar?

— Estou bem! — grita ela, a voz aguda demais.

— O que você ia dizer sobre Angelina, Celestine? — Bosco me olha atentamente.

Engulo em seco. Ia dizer que ela é legal, gentil, que tem crianças novas e é uma ótima mãe, e que eles precisam dela, que ela nunca disse nem fez nada de errado em todos os momentos que passei com ela. Que ela é a pianista mais talentosa que já ouvi, que eu esperava tocar como ela quando fosse mais velha. Mas não digo nada disso por causa de como Bosco está me olhando e porque a mamãe geralmente nunca quebra nada. Em vez disso, digo:

— Mas ela me ensinou a tocar piano.

Juniper faz um som de desaprovação ao meu lado, revoltada. Não consigo

nem mesmo olhar para Art, de tão decepcionada que estou comigo mesma.

Bosco ri.

— Podemos encontrar uma nova professora para você, querida Celestine. Mas você tocou num ponto importante. Talvez devamos considerar impedir Angelina de tocar piano. Instrumentos são um luxo que os Imperfeitos não merecem ter.

— Ele pega o prato de aperitivos e dá uma mordida enorme num pedaço de carpaccio, a única pessoa à mesa que está segurando talheres. — Pensando bem, espero que seja só isso o que ela estava lhe ensinando — diz Bosco, agora sem seu olhar sorridente.

— Sim, claro — digo, franzindo a testa, confusa por ele poder questionar aquilo a meu respeito. — O que ela fez de errado?

— Ensinou piano para você — provoca Art. — A grande desgraça dela, se bem lhe ouvimos.

Ewan dá uma risadinha. Sorrio para Art, feliz por ele ter quebrado aquele clima tenso.

— Não é engraçado — diz Juniper ao meu lado, tranquila mas convicta.

Os olhos de Bosco voltam-se para ela na mesma hora.

— Tem razão, Juniper. Não é nada engraçado.

Juniper desvia o olhar.

E a tensão retorna.

— Não, não é engraçado no sentido *cômico*, mas é engraçado no sentido de *curioso* — digo, sentindo-me atacada.

— Obrigada, Dicionário — diz Juniper, baixinho. É disso que ela me chama quando me atendo demais às definições.

Bosco me ignora e continua a olhar fixamente para minha irmã.

— Angelina também lhe ensinou piano, Juniper?

Juniper olha bem nos olhos dele.

— Sim, ensinou. Melhor professora que tive.

Silêncio.

Mamãe entra na sala. Na hora certa.

— Devo dizer que gostava muito de Angelina. Ela era uma amiga para mim. Estou... chocada por esse... acontecimento.

— Eu também, Summer, e acredite quando digo que ninguém está sofrendo mais do que eu neste momento, sendo que serei eu que terei de lhe dar o veredito.

— Você não vai apenas *informar* o veredito, não é? — diz Juniper, calmamente. — Será *seu* veredito. *Sua* decisão.

Tenho medo do tom de voz de Juniper. Não é a melhor hora para um de seus ataques dramáticos. Não quero que ela irrite Bosco. Ele tem de ser tratado com respeito. A forma com que ela fala com ele parece perigosa. Nunca vi ninguém falar daquele jeito com Bosco.

— Nunca sabemos como as pessoas à nossa volta, as que consideramos nossas amigas, são na verdade — diz Bosco, olhos fixos em Juniper. — O que se passa no íntimo dos que você considera como iguais. Vejo isso todos os dias.

— O que Angelina fez? — pergunto novamente.

— Como vocês sabem, Angelina viajou para fora do país com a mãe há alguns meses para realizar eutanásia, o que é ilegal aqui.

— Mas ela a acompanhou porque era a vontade da mãe e foi a um país onde a eutanásia é legal — diz Juniper. — Ela não fez nada ilegal.

— O Tribunal não é um tribunal de justiça, apenas conduz uma investigação sobre o caráter dela, e supomos que, ao fazer isso, ao tomar a decisão de viajar a outro país para realizar o procedimento, ela revelou ter um caráter Imperfeito. Se o governo soubesse dos planos dela, teria impedido.

O silêncio retorna à mesa enquanto pensamos no assunto. Sabíamos que a mãe de Angelina estava muito doente há anos; ela sofria de uma grave doença. Não sabia como ela tinha morrido, mas todos nós comparecemos ao funeral.

— O Tribunal não leva em conta questões religiosas, claro — continua ele, talvez percebendo nossas dúvidas quanto à sua opinião. — Apenas avaliamos o caráter da pessoa. E observando à risca os ensinamentos acerca da santidade da vida, se o Tribunal permitisse que Angelina Tinder voltasse a esse país depois de fazer o que fez, estaria aprovando a angústia e a dor. Se foi aqui ou em outro país, se é legal ou ilegal não importa. É o caráter dela que devemos avaliar.

Juniper só bufa.

O que há com ela? Odeio isso na minha irmã. Na opinião de todos, somos idênticas. Apesar de ela ser onze meses mais velha do que eu, realmente poderíamos passar por irmãs gêmeas. Mas, ao nos conhecer melhor, somos desmascaradas, porque Juniper se revela totalmente assim que abre a boca. Como meu avô, ela não sabe quando se calar.

— Você sabia que Angelina Tinder estava planejando viajar para matar a mãe? — pergunta Bosco, inclinando-se para a frente, com os cotovelos sobre a mesa, atendo-se a Juniper.

— Claro que ela não sabia — responde a mamãe em um sussurro, e sei que ela só está falando assim para não gritar.

Juniper fica olhando para seus aperitivos intocados e eu silenciosamente imploro para ela ficar quieta. Uma sala cheia de pessoas que amo e meu coração bate apressado como se algo perigoso estivesse acontecendo.

— Angelina será marcada? — pergunto, ainda chocada por eu realmente *conhecer* uma pessoa Imperfeita, uma pessoa que vivia bem nesta rua.

— Se for considerada culpada no Dia da Sentença, sim, ela será marcada — diz Bosco, e depois se vira para mamãe: — Vou fazer tudo para manter o caso fora da imprensa, pelo Bob, claro, o que não será difícil, já que a mídia só tem olhos para o caso de Jimmy Child. Ninguém quer saber de uma professora de piano Imperfeita agora.

Jimmy Child é um herói do futebol que foi pego por trair a esposa com a cunhada nos últimos dez anos. Agora enfrenta um veredito que pode ser desastroso, já que ele não poderá viajar para disputar partidas no exterior. Entre os vários castigos impostos aos Imperfeitos, eles devem entregar seus passaportes às autoridades.

— Tenho certeza de que Bob vai agradecê-lo pela discrição — diz mamãe, e aquilo soa tão suave e fácil para ela que sei que na verdade ela se sente incomodada.

— Espero que sim — diz Bosco, meneando afirmativamente a cabeça. — Espero mesmo que sim.

— Onde ela será marcada? — pergunto, obcecada pelo assunto. Simplesmente não consigo me acostumar com a ideia nem entender por que ninguém mais está

fazendo perguntas. Exceto por Juniper, claro, mas as perguntas dela são mais acusadoras do que qualquer outra coisa.

— Celestine — diz minha mãe, repreendendo-me. — Acho que não precisamos discutir...

— Na mão direita — responde Bosco.

— Furto à sociedade — digo.

— Isso mesmo. E todas as mãos que ela cumprimentar a partir de agora saberão o que ela realmente é.

— Se ela for considerada Imperfeita. Inocente até que se prove o contrário — diz Juniper, como se o estivesse lembrando.

Mas todos sabemos que Angelina Tinder não tem nenhuma chance. Todos que passam pelo Tribunal são considerados culpados; do contrário, não seriam tirados de casa. Ao contrário de Juniper, eu compreendo as regras. Há um limite moral e Angelina o ultrapassou, mas ainda não acredito que conheço alguém que é Imperfeito, que eu me sentei ao lado dela ao piano, um piano que ela tocou e que depois eu toquei com meus próprios dedos. Quero lavar minhas mãos imediatamente. Tento me lembrar da nossa última conversa, ver se ela mostrou algum sinal de falha de caráter. Penso na filha dela, Colleen. Será que ainda vou poder conversar com ela na escola? Melhor não. Mas isso não parece certo. Estou confusa.

— Onde está Cutter? — pergunta Bosco de repente, olhando para mamãe com raiva.

— Ele está com Bob, tenho certeza de que vai voltar logo — diz ela educadamente.

— Isso não me parece nada bom — diz ele. — Ele deveria estar aqui.

— Tenho certeza de que ele...

— Espero que ela ainda possa tocar piano — diz Juniper, interrompendo a mamãe, do nada. — Com a mão marcada.

— Você sente pena dela? — pergunta Bosco, ficando cada vez mais irritado.

— Claro que ela não sente — intromete-se Art, a boca cheia de comida, faca e garfo em suas enormes mãos masculinas, viradas para cima como se ele fosse um homem das cavernas. Ele os acena ao falar, comida voando e se espalhando

pela mesa. — Só estamos chocados, papai, só isso. Quer dizer, ué, você poderia ter nos avisado de que nossos convidados seriam levados embora, né? Quando aquela sirene começou a tocar, a pobre da Celestine parecia prestes a ser levada para um hospício, que, sendo sincero, é onde ela pertence, mas ela não precisa saber disso.

Ele diz isso com tanta facilidade e jovialidade, tanta *propriedade* que Bosco parece se lembrar de onde está: na sala de jantar do vizinho com o filho, e não no tribunal.

— Claro. — Bosco parece confuso por um instante e depois olha para Ewan, que estava quieto demais à mesa. Ele estende uma das mãos e dá uns tapinhas carinhosamente na minha mão. — Desculpe, querida Celestine, não quis assustá-la. Vamos recomeçar, sim? — Ele pega a taça de vinho tinto e a segura no ar com um sorriso. — Feliz Dia da Terra.



Quando percebo que o burburinho no quarto dos meus pais acabou, o que hoje à noite demorou mais do que o normal por causa dos acontecimentos do dia, e que todos na casa foram dormir, vou até o alto do morro onde Art e eu temos nos encontrado na maioria das noites nos últimos três meses.

Passei mais tempo com os Crevan nos últimos meses do que com minha própria família, quase sempre desejando poder ficar com eles para sempre. Sinto que combino mais com eles, que tudo com eles é lógico e faz sentido. Sempre acreditei no trabalho do Tribunal. Sou uma das maiores defensoras de Bosco. Gosto de ouvi-lo divertir as pessoas com histórias de julgamentos durante o jantar, de como ele condenou um membro de uma instituição de caridade por receber uma aposentadoria exagerada e como marcou uma celebridade que ganhou milhões vendendo DVDs de exercícios quando secretamente havia feito uma lipoaspiração. Todos os dias histórias interessantes passam pela sala dele no Tribunal, e eu adoro me sentar e ouvir todas elas. Entendo o que ele faz. Está evitando que as pessoas sejam enganadas. Sei a diferença entre o certo e o errado. Entendo as regras. Mas hoje sinto que as regras se tornaram menos claras, porque hoje elas estavam literalmente na porta de casa.

São onze da noite. Do morro podemos ver toda a cidade adormecida. Vivemos num vale cercado por montanhas. No alto de uma destas montanhas, o Castelo das Terras Altas domina a cidade. Iluminado por poderosos holofotes vermelhos à noite, ele parece estar nos guardando, de uma forma ameaçadora. Construído em 1100 d.C. e antigo lar dos Altos Reis, o Castelo das Terras Altas é uma fortaleza. Ele se eleva sobre todos nós, a maior torre do mundo, com um poderoso olho que tudo vê. Palco de séculos de invasões e massacres, hoje ele abriga conferências de Estado e jantares, visitas guiadas sobre sua arquitetura, museus de artefatos antigos e, claro, as famosas instalações do Tribunal.

Ficamos num morro diante do castelo; à nossa esquerda, as luzes de outras cidades pontuam a noite e se estendem para o infinito, e o castelo observa todas elas. À direita há fazendas e indústrias, e é onde meu avô vive. Humming é a maior cidade e a capital das Terras Altas, rica em história e beleza. Turistas vêm do mundo todo para visitar nossa cidade, nossas pontes, nosso castelo de contos de fadas e palácio, as calçadas de pedra e a praça toda decorada. A maior parte das construções sobreviveu à violência e destruição do século XX, e atrai admiradores da nossa arquitetura romanesca, gótica e renascentista. A Ponte Humming é uma das mais famosas do mundo. Construída no século XIV, com seus nove metros de largura e mais de seiscentos metros de extensão, ela atravessa o rio e leva ao Castelo das Terras Altas. Também é linda à noite, iluminada em seus seis arcos, três torres e as estátuas de nossa história cercando a ponte para protegê-la.

Gosto de viajar pelo mundo nas férias, mas pretendo continuar morando aqui depois da escola. Art e eu temos conversado sobre isso. Queremos estudar na Universidade Municipal, eu matemática e ele, ciência. Já decidimos tudo. Juniper quer ir embora assim que puder, virar instrutora de snowboard na Suíça no inverno, salva-vidas em Portugal no verão ou algo assim.

Art diz que gosta de ir ao alto do morro porque o lugar lhe dá perspectiva. Ele teve um ano difícil. Sua mãe morreu e acho que este lugar o ajuda a superar os problemas lá de baixo, a olhá-los de cima, livre do sofrimento, que tem diminuído com os meses. Já eu vejo o alto do morro como um lugar onde somos eu e Art contra o mundo. Enquanto um milhão de pessoas dormem na cidade lá embaixo, nós dois estamos juntos, e isso fortalece ainda mais nossa ligação. Isso faz com que eu me sinta invencível, viva. Sei como o castelo se sente observando a todos: intocável.

Foi só nos últimos seis meses que me senti assim quanto a Art. Somos amigos desde os doze anos, quando a professora da escola nos colocou um ao lado do outro no primeiro dia de aula. Fazíamos parte do mesmo grupo de amigos, eu andava com as meninas e ele com os meninos, mas sempre estávamos juntos. Nunca nos encontrávamos sozinhos, apesar de sermos vizinhos. Somente há um ano, quando a mãe dele morreu, é que Art de repente começou a me procurar, sem se importar com o que os outros iam pensar de nós. Começamos a vir aqui juntos e conversar; ele estava sofrendo e, pouco a pouco, foi aceitando a morte da mãe. Ele a viu definhando lentamente pelo câncer. E então o luto aos poucos foi embora, passando a não ser mais o principal motivo dos nossos encontros... que

viraram outra coisa.

O frio na barriga ao vê-lo, o sorriso bobo que aparecia no meu rosto só de pensar nele, o estômago revirando de nervoso, os arrepios quando a pele dele roçava na minha. De repente eu estava preocupada com o que vestia, com o que eu dizia, com minha aparência. Isso não passou despercebido, principalmente por Juniper, que todos os dias me observava ficar obcecada com meu reflexo no espelho antes de sair correndo de casa. Art notou também, e eu parei de me concentrar em mim por um instante para reparar nele. Estávamos nos encontrando há três meses.

Finalmente chegamos ao alto do morro, e ver o corpo de Art à luz da lua me fez derreter, como sempre. Ele está sempre adiantado, sempre esperando por mim, sentado sobre o cobertor; seu rosto ao admirar a cidade adormecida lá embaixo é a imagem perfeita da concentração. *Perfeito* é uma palavra que uso muito para descrever Art e qualquer instante com ele.

— Oi, passarinho adiantadinho — digo.

Ele levanta a cabeça, a tristeza substituída por um sorriso. E será que vi alívio?

— Oi, ratinha atrasadinha. Se veio procurando seu queijo, não adianta, já comi.

— Minhocas e queijo — digo, sentando-me ao lado dele no cobertor. — Oba. Nós nos beijamos.

— Isso é delicioso — murmura ele, me puxando para perto para outro beijo, mais demorado e mais apaixonado.

Sinto que há algo diferente nele hoje à noite. Afasto-me devagar e examino sua expressão, seus olhos.

— Que tal combinarmos de não falarmos sobre o que aconteceu hoje?

— Boa ideia — digo, com um suspiro. — Fico com dor de cabeça só de pensar.

Ele beija minha testa e pousa os lábios nela. Ficamos em silêncio, perdidos em nossos pensamentos. Os dois obviamente pensando na imagem e nos sons de Angelina Tندر sendo tirada de casa. Não conseguimos ficar muito tempo quietos. Art se afasta.

— Meu pai esta noite... — ele hesita, olhando as pontas dos telhados e das chaminés e o vejo angustiado pelo que ocorreu. Desde que a mãe dele morreu acho que meu papel é fazê-lo se sentir melhor, livrar-se da tristeza. E, de eu estar em contradição sobre o que sentir sobre esta noite, preciso me manter calma por ele.

— Olhe, Juniper não deveria falar com ele daquela forma, mas você sabe como ela é. Ela precisa aprender a calar a boca. Ela é como meu avô.

— Juniper só estava dizendo o que pensava — diz ele, para minha surpresa.

— Ela não deveria dizer estas coisas para ele.

Ele abre um sorriso triste.

— Tudo é preto no branco para você, Celestine. Somos vizinhos, estávamos na sua sala de jantar celebrando o Dia da Terra, não na sala de audiências dele. E ele devia saber o que ia acontecer a Angelina. Quer dizer, por que ele não ao menos contou a ela, se não queria contar para a gente? Eles são amigos. Ela poderia ter se preparado e não ser tirada à força daquele jeito diante da família, dos filhos...

Estou surpresa por ouvir aquilo dele. Art nunca fala sobre o pai. Eles são companheiros, uma equipe, os dois únicos que restaram, uma conexão ainda mais fortalecida depois da morte da mãe. Eles são sobreviventes, ou pelo menos era assim que agiam. Os dois superaram a perda dela. Percebo que ele está tão confuso com tudo isso quanto eu.

— Ele estava seguindo as regras — digo, calmamente, e sei que isso não basta. Não parece bastar para mim, mas é a verdade. — O que aconteceu a Angelina foi horrível, mas acho que você não pode culpar seu pai por isso.

— Não? — pergunta ele, com ressentimento na voz.

— É o *trabalho* dele. Um ser Imperfeito preso é algo que acontece quase todos os dias em algum lugar deste país. Seu pai está sob pressão para manter a perfeição. O que aconteceria se ele fizesse vista grossa para alguns e para outros não? — pergunto, expondo alguns dos meus pensamentos. — Quer dizer, e então? O juiz Crevan seria julgado por ser Imperfeito ao fazer vista grossa a um Imperfeito?

Art me olha.

— Nunca pensei dessa forma.

— Bom, deveria. Porque ele é seu pai. E ele é poderoso. E algumas pessoas o adoram, praticamente o idolatram. E é ainda mais difícil para você ter um pai assim, mas é quem você tem e ele o ama muito. Além do mais, ele é uma das metades que geraram você, o que faz dele um gênio.

Ele sorri, segura meu rosto com as mãos, faz uma cara enojada.

— Realmente não quero pensar nele me gerando, muito obrigado.

— Nojento — digo, rindo.

— Preto no branco.

— Sempre. — Sorrio, mas meu sorriso parece deslocado, meus passos não mais tão seguros quanto antes. Convencer Art é mais fácil do que me convencer.

Art pigarreia.

— Não ia fazer isso antes do seu aniversário, mas depois desta noite... Acho que você merece mais do que nunca.

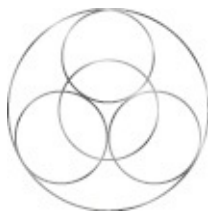
Ele ergue a perna esquerda e a move ao meu lado, me puxando para perto e me deixando presa entre suas pernas. De repente minhas inseguranças desaparecem, e estou exatamente onde quero estar.

— Comprei isso para seu aniversário de dezoito anos, mas quero lhe dar agora para que você saiba que, apesar de tudo o que está ocorrendo no mundo, você é a única coisa que faz sentido para mim. Você é linda. — Ele passa o dedo por meu rosto, por sobre meu nariz, sobre meus lábios. — Você é inteligente, é leal. — Ele abaixa as mãos e me entrega uma caixinha de veludo.

Minhas mãos estão tremendo tanto que fico constrangida. Abro a caixinha e tiro uma delicada correntinha prateada, tão fina que tenho medo de quebrá-la. Numa das pontas há um símbolo.

— E você é perfeita — sussurra ele, o que me deixa toda arrepiada.

Examino o símbolo, incapaz de acreditar no que vejo.



— Pedi a um homem do Castelo das Terras Altas que fizesse especialmente para mim. Sabe o que significa?

Respondo que sim com um meneio de cabeça.

— Os círculos são considerados símbolos de perfeição. O raio tem uma proporção de um a um, mostrando que não há diferenças parciais entre eles. Os círculos estão num estado de harmonia. Harmonia geométrica.

— Perfeição — diz ele novamente, mais baixo. — É difícil impressionar uma matemática, sabia? — Ele ri. — Tive de fazer muitas pesquisas. Acho que meu cérebro ainda está inchado.

Começo a rir entre lágrimas cada vez mais intensas.

— Obrigada. — Minhas palavras saem como um sussurro. Tento colocar a pulseira no pulso, mas ele me impede.

— Não. Aqui. — Ele pega a corrente de minhas mãos trêmulas e descruza meus tornozelos delicadamente. Ele se afasta de mim e endireita minha perna, levantando a calça jeans numa das pernas lentamente, seus dedos quentes na minha pele. Art prende a correntinha no meu tornozelo e se aproxima novamente, mais perto agora, passando minhas pernas ao redor do seu corpo.

Ele ergue meu rosto e ficamos com os narizes encostados, o luar entre nós. Art deita a cabeça e me beija suavemente, com carinho. Seus lábios são suculentos, sua língua, deliciosa, então levanto minhas mãos e as passo em seus cabelos e me perco nele, neste instante.



Quando me lembro daquele instante, meu coração se exalta, da forma como fez naquele momento, e tudo é maior, mais mágico, musical e místico, quase bom demais para ser verdade. Poderia viver naquele instante para sempre, os lábios dele nos meus, nossos corpos unidos, os dois ansiando por mais, nosso futuro amplo como a paisagem diante de nós, brilhante como a lua. Éramos só nós no alto do mundo adormecido, invencíveis e intocáveis.

Foi o momento mais perfeito da minha vida.

Foi o último momento perfeito da minha vida.



Acordo e a primeira coisa que faço é tirar minha perna do cobertor para verificar meu tornozelo. A correntinha ainda está ali. Não foi um sonho, não um capricho qualquer da minha imaginação que desaparece assim que acordo. Aconchego-me sob as cobertas para relembrar e então percebo que quanto mais tempo eu passasse na cama, menos tempo eu teria com Art. Ele estará esperando por mim, como sempre, no ponto de ônibus, para seguirmos para a escola juntos.

Apesar da minha alegria, não dormi bem naquela noite, com tanta coisa para absorver depois do que aconteceu a Angelina Tinder. Perco um pouco do equilíbrio ao me levantar para me vestir. Algo dentro de mim foi perturbado, algo mexeu comigo. Minha sensação de segurança foi colocada à prova, e talvez até minha confiança, mas não em Art, em quem confio mais do que nunca. Acho que minha autoconfiança é que foi posta em cheque, o que é bem estranho.

Não preciso pensar ao me vestir, nunca penso. Não sou como Juniper, que ouço praguejando e suspirando ao tirar outra roupa, frustrada, nunca satisfeita com a aparência. Ela se levanta meia hora mais cedo do que eu só para se vestir e ainda assim consegue se atrasar todas as manhãs.

A maioria das pessoas que desconhecem nossas personalidades não vê diferença entre mim e Juniper. Sem conhecer nossas personalidades, é difícil nos distinguir. Com um pai negro e uma mãe branca, herdamos a pele do papai. Também temos os olhos castanhos do papai, o nariz e cor do cabelo. Temos o rosto da mamãe, seus braços e pernas compridas. Ela tentou nos transformar em modelos quando éramos mais novas, e Juniper e eu tiramos algumas fotos juntas, mas não conseguimos levar aquilo adiante. Eu porque posar para uma câmera não me estimula intelectualmente, Juniper porque ficava ainda mais constrangida e desastrada quando observada por outras pessoas.

E em relação a como nos vestimos, como nos comportamos e tudo o mais, não poderíamos ser mais diferentes.

Ponho um vestido creme, um casaquinho rosa-bebê de cashmere e sandálias gladiadoras douradas que sobem por minhas pernas. Está quente lá fora, e sempre uso cores neutras. A mamãe gosta de comprar roupas neutras para toda a família. Ela acha que parecemos uma família coesa quando nos vestimos assim. Conheço famílias que contratam estilistas para ajudar a escolher não só as roupas, mas também a definir a aparência geral do grupo. Não queremos parecer deslocados, como se fôssemos desunidos, ainda que Juniper geralmente goste de fazer as coisas do jeito dela, vestindo algo que não faz parte da palheta de cores familiar. Nós a deixamos fazer isso – azar o dela, ainda que a mamãe tema que pareçamos desunidos por causa disso. Acho que a única pessoa que parece deslocada é Juniper.

Como sempre, desço antes da minha irmã. Ewan está à mesa tomando o café da manhã. Ele usa calças de linho creme e uma camiseta rosa-bebê, e me sinto satisfeita por combinarmos. Que bela forma de começar o dia.

A mamãe está olhando para a TV, sem se mexer.

— Olhe o que eu ganhei noite passada — digo, cantarolando.

Ninguém olha.

— E-ei! — Giro meu tornozelo no ar graciosamente como uma bailarina.

Ewan finalmente olha para mim, depois para meu tornozelo, que estou balançando bem perto do rosto dele.

— Um bracelete — diz ele, entediado.

— Não. Um bracelete é um ornamento para o punho, Ewan. Isso é uma tornozeleira.

— Que seja, Dicionário. — Ele revira os olhos e continua a assistir à TV.

— Foi Art que me deu — digo, bem alto, flutuando perto da mamãe para pegar leite para meus sucrilhos na geladeira.

— Maravilhoso, querida — diz ela mecanicamente, como se nem tivesse ouvido.

Paro e fico olhando para ela. Mamãe está completamente concentrada na TV. Então acabo voltando minha atenção para a tela e vejo que é a News 24, e Pia

Wang está falando ao vivo do Castelo das Terras Altas. Pia Wang é a correspondente no Tribunal. Ela cobre todos os casos com detalhismo, dando um perfil do Imperfeito durante e depois do julgamento. Mas nunca é um perfil favorável. Ela faz um belo trabalho destruindo quem quer que seja, no entanto, em sua defesa podemos dizer que ela cobre casos de Imperfeitos, pessoas que tomaram decisões erradas, então, quer dizer, ela não vai tentar colocá-los em um pedestal.

Olho pela janela e não vejo o carro do papai. Ele deve ter sido alertado pela história e teve de sair mais cedo. Isso acontece o tempo todo.

— Este caso tem chamado mais atenção do que qualquer outro — diz Pia, seu rosto perfeito com bochechas rosadas. Ela usa um tom de pêssego e está simplesmente adorável, uma bonequinha chinesa perfeita. Cabelos pretos reluzentes, uma franja emoldurando o rostinho inocente. Tão perfeita. — Tem chamado a atenção do mundo todo inclusive, o que se reflete aqui no entorno do Tribunal no Castelo das Terras Altas, com um número recorde de pessoas que vieram dar apoio a seu herói do futebol, Jimmy Child, o maior goleador da Humming City, que nos levou à vitória por muitos anos. E hoje ele sai vitorioso novamente, depois de *não* ser considerado Imperfeito pelo juiz Crevan e seus pares. Repito a notícia para os que acabaram de chegar: Jimmy Child *não é* Imperfeito.

Perco o fôlego.

— O quê?! — pergunto. — Isso já aconteceu antes?

Mamãe finalmente deixa de olhar para a TV.

— Não sei. Acho que não. Eu... talvez uma vez... — diz ela, vagamente.

— Não é um resultado surpreendente, levando em conta que um Crevan é um dos donos do time de futebol — diz Juniper repentinamente atrás de nós. Viro-me para ela.

A expressão da mamãe é de dor.

— Juniper... — diz ela.

— Damon Crevan. Ele é dono de cinquenta por cento do Humming City, mas acho que todos me dirão que isso é mera coincidência. Se me perguntassem, diria que foi a esposa dele que foi julgada — diz Juniper. — E aquele homem nojento saiu ileso.

Ninguém discorda. A elegante esposa de Jimmy Child foi capa de todos os jornais nas últimas semanas e seu estilo de vida foi atacado por todos. Tudo sobre ela, cada centímetro do seu corpo, foi combustível para sites de fofoca e até mesmo sites noticiosos.

— Vá para a escola — diz mamãe, com um tom de advertência. — Se falar mais sobre isso eles vão vir buscá-la, mocinha. — Ela dá um beliscão de brincadeira no nariz de Juniper.

Ela estava quase certa.



Quando saio, vejo Colleen de pé perto do carro da família. A porta da frente da casa está aberta e ela parece esperar por alguma coisa. Acho que ela não irá à escola hoje, provavelmente vai ao tribunal para o julgamento da mãe. Meu coração dispara enquanto penso no que devo fazer. Se eu disser “oi” posso me encrencar. Qualquer um que me vir falando com ela pode me denunciar. E se Bosco me vir por uma das janelas de sua mansão ou ao sair para trabalhar? Dizer “oi” pode ser visto como um sinal de deslealdade com o Tribunal, como um apoio a ela e à mãe. Será que isso poderia ser visto como uma ajuda a um Imperfeito? Não quero ser presa. Mas vou ser grossa se eu a ignorar. A mãe de Colleen que é Imperfeita, não ela. Ela me olha e não consigo. Desvio o olhar rapidamente.

Por trás de mim, ouço Juniper dizer “Boa sorte hoje” para Colleen. Fico irritada com a facilidade com que ela diz aquilo, depois põe os fones de ouvido e não está nem aí para ninguém.

Art já está no ponto de ônibus me esperando, como sempre, e parecendo delicioso, como sempre. Jogo-me sobre ele assim que o vejo.

— Passarinho.

— Ratinha.

Ele me beija, mas me afasto rapidamente, animada para falar sobre as notícias.

— Soube das notícias sobre Jimmy Child? — Espero encontrar um Art animadíssimo. Jimmy Child é o herói dele e há um ano Art tinha pôsteres do jogador nas paredes do quarto. A maioria dos meninos tinha. Ao longo do julgamento, Art teve a oportunidade de conhecê-lo, ainda que um rápido *meet and greet* numa cela antes da audiência não fosse seu sonho de infância, e ele não quis falar muito sobre o assunto.

— Pois é — diz ele. — O papai madrugou hoje. Ele queria dar o veredito logo cedo, antes do noticiário matinal.

Penso que deveria ter dado oi a Colleen; deveria saber que Bosco não estava em casa para me ver, que havia saído cedo para ir ao tribunal, e que mal um simples “oi” poderia causar, afinal? Fico com raiva de mim mesma.

— Sinto o cheiro dos seus neurônios queimando. Você está bem? — Ele passa os nós dos dedos na minha testa franzida e tenta relaxá-la.

Eu rio.

— É, só estava pensando. Não sabia que eles tinham Dias da Sentença secretos. Achava que eram sempre públicos. Isso está muito misterioso.

— Não tanto quanto você e eu — diz Art, os dedos descendo pelos meus seios.

Rio e detenho as mãos dele, de repente algo vem à minha mente. Olho para Juniper, que está ouvindo sua música tão alto que consigo distinguir todas as palavras.

Falo baixinho:

— Acha que a esposa de Jimmy Child vai ser julgada?

— Serena Child? — pergunta ele, surpreso.

— Sim. Se você pensar bem... — Porque andei mesmo pensando nisso, depois que Juniper mencionou, e no caminho até o ponto de ônibus com minhas novas pernas trêmulas, que não estão bem desde que acordei. — O caso nunca foi sobre ele ou o que ele fez, e sim sobre como ela era tão irritante e artificial e tão *mulher* que ele não tinha alternativa a não ser trair.

Art ri.

— Não acho que foi exatamente isso o que Pia disse. — Ele abre um sorriso cheio de carinho para mim. — “Ao vivo do Tribunal” — diz ele imitando Pia. — “Seria Serena Child uma *mulher daquelas*? Que alternativa tinha ele a não ser trair?”

Eu rio, percebendo quão estúpida é a ideia, depois fico séria, querendo ser compreendida.

— Não, mas a forma como eles falavam sobre a aparência dela. A cirurgia. As

roupas. O passado... as celulites dela. Ela beijou uma menina, e daí? O bronzeado dela é forte demais, o transtorno alimentar que ela teve aos quinze anos. Ela foi para a escola com alguém que acabou virando um assaltante de bancos. Nunca cozinhou para o marido. Ele tinha de continuar indo àquela lanchonete. Soubemos de tudo a respeito dela, como se ela fosse a Imperfeita, não ele.

Art ri novamente, adorando o ridículo do que estou dizendo ou talvez por ser tão estranho ouvir tudo aquilo de mim.

— E por que eles a julgariam?

— Ele não é considerado Imperfeito. As pessoas dizem que ela não é uma boa esposa, então como ele poderia não ter traído? E o craque continua sendo a estrela.

O sorriso dele desaparece na mesma hora e ele me olha como se não me conhecesse.

— Celestine, tome cuidado.

Dou de ombros como se não me importasse, mas meu coração bate forte por ter dito aquilo em voz alta.

— Só estou dizendo.

Juniper conseguiu me atingir. Eu já estava insegura, e o que ela disse pela manhã me deixou ainda mais preocupada e me fez pensar se ela tem razão. Não consigo tirar isso da minha cabeça enquanto esperamos pelo ônibus. Penso em Colleen a caminho do tribunal para ver a mãe, que está prestes a ser marcada como Imperfeita por ter viajado a outro país a fim de ajudar a realizar os últimos desejos da mãe. Isso realmente a torna Imperfeita? Ainda não estou preparada para pensar desta forma. É Art a pessoa a quem conto todos os meus pensamentos, e certamente posso contar mais um. Ele pode me ajudar a esclarecer estes pensamentos confusos.

Art me dá a mão e me sinto segura.

— Você acha que o que Angelina fez é ruim? — pergunto, baixinho.

Ele me olha.

— Porque andei pensando. A noite toda. E não acho que seja *tão* ruim. Não se era o que a mãe dela queria. Digo, posso imaginar outras coisas bem piores.

— Claro que há coisas piores.

— Então apesar de haver coisas piores todos são marcados assim mesmo?

— Ela só vai ser marcada uma vez. Na mão. Algumas pessoas são marcadas duas vezes.

Ele não estava pensando direito naquilo. Sei que não. Eu o conheço. Está respondendo rápido demais. Ele está na defensiva, apesar de eu não o estar atacando. É o que acontece quando as pessoas falam sobre Imperfeitos. Todos têm opiniões tão firmes, que é quase como se fosse algo pessoal. Só que ainda mais para Art, porque o pai dele é o juiz principal de tudo – o avô dele foi um membro-fundador do Tribunal. Sempre os admirei por isso. Ainda admiro. Não é?



Quando entramos no ônibus e nos sentamos nos lugares de sempre, volto minha atenção para a senhora Imperfeita no assento reservado para Imperfeitos. Há dois assentos para Imperfeitos no ônibus, porque o Estado determina que três ou mais Imperfeitos não podem se reunir num mesmo lugar. É para evitar as manifestações que irromperam quando o sistema dos Imperfeitos foi criado. Mas me pergunto pela primeira vez por que eles simplesmente não colocam outros dois assentos para Imperfeitos nos fundos do ônibus ou em algum outro lugar mais afastado. Por que não alternam lugares para Imperfeitos e pessoas comuns? Muitas vezes há um Imperfeito de pé quando o ônibus está cheio de lugares vazios, o que nunca me incomodou antes, do ponto de vista moral, mas me incomodou quando precisei abrir passagem por eles na hora de descer do ônibus. Juro que alguns deles ficam parados de propósito, obrigando-me roçar em seus corpos Imperfeitos para poder passar. Os assentos para Imperfeitos têm tecido vermelho-vivo e ficam na parte da frente do ônibus, de frente para todos os outros passageiros, para que todos saibam que eles são Imperfeitos. Eu costumava ficar constrangida com isso quando era pequena, por ter de encará-los durante toda a viagem, mas depois me acostumei e parei de vê-los.

Vejo a mulher Imperfeita sentada sozinha, e a braçadeira com o símbolo em vermelho-vivo a identificando.



Vejo o símbolo na têmpora dela e imagino que decisão ruim ela tomou para

que tenha sido marcada. A cicatriz em sua têmpora certamente não é nova. Ela não tem a aparência viva e grossa de carne recém-queimada como a de alguns Imperfeitos. Ela é considerada Imperfeita há algum tempo, e me pergunto se isso significa que ela está ainda pior agora, se os Imperfeitos se tornam mais Imperfeitos com a idade ou se a marcação, e a consciência de que ela está ali, impede que a imperfeição se desenvolva.

Ela está enviando mensagens pelo celular e, quando coloca o telefone no colo, vejo uma foto de crianças na tela. Pela primeira vez penso como deve ser para os Imperfeitos viver no mesmo mundo que as pessoas que eles amam vivem, mas sob regras diferentes. Isso nunca tinha passado pela minha cabeça. Penso em Angelina e seus filhos. Angelina vai ter restrições profissionais, toques de recolher e restrições para viajar. Como ela será mãe vivendo sob regras diferentes? E se houver uma emergência no meio da noite? Ela poderá desrespeitar o toque de recolher para levar o filho ao hospital? E se os Tinder forem passar férias no exterior e Angelina não puder ir? E se Colleen decidir trabalhar e viver em outro país? A mãe dela não poderá visitá-la. Nunca. E por que nunca tinha pensado nisso antes?

Porque nunca me importei, é por isso. Porque se as pessoas fizeram algo de errado, merecem ser punidas. Elas não são criminosas, mas a única diferença é que não estão atrás das grades. Se Angelina, que eu acreditava ser incapaz de matar uma mosca, pode ser considerada Imperfeita, então talvez esta mulher diante de mim não seja pior. Nunca falei com um Imperfeito antes. Não que seja proibido; só que eu não saberia o que dizer. Dou a volta quando eles estão por perto, evito o olhar deles. Acho que ajo como se não existissem. Eles são sempre aqueles na seção dos Imperfeitos no mercado, a qual passo por corredores para evitar, comprando seus grãos e aveia e o que mais faça parte da dieta básica deles, na vida igualmente básica. Uma vida sem luxos é o castigo. Nunca pensei que isso seria algo tão ruim; não é como se eles estivessem atrás das grades. Se bem que nunca pensei sobre ter de viver assim quando seu marido, seus filhos e o restante da sociedade não precisa. E eles não podem se reunir. Não podem se encontrar com mais do que um Imperfeito por vez. Se dois Imperfeitos se reunirem, precisa haver uma pessoa comum no grupo. Eu me arrepio só de pensar num casamento de Imperfeitos, um aniversário de Imperfeitos. Imagino o que eles conversam uns com os outros. Eles compartilham histórias sobre o quanto são Imperfeitos? Mostram as marcas e riem com orgulho, ou será que têm vergonha, como deveria ser?

Sinto os lábios do Art na minha orelha.

— Se você não parar de pensar, sua cabeça vai explodir — sussurra ele. O hálito dele é quente e faz os pelinhos da minha nuca se arrepiarem. Eu quero parar de pensar. Realmente quero, mas não consigo. Pela primeira vez ele não tem toda a minha atenção. Ele está tentando me trazer de volta para ele, mas não consigo. Estou envolta neste pensamento, neste instante.

O ônibus para e uma mulher usando muletas entra. O motorista a ajuda e a leva até os assentos dos Imperfeitos, que têm mais espaço. Os assentos são deliberadamente afastados para as pessoas não terem de tocá-los ou esbarrar neles, enfatizando as diferenças entre nós e eles. Ela se senta ao lado da mulher Imperfeita, que lhe sorri.

A mulher lança um olhar de desprezo que me deixa constrangida pela Imperfeita, que desvia o olhar. A mágoa é visível em seus olhos. A Imperfeita sente que a estou observando e nossos olhos se encontram por um instante antes de eu desviar o olhar, com o coração batendo forte por aquele contato. Espero que ninguém tenha visto. Espero que não pareça que estou do lado dela.

— O que vou fazer com você hoje? — pergunta Art, com uma expressão um pouco intrigada e alegre no rosto.

— Ah, nada — digo, tentando sorrir. — Sou simplesmente perfeita. Só isso.

Ele sorri e acaricia a palma da minha mão com o dedo, e eu derreto.

Juniper se senta do outro lado do corredor. O corpo dela está tão pressionado contra a janela que é como se não fosse possível ficar longe o bastante de mim e de Art, e de todas as outras pessoas no ônibus.

Não sei quando a situação chegou a este ponto entre mim e Juniper. Fotos e histórias provam que éramos extremamente unidas quando crianças. Juniper é só um pouquinho mais velha, mas ela gostava de cuidar de mim, assumindo o papel de irmã cuidadora. Mas, quando começamos o ensino médio, ficamos em salas diferentes e, pela primeira vez, fizemos amigos só nossos, e este foi o início da separação. Eu me destaquei na escola – adoro informações e sempre quero aprender mais. Leio livros, assisto a documentários, minha matéria preferida é matemática e espero estudar isso na Universidade Municipal quando me formar, este ano. Meu objetivo é ganhar a Medalha Fields, o prêmio internacional por descobertas incríveis na matemática, a maior honra que um matemático pode receber, como o Prêmio Nobel. É preciso ter menos de quarenta anos para

recebê-la. Eu tenho dezessete. Tenho tempo. Até agora, os resultados das provas têm mostrado que estou no caminho certo para concluir a universidade facilmente. Juniper não é invejosa, mas nossas notas foram as primeiras coisas que nos tornaram diferentes.

Minhas notas eram e são comemoradas; as dela, não. As notas dela não eram ruins; só não eram perfeitas. Todos sempre queriam que ela se saísse melhor, fosse melhor. E entendo a pressão que ela sofre, mas eu poderia ajudá-la, e não ser a pessoa em quem ela acaba botando a culpa.

Ela acha que sou uma sabe-tudo, o que ela já me disse várias vezes, e tento não agir assim com ela. Tento mesmo. Tenho o hábito de corrigir os outros quando falam errado, ou recorrer a definições de dicionário, mas é assim que sou. Isso não faz com que me sinta uma pessoa melhor do que as outras. É só um jeito de expressar quem eu sou. Tento lhe fazer perguntas, perguntar o significado das coisas, fingir não saber algo que já sei, mas ela sente que estou sendo condescendente. Ela tem razão, mas não sei o que fazer. Minha busca pela perfeição inclui querer ter uma relação ideal com minha irmã, como nos filmes a que assisto e nos livros que leio, as histórias que dizem que o amor fraterno é o único amor e o único relacionamento verdadeiro que você terá na vida.

Juniper é disléxica. Ela vê isso como outro fracasso, outra característica que a deixa para baixo, mas percebo que isso a faz ver as coisas de um jeito diferente. Eu resolvo problemas. Leio os sinais, uma evidência, e chego a uma conclusão. Juniper é mais inteligente do que isso. Ela tem uma forma distinta de compreender as coisas. Ela lê as pessoas. Não sei como faz isso, mas ela observa, ouve e chega às conclusões que eu jamais imaginaria, e geralmente tem razão. Olho para as coisas como elas são, mas a perspectiva de Juniper parece envolver tudo, virar as coisas de cabeça para baixo a fim de chegar a uma resposta. Nunca disse a ela que penso isso. Digo a mim mesma que é porque não quero parecer condescendente, mas no fundo sei que é porque tenho inveja.

Penso no que a mamãe disse mais cedo, que talvez Jimmy Child não seja a única pessoa a não ser considerada Imperfeita.

— Sabia que talvez outras pessoas tenham passado pelo tribunal dos Imperfeitos e tenham sido inocentadas? — sussurro para Art.

Sinto-o soltar minha mão ao se virar para mim. Ele está irritado por eu insistir no assunto.

— Não, não sabia.

— Acho que deve haver outras pessoas consideradas inocentes e das quais não ouvimos falar. Seu pai já disse algo sobre isso?

— Que droga, Celestine, esquece isso!

— Só estou perguntando.

— Você realmente não deveria fazer isso.

— Não?

— Bem, não aqui — diz ele, olhando em volta, nervoso.

Permaneço em silêncio. Só consigo olhar para a frente, na direção da Imperfeita. E minha cabeça dá voltas com pensamentos estranhos. Perigosos.



Na parada seguinte, a Imperfeita desce do ônibus e uma mulher mais gorda entra. Ela reconhece a de muletas e se senta ao lado dela. As duas começam a conversar.

Na parada seguinte, um velho entra no ônibus e eu quase o chamo. Ele se parece tanto com meu avô que me convenço de que é mesmo ele, o que não faz sentido, porque meu avô vive numa fazenda no interior. Então vejo o enorme símbolo *I* na braçadeira dele e estremeço, irritada comigo mesma por pensar que alguém como ele pode ser meu parente.

Meu preconceito me impressiona. Detestei o jeito como a mulher de muletas agiu com a Imperfeita quando esta sorriu para ela, mas ajo da mesma forma sem nem mesmo perceber.

O homem tem setenta ou oitenta e poucos anos. Não sei direito. Ele é *velho*, e está usando um belo terno e sapatos engraxados, como se estivesse a caminho do trabalho. Daqui, não vejo nenhum sinal de marcação, mas talvez isso signifique que ele tenha sido marcado no peito, na língua ou no pé. Ele parece ser bem distinto, e volto a analisá-lo, surpresa com sua aparência. Sempre pensei nos Imperfeitos como seres inferiores e não acredito que estou admitindo isso para mim mesma. Ele não consegue se sentar porque os dois lugares estão tomados – por duas mulheres que não são Imperfeitas, mas que estão tão ocupadas conversando que não notam aquele senhor. Ele fica de pé ao lado delas, segurando-se para se manter firme.

Espero que elas percebam logo que ele está ali. Parece que ele não vai aguentar ficar muito tempo em pé.

Alguns minutos se passam, e o senhor continua em pé. Olho em volta. Há pelo menos uns dez lugares vazios onde ele poderia se sentar, mas ele não tem

permissão. Sou uma pessoa racional, e a meu ver isso parece não ter nenhuma lógica.

Olho para Juniper, que tirou os fones de ouvido e está se sentando direito, alerta, e olhando para a mesma situação que eu. Juniper sempre foi muito mais emotiva do que eu e vejo que ela está na beirada do banco, prestes a tomar uma providência. Em vez de temer que ela faça alguma besteira, uma vez na vida fico feliz por ela e eu sentirmos a mesma coisa.

O velho começa a tossir. E não para.

Ele tem dificuldade para respirar por um instante antes de começar tossir novamente. Ele pega um lenço e tosse, tentando deter os germes e abafar o barulho. Seu rosto vai de branco a rosa, e então roxo, e vejo Juniper se sentar mais na beirada do assento. Ela olha para as duas mulheres conversando e depois para o velho. Finalmente ele para de tossir.

Pouco depois ele começa a tossir outra vez, e todas as pessoas desviam o olhar dele e voltam-se para a janela. A senhora gorda para de falar para olhar o velho, e sinto-me aliviada, pensando que ela finalmente o deixará sentar. Mas em vez disso ela bufa como se ele a estivesse incomodando e continua a conversa.

Agora sou eu quem me empertigo.

A tosse a está realmente incomodando. Está incomodando a todos no ônibus. O som da respiração difícil dele não pode ser ignorado, mas ainda assim a regra diz que qualquer um que ajude um Imperfeito seria preso — mas não neste caso, não é? Devemos ficar olhando o homem passar muito mal diante de nós?

A tosse para.

Meu coração está batendo forte.

Solto a mão de Art. Ela está úmida.

— O que foi?

— Não está ouvindo?

— O quê?

— As tosses.

Ele olha em volta.

— Ninguém está tossindo.

A tosse recomeça e Art nem pisca ao me olhar intimamente e dizer:

— Você sabe que mal posso esperar para ficarmos sozinhos em algum lugar. Por que não faltamos à primeira aula?

Mal consigo ouvi-lo com aquela tosse toda e meu coração batendo forte. Ninguém está ouvindo o velho? Ninguém o vê? Olho em volta, frustrada. Todos os olhos estão voltados para as janelas ou o observando com nojo, como se ele estivesse prestes a nos contaminar com suas imperfeições.

Os olhos de Juniper estão cheios de lágrimas. O fato de alguém do meu próprio sangue concordar comigo basta. Faço um gesto para me levantar e a mão de Art de repente me segura pelo braço.

— Não — diz ele com firmeza.

— Ai! — Tento me mexer, mas a mão dele parece queimar na minha pele. — Você está me machucando.

— E você acha que quando eles queimarem sua pele não vai doer mais do que isso? — Ele aperta ainda mais.

— Art, pare! Ai! — Sinto minha pele pegando fogo.

Ele para.

— Isso não é justo! — digo, baixinho.

— Ele fez algo de errado, Celestine.

— Como o quê? Algo que é totalmente legal em outro país, mas pelo que as pessoas são processadas aqui assim mesmo?

Parece que lhe dei uma ferroadada.

— Não faça nenhuma bobagem, Celestine — diz ele, sentindo que não tem argumento. — E não o ajude — acrescenta rapidamente.

— Não pretendo ajudá-lo.

De alguma forma que está além da minha compreensão, consigo passar pelo velho tossindo e reunindo todas as forças para respirar, mas o faço, observando a cicatriz do *I* na têmpora dele, como se ela estivesse ali há muito tempo, como se fosse tão parte dele quanto as sardas e os cabelos. Vou até as duas mulheres nos assentos dos Imperfeitos. Elas conversam sobre como fazer geleia, como se não houvesse nada de errado.

— Com licença — digo educadamente, oferecendo-lhes meu sorriso mais gentil. Elas reagem imediatamente abrindo seus próprios sorrisos. Duas mulheres educadas e amistosas do subúrbio dispostas a me ajudar em qualquer coisa. Quase qualquer coisa.

— Sim, querida.

— Estava pensando se vocês podem me ajudar.

— Claro, querida.

— Será que uma de vocês pode se sentar nos bancos vagos ali? Ou eu poderia lhes oferecer os assentos onde eu e meu namorado estamos para vocês continuarem a conversa.

Ao olhar para Art, só vejo medo em seu rosto. Engraçado, eu não sinto mais medo. Gosto de soluções. O problema me incomodava, e resolvê-lo simplesmente faz sentido. Não estou fazendo nada de errado; não estou desobedecendo a uma lei ou a alguma regra. Sempre fui elogiada por agir no momento certo, pela minha perfeição. Venho de uma boa família. Sou bem-educada. Minha tornozeleira geometricamente harmônica prova isso.

— Posso perguntar por quê? — indaga a mulher com a perna quebrada.

— Bom, este homem aqui... — Aponto para o velho. — É óbvio que ele é Imperfeito, e vocês estão no banco dos Imperfeitos. Ele não pode se sentar em outro lugar. E está com dificuldades para respirar.

Noto que alguns rostos se viram para me encarar. Espero que eles entendam o que digo. Espero que não haja mais discussões. Até espero que alguns que ouviram se intrometam e concordem comigo, resolvam a situação. Mas não. Eles parecem confusos, alguns até estão com medo. Um homem parece se divertir. Isso não é lógico. Isso é coisa de Juniper, não minha. Olho para ela e vejo em seu rosto a mesma expressão de medo de Art. Ela não move um dedo. Se alguma vez na vida cheguei a pensar que ela me daria apoio, agora sei que não.

— Mas estamos conversando — diz a outra mulher.

— E ele está sem ar — digo com o mesmo sorriso no rosto, um sorriso que agora parece um pouco psicótico, porque não estamos mais sendo educadas.

— Você está tentando ajudar este homem? — pergunta a mulher de muletas.

— N-n-não — balbucio. — Não estou. Estou tentando resolver a situação... —

Abro um sorriso, mas ela se encolhe toda.

— Não tenho nada a ver com isso — diz ela em voz alta, chamando mais atenção.

— Com o quê? — Eu rio de nervoso. — Sua perna está boa. Talvez se *you* simplesmente fosse para outro assento e sua amiga ficasse aqui...

— Vou ficar onde estou — diz ela.

Agora chamamos a atenção de todo o ônibus.

O velho ao meu lado mal consegue ficar de pé. Ele está abaixado, tossindo. Ele se vira para mim, seu rosto está roxo, e tenta falar, mas não consegue recuperar o fôlego.

Não sei o que ele está tentando dizer. Não sei o que fazer. Não sei como ajudá-lo. Mesmo que soubesse que assistência médica lhe dar, eu não poderia. *Pense, pense, Celestine. Não posso ajudar, mas um médico pode.*

— Há algum médico aqui? — grito para o ônibus e vejo Art levando as mãos ao rosto.

Todos dentro do ônibus exclamam.

Olho em volta, as expressões reprovadoras e surpresas. Sinto-me tonta e confusa. O homem vai desmaiar, talvez morra. Meus olhos começam a se encher de lágrimas.

— Vamos simplesmente assistir a isso? — grito.

— Pare, querida — diz a mulher para mim, baixinho. Pode-se ver que ela está incomodada com aquela situação. Não sou só eu, mas ela está me alertando. Estou indo longe demais.

Isso é algo completamente irracional. Não temos compaixão por este ser humano, Imperfeito ou não, a ponto de não o ajudarmos?

As pessoas viram a cabeça para outra direção. Desviam o olhar.

— Certo, certo — digo para o velho, que agora está entrando em pânico. Ele continua a tossir e vejo o *I* em sua língua, o que me faz recuar um pouco. Nem posso imaginar a dor de ser marcada ali. — Está tudo bem.

Ele bate no peito e começa a se ajoelhar.

Seguro-o por sob os braços e o levo até o banco vago mais próximo.

— Pare o ônibus! — grito.

O ônibus para e garanto ao velho que tudo ficará bem.

Olho para Juniper e a vejo chorando.

— Está tudo bem — digo a ela e a Art. — Tudo vai ficar bem. — Meu coração ainda bate apressado. — Tudo isso foi um absurdo. — Minha voz soa aguda e trêmula; não parece minha voz. E então ouço a sirene, alta, próxima, intensa e ameaçadora.



Todos ficam imóveis, esperando, e meu coração bate forte naquele silêncio. Dois Delatores entram no ônibus soprando apitos prateados com tanta força que as pessoas protegem os ouvidos. Eles abrem caminho até mim e o velho.

— Viram? Eu disse que tudo ficaria bem — digo ao homem em meio ao barulho. — Eles estão aqui. A ajuda chegou.

Ele faz que sim com a cabeça, os olhos fechados. Espero que eles peguem o velho, que caiu no assento, exausto e respirando com dificuldade, com uma fina camada de suor sobre a pele. Mas eles não vão até ele. Eles vêm até mim.

E então me levam.

Juniper grita para eles me deixarem em paz, e é detida por Art, que não parece estar muito melhor. Enquanto eles me seguram pelos braços e me arrastam, Juniper grita:

— Minha irmã! Minha irmã!

Eles me levam pela escadinha do ônibus e para dentro da van. O som dos apitos ainda ecoa em meus ouvidos.



Antes de eu nascer, houve uma grande recessão neste país; bancos faliram, o governo entrou em colapso, a economia foi arrasada, o desemprego e a emigração dispararam. As pessoas foram pegas de surpresa pelo que aconteceu, e os governantes daquela época levaram a culpa. Eles deveriam saber que isso aconteceria; eles deveriam ter previsto. Foi a insensatez deles, suas decisões erradas, que levou o país ao colapso. Eles eram pessoas más; destruíram famílias e lares, e tinham de sofrer por isso. Eles eram os moralmente imperfeitos que causaram nossa ruína.

Desde então, qualquer um que fizesse qualquer coisa de errado era imediatamente punido. Estas pessoas eram ridicularizadas em público, expostas como exemplos de fracasso e obrigadas a renunciar. Eram denunciadas. Não eram criminosas, mas tomaram decisões erradas. A sociedade não exigia governantes que aprenderam com os próprios erros, mas que nunca haviam cometido erros. Nada de segundas chances, nenhuma empatia, nenhuma explicação era permitida ou solicitada. Ninguém que houvesse errado no passado poderia assumir cargos de liderança no futuro. E, enquanto centenas de milhares de pessoas protestavam contra o governo, foi decidido que qualquer pessoa que tivesse cometido um deslize deveria ser erradicada da sociedade para sempre. Aprender com os próprios erros seria algo do passado. Todos sempre (sempre) olhariam para o futuro antes que fosse tarde demais; nada de equívocos.

A perfeição podia ser reproduzida? Muitas formas de conseguir isso foram testadas, e o governo acabou ficando com a opção do Tribunal de Crevan e suas marcações dos Imperfeitos. Não importa o que a pessoa fizesse, a condenação de Imperfeito jamais seria revogada. Ela a leva para o túmulo. Sofre as consequências de um único erro para o resto da vida. Seu castigo serve como lembrete aos outros para pensar antes de agir.

Sou levada a uma cela de custódia no porão do Castelo das Terras Altas, a uma mesa onde encontro um livro com todas as informações de que preciso saber sobre o Tribunal. Tem um capítulo dedicado às regras que é preciso seguir ao viver como Imperfeito. Tem até uma seção bem completa sobre a marcação na pele: o processo e como tratar a marca depois de feita. Fecho o livro e olho em volta.

As celas são agradáveis; foram reformadas há pouco tempo. São quatro, duas de cada lado, separadas por um corredor e cercadas por vidro à prova de balas e de som. De acordo com o livro, o vidro representa a transparência do sistema, mas sinto que ele nos prepara para a falta de dignidade que enfrentaremos e para termos nossas vidas invadidas. Há uma mesa com quatro cadeiras em cada cela, uma cama de solteiro, um banheiro e algumas cadeiras colocadas a esmo caso eu seja atacada por uma vontade de fazer uma festa. Tudo é pintado com tons terrosos, para que nos sintamos no lugar mais natural do mundo.

Sou a única naquelas celas. As duas em frente estão vazias, mas a cela ao lado foi ocupada, julgando pelas roupas e pelos pertences espalhados. Suponho que a pessoa esteja em audiência agora, esperando por seu destino. O banheiro, por sorte, tem paredes sólidas, mas é tão pequeno que mal se pode passar um minuto lá sem se sentir sufocada. É aonde tenho ido para chorar, embora eu pudesse muito bem ter chorado por aqui mesmo; meu rosto marcado pelas lágrimas e meus olhos vermelhos me entregam, mas não há ninguém aqui para me ver mesmo.

Não tive a oportunidade de falar com ninguém ainda, de analisar, escrutinar e discutir o que aconteceu. Fui registrada na recepção por uma senhora gentil com um uniforme de Delatora, que se apresentou como Tina e depois me trouxe para este lugar sob a Torre do Relógio, onde fica a sede do Tribunal. Sei disso por assistir aos julgamentos na televisão, ver Pia ao vivo acompanhando o acusado desde a Torre do Relógio, passando pelo pátio de pedras até a sala do Tribunal. Todos de cabeça baixa e hostilizados pelo público, que veio vaiá-los e demonstrar apoio ao trabalho do Tribunal.

Estou definitivamente em choque. Devo estar. Não entendo como *eu* posso estar *aqui*, eu que não faço nada de errado, que agrada a todos, cujo boletim está cheio de notas 10 perfeitas, cujo namorado é filho do principal juiz do Tribunal.

Repasso os acontecimentos no ônibus mentalmente sem parar, até tudo começar a ficar confuso, como uma música tocada demais. Penso no que fiz, no

que deveria ter feito, o que poderia ter feito melhor. Não sei mais ao certo o que realmente aconteceu. Observo tudo se desenrolar várias vezes em minha mente; é como encarar uma pessoa até que ela acabe por parecer diferente. Sento-me na cama, me encosto na única parede sólida da cela, e dobro as pernas, abraçando-as. Não sei por quanto tempo fico sentada assim; pode ter sido minutos, pode ter sido horas, mas meu coração passa da calma ao pânico à medida que reflito.

Não posso ser Imperfeita. Não posso ser Imperfeita.

Sou perfeita.

É o que meus pais dizem, meus professores dizem, meu namorado e até minha irmã, que me odeia. Minha irmã. Penso nos gritos de Juniper no momento em que fui levada, e meus olhos se enchem de lágrimas. Minha irmã mais velha, que passou correndo por Art, paralisado, para me proteger. Espero que ela esteja bem. Espero que eles não a tenham pegado também. Ela será obrigada a dizer que não concordava com minhas ações, e isso me deixa preocupada. Não quero arrastá-la para tudo isso. Quem sabe o que Juniper dirá? E quanto a Art? Como ele está se sentindo agora? Estará encarcerado? O pai dele vai me ajudar ou nunca mais vai falar comigo? Será que *Art* nunca mais vai falar comigo? A ideia de viver sem ele me deixa mal.

E isso se repete infinitamente.

Uma porta bate e eu levanto a cabeça.

Tina e um guarda acompanham um menino que parece ter minha idade, talvez um pouco mais velho. Eles passam pela minha cela e o levam à cela ao lado. Vejo pela familiaridade dele com o lugar que não é novo aqui, ao contrário de mim, que ao ser trazida para cá olhava para todos os cantos. A camiseta dele está coberta por um pó branco, assim como seus cabelos. Há um pouco disso em Tina e no guarda também, o que me deixa confusa. O menino é alto, forte. Ele tem uma expressão ousada e teimosa, um olhar de culpa. Ele é tão jovem quanto eu, mas o rosto parece mais velho.

Por ele ser jovem como eu, me sento direito. Quero que ele me veja. Quero trocar um olhar, de relance, algo que o console e a mim também. Os guardas não são tão educados e gentis com ele, e isso me dá uma esperança egoísta de que tudo seja um enorme equívoco e que eu seja capaz de sair daqui como uma pessoa normal. Observo-o, seu rosto mal e duro, e o desafio a olhar para mim. Imagino o que ele fez. Não pode ter sido algo criminoso, do contrário não estaria

aqui, mas deve ter sido algo próximo disso. Qualquer que tenha sido a acusação contra ele, não tenho dúvidas de que é culpado.

Ele me olha ao entrar na cela e me vê pela parede transparente que compartilhamos. Meu coração dispara. É o primeiro contato que tenho com alguém, em horas. Mas tão rápido quanto me viu ele desvia o olhar e caminha com suas pernas longas e finas e se senta de costas para a parede de vidro, de modo que só consigo ver seus músculos das costas se flexionando sob a camiseta suja.

Insultada, amedrontada e de repente me sentindo ainda mais sozinha, sinto as lágrimas vindo à tona novamente. Elas me consolam; elas fazem com que eu me sinta humana e me lembram de que sou humana mesmo aqui, nesta caixa dentro de uma série de caixas.

Os guardas trancam a porta e saem. Eles desaparecem pela porta principal e fico sozinha novamente, mas desta vez com um menino que não olha para mim.

A porta principal se abre e vejo mamãe, com uma expressão preocupada e nervosa, e meu pai, sério, com o queixo travado tentando se conter. Assim que mamãe me vê, ela se recompõe, como se estivesse caminhando no parque e admirando a paisagem, então percebo que a situação deve ser ruim. Quando papai me vê, sua expressão se transforma; ele nunca foi capaz de esconder seus sentimentos. Tina abre a porta da minha cela e quando eles entram corro para abraçá-los.

— Ah, Celestine — diz ela, numa voz cheia de sofrimento, me abraçando com força. — O que foi que deu em você?

— Summer — diz o papai com rispidez, ao que ela reage como se tivesse levado um tapa.

Sinto-me ferida também. É o primeiro contato de verdade que tive desde que tudo aconteceu e eu esperava por uma defesa, por apoio, e não por um ataque... não que minha própria mãe concordasse com eles e apontasse o dedo para mim. Sabia que estava encrencada, mas agora estou realmente compreendendo.

— Desculpe — diz ela, baixinho. — Não queria dizer isso, mas é algo que ninguém esperava de você. Juniper nos contou o que aconteceu.

— Não fazia sentido — digo. — A coisa toda desafiava a lógica.

O papai abre um sorriso triste.

— O homem estava tossindo, respirando com dificuldade. Ele estava prestes a desmaiar, talvez a morrer, e a mulher gorda e a outra com a perna quebrada insistiam em ignorá-lo! Elas estavam no lugar dele! — Falo rápido, inclinandome para a frente, perto dos rostos deles, tentando fazê-los entender. Estou quase implorando que eles entendam meu lado da história, dizendo-lhes o quanto aquela situação era revoltante e injusta. Levanto-me e ando de um lado para o outro. Começo a história do início, elaborando, talvez exagerando um pouco (talvez a mulher gorda fosse mais gorda, talvez as tossidas fossem mais graves), tento fazer com que eles vejam o que vi, que digam que entendem, que, se estivessem no meu lugar, teriam feito o mesmo. Que me digam que não sou Imperfeita.

O papai está observando tudo com lágrimas nos olhos. Ele está sofrendo com tudo isso. É mamãe quem se levanta de repente e me segura pelos ombros. Surpresa, olho em volta e noto que o cara na cela ao lado não está mais de costas para mim, e sim na cama, de onde pode nos ver. Eu me pergunto se ele entendeu o que eu disse, se leu meus lábios, mas mamãe me segura com mais força e volta minha atenção para ela.

— Ouça aqui! — Sua voz é um sussurro grave e urgente. — Não temos tempo. O juiz Crevan está vindo vê-la em alguns minutos e você tem de usar todo o seu charme. Esqueça tudo o que lhe ensinamos. Agora esqueça o que é certo e o que é errado. A sua vida depende disso, Celestine.

Nunca ouvi mamãe falar assim, e ela está me assustando.

— Mamãe, é só o Bosco, ele vai enten...

— Você tem de lhe dizer que errou — diz ela, apressadamente. — Você tem de lhe dizer que se enganou. Está entendendo?

Olho para papai chocada. Ele está cobrindo o rosto com as mãos.

— Papai?

— Cutter, fale para ela — diz a mamãe rapidamente.

Ele abaixa as mãos devagar e parece tão triste, arrasado. O que foi que fiz? Desabo nos braços da mamãe. Ela me leva até uma cadeira à mesa.

— Mas se eu disser ao Bosco que cometi um erro, estarei admitindo que sou Imperfeita.

Então o papai fala:

— Se ele sentir que *você acha que está com a razão* em fazer o que fez, então ele lhe marcará como Imperfeita.

— Não minta sobre o que você fez, mas lhe diga que cometeu um erro. Confie em mim — sussurra a mamãe, com medo de ser ouvida.

— Mas... o velho.

— Esqueça o velho! — diz ela toda séria, com tanta frieza e desprovida do amor que sei que ela sente, que não a reconheço, e sinto que não conheço mais nada neste mundo. Eles são minhas raízes, minha base, e agora estão diante de mim perturbados e dizendo coisas que nunca achei que diriam. — Você não permitirá que um Imperfeito arruíne sua vida — diz ela, com a voz falhando.

Sentamo-nos em silêncio enquanto mamãe tenta se recompor, vestir a máscara. Papai a acaricia nas costas num ritmo constante, e fico ali, paralisada. Meus pensamentos mal podem ser considerados pensamentos, já que saltam de um para o outro inconclusos em torno do que meus pais acabaram de me dizer.

Eles querem que eu minta. Eles querem que eu diga que cometi um erro. Mas mentir é ser Imperfeito. Para conseguir minha liberdade, devo pela primeira vez ser Imperfeita. Não faz sentido. Não é lógico.

A porta se abre e papai e mamãe se arrepiam. O juiz Crevan está vindo.



Percebo que o menino na cela ao lado se senta. Vejo o clarão vermelho antes de vê-lo. O juiz Crevan é como um ser alado com seu manto vermelho. Vejo seus olhos azuis brilhantes e seus cabelos loiros, então penso em Art e me sinto em casa. Ele sorri para mim através do vidro, rugas se formam nas laterais dos olhos como sempre, e eu relaxo. Sinto-me segura.

— Celestine — diz ele assim que Tina o deixa entrar na cela. Ele exhibe os dentes perfeitamente brancos e abre os braços, e ao fazer isso parece que está abrindo as asas, prestes a decolar. Corro para suas asas e, quando ele fecha os braços, o manto vermelho me envolve. Sinto-me protegida. Em seu casulo. Tudo vai ficar bem. Bosco vai cuidar de mim. Ele não deixará isso continuar.

Ao me abraçar, sinto meu rosto de encontro a algo protuberante em seu peito. Estou cara a cara com o lema e insígnia do Tribunal: “Provedores de Perfeição”.

Ele beija o alto da minha cabeça e me solta.

— Certo, vamos sentar. Temos muito a conversar, Celestine. — Ele me lança um de seus famosos olhares sérios e, como sempre, parece algo cômico, caricatural. Aquele não é o homem que estou acostumada a ver na casa dele.

Escondo o sorriso nervoso que se abre em meus lábios. Rir agora não seria uma boa ideia.

— As coisas serão muito difíceis para você nos próximos dias, mas vamos ajudá-la a passar por isso, tudo bem?

Ele olha para o papai, que de repente parece completamente exausto, e penso pela primeira vez no que ele teve de contar às pessoas no trabalho. Como ele pode administrar a estação de notícias quando sua própria filha está nas manchetes?

Faço que sim.

— Você terá de me ouvir e fazer o que digo.

Faço que sim novamente, com veemência.

— Ela fará isso — diz a mamãe firmemente, sentada reta e séria na cadeira.

Bosco olha para mim a fim de que eu responda.

— Vou mesmo.

— Muito bem. Agora. — Ele pega um tablet, digita e passa os documentos. — Esta bobagem no ônibus pela manhã. — Ele suspira e balança negativamente a cabeça. — Art me contou tudo.

Isso não me surpreende. Art não teria opção e me sinto culpada novamente por como minhas ações afetaram as pessoas que amo. Suponho que Art tenha dito a verdade. Art jamais mentiria para o pai, mas será que ele me protegeria? De repente não sei mais que história devo contar, principalmente depois que meus pais me mandaram mentir.

— Infelizmente, já há pessoas usando sua ligação com Art para tirar proveito e minar o trabalho do Tribunal. Uma minoria, claro. Você pode ser usada como um peão neste jogo, Celestine. — Ele olha para os meus pais e depois para mim. — Só que este é um péssimo momento, principalmente levando em conta o veredito que Jimmy Child obteve nesta manhã, quando as pessoas acharam que fui leniente demais. Mas, Celestine, você sempre foi uma das pessoas que mais me deu apoio. Você vai ficar bem.

Sorrio, aliviada.

— Tenho minhas anotações, mas quero que você me diga o que aconteceu.

Imagino o que será que Art contou, mas depois recorro à verdade, esperando não colocá-lo em maus lençóis. Afinal, havia trinta outras pessoas no ônibus que vão dizer exatamente a mesma coisa em seus depoimentos. Tudo o que preciso dizer é que sei que agi errado. Isso *deveria* ser fácil.

— Havia duas senhoras nos assentos dos Imperfeitos. Uma tinha a perna quebrada e se sentou ali porque havia espaço para ela esticar a perna, e a outra era amiga dela. Um velho Imperfeito entrou no ônibus. Ele não tinha onde sentar. Então começou a tossir. Ele mal conseguia ficar de pé. Estava ficando cada vez pior. Perguntei à senhora que não tinha a perna quebrada...

— Margaret — Bosco me interrompe, olhando-me atentamente. Seus olhos vão dos meus olhos para minha boca, estreitos de desconfiança, analisando todas as palavras, todas as expressões faciais, todos os movimentos. Concentro-me na história.

— Certo. Margaret. Perguntei se ela podia trocar de lugar para o velho se sentar.

— Por quê?

— Porque...

— Porque ele estava incomodando os passageiros no ônibus, foi por isso — interrompe ele. — Porque aquela tosse nojenta, infecciosa de Imperfeito dele estava incomodando as pessoas boas da nossa sociedade, e você estava preocupada com elas e consigo mesma.

Paro, abro a boca, sem saber direito o que dizer. Olho para a mamãe e o papai. A mamãe está fazendo que sim com a cabeça e os olhos avermelhados do papai estão voltados para a mesa, sem expressar nada. Não sei o que dizer. Não era o que eu esperava.

— Continue — diz Bosco.

— Então ela continuou sentada e eu acabei chamando um médico...

— Para impedir que aquela doença nojenta contaminasse os outros — diz ele. — Você estava pensando nas pessoas do ônibus. Protegendo-as dos perigos do Imperfeito.

Paro.

— Continue.

— Então falei para o motorista parar o ônibus.

— Por quê?

— Para ajudar...

— Para tirá-lo do ônibus — diz ele bruscamente. — Para se livrar dele. Para que o ar de seus colegas passageiros não fosse contaminado. Você é, na verdade, uma heroína. É nisso que as pessoas lá fora acreditam agora. Esta é a história que Pia está repetindo pelas últimas duas horas. As pessoas estão reunidas lá fora para vê-la, a heroína que enfrentou o Imperfeito.

Fico boquiaberta e olho para o papai, agora entendendo por que ele parece tão arrasado. Será que ele passou a manhã inteira inventando esta história?

— Mas eis o problema — diz Bosco. — Você o ajudou a se sentar. Num banco para os perfeitos. E é aqui que eu e meus colegas discordamos, e discuti isso com eles durante uma hora antes de vir para cá. Não mencionamos isso para Pia, mas, claro, pelo menos umas dez pessoas que estavam naquele ônibus vão aparecer para contar esta história. Talvez eles tenham até um vídeo.

Ele olha para o papai de novo, que aquiesce. Ele já recebeu um vídeo, gravado com o celular de alguém no ônibus e enviado diretamente para a estação. Ele provavelmente passou a última hora fazendo de tudo para o vídeo não vazar. Ele sabe o que acontecerá se vazar.

— Saiba que seu pai fará todo o possível para garantir que o vídeo não seja transmitido. — Aquilo soa como uma ameaça.

— Eu disse que estou fazendo tudo o que posso — diz o papai, encarando-o firmemente.

Bosco também o encara; eles se olham com muita frieza.

A mamãe pigarreia para que eles desviem o olhar.

— Assim — diz Bosco —, depois de ouvir seu depoimento, diria que a acusação é uma grave injustiça, já que alguém que estava na verdade *ajudando o Tribunal* não pode ser condenado a uma vida como Imperfeito. Mas meus colegas juízes discordam. Comigo e entre si. Por hora, o juiz Jackson, que costuma agir com sensatez, vê seu gesto como um equívoco moral e gostaria de considerá-la Imperfeita. A juíza Sanchez vê seu gesto como uma ajuda a um Imperfeito, o que tem por castigo a prisão.

A mamãe arfa. Eu fico paralisada. O papai não faz nada. É provável que ele já soubesse disso.

— Como você sabe, a pena mínima por ajudar um Imperfeito é de dezoito meses e, considerando que a ajuda foi dada em um local público, diante de trinta pessoas, tem agravantes. Já discutimos muito isso. — Ele suspira e percebo a gravidade do que está acontecendo. — E concordamos com uma pena de três anos. Mas você será solta em dois anos e dois meses.



— **O** quê? — digo. *Dois anos na prisão?* Mas é como se eu não estivesse ali; eles estão falando sobre mim como se eu não estivesse ali.

— É uma hora nada favorável para Celestine ter... escorregado — diz ele para mamãe e papai. — Os abutres querem transformar Celestine num exemplo. Pia só vai conseguir protegê-la por algum tempo. Cutter, você e sua equipe, claro, estão assumindo riscos e acobertando a história ao máximo, mas há uma forte oposição. Não se trata de Celestine ser julgada, e sim do Tribunal ser julgado, e não podemos permitir isso. Não podemos. — Ele se senta, estufa o peito. — Cutter, você vai precisar que sua equipe dê um jeito nisso. Candy comentou que recentemente houve... certa turbulência na estação. Acho, pelo bem da sua filha, que a reportagem deve manter o estilo e a filosofia da estação. Nada de devaneios...

Isso é uma ameaça? Acabei de ouvir Bosco ameaçar o papai? Candy é a irmã de Bosco, encarregada da rede de notícias. Viro-me para olhar para o papai e parece que há outra versão dele por sob a pele tentando irromper, mas que está sendo reprimida à força.

— Os pessimistas que olham para o passado em busca de uma mística era de ouro do jornalismo estão errados. A era de ouro é agora; e mais ainda no futuro. Candy agiu corretamente ao dar a Bob Tinder tempo para resolver seus problemas pessoais. Na situação atual, preciso que ele tome cuidado, trabalhando no nível máximo para manter os fofoqueiros e os oportunistas sob controle. Os céticos dirão que Celestine vai se livrar disso, que o tribunal dos Imperfeitos não é justo. Ela namora o filho do juiz; ela terá tratamento especial. E é mesmo isso o que quero fazer, Celestine — diz ele com tristeza, uma tristeza sincera. — Você faz Art feliz, a única pessoa capaz de fazer isso depois da morte da mãe dele, e sei que ele quer o melhor para você. Mas, infelizmente, meus

colegas, meus próprios colegas, também a veem como um peão. Eles a veem como o exemplo perfeito para mostrar aos céticos que o sistema é justo. Para mostrar que a namorada aparentemente perfeita do filho do juiz-chefe pode ser considerada Imperfeita. Estou lutando em duas frentes, querida Celestine.

Engulo em seco.

— E concordo que ninguém pode se colocar acima do Tribunal. Ninguém pode escapar à justiça do Tribunal.

Penso na definição do que é o Tribunal. Não é função do Tribunal administrar justiça; sua função é meramente inquisitiva. Quero dizer isso em voz alta, mas sei que não devo. Não é hora para lógica pura, por mais que devesse ser.

— Você tem ideia do quanto está encrencada, menina? — pergunta Bosco.

— Menina — digo de repente. — Eles não podem me mandar para a prisão. Só faço dezoito anos daqui a seis meses.

— Celestine — diz ele —, uma pessoa com mais de dezesseis anos pode ser considerada Imperfeita e, para a prisão, podemos adiar o início da pena até seu aniversário de dezoito anos.

Bosco havia dito que eu poderia fazer uma festa em seu iate no meu aniversário de dezoito anos. Mas pode ser que eu passe minha primeira noite como adulta na prisão. Não mereço isso. Mereço? Alguém merece? Angelina certamente não merecia.

Vejo que o menino na cela ao lado está sentado na cama, cabisbaixo. Há quanto tempo será que ele está ali? O que será que ele fez? Bosco acompanha meu olhar. Como se pressentisse nossos olhares, o menino levanta a cabeça e encara Bosco com um olhar frio e duro, cheio de ódio. Bosco observa o olhar do menino, mas expressa tanto nojo e raiva por ele que estremeço e quase quero pedir desculpas em nome dele.

— Você não deveria estar aqui com esta escória — diz Bosco, e fico feliz pelo menino não poder ouvir.

— O que ele fez?

— Ele? Ele é completamente Imperfeito — diz Bosco, enojado. — Apesar de ele não saber ainda. Não preciso nem ouvir os fatos do caso para conhecer o tipo. Dá para ver nele. Não é como você, Celestine. Você é pura. Você não

deveria ter o futuro a que este garoto está destinado.

— O que preciso fazer? — pergunto, com a voz trêmula.

— Repita a história que falamos aqui e, quando lhe perguntarem sobre ter ajudado o velho a se sentar, diga que não o ajudou, que ele se sentou sozinho.

Fico boquiaberta.

— Mas o velho será punido por isso.

— Sim, vai. Ele é velho e está muito doente. Ele provavelmente morrerá antes do Dia da Sentença mesmo.

O velho não se sentou. Ele fez o possível para ficar de pé. Eu é que o ajudei a se sentar.

— Não posso...

— Não pode o quê? — Bosco olha para mim.

— Não posso *mentir*.

— Claro que não — diz ele, confuso, olhando para mim como se não me reconhecesse. — Mentir seria prova de que você é Imperfeita. Jamais pediria que você *mentisse* — diz ele, como se insultado. — É a única maneira de você sair livre, não ser marcada por toda a vida, não ser excluída da sociedade. É a única maneira. O que discutimos aqui foi o que aconteceu e você confirmará isso na audiência, dirá em alto e bom som que a sociedade deve perseguir e excluir a escória Imperfeita. É a função do Tribunal, e você, apoiando completamente o Tribunal e seus valores, trabalha de acordo com as regras. Você não ajudou um Imperfeito. O que você fez foi ajudar o Tribunal e, assim, ajudar a sociedade. É o que você lhes dirá. Combinado?

Sou a celebridade da vez. Um lado quer me usar para provar que o Tribunal é tendencioso; o Tribunal quer me usar para provar que não é. A menina perfeita para provar o poder da instituição. O Tribunal quer me usar para alimentar o medo.

— Combinado — respondo, com uma voz vacilante.



Minha audiência é hoje à tarde. O menino na cela ao lado, que apelidei de Soldado, continua a me ignorar. Tenho certeza de que ter me visto abraçando Bosco não ajudou muito a causar uma boa primeira impressão a meu respeito. A notícia que Pia tem divulgado, a favor de Crevan, é de que eu estava tentando me livrar do velho Imperfeito no ônibus, e não ajudá-lo. Se o Soldado viu estas notícias, e tenho certeza de que viu, porque a TV da Justiça dos Imperfeitos é o único canal a que podemos assistir na televisãozinha em nossas celas, é por isso que ele não me olha. Só posso deduzir disso que ele não é anti-Imperfeitos, que ele acha que minha atitude foi injusta. Se ao menos ele soubesse a verdade, então veria que tem uma aliada na cela. Tenho consciência que esta inverdade salvará minha vida, mas não posso deixar de me sentir constrangida por saber que é isso o que estão pensando de mim. Sinto a repugnância que o Soldado tem por mim atrás daquela parede, e não o culpo. Mas me pergunto se ele faria o mesmo se tivesse esta oportunidade de sair dessa.

O papai volta ao trabalho e a mamãe fica comigo. Ela trouxe uma mala de roupas para meu julgamento, e parece que ela foi a uma loja e pegou tudo que havia nas prateleiras. O Soldado me observa com um olhar sarcástico enquanto a mamãe coloca as roupas na minha cama e as pendura em todos os lugares possíveis na cela. Ele abana a cabeça e volta a andar de um lado para o outro. Fico com vergonha de toda a bagunça na minha cela, enquanto ele esteve sozinho a manhã toda, mas tento ignorar a presença dele e me concentrar em salvar minha vida.

— É muito rosa — digo ao passar os olhos pelas roupas.

— Temos rosa-claro, rosa-bebê, rosa-orquídea, rosa-champanhe, renda rosa, rosa-cereja, rosa-lavanda, rosa-algodão-doce, rosa-choque... — A mamãe lista os tons de rosa ao passar pelas roupas, já eliminando as de que não gosta e as

devolvendo à mala. As rosa-choque, rosa-algodão-doce e as de renda são tiradas. As blusinhas sugestivas com decote são eliminadas também. Escolhemos rosa-bebê: calças justas de cintura baixa e uma blusa de um rosa tão claro que é quase branca, abotoada na frente com franjas, e um par de sapatilhas de balé. Uma caminhada pelo pátio de pedras usando salto é o cenário perfeito para um tombo desastroso — uma imagem nada boa para as câmeras e para o público histérico que estará lá me observando. As sapatilhas são rosa, com estampa de oncinha.

— Elas são fofas, mas também dizem “não se meta comigo” — diz a mamãe.
— Lembre-se de que neste mundo imagem é tudo.

Tina chega com um manequim masculino e vai embora.

— Querida, este é o sr. Berry — diz a mamãe. — Ele cuidará do seu caso. O juiz Crevan o recomendou, disse que ele é o melhor. Ele representou Jimmy Child.

O manequim de repente se mexe. Ele abre um grande sorriso, um sorriso que não me convence, tão falso quanto a pele perfeita de seu rosto. Do pescoço para baixo ele parece ter sessenta anos; do queixo para cima, trinta. Ele usa um terno elegante — como se tivesse saído das páginas de uma revista —, sapatos brilhantes, um lenço perfeitamente colocado no bolso e abotoaduras de ouro que combinam com a gravata dourada. Seu rosto reluz onde suas bochechas foram ressaltadas e com certeza vejo maquiagem em sua pele. Ele é perfeito, e ainda assim não confio nele. Olho para o Soldado, que está observando meu recém-nomeado advogado com desconfiança. Devo dizer que concordo, novamente, com a intuição dele. Nossos olhos se encontram, ele abana a cabeça como se eu não fosse nada e depois vai para um canto afastado da cela, o mais longe de mim possível.

— Celestine — diz a mamãe. Ela balança a cabeça na direção do sr. Berry e percebo que ainda não o cumprimentei.

— Desculpe. — Aproximo-me apressadamente, como se tivesse sido empurrada.

— Entendo — diz ele, sem nenhuma compreensão e afeição, em meio a seu enorme sorriso branco. — Então vamos lá. — Ele se senta e bate com a maleta sobre a mesa diante de si. Os fechos dourados se abrem. — Hoje é apenas uma audiência. Você não terá de dizer ou fazer nada além de negar a acusação de Imperfeita. Depois eles agendarão seu julgamento propriamente dito para

amanhã e a mandarão para casa.

Solto um suspiro de alívio.

— Celestine — diz ele, notando meu nervosismo. — Simplesmente me acompanhe, menina, faça o que eu mandar e nós dois ficaremos bem. Já fiz isso milhares de vezes.

O *nós dois* que ele disse não passa despercebido.

— Claro que sua situação é única. Geralmente não tenho a imprensa toda e a MTV na minha porta. Nem mesmo para Jimmy Child, se bem que uma jovem mulher é sempre mais interessante para a mídia. Percebemos que isso nos ajudou no caso de Jimmy. Eles estavam mais interessados na esposa e na cunhada dele do que nele mesmo.

— MTV?

— Você é uma bela menina de dezessete anos, vinda de um bairro bom da cidade, sem problemas sérios, namorada do filho do juiz Crevan. Como não amar seu caso? Além disso, eles estão procurando um novo *reality show*, e parece que você é o alvo. Você representa uma geração que ficará obcecada por todos os detalhes do caso, uma geração que pode ser influenciada e parece ter mais dinheiro para gastar do que qualquer outro público-alvo. Os sapatos que você usará hoje esses jovens vão querer amanhã. Os brincos que você usar, eles estarão esgotados até o fim da semana. O perfume que você usar, terá uma lista de espera por ele amanhã. Será o efeito Celestine North. A indústria da moda e o comércio vão adorar isso.

Ele fala tão rápido que mal consigo acompanhar, e fala sorrindo, o que dificulta a leitura de seus lábios carnudos, que mal se mexem.

— Todas as mídias a usarão por seus próprios objetivos; lembre-se disso. Você é a menina-propaganda do Tribunal, é a menina-propaganda para os Antitribunal, é a menina-propaganda das roupas que vai vestir e do batom que passará a ser o sonho deles. Sua dieta inclui carboidratos? E quantos abdominais você faz por dia? Quem corta seu cabelo? Quantos namorados você teve? Você colocou silicone? Deveria colocar? Cirurgias plásticas estão fazendo fila, preparados para falar tudo a seu respeito, Celestine North, e me preocupo, porque isso afetará o resultado da maior questão de todas: você é Imperfeita?

Não sei se ele espera que eu responda ou não. Ele simplesmente me examina

por inteiro com seus olhos de serpente, que me olham por sob a pálpebra operada, então não respondo. Não vou dar isso a ele, e novamente me pergunto de onde vem tanta teimosia.

— Todos estão a postos e esperando para usá-la por suas próprias causas, só se lembre disso.

Todos?

— E qual a sua causa? — pergunto.

— Celestine. — Mamãe arfa. — Sinto muito, sr. Berry, mas Celestine tem a tendência de entender tudo literalmente.

— Nada de errado com isso — diz o sr. Berry, analisando-me com seu sorriso enorme, parecendo que há algo de muito errado em tudo isso. — Como eu disse, hoje é apenas uma formalidade. Você negará a acusação e depois voltará para casa, e esperará pelo julgamento amanhã. Tudo estará terminado até amanhã à noite. Você precisa pensar nas testemunhas do seu caráter. Pais, irmãos, amigas que morreriam por você, este tipo de coisa.

— Meu namorado, Art, é meu melhor amigo. Ele falará em meu nome.

— Lindo — diz ele, folheando os documentos. — Mas ele não falará.

— Por que não? — pergunto, surpresa.

— É melhor se eu fizer as perguntas — diz ele. — Mas, já que você perguntou, o juiz Crevan acha melhor mantê-lo fora disso.

Vejo que ele não se sente à vontade com esta decisão, e entendo por quê. Bosco não poderia pedir ao filho que mentisse sobre eu ter ajudado o velho a se sentar. Faz sentido para mim e ainda assim me sinto muito chateada por não ter Art ao meu lado. Preciso dele e me pergunto o quanto ele se esforçou para me defender, ou se chegou a levantar um dedo por mim.

— De qualquer forma, isso não importa. Ninguém precisa ouvir que seu namorado acha que você é perfeita. Todo namorado pensa isso ou mentiria sobre isso. E ele não será chamado como testemunha porque há trinta outras pessoas dispostas a fazer justamente isso. Sobretudo Margaret e Fiona, as duas senhoras envolvidas.

No íntimo, fico furiosa e tento pensar.

— Minha irmã, Juniper.

— Não — diz a mamãe. — Juniper não participará do julgamento — diz ela para o sr. Berry.

Eles se olham por um instante, falando um idioma silencioso que não compreendo.

— Por que não? — pergunto.

— Conversaremos sobre isso mais tarde — diz ela, sorrindo, mas seus olhos são um alerta para eu deixar o assunto para lá.

Então Juniper não falará em minha defesa. A paranoia me diz que ela tem vergonha de mim, que ela me deu as costas. Ela não mentirá por mim e meus pais não a deixarão mentir. Eles não querem que eu a envolva nisso. Por que perder duas filhas quando se pode perder apenas uma? Minha amargura me pega de surpresa. Antes não queria que ela se encrencasse, e agora que estou cada vez mais encrencada, fico com raiva dos que estão se afastando de mim.

— Você tem outras amigas, suponho, e não apenas sua irmã e seu namorado. Só precisamos de uma amiga.

Art se transformou na minha vida depois da morte da mãe dele e, por passarmos tanto tempo juntos, acabamos nos excluindo do nosso grupo de amigos, que, apesar de compreender, também se sentiu um pouco traído e excluído por nós. Mas sei que Marlena, minha melhor amiga desde criança, vai me dar apoio, apesar de andar se sentindo ignorada.

— Você estará fora daqui ainda esta noite — diz o sr. Berry.

— Eles não me manterão aqui?

— Não, não. Eles só fazem isso em casos especiais, com aqueles que correm o risco de fugir, como o jovem ao lado.

Todos olhamos para o Soldado, e mamãe estremece. Ele parece tão perdido, com tanta raiva, que não tem a menor chance.

— Quem o está representando?

— Ele? — pergunta o sr. Berry com desprezo. — Ele escolheu defender a si mesmo e está se saindo muito mal. É de se pensar até que ele *quer* ser Imperfeito.

— Quem iria querer isso? — pergunta a mamãe, desviando o olhar dele.

Penso nos Imperfeitos pelos quais passo todos os dias, pessoas que não olho nos olhos, de quem desvio e evito dar uma encostadinha sequer. As cicatrizes que as identificam, as braçadeiras, as limitações, a vida em sociedade apesar de tudo estar fora de alcance. Você os vê de pé nas paradas de ônibus pela cidade, a fim de cumprirem o toque de recolher e chegarem em casa às 22h no inverno, e às 23h no verão. Vivendo no mesmo mundo, mas não da mesma forma. Será que quero ser como eles?

— Qual o nome dele? — pergunto.

— Não tenho ideia — diz o sr. Berry, entediado, querendo seguir adiante.

Olho para ele sozinho ali, eu aqui com minhas roupas, minha mãe, meu advogado e o juiz-chefe. Tenho pessoas ao meu lado. Ele deve me odiar, mas é o que tenho de fazer para sair daqui com minha vida intacta. Uma luz se acendeu para mim. Poderia estar numa situação bem pior. Podia estar na situação *dele*. Tudo o que me separa dele é uma mentira. Tenho de me tornar Imperfeita para provar que sou perfeita. Tenho de fazer tudo o que o sr. Berry mandar.



Tina me traz uma bandeja de comida antes que eu cruze o pátio até a sala de audiências, mas estou nervosa demais para comer. Na cela ao lado, o Soldado põe tudo para dentro, como se sua vida dependesse disso.

— Qual o nome dele? — pergunto a ela.

— Ele? — Ela lhe lança o mesmo olhar que os demais, apesar de não ter me destratado em nenhum momento desde a minha chegada.

— Carrick.

— Carrick — digo em voz alta. Finalmente ele tem um nome.

Tina me encara, os olhos estreitos e desconfiados.

— Você deveria ficar longe daquele menino.

Nós duas o observamos, e então sinto o peso do olhar dela sobre mim enquanto o observo.

Pigarreio e tento agir como se não me importasse.

— O que ele fez?

Ela olha para ele novamente.

— Ele não precisava fazer nada. Caras como ele são frutas podres no cesto. — Ela olha para minha bandeja. — Você não vai comer?

Respondo que não balançando a cabeça. Prefiro comer quando chegar em casa, mais tarde.

— Você ficará bem, Celestine — diz ela, com simpatia. — Tenho uma filha da sua idade. Ela me lembra você. Você não deveria estar aqui. Vai para casa hoje à noite, dormirá na sua cama, que é o seu lugar.

Agradeço com um sorriso.

— Eles me chamaram para uma reunião lá em cima. — Ela faz uma careta. — Primeira vez que isso acontece. Penso no que será que fiz de errado. — Ela faz outra careta e, vendo minha reação, ri. — Voltarei, não se preocupe. Você está se saindo bem, menina. Vamos até a sala de audiência em trinta minutos, então coma.

Não consigo tocar na comida. Um guarda novo, Funar, aparece, abre a porta de Carrick e lhe diz algo. O que quer que seja, deixa Carrick ansioso. Ele se levanta e vai até a porta. Funar vem à minha cela em seguida.

— Quer um pouco de ar fresco?

Levanto-me imediatamente. Claro! Ele abre minha porta e caminho atrás de Carrick, percebendo, ao vê-lo de perto pela primeira vez e não através do vidro, como ele é forte e grande. Os músculos na parte de cima de suas costas são enormes, seus bíceps e tríceps estão sempre flexionados. Penso em Art e me sinto culpada apenas por ter olhado. Funar tenta abrir a porta lateral que leva ao lado de fora, mas ela está trancada.

— Droga, vou ter de voltar e pegar a chave — diz ele. — Fiquem aqui e não se mexam. Voltarei num minuto.

Ele aponta para um banco num corredor e nós dois obedecemos, sentando lado a lado.

Não nos tocamos, mas sinto o calor do corpo dele. Ele é como um aquecedor. Não sei se devo lhe dizer algo. Nem mesmo sei o que dizer. Ele não é a pessoa mais acessível que já conheci. Será que lhe pergunto sobre seu caso? É impossível agir naturalmente nesta situação. Sento-me, paralisada, tentando pensar em algo a dizer, tentando olhar para ele quando ele não estava olhando na minha direção. Finalmente sinto que ele está prestes a dizer algo quando seis pessoas de repente surgem no corredor. As mulheres choram e se abraçam aos homens, que estão também com os olhos marejados. Eles passam por nós como se estivessem num funeral e entram na sala ao lado. Quando a porta se abre, olho e vejo uma salinha com duas fileiras de bancos. Ela está diante um painel de vidro que vai do piso ao teto e que dá para outra sala. No meio da outra sala há o que parece ser uma cadeira de dentista tamanho gigante, e vê-se uma parede cheia de aparelhos de metal. Vejo o guarda, Bark, abrir um aparelho, e dentro dele há fogo em brasa. Confusa, olho, tentando entender.

Então um homem, acompanhado por dois guardas, é trazido pelo corredor. Ele não olha para nós. Parece assustado, na verdade apavorado. Aparenta ter trinta anos e está usando o que eu diria ser uma camisola de hospital, mas é vermelha, da cor dos Imperfeitos. Os guardas o levam por uma porta diferente daquela pela qual as mulheres entraram chorando, que acho que leva à sala com a cadeira de dentista. A Câmara de Marcação.

Carrick e eu ficamos olhando. A porta se fecha na nossa cara. Dou um salto, assustada. Carrick se recosta, cruza os braços e olha para a frente com uma expressão má no rosto. O olhar dele não é muito convidativo a uma conversa, então não digo nada, mas não consigo parar de tamborilar no banco, imaginando o que está acontecendo dentro daquela sala. Depois de um tempo, o silêncio é quebrado por um grito tenebroso do homem, quando sua pele é marcada a ferro quente com a marca dos Imperfeitos.

Primeiro fico paralisada, mas depois meu corpo todo começa a tremer. Olho para Carrick, que engole em seco, e vejo seu enorme pomo de adão subindo e descendo.

Funar aparece no corredor com um olhar malicioso.

— Encontrei as chaves — diz ele, feliz, balançando o molho na mão. — Estavam no meu bolso. — Ele sorri e abre a porta, revelando uma escada estreita que leva ao lado de fora.

Carrick se levanta e sai correndo pela porta. Lá fora, ele vira a cabeça na minha direção, para que eu vá até ele.

Tudo ao meu redor começa a girar. As paredes se aproximam, o piso se eleva para mim. Pontos pretos turvam minha visão. Sinto que vou vomitar. Carrick me olha, preocupado. Desmaio.

Nunca nos falamos.



Meia hora mais tarde, com as pernas bambas, estou de pé diante de enormes portas de madeira com enfeites esculpidos que levam ao infame pátio de pedra. Conheço-o do noticiário, no qual já vi pessoas indo e vindo do tribunal até a Torre do Relógio, dando ao público e à mídia a oportunidade de ver o acusado e expressar seus sentimentos. Mamãe e papai estão ao meu lado; a mamãe de braços dados comigo, e o sr. Berry do outro lado. Somos escoltados por Tina e Bark.

O sr. Berry ajeita a gravata.

— Está direita? — pergunta ele a Tina.

Tina meneia a cabeça, afirmando, e lança um olhar para Bark que pode ser facilmente decifrado.

Respiro fundo quando a porta se abre e sou recebida com gritos e sons para os quais não estou preparada. A primeira coisa que vejo é um repolho que vem em minha direção e me atinge em cheio no peito. Vaias e gritos invadem meus ouvidos e minha mente. O sr. Berry começa a caminhar, me puxando. Por um instante sinto a hesitação da mamãe, mas então, como se estivesse numa passarela, ela dá passos firmes e eu a sigo, erguendo a cabeça, tentando não ser atingida por farinha, ovos e cuspes que vêm do público.

O sr. Berry me dá ordens: *sorria, não sorria, cabeça erguida, não pareça preocupada ou culpada, não reaja, ignore aquele homem, cuidado com o cocô de cachorro*. Tudo isso ele diz com um sorriso perfeito estampado no rosto. Com covinhas e tudo.

Seguro-me na mamãe com mais força, aproximando-me ainda mais dela, e dou uma olhada rápida para ela. Ela está segurando a mão do papai, a cabeça empinada, a expressão serena, e seus cabelos num coque elaborado. Tento imitá-

la, nada fora do lugar, compostura, inocência, serenidade, perfeição.

As câmeras procuram meu rosto, os flashes disparam. Ouço algumas perguntas, outras não consigo.

— Você é Imperfeita, Celestine?

— Quem você está vestindo?

— Acredita que o Tribunal vai lhe dar um julgamento justo e equilibrado?

— Você espera o mesmo resultado de Jimmy Child?

— Quem é seu artista preferido no momento?

— Verdade que você operou o nariz?

— Qual a sua opinião sobre o governo e sua relação com o Tribunal?

Penso nas muitas pessoas ao longo das décadas que fizeram este caminho, que caminharam perfeitas e voltaram Imperfeitas por um pátio de hostilidades e condenações, sobre pedras de preconceito. Penso em Carrick, que voltou pela manhã com a camiseta suja de farinha. Agora entendo. Estamos aqui para sermos usados como um reflexo dos piores pesadelos do mundo. Bodes expiatórios de tudo o que há de errado na vida dos outros.

As câmeras estão bem no meu rosto, e aquela parece ser a caminhada mais longa do mundo. Microfones, cantadas, xingamentos, assobios. Sinto os músculos do meu rosto tremendo e fico pensando se dá para notar. Rapidamente vejo os rostos na multidão. São rostos de pessoas normais, mas cheias de ódio. Algumas só estão interessadas em ver o que está acontecendo, outras se envolvem de corpo e alma. Uma mulher meneia a cabeça em minha direção. É um meneio respeitoso e me sinto grata por ele.

E então entramos.

— Vejo que as pessoas precisam ser convencidas da nossa história — diz o sr. Berry, um pouco abalado ao limpar o terno.

Três juízes usando batas vermelhas estão sentados na parte da frente da sala, num nível mais elevado. A maior parte do espaço é ocupado por fileiras de bancos. Não é um tribunal típico porque é o velho salão de baile de um castelo. Não há um só lugar vago. Nos fundos, as pessoas estão amontoadas, de pé. Suponho que seja a imprensa, mas, vendo melhor, percebo que todos estão usando braçadeiras e que são Imperfeitos. Eles se agrupam em duplas,

entremeados por um membro da mídia ou um espectador comum, de acordo com as regras para os Imperfeitos.

Sento-me à mesa em frente aos bancos, ao lado do sr. Berry.

A mamãe e o papai se sentam na primeira fila, atrás de mim. Não há sinal de Juniper. Olho em volta e procuro desesperadamente por Art, esperando pela energia que sentirei só de vê-lo. Nenhum sinal dele, o que parte meu coração. Vejo meu avô e quase choro. Ele tira o chapéu.

Bosco me manda levantar.

— Celestine North — começa ele. — Você está diante de mim, acusada de ser uma cidadã Imperfeita deste país, por agir ao tomar uma decisão errada, e como resultado corre o risco de ser excluída da sociedade normal. Você aceita ou nega esta acusação?

— Nego — digo, minha voz baixinha no salão, e fico feliz por tudo ter acabado, por isso ser a única coisa que tenho a dizer hoje, porque temo que minhas pernas, que tanto tremem, cederão a qualquer momento.

— Muito bem. Ouvimos sua declaração e durante o julgamento ouviremos testemunhas do acontecimento e do seu caráter. Com base nisso, vamos anunciar o veredito. Você pode sair agora, ir para casa e voltar amanhã pela manhã às...

— Só um instante, juiz Crevan — interrompe a juíza Sanchez. — Eu e o juiz Jackson gostaríamos de levar adiante a petição para que a srta. North permaneça em prisão provisória até o fim do julgamento.

Bosco parece surpreso ao ouvir isso.

— Acreditamos que, por causa da condição da srta. North e da atenção que ela tem chamado, voltar para casa, para sua vida, poderia dar aos outros e a ela própria a oportunidade de tirar proveito da situação.

— É a primeira vez que ouço isso — diz Bosco, com raiva. — E me oponho à ideia. Só mantemos presos acusados que podem fugir, e a srta. North não é uma ameaça. Seria impossível que ela desaparecesse diante da atenção que tem recebido.

— Realmente, juiz Crevan, mas, por causa desta atenção, gostaríamos de evitar que um circo seja montado à custa de um caso sério.

— Mas e se ela ficar em casa sem falar com ninguém?

— Foi o mesmo com Jimmy Child, e sabemos que as regras foram quebradas.

Bosco se enfurece como se o comentário o tivesse atingido pessoalmente.

— A srta. North não é o sr. Child.

— Não, mas aprendemos uma lição. Acreditamos que o melhor para o Tribunal e para a acusada é manter o caso dentro dos limites do Castelo das Terras Altas.

— Precisamos discutir isso na minha sala. Isso não é algo que simplesmente...

— Proponho isso agora — diz a juíza Sanchez com frieza.

— E eu apoio — concorda o juiz Jackson.

— E eu me oponho — diz Bosco, surpreso. — Ela é só uma criança.

— Ela terá dezoito anos daqui a seis meses e está sendo mantida longe dos outros detentos. Só há mais um acusado na mesma câmara dela, um detento de dezoito anos, que é o melhor que podemos fazer nesta situação.

Bosco não sabe o que dizer.

— Então que seja. Celestine North voltará para sua cela até o fim do julgamento. — A juíza Sanchez bate com o martelo na mesa e parece orgulhosa de si mesma.

A sala vem abaixo.

O sr. Berry olha para Bosco em silêncio, enquanto toda a sala está em movimento, girando.

— Como isso pode acontecer? — pergunta a mamãe ao sr. Berry, que está tão imóvel que é como se não pudesse ouvi-la. Ela o segura pela manga do terno, decorado com finas listras rosa. — Como pôde deixar que isso acontecesse?

— Alguma coisa está acontecendo aqui — diz ele, mais para si mesmo, mas eu o ouço.

Ele me olha e algo se desestabiliza naquela aparência tão temperada. Vejo pena em seus olhos, e isso me apavora.

— Sinto muito, srta. North. Parece que os inimigos do juiz Crevan decidiram usá-la como peão no jogo deles também.



Quando volto para minha cela, coberta de sabe-se lá o que foi jogado em mim no caminho, Carrick imediatamente se levanta. Ele está tão surpreso em me ver quanto eu estou surpresa por voltar. Sinto-me tonta e confusa. Tina me leva até minha cela. Já me despedi dos meus pais. Carrick me segue da porta à cama, por toda a extensão da cela. Apesar de isso ser o que quis desde que o vi pela primeira vez, não consigo olhar para ele. Ele quer uma explicação. Todos achavam que eu iria para casa, todos achavam que eu me livraria dessa. Carrick achava que conhecia as regras, mas elas mudaram. Ele, mais do que qualquer um, precisa saber o que está acontecendo. Se estou condenada, ele também está.

Não posso lhe dar uma explicação. Não tenho uma. Sinto-me completamente entorpecida. Sento-me na minha cama, olhando para o nada, ainda sentindo os olhos dele em mim. Ele está de pé perto do vidro, com as duas mãos contra a parede, quase como se me mandasse olhá-lo. Quero Art. Preciso de Art. Só ele poderia fazer com que tudo parecesse bem neste momento. Deito-me de costas para Carrick e não me movo durante a noite, porque não quero que ele nem ninguém me veja chorando.



Depois de uma noite de pesadelos, de ouvir aquele homem na Câmara de Marcação gritando de dor, de sonhar com línguas ensanguentadas e Imperfeitos demoníacos me tocando e me arrancando das barricadas enquanto caminho pelo pátio, acordo me sentindo cansada e assustada, confusa quanto a onde estou. Hoje vou depor em minha defesa. Hoje contarei a mentira de Bosco. É o Dia da Sentença.

Acordo às 5h, fico deitada até as 5h30 e então me levanto, andando de um lado para o outro como um animal enjaulado esperando que tudo comece. Carrick acorda às seis e fica deitado na cama, observando-me sonolento sob os cobertores. Depois de um tempo, ele se senta, recosta-se na parede, dobra os joelhos, pouisa os cotovelos sobre os joelhos, já conhecendo bem a rotina. Isso me frustra ainda mais. Não há como fugir dele, exceto no banheiro, mas não posso passar mais tempo do que o necessário lá. Tenho certeza de que construíram o banheiro daquele tamanho por um motivo.

Às 8h, Tina e Funar vêm às nossas celas e somos levados aos chuveiros. Espero que ele me ignore como fez ontem, mas ele meneia a cabeça na minha direção e há algo mais suave em seu olhar. Talvez eu tenha subido em seu conceito por não ter voltado para casa ontem, e entendo. Sempre senti que ele e eu estamos nisso juntos, desde que o vi entrando na cela. Para ele, foram necessárias dezoito horas para aceitar isso. Todas as vezes que acordei durante a noite, com medo e desorientada, olhei para Carrick e imediatamente me encontrei. Só ele me acalmava, mais nada na sala. Não sei se ter alguém forte como ele ao meu lado é apenas um pensamento ilusório, algo que eu desejo mas não tenho de verdade. Sei que esta conexão parece intensa demais para o pouco tempo, mas sinto que estou numa panela de pressão e que ele é a única pessoa capaz de me entender. E o fato de termos a mesma idade só contribui para a

conexão.

Abro um sorriso de bom-dia e ele faz um gesto para eu seguir na frente. Funar assovia baixinho, como uma criancinha, e Tina o manda se calar. Sorrio e dou uma olhada para trás para captar a reação de Carrick. Não só um sorrisinho, mas também algo brilhando nos olhos. Talvez eles sejam verdes. Nossos olhos se encontram para compartilhar a alegria de ver o constrangimento de Funar ao ser repreendido, e então eu rapidamente me viro para acompanhar Tina. Fico tímida por saber que ele está atrás de mim e também espero que não estejamos sendo levados para outra “lição”. Acho que não, já que Tina está aqui, e me pergunto se deveria lhe contar o que aconteceu ontem quando ela estava lá em cima ou se deveria ficar calada como Carrick. Talvez haja regras na bravura. Se sim, vou acompanhar Carrick.

Ele é levado para a esquerda, eu, para a direita. Depois do banho, com roupas limpas, sou conduzida de volta à minha cela. Carrick já está em sua cela, sentado à mesa com um homem troncudo em um terno amassado. Os cabelos de Carrick brilham, ainda úmidos, ele parece ter feito a barba e está usando uma camisa verde nova. Tenho certeza de que a mamãe teria escolhido algo diferente, algo mais ameno para realçar seus olhos, seja de que cor forem, mas eu gosto. É como se ele fosse um soldado, porque ele não busca clemência, o que me deixa surpresa, ele quer lutar. Eu o observo quando ele não está olhando, para descobrir a cor de seus olhos. Não sei por que estou obcecada com isso. Acho que é porque os olhos de Art são de um azul muito claro. A primeira coisa que se vê em Art são aqueles olhos. São uma das coisas de que mais gosto nele, enquanto os olhos de Carrick parecem ser pretos, mas isso é impossível. Talvez as pupilas dele estejam o tempo todo dilatadas por causa da raiva.

O homem troncudo na cela de Carrick tem um rosto avermelhado e frustrado, e parece que respirar é difícil para ele. Ele folheia papéis. Eles travam uma conversa intensa, mas não escuto o que dizem. O homem explica alguma coisa. Ele está com calor e incomodado, e a expressão de Carrick já é de raiva.

Minha porta se abre. É Tina.

— Quem é ele? — pergunto.

— O advogado.

Noto que ela nunca menciona o nome de Carrick.

— Mas achei que ele estava se defendendo sozinho.

— Está, mas ainda assim precisa de ajuda. Papéis a serem preenchidos, etc. Paddy é o consultor dele. Você receberá a visita de um também, mas você tem o sr. Berry.

Olho para Paddy, que parece sofrer um ataque cardíaco, e pela primeira vez me sinto grata pelo sr. Berry, apesar de que não confiaria nele em qualquer outra situação. Já é difícil lhe confiar minha vida.

— Tem alguém aqui para vê-la. Na cantina.

Meu coração dispara. Art. Preciso dele. Quero voltar ao alto do morro com minhas pernas ao redor dele, sentindo sua pulsação em seu peito. Sei que, assim que o vir, ficarei mais calma e me sentirei humana novamente, e não como um animal enjaulado.

Ao passarmos pela cela de Carrick, algo colorido chama minha atenção. Não ouço nada porque o vidro é à prova de som, mas vejo pelo canto do olho. Paro e olho para ver uma bandeja de comida cair da janela ao chão, copos, molhos e comida lançados no chão da cela dele. Por trás dela está um furioso Carrick, o responsável por lançar a bandeja na minha direção, com o rosto contorcido pela raiva e agressividade.

Fico paralisada. Sem dúvida aquilo foi jogado na minha direção, mas não sei o que fiz.

Tina me surpreende, rindo.

— Então acho que ele acaba de descobrir.

— Descobrir o quê?

— Bark! Funar! — chama ela. — Frutas podres!

Funar aparece na porta da sala da guarda e resmunga algo.

Tina se vira para mim e continuamos andando.

— Ele descobriu que o caso dele está suspenso até que o seu termine — responde ela. — É a quarta vez que isso acontece. Primeiro a dra. Blake, depois Jimmy Child e Angelina Tinder.

— Há quanto tempo ele está aqui?

— Algumas semanas.

— Semanas? — pergunto, surpresa. — E quanto tempo mais ficará?

— Até seu julgamento terminar. Ele apresenta risco de fuga e tem problemas de comportamento, claro. Não podem correr o risco de soltá-lo. Ele tem causado problemas desde que chegou. É bem a cara dele, para ser sincera. Se não agisse como um animal, o caso dele já teria sido julgado. Agora venha por aqui, você pode tomar o café da manhã aqui também. — Ela me puxa pelo cotovelo.

Olho de volta para Carrick. Ele me encara com seus olhos frios e duros, o nariz empinado, o peito subindo e descendo com seu ataque de fúria. Tina o chamou de animal, mas não o culpo. Algumas semanas neste lugar e eu começaria a me comportar como um animal também. Tento lhe lançar um olhar de desculpas, mas não sei como expressar isso. Preciso de palavras, e eu e ele não conversamos. Eu ando meio que correndo enquanto Tina me puxa. Ele fica imóvel, as mãos na cintura, e me vê sair pela porta, provavelmente desejando que eu jamais voltasse. Talvez os olhos dele fossem mesmo pretos.



Meu coração bate forte quando chego à cantina, que tem uma atmosfera bem diferente das celas. Parece ser a civilização, e mal acredito que ontem pela manhã eu também estava andando por aí, livremente. Pessoas tomando café antes do trabalho, muitos ternos pretos com as cabeças próximas umas das outras, tablets ligados em todas as mesas. Pessoas livres que vêm e vão quando querem. E Art. Em algum lugar está Art. Sinto uma reviravolta no estômago.

— Ele está ali. — Tina aponta e recua. — Voltarei dentro de meia hora para você se preparar para seu grande momento.

Engulo em seco ao pensar nisso.

Vou na direção que Tina me aponta, procurando por Art, por seus cabelos loiros quase brancos, por seus olhos azul-turquesa, mas não o encontro em nenhum lugar. Sei que os olhos de todos estão em mim ao passar por entre as mesas. Quando chego ao fim do salão, olho em torno, confusa, depois caminho de volta.

Sinto a mão de alguém me segurando forte pelo pulso.

— Ai — digo, puxando o braço. A mão velha e enrugada com veias saltadas segura meu braço. — Vovô!

— Sente-se! — diz ele bruscamente, mas seu rosto está calmo.

Eu o abraço rapidamente e sento-me diante dele, feliz por vê-lo, mas tentando esconder a tristeza por Art não ter vindo me visitar. Fico pensando se ele não pode ou não quer.

Não tenho visto o vovô com tanta frequência depois que ele e a mamãe brigaram no último Dia da Terra. Ele é bem-vindo em nossa casa, mas somente quando convidado, o que não costuma mais acontecer muito. Tudo depende da

mamãe agora. A vovó morreu há oito anos e ele vive sozinho, cuidando da fazenda de gado leiteiro.

Ele olha em volta com desconfiança e pela primeira vez não está sendo paranoico. A maioria das pessoas está mesmo olhando para nós.

— Temos de falar baixinho — diz ele, aproximando a cabeça da minha. — Você viu isso?

Ele enfia a mão no paletó e dele tira um jornal. O jornal está dobrado e ele o passa para mim.

— Eles não querem que você veja isso, com certeza.

Abro o jornal e fico chocada com o que vejo. Minha fotografia ocupa praticamente toda a primeira página, com apenas um espacinho para uma manchete chamativa e um pedaço da história que continua em outra parte. Fico boquiaberta. A manchete diz: A CARA DA MUDANÇA?

Ele me passa outro jornal. É uma variação da mesma foto, com a manchete NORTH. UM NOVO CAMINHO PARA A CAUSA DOS IMPERFEITOS.

— O quê? Que jornais são estes? — pergunto, não os reconhecendo.

— Você não vai ver estes jornais por aqui — sussurra ele. — Eles não são da empresa do Crevan. Ele não é dono de todos os jornais, sabia?

— Ele não é dono de nenhum, vovô. A irmã dele é que é, Candy — corrijo-o, dando uma olhada nos artigos.

— Só no nome. Você está prestes a descobrir que Crevan está mais envolvido com estes jornais do que qualquer outra pessoa. Você está estampada em todos os jornais dele também. Mas o ângulo deles é um pouco diferente. Todos falam de uma menina que mantém a sociedade protegida dos Imperfeitos. Você é uma heroína em ambos os lados, dependendo da sua opinião.

O que explica o nível de raiva lá fora no pátio. Irritei todos os lados possíveis. Ninguém vem ver um Imperfeito atravessar o pátio para lhe dar apoio.

As teorias conspiratórias do vovô o fizeram brigar com a mamãe. Não tem problema ele acreditar nelas sozinho, em sua fazenda, no meio do nada, mas ao trazê-las para nossa casa ele estava “trazendo o perigo”, nas palavras de mamãe. Principalmente quando sentado à mesa com Bosco. Na época eu achava os comentários dele engraçados, mas agora entendo por que mamãe tinha medo.

Ver que estou na primeira página é assustador. As coisas que eles dizem sobre mim, como analisam e escrutinam cada gesto meu enquanto eu mesma, que havia feito tudo aquilo, não dava muita bola. Se sou quem eles dizem que sou, em que lado devo acreditar? Acho que nenhum dos lados me conhece direito.

— Vovô, você conversou com Juniper? Tem notícias? Ela está bem? Ela não vai depor em favor do meu caráter. Ela me odeia?

— Não a vi e tenho certeza de que ela não a odeia. Sua mãe não me deixa entrar na casa. Tentei, mas ela acha que estou louco. Só que eu tenho tudo isso. Estas provas todas. — Ele começa a tirar recortes de jornais de todos os bolsos do seu paletó, alguns com anotações neles. — Tenho coletado informações. Muitas delas eu acho que podem lhe ajudar. Sua mãe não me dá ouvidos, mas você precisa me ouvir. Há dois nomes importantes a lembrar, Celestine: Dra. Blake e Raphael Angelo. Esqueça o sr. Berry. Eles podem ajudá-la com seu caso. Precisamos encontrá-los...

— Vovô, por favor, pare — eu o interrompo, em voz baixa, segurando as mãos dele. — Tudo vai ficar bem — digo, parecendo mais calma do que realmente me sinto. A Câmara de Marcação me chocou ontem e sei que foi um alerta de alguém. Não pretendo ignorar este aviso. — Bosco está me ajudando. — Digo isso bem baixinho. — Já conversamos. Só preciso fazer o que ele e o sr. Berry dizem e tudo vai dar certo.

Mas aquele velho não ficará bem, é o que me diz minha consciência. O velho que estou prestes a acusar de ter quebrado as regras dos Imperfeitos. O homem que me fez lembrar do meu próprio avô. Como posso fazer isso com ele? Tento nem pensar nisso, sabendo que devo ficar no modo de sobrevivência.

O vovô bufa.

— Celestine, o que quer que aquele homem lhe prometeu, você não pode acreditar. Ele foi traído ontem por dois de seus juízes. Sanchez e Jackson estão cansados dele e de suas duas caras, e isso vai acontecer novamente. Eles não estão felizes com as decisões que ele tem tomado. Sentem que Bosco está se aproveitando da ligação que tem com a mídia para impor suas decisões, tentando convencer as pessoas de que as opiniões dele são as certas, sem mencionar o que ele fez à pobre esposa daquele editor. Há uma guerra em curso, Celestine. Não deixe que eles a usem.

— Bosco não me *usaria*, vovô.

Ele fica me observando.

— Você acredita no que fez, meu amor?

Abaixo a cabeça. Depois olho para ele e faço que sim.

— Do que você tem medo, então?

— De ser *Imperfeita!* Da *dor*, das cicatrizes, das regras, do toque de recolher, da vida, dos Delatores, de perder meus amigos, das pessoas rirem de mim, ficarem olhando para mim. De elas pensarem que sou um *deles*. Ontem eles me fizeram ouvir o cara na câmara, vovô. Ele gritou tão alto que jamais me esquecerei — digo com meus olhos cheios de lágrimas.

— Ah, meu amor — diz ele, segurando minha mão. — Eles estão mexendo com você, você sabe disso. É tudo manipulação. Tem a ver com poder. Controle. Esta é a sociedade em que vivemos.

Ele me deixa confusa com aquelas palavras de conspiração novamente.

— Venha morar comigo — diz ele, de repente cheio de entusiasmo. — É uma vida simples, mas você pode viver como quiser, sem ninguém atrás de você lhe dizendo o que fazer e a quem amar. Você não terá problemas com toques de recolher, não se importará com essa bobagem de dieta. Você pode ir dormir e acordar quando quiser, comer o que quiser, sair com quem quiser. Não é como aqui na cidade. Você pode ser livre.

— Eles têm Delatores no interior também, vovô — digo, baixinho, feliz pela oferta sincera, ainda que não seja algo que eu cogite. — Não posso. Não posso ser Imperfeita. E vou sentir saudades de Art. Diga-me, o senhor o viu? Tem alguma coisa a respeito dele nos jornais? Pensei que ele me visitaria ou me enviaria uma mensagem ou coisa assim... — Roo as unhas.

O vovô fica em silêncio e me estuda, com um olhar preocupado.

— Eu só... — Tiro o dedo da boca. — Não é uma coisa infantil, sabe, eu e ele, é sério. Temos planos. Conversamos sobre tudo o que queremos fazer depois da escola, juntos. Eu realmente, sabe, eu o amo. — Não disse isso a Art ainda, mas vou. Assim que sair daqui, vai ser a primeira coisa que direi. Sinto mais isso agora, que estou longe dele, do que nunca.

O vovô parece triste. Ele enfia a mão no bolso e espero ver outros jornais, mas em vez disso ele me passa um envelope por sobre a mesa.

— Isso é dele. Não queria lhe dar isso. Eles não são para você, Celestine, aquela família. — Ele balança a cabeça. — Você é melhor do que eles. Mas não posso bancar Deus em sua vida. Você tem que tomar as próprias decisões agora. E você tem decisões importantes a tomar.

Faço que sim, sem ouvir direito o que ele diz. Estou tão empolgada com a carta, querendo que ele vá embora para eu poder abri-la e ler as palavras de Art.

— Mas pense nisso, meu amor: você acha que seu amigo Bosco vai deixá-la chegar perto de Art quando você sair daqui? Mesmo que você não seja considerada Imperfeita? Eu pensaria duas vezes nisso se fosse você. Prepare-se. Nada vai voltar a ser como antes.

Já pensei nisso, nos recantos mais profundos e escuros da minha mente, mas como Art é a única coisa que me faz seguir adiante, pensar em perdê-lo vai me fazer cair do abismo.

— Diga a verdade no tribunal hoje, Celestine. E, se eles disserem que você é Imperfeita, então vista aquela braçadeira com honra. Olhe o que os jornais estão dizendo! Você é capaz de fazer uma mudança. Você já percebeu isso. Seguiu seus instintos, fez o que achou certo e inspirou pessoas.

— Inspirei? — Lágrimas enchem meus olhos. — Uma velha *cuspiu* em mim ontem, vovô. Uma velhinha decente e boazinha.

— Bom, então ela não é nada decente. As pessoas que querem mudança estão implorando para você ser a heroína delas. Não deixe que o Tribunal a envolva em suas malditas asas vermelhas e a faça pensar que você é um deles. Você não é e nunca será. Aproveite a situação, Celestine, e diga *tudo*. Dê voz aos silenciados.

Seus olhos brilham de empolgação, cheios de lágrimas, cheios de esperança de que sua neta possa ser a pessoa que ele quer que seja.

— Não sou como você e Juniper, vovô — digo com tristeza, sentindo-me derrotada. — Não sou assim. Sigo regras. Gosto da lógica, resolvo problemas. Não falo sobre coisas que não sei. Não quero me destacar na multidão. Quero me ajustar direitinho. Não quero ser a menina-propaganda de nada.

— Ah, mas você já é, Celestine. A maré está mudando e, usando a braçadeira de Imperfeita ou saindo daqui como uma mulher livre, você jamais será a mesma menina de antes. Eles a observarão de perto, todos eles, e quem você prefere que

eles vejam? *Você* ou a menina que você está fingindo ser?



Oi, Menina Perfeita,

Espero que você esteja bem aí. Não acredito que eles não a deixaram voltar para casa, mas o papai diz que está fazendo o possível por você. Queria estar aí com você, mas não posso. Jornalistas demais, etc. Espero que você compreenda, mas estou assistindo a você na TV o tempo todo. Você está gostosa. Espero que esteja usando aquela tornozeleira. Você sempre será perfeita para mim. Faça tudo o que o papai e o tal de Berry disserem e voltaremos ao alto do morro logo.

Estou ao seu lado.

Com amor,

Art

P.S.: O que o elefante diz para um homem pelado? Como você consegue respirar com algo tão pequeno?

Rio e dobro a carta num quadradinho e a guardo no meu bolso. *Com amor! Com amor!!* Certo, não foi um “eu amo você”, mas é parecido, não? Será a mesma coisa?

Não olho para Carrick na cela ao lado. Ele está deitado na cama, virado para a parede, sem dúvida me odiando ainda mais do que já odiava. As palavras de Art me dão esperança de que, quando sair daqui, há um futuro para ele e para mim. Eu me concentro nessa ideia. Sinto-me elevada, como se estivesse conectada ao mundo real e como se esta coisa toda de Imperfeitos fosse um mal-entendido que poderia ser resolvido facilmente. Nem mesmo noto quando mamãe e o sr. Berry

entram na cela e, quando levanto a cabeça, percebo que chegou a hora.

— Verde — diz a mamãe, mostrando o vestido mais lindo que já vi. — A cor da natureza, juventude, primavera e esperança.

O vestido não é todo verde. Ele traz uma estampa linda, uma imagem de folhas verdes, flores, pássaros exóticos, um retrato da natureza, e de sua beleza.

— Também é a cor da inveja — diz o sr. Berry, ajeitando a gravata verde de seda. — E é o que vão sentir todos os Imperfeitos do país — diz ele, dando uma risadinha nervosa. — Porque hoje é o dia, querida Celestine, em que você sairá daqui, do mesmo jeito como entrou.

Considero esta uma péssima analogia. Nunca mais serei a mesma. Mas talvez ele não esteja tão errado. Serei tão julgada ao sair quanto era ao entrar. O vovô tem razão. Isso jamais terminará.

Antes de sair da cela, olho para Carrick esperando algo, qualquer reação. Ele se levantou da cama agora e seus olhos percorrem meu vestido. Sinto-me nua sob aquele olhar, mas não me mexo.

Ele meneia a cabeça na minha direção. Um adeus, um “boa sorte”, não sei, mas ele não está com raiva. Respondo ao gesto. Tiro uma foto mental dele, sabendo que é a última vez que o verei, já que nossas vidas seguirão caminhos bem diferentes.

Papai, mamãe, eu e o sr. Berry, acompanhados por Bark e Tina, olhamos para as portas duplas diante de nós. Algo está acontecendo, porque Bark e Tina estão segurando cassetetes, o que parece incomodar o sr. Berry. Ele ajeita a gravata verde ao menos cinco vezes. Todos sabem de alguma coisa, menos eu. Assim que as portas se abrem, vejo que a segurança e a multidão dobraram desde ontem, assim como a imprensa. As multidões estão sendo contidas por barricadas e a segurança usa capacete e segura cassetetes vermelhos nas mãos enluvadas em couro. O barulho da multidão é insuportável. Não consigo entender o que eles dizem, mas, se fosse possível colocar toda a raiva num pote, seria isso o que se ouviria ao abrir a tampa.

Uma lata de alguma coisa passa voando diante de nós, soltando fumaça. A segurança se reúne ao redor dela e nós apressamos o passo. Hoje a mamãe não está dando sinais de hesitação, anda com a cabeça e o nariz bem empinados. E, por mais que eu queira manter a cabeça baixa, ela me obriga a imitá-la. Se não

me sinto segura por dentro, ao menos quero parecer tão forte quanto ela. Hoje há pessoas gritando por eu ser Imperfeita e há pessoas gritando por eu odiar os Imperfeitos. A única coisa em comum entre elas é que me detestam e estão aqui para me verem marcadas como Imperfeita e excluída da sociedade. Ninguém vem aqui para dar apoio, apenas para expressar sua frustração, para me usar como saco de pancada. Não sei como Bosco e a campanha de imprensa de Pia estão se saindo para persuadir as pessoas a pensarem que sou a heroína do Tribunal, mas, a julgar pela reação de hoje, uma pessoa está saindo como perdedora: eu.

A despeito do medo, olho em volta. Talvez eu me sinta melhor se eu der uma cara àquele barulho. Vejo Pia Wang gravando de sua plataforma elevada, com suas roupas perfeitas, seu cabelo perfeito, ainda mais parecida com uma bonequinha. Reconheço uma mulher de cabelo curtinho que me acena com a cabeça outra vez, respeitosamente, como fizera ontem. Um homem de aparência estranha nas barricadas me joga um beijo. Ele não me é estranho, mas com certeza nunca o vi antes. Ele tem uma barba e cabelos compridos como os de um hippie, mas é jovem demais para aquela barba cheia. Usa uma touca infantil de lã em forma de elefante. As orelhas exageradamente grandes e moles do elefante cobrem as orelhas dele e uma tromba sai da sua cabeça. É uma coisa bizarra de se ver num homem daquela idade, e nem está fazendo frio nesta época do ano. Ao me aproximar dele, o observo melhor e ele pisca para mim. Seus olhos azuis o entregam. Art. Sabia que ele encontraria uma maneira de vir. Quase paro, mas a mamãe e o sr. Berry me fazem seguir em frente. Penso na piada do elefante em sua cartinha e sei que o chapéu é uma referência àquilo e que ele está tentando me animar. Não é algo que vai me fazer rir nesta situação, mas ajuda a melhorar meu estado de espírito. Eu me esforço para não sorrir.

— Celestine! Pia Wang da News 24 — chama ela. A câmera está em mim, a luz vermelha acesa. — Estamos ao vivo. Pode cumprimentar as pessoas em casa?

— Sorria — diz o sr. Berry entredentes, então ergo minha cara para a câmera na plataforma e aceno com um sorrisinho forçado. Não quero dar a impressão de que estou gostando disso.

Como ontem, vários objetos são lançados, ainda que os escudos da guarda estejam fazendo um bom trabalhado ao bloquear grande parte deles. Mesmo assim, alguns conseguem sujar meu vestido, mas a mamãe está preparada agora.

Assim que entramos, ela pega lenços e produtos de limpeza e volto a ficar impecável. Uma vez lá dentro, fica claro que estamos todos abalados. O sr. Berry pede um copo d'água e leva um instante para se recompor. A mamãe corre para o banheiro.

O papai me puxa de lado.

— Não importa o que aconteça hoje, querida, saiba que tenho orgulho de você. O que quer que aconteça, sempre a amarei — diz ele, apressadamente.

— Obrigada, papai.

Ele olha em volta, parece tenso, sem saber se deve dizer algo ou não.

— Papai, fala comigo — digo, baixinho.

— Não tenho falado muito durante tudo isso. Sua mãe disse que é melhor que eu não fale, mas acho que preciso. É só que... Não quero que você pense que, por causa do que *eu* faço, significa que você não possa... que *você* não possa fazer suas próprias escolhas. Entende? — Ele me olha atentamente. Papai parece exausto, como se não dormisse há dias. Seus olhos estão avermelhados. — O Bob se manifestou no trabalho, ele queria expressar a opinião dele e... bom, foi punido por isso. Angelina foi punida por causa dele. Era um alerta a todos nós. Eu a defenderei de todas as formas, Celestine. Não tenho problemas com isso. Vou dar qualquer notícia que o Crevan queira que eu dê, porque é meu trabalho e tento proteger Summer, você, Juniper e Ewan, mas não seja como eu. *Você* faz o que *você* tem de fazer.

Agora? Ele me diz isso *agora*? Angelina Tinder foi marcada porque Bob quis se manifestar? Ainda assim, tão logo ele disse isso percebo que eu já sabia disso, bem lá no fundo, e eu estava com medo de dizer isso em voz alta.

Engulo em seco e faço que sim com a cabeça, quase com medo da intensidade do olhar dele, da força com que ele aperta meu braço. Sei que o papai está tentando ajudar, mas não posso deixar de me sentir confusa pelo que *ele* acha que deveria fazer. O plano era sempre mentir.

Para *não ser* considerada Imperfeita, tenho de trair o velho do ônibus.

Se for sincera comigo mesma, serei considerada Imperfeita.



Fico parada no corredor, com a mente em disparada.

Tenho dezessete anos e, apesar de ter brigado com meus pais por ser mais responsável do que eles pensavam, não estou preparada para tomar esta decisão. Entro na sala do tribunal, com as ideias longe de estarem em ordem, e meu plano antes tão claro agora é um borrão em minha mente. Não sei nem qual a coisa certa a fazer agora. Eu, que sempre tenho tanta certeza. Meu raciocínio preto no branco agora está confuso e cheio de tons de cinza.

Procuro Art no salão. Apesar de saber que acabei de vê-lo disfarçado lá fora, ainda tenho esperança de que ele tenha entrado com o público. Ao olhar para trás, não acredito no que vejo. Carrick está nos fundos, com o boné abaixado, os braços cruzados, os ombros levantados como se fosse um guarda-costas vigiando da porta. Nossos olhos se encontram, mas nenhum de nós esboça reação. Ele está com os Imperfeitos no fundo, como se já fosse um deles. Estou mais do que emocionada pela presença dele, e meus olhos se enchem de lágrimas. Fico pensando se ele quis assistir ao meu julgamento ou se o obrigaram, assim como fomos obrigados a ouvir o homem sendo marcado. E se por acaso ele estiver sendo forçado, então é porque há uma lição a ser aprendida. Ou ele está me dando apoio ou o estão tentando assustar.

O vovô abre um sorriso e me faz sinal de positivo. Juniper se senta ao lado dele, parecendo minúscula e amedrontada. Ela abre um sorrisinho. Fico feliz por ela estar ali. Fico em paz ao vê-la no mínimo com vergonha de mim.

O julgamento começa com a minha primeira testemunha de caráter, Marlena, minha amiga desde os oito anos. Ela está nervosa, mas é leal, contando como eu sempre fui consciente e bem-comportada, mesmo quando estava perto de pessoas que não eram. Acho que ela me descreve bem: lógica, leal, engraçada,

mas que sempre segue as regras. É a primeira vez em dois dias que me reconheço da descrição de alguém e fico feliz por ter sido descrita como uma pessoa entediante para uma adolescente.

— Srta. Ponta, você acredita que o caráter de Celestine North é Imperfeito? — pergunta Bosco.

Ela me olha e há lágrimas em seus olhos, mas ela fala com firmeza.

— Não, de jeito nenhum.

— Obrigado, srta. Ponta.

O papai fala por si e pela mamãe. Ele contou que me levava para o trabalho com ele na estação de TV quando eu era mais nova e que teve de me tirar da sala de edição porque eu queria que tudo saísse perfeito e ficava apontando os defeitos e os erros de continuidade.

— Celestine tem uma mente lógica. Ela é uma matemática, tem notas altas na escola, quer estudar na Faculdade de Matemática da Universidade Municipal e suas notas de dezembro mostram que ela vai muito além do exigido. Ela é uma jovem muito inteligente, um prazer de ter como filha. Ela gosta das coisas no seu devido lugar; soluciona os problemas usando teoremas. Ela segue as regras.

Sorrio para o papai. Esta sou eu.

A juíza Sanchez olha para o papai, com aquele batom vermelho que pode ser visto da Lua, e sorri, com um quê de malícia.

— Realmente, sr. North, mas gostaria de citar Kaplansky quando ele falava sobre matemática: “O mais interessante não é quando algo é comprovado, e sim quando um novo conceito nasce”. A matemática usa conceitos básicos, mas as múltiplas variações levam a várias teorias abstratas. É este o tipo de mente que sua filha tem, sr. North? A mente que cria novas teorias, novos conceitos, corre riscos e vai contra a corrente?

O papai pensa nisso e olha para mim.

— Não. — Ele para. — Jamais diria que Celestine faz o tipo que vai contra a corrente. Jamais.

Entendo o que ele diz. Ir contra a corrente nesta circunstância é ir contra si mesma. Nunca serei o tipo de pessoa que não faz aquilo no que acredita. Ele está me dizendo para seguir meu coração.

A juíza Sanchez sorri e ouve a mesma coisa que ouço.

— E quanto a você, sr. North? — pergunta ela com seu tom de voz meloso. — Nossos filhos têm a capacidade de nos surpreender. Eles mudam sem que percebamos.

O papai me olha e é quase como se me visse pela primeira vez. Fico pensando no que é que ele vai dizer.

Bosco interrompe, irritado.

— O que a juíza Sanchez está perguntando, sr. North, é se você acredita que o caráter da sua filha Celestine é Imperfeito.

O papai se vira para encará-lo.

— Não, senhor. Sob hipótese alguma minha filha é Imperfeita — diz ele, se esforçando ao máximo para não deixar transparecer a raiva, quando sei que tudo o que ele quer é se levantar, gritar e dar um soco em quem estiver mais perto.

— Obrigado, sr. North.

Então Margaret e Fiona têm seu momento de glória. Quando ouço o depoimento delas, parece que estão falando sobre outra pessoa. Não eu. Nunca fui tão corajosa assim. Se bem que estou ouvindo duas palhaças completamente irracionais. O que dizem sobre as regras dos Imperfeitos e sobre nós não faz mais sentido para mim. Elas só provam que eu estava certa em fazer o que fiz no ônibus, se não eu seria apenas igual a elas.

A participação do sr. Berry não é tão performática quanto eu achava que seria, como nos filmes, andando de um lado para o outro e se pavoneando pela sala como se estivesse dançando. Ele age com absoluta normalidade e é muito direto, e assim parece mais digno de credibilidade. Mas é rápido e inteligente e usa tons, nuances e pausas com mais rapidez do que Juniper seria capaz, acredito. As mulheres desconfiam dele, mas não podem deixar de gostar dele. Ele é charmoso e interessante; ele (ainda) não as está chamando de mentirosas. Ele lhe conta a teoria que Bosco criou, a de que eu estava tentando proteger as pessoas do ônibus de um homem Imperfeito.

Elas refletem.

A primeira, Margaret, diz que é possível; a segunda, Fiona, a de muletas, é firme em dizer que não é o caso.

— Não me importo com a história que a defesa está tentando contar — diz Fiona. — Não sofro lavagem cerebral. Sei que o vi. Aquela menina... — ela aponta com a bengala para mim —... ajudou aquele Imperfeito a se sentar.

O público irrompe diante da acusação dela e algumas pessoas da imprensa correm para transmitir a notícia.

Bosco anuncia que o circuito interno do ônibus durante o evento, quando pedido pelo Tribunal, infelizmente estava com defeito e, por isso, não podia ser considerado prova. Não tenho dúvidas de que Bosco está tentando mexer uns pauzinhos em meu favor e esconder a prova que poderia me destruir. Bosco diz que devemos levar em conta que isso é apenas a visão das pessoas no ônibus, e não algo que podemos ver por nós mesmos. Suponho que se eles pudessem testemunhar meus atos seria pior para mim; ao menos eles podem decidir sozinhos se acreditam nas testemunhas ou não. Fico feliz pelo truque dele.

Eu me dou conta, enquanto todos mencionam o velho, de que nem mesmo sei o nome dele. Nunca perguntei e ele jamais foi citado, como se não fosse importante. O caso gira em torno daquele homem e mesmo assim ele é deixado de lado como se não fosse nada. Não quero perguntar ao sr. Berry. Não quero que achem que estou com pena do homem, que tenho empatia por um Imperfeito. Preciso que o sr. Berry acredite em mim acima de tudo.

Quando o julgamento finalmente é interrompido para o almoço, rapidamente me viro para meu avô antes de ser levada embora.

— Pode me dar mais informações sobre o velho? — sussurro no ouvido dele. Ele faz que sim, com uma expressão intensa, e sei que não me decepcionará.

Todos voltam para suas vidas depois do meu show e os repórteres continuam a dar as notícias do lado de fora. Fico feliz por podermos aguardar numa sala perto do tribunal para eu não ter de cruzar o pátio novamente.

Sento-me com meus pais, Juniper e o sr. Berry na sala de espera, comendo petiscos e biscoitos, com enjoo por causa da fome e incapaz de comer ao mesmo tempo. Agradeço a companhia de todos, mas não digo nada. Estou satisfeita por estar longe do barulho todo, longe da atenção não solicitada, por não ter de me preocupar com as pessoas analisando todo o meu corpo: minhas expressões faciais, minhas reações, como me sento, como ando. Posso relaxar.

Tina entra na sala e me entrega um envelope, e sei que é do vovô. Ele não me decepcionou. Sem saber de quem é aquilo, o sr. Berry e a mamãe olham como se

fosse uma granada, e é exatamente o que me parece quando leio o que está escrito.



O que leio na carta do vovô é isto: Clayton Byrne, o velho do ônibus, era CEO da editora Beacon. Com um diploma de literatura inglesa da prestigiada Universidade Humming. Ele conheceu a esposa na faculdade e eles se casaram aos 26 anos. Eles têm quatro filhos. Tornou-se CEO da editora Beacon aos 42 anos, e na época foi elogiado por sua liderança, inteligência e capacidade de levar a empresa adiante. Ele assumiu riscos, e todos foram recompensados, exceto por um. Por causa desse fracasso, por correr riscos, ele foi obrigado a pedir demissão de seu cargo e, como um aviso para todos os funcionários da empresa, foi trazido ao Tribunal e considerado Imperfeito. Por tomar uma decisão errada no negócio, ele recebeu uma marca na têmpora, e por ter mentido a respeito disso para seus colegas e tentado acobertar suas ações, sua língua também foi marcada. A esposa dele morreu há dois anos e ele sofre de enfisema. Ele havia saído de casa naquele dia sem seu tanque de oxigênio.

Por fim, assumo o banco das testemunhas. O salão está superlotado. Vejo Carrick nos fundos, os braços cruzados, ao lado da mulher com cabelo curtinho que fez sinal para mim no pátio. Juniper está na primeira fila, ao lado do vovô. O vovô me olha e meneio a cabeça, avisando que recebi o envelope. Ainda não há nenhum sinal de Art, mas pensar que ele pode estar lá fora, disfarçado, é melhor do que nada.

— Todos sabemos o que aconteceu no ônibus — diz a juíza Sanchez, dando início a tudo. — Já ouvimos a história várias vezes nos últimos dois dias e poderíamos passar mais dois dias ouvindo os testemunhos de mais trinta pessoas que estavam no ônibus e viram a mesma coisa. Seu advogado, sr. Berry, nos disse que você aceita o que as pessoas viram, e o tribunal agradece sua compreensão e respeito pelo nosso tempo, então não vamos lhe perguntar novamente o que aconteceu. Também entendemos que a única diferença entre

sua história e a dos demais é que eles dizem que a viram ajudando o velho e você diz que estava tentando se livrar dele. E, sendo que a maioria diz que a viu ajudando o homem, você diz que ele se sentou sozinho. Verdade?

Respiro fundo.

De repente, o silêncio é quebrado e há protesto na sala. Quatro pessoas, duas mulheres e dois homens, estão de pé, gritando, os punhos cerrados levantados, apontando o dedo para mim. Elas gritam uma única palavra.

— Mentirosa!

Gritam várias vezes.

— Mentirosa! Mentirosa! Mentirosa!

— Ordem! — Bosco bate com o martelo na mesa. — Ordem!

— Se vocês não fizerem silêncio, serão retirados do tribunal — diz a juíza Sanchez, erguendo a voz.

Três deles se sentam e param de gritar, mas uma das mulheres continua:

— Nosso pai não fez nada de errado! Nosso pai seguiu as regras! Você é uma mentirosa, Celestine North! Você deveria ter vergonha, deveria ter nojo de si mesma!

Os guardas se aproximam dela e, assim que põem as mãos nela, os outros três se levantam para defender a irmã. Estou tão perto de pedir desculpas aos filhos de Clayton Byrne, mas minha boca fica seca e meu coração bate furiosamente.

— O que você está fazendo não é certo — um dos filhos grita, me encarando.

— Você deve permanecer calado — diz a juíza Sanchez. — Caso se manifeste novamente, será retirado do tribunal.

Os quatro ficam em silêncio e se sentam. Uma das filhas começa a chorar e é consolada pelos demais.

Meu coração começa a palpitar, a respiração falha. Todos os olhos estão em mim, me julgando, pensando coisas de mim. Tudo isso para provar que não sou Imperfeita e, agindo assim, me sinto menos do que perfeita. Sinto que estou errada.

— Tudo bem, Celestine? — O sr. Berry me observa atentamente.

Meus olhos percorrem o salão enquanto conto as pessoas que estou decepcionando. O vovô, Juniper; o papai e até mesmo Carrick nos fundos, eles que agora devem saber que estou mentindo; e a mulher de cabelo curtinho que me cumprimentou com um meneio de cabeça nos dois dias. Art, que está esperando por mim em algum lugar lá fora, que me disse para fazer exatamente o que o sr. Berry mandou. Eu mesma. As pessoas que decepționarei ao admitir ser Imperfeita são bem menos.

— Minha cliente pode tomar um copo d'água? — pergunta o sr. Berry.

Minha mente gira ao vê-lo enchendo um copo e me trazendo a água. Bebo um gole, a mente ainda a toda, e de repente noto que o sr. Berry está tentando chamar minha atenção. Os juizes estão falando comigo, mas não os ouço.

— Desculpe, o que disse? — pergunto, voltando ao tribunal.

— Eu disse, o que deu em você, Celestine? É uma pergunta simples, não? — A juíza Sanchez está me olhando por sobre a armação dos óculos, que combina com seu batom.

Era uma pergunta que minha mãe fizera e que inúmeros outros também fizeram. O que deu em mim? Nunca tive uma resposta para isso, mas agora tenho. Não é a resposta que ensaiei com o sr. Berry, mas são as únicas palavras que minha boca me permite dizer.

— Ele me lembrava meu avô — digo, e é como se o ar tivesse se esvaído da sala. Nenhum som. Vejo Carrick se ajeitar nos fundos, ainda mais alerta do que antes. Agora vejo os olhos dele, que estavam escondidos por sob o boné. Ele está olhando diretamente para mim. De alguma forma, tê-lo olhando para mim fez com que eu me sentisse mais forte.

— O velho, o nome dele é Clayton Byrne — digo, mais perto do microfone, a primeira vez que o nome dele é mencionado. — Quando Clayton entrou no ônibus, pensei que era meu avô. — Penso em como me senti quando ele começou a tossir. — Ele estava tossindo e pensei que ele iria morrer. Não me importei com o fato de ele ser Imperfeito, só vi uma pessoa, um ser humano que me lembrava meu avô e a quem ninguém estava ajudando. Então, para responder à sua pergunta, o que deu em mim... a resposta é: compaixão. E lógica. Ele não se sentou, eu o ajudei a se sentar. Na hora — falo a todos agora, querendo que entendam — achei que era a coisa certa a fazer.

Balbúrdia. Confusão. Barulho. Marteladas e mais marteladas na bancada.



Olho em volta e o que vejo é insano. A imprensa está lutando para sair e fazer suas reportagens urgentes, algumas pessoas estão de pé, apontando as mãos na minha direção, com repulsa. Os que me deram apoio se sentem traídos. Vejo minha amiga Marlena esconder o rosto com as mãos. Ela me defendeu e eu não correspondi. Os Imperfeitos nos fundos parecem verdadeiramente emocionados, alguns com raiva por eu ter levado isso longe demais, por ter permitido que o nome de Clayton Byrne fosse denegrido por um dia sequer. Minha mãe chora e é consolada pelo papai, que apoia a cabeça dela em seu peito e a embala ao mesmo tempo que abraça Juniper, que olha para o chão, surpresa.

Em meio a toda loucura, o vovô se levanta e aplaude com um sorriso de orgulho no rosto. Concentro-me naquela expressão, naquele rosto, enquanto por dentro minha mente e meu corpo tentam lidar com o que tinha acabado de fazer.

Os juízes batem com seus martelos, tentando serem ouvidos pelo público, um tentando ser mais ouvido que o outro.

Os Imperfeitos estão emocionados, como se fosse uma vitória para eles. Eles se abraçam, tomando o cuidado para não se reunirem em grupos maiores do que dois. Os filhos do velho se abraçam, chorando e felizes pelo nome do pai ter sido limpo. Não espero receber nenhuma gratidão por algo que deveria ter dito desde o início.

Vejo Carrick na última fileira. Ele tirou o boné e empinou o nariz. Está imóvel e firme em meio a toda confusão ao nosso redor, balançando a cabeça em minha direção num sinal de apoio, seus olhos nos meus, sem se mexer. Concentro-me nele. Finalmente não está me julgando, finalmente não ri de mim. Não tinha percebido que era o respeito dele o que eu tanto queria, mas agora percebo que, sem nem mesmo ter conversando com ele, sabia o que ele pensava de mim e

concordava com ele. Sei disso porque, a despeito do horror dentro de mim quanto ao que estava por vir, estava satisfeita.

Concentro-me em Carrick^[1], mesmo depois que Tina e Bark vêm me pegar. Eu o observo, imóvel, forte e em silêncio, como a rocha do seu nome.



Tina e Bark me tiram do tribunal e me levam de volta à sala de espera onde eu comi meu almoço há pouco. Minha cabeça ainda está em disparada pelo que acabou de acontecer. Tudo é um borrão e preciso que alguém me faça ver as coisas com mais clareza, que me lembre do que aconteceu. O que foi que eu disse?

Noto que Tina me segura com mais força do que o normal e que está mais séria.

— Tina? — Percebo o medo em minha voz. Não tenho mais a certeza e a coragem de antes, se é que eram certeza e coragem. Aprendi que ser corajosa significa sentir medo o tempo todo. A coragem não nos domina, ela luta e enfrenta as dificuldades por meio das palavras e das atitudes que você toma. É uma batalha ou uma dança que vai se impregnando. É preciso coragem para vencer, mas é preciso muito medo para ser corajoso.

Tina me ignora, olha para o outro lado de propósito, mas posso ver a cara de nojo.

— Você tem ideia de como fez de mim uma idiota? Acreditei em você. Disse a todos que você era boazinha.

— Tina, eu... desculpe. Não sei o quê...

— Agora está feito — diz ela bruscamente.

Ela me leva para dentro da sala, então eu olho em volta e de repente tenho medo, sentindo-me insegura do que vai acontecer daqui a um segundo. Bark fecha a porta. Ouço a tranca e estou sozinha.

Ouço passos na minha direção, pelo corredor. Passos barulhentos e apressados. Só dois pés. Fico no meio da sala e me abraço.

— Abra! — ouço Bosco gritar e dou um salto, assustada.

A porta se abre de repente e vejo o manto vermelho. É Bosco, mas não o Bosco que conheço. Seu rosto é como um trovão, e o rubor combina com o manto.

— Com o que você acha que está brincando? — grita ele, como nunca antes gritaram comigo, e fico paralisada.

Tina lança a ele e a mim um olhar nervoso e fecha a porta sem fazer barulho, habilmente, me deixando lá dentro sozinha com ele.

— Bosco, eu...

— *Juiz Crevan!* — grita ele. — Você vai sempre me chamar assim, entendeu? Faço que sim freneticamente.

Ele parece notar o efeito que está tendo sobre mim e se acalma um pouco. Ele fala mais baixo.

— Celestine. Você me deu sua palavra. Conversamos sobre o que você faria. Eu coloquei minha honra e minha *carreira* em risco por você e você me traiu.

— Não, digo, não achei que... — balbucio, mas ele me interrompe.

— Não, você não pensou em nada, não é mesmo? — diz ele, andando de um lado para o outro, refletindo, e fico feliz por não estar mais na sua linha de tiro. — Eles estão tendo um dia e tanto lá com tudo isso. Minha própria imprensa e o público. Uma jovem de dezessete anos, educada, de fazer inveja a todas as outras jovens, como elas construíram sua imagem, como *eu* construí sua imagem... — ele revira os olhos — fala no tribunal, admite e tem *orgulho* de ser Imperfeita. Você tem ideia do que significa isso? Do quanto isso é perigoso? Isso pode desencadear toda uma geração de imperfeição, de cobiça e erros. — Ele para de andar de um lado para o outro e se aproxima do meu rosto, e me pergunto como um dia pude achá-lo lindo, já que toda a beleza desapareceu agora. — Você não entendeu, Celestine, que nada disso tem a ver com você? Tem a ver com o futuro do país, tem a ver com garantir que líderes confiáveis, perfeitos, éticos e moralmente competentes tomem as decisões e nos levem a tempos prósperos. Você não entendeu isso?

Ele está falando perto do meu rosto, exigindo respostas e explicações, e mal consigo pensar.

— Não deixarei que *eles* a tenham como menina-propaganda. Queria que você estivesse do nosso lado.

— Estou do seu lado, Bos... juiz Crevan — corrijo-me rapidamente. — E acho que você não precisa se preocupar com o efeito que isso terá sobre as pessoas. Não vou motivá-los. Não conseguiria liderar ninguém, mesmo que tentasse. Só quero ser normal. Só quero me enquadrar. Quero ficar com minhas amigas, ir para casa. Não quero que ninguém faça de mim algo que não sou — digo, os olhos cheios de lágrimas. — Você sabe que amo muito Art. Adoro fazer parte da sua família. Jamais faria algo que os prejudicasse. Sinto muito por tê-lo constrangido e sinto muito por tê-lo colocado nessa situação, mas simplesmente não poderia fazer aquilo com o velho. Não poderia deixar que ele fosse punido por algo que fiz.

— Quem? — pergunta ele, confuso.

— Clayton Byrne. O Imperfeito.

— Mas ninguém lhe contou? Ele morreu, Celestine. Morreu no hospital ontem à noite. Eu lhe disse que ele não sobreviveria para ser castigado.

— Ah — digo, a voz trêmula. Então tudo foi em vão?

— A família dele não deveria estar no tribunal. — Ele continua a andar de um lado para o outro. — Eu não teria permitido. Deve ter sido a Sanchez. Ela está dentro de um jogo e Jackson está cedendo. Ela está contra mim há algum tempo, mas agora que aumentou a aposta. Isso é um nível bem diferente.

Suor escorre por sua testa. Nunca tinha visto aquilo antes, nem mesmo no dia mais quente do ano, enquanto ele preparava o churrasco. Seus cabelos, que se despentearam por causa do ataque de fúria, começa a grudar nas gotas de suor na testa. Ele para de andar e me olha, desesperado, perto do meu rosto.

— Você desmentiria, Celestine?

— O quê?

— Ainda podemos mudar isso. Vai ser difícil, mas Pia consegue. Um *reality show*. Ela pode segui-la por aí, mostrar ao país como você é perfeita. E ao mundo. Você sabe que há outros países pensando em adotar o nosso sistema? Eles têm nos observado há algum tempo. Eu posso vir a me tornar o presidente do Tribunal Global. Vou dar uma palestra em Bruxelas este mês. Celestine, não poderia haver momento pior. — Ele me olha novamente, desesperado, furioso,

intenso. Aterrador. Art não tem nada a ver com este homem. Eu não vejo mais nele o rosto que amo. — Você desmentiria?

— Eu... eu... eu não posso. — Não posso voltar lá e retirar o que disse. Seria completamente ilógico. Quem confiaria em mim?

Eu me deixava conduzir por Bosco. Achava que ele sabia tudo, que era perfeito, mas fico surpresa ao vê-lo agora assim em pânico, em conluio, desesperado para manter seu poder. Ele está apegado a amarras tão delicadas que se desintegram ao menor toque, e está me usando no meio de tudo isso. O vovô tinha razão.

— Não posso. Desculpe — digo, baixinho. — Pode deixar que eu mesma explique isso para o Art?

Ele fica mais sério e eu me preparo para outro grito, mas ele fala tão baixo que tenho de me esforçar para ouvir, o que obviamente é pior. Ele fala quase num assobio.

— Se você acha que vou deixar meu filho chegar perto de você novamente, está louca. Mesmo que este tribunal não a considere Imperfeita, não pretendo deixar que você chegue perto dele outra vez, principalmente agora que você é Imperfeita, Celestine North, Imperfeita até a alma.

E assim ele se vira e vai embora, seu manto vermelho esvoaçando atrás dele. Ele bate a porta com força.



Alguns minutos mais tarde, Tina abre a porta, com uma nova guarda mulher.

— Eles estão prontos para você. — Talvez pensando na própria filha, ela ameniza o tom. — Esta é June.

June fala.

— Bark está aquecendo o ferro, Imperfeita, vai queimar gostoso sua pele linda.

Olho aterrorizada para Tina e vejo que ela está encarando June com raiva. Paro de andar, com medo de seguir adiante, mas elas me puxam.

— Vamos, continue andando — sussurra Tina.

Sinto minhas pernas fraquejarem, quase caio e Tina e me levanta.

— Você não foi marcada ainda, Celestine. Eles têm de listar suas imperfeições antes.

Deixo que elas me levem por um labirinto de corredores. Sigo mancando com elas, como se fosse uma boneca de pano. Paramos numa porta nova. Talvez já tivesse passado pela porta antes, não lembro, estava atônita.

Tina me olha.

— Pronta?

— Não.

A porta se abre e o lugar explode.

A primeira pessoa que vejo é Carrick, nos fundos da sala. Ele se endireita ao me ver, vira o corpo na minha direção e quase me segue enquanto eu avanço até meu lugar. Percebo o respeito dele por mim; hoje à noite ele não dará as costas

para mim na cela.

A sala é quente e abafada. Sinto o cheiro de suor e empolgação, minha vida como diversão para os outros. Vejo uma mulher oferecer doces ao homem ao lado dela. Eles mastigam os doces ao me verem passar, me olham de cima a baixo como se eu não os visse.

Sento-me ao lado do sr. Berry.

— O que está acontecendo? — pergunto a ele, e ele dá de ombros, parecendo tão confuso quanto eu.

— Srta. Celestine North, por favor, levante-se — diz Crevan.

Levanto-me, minhas pernas trêmulas. Minha mãe se segura no meu pai. O chapéu do meu avô está em suas mãos e ele o segura com força, os nós dos dedos chegam a estar brancos.

Só eu me levanto no tribunal e percebo que é assim que será pelo resto da minha vida, sozinha e marcada para sempre por causa de um gesto.

Ouçõ a porta se abrir de repente e os três juízes erguem as cabeças.

— Não fala isso — grita uma voz da porta.

É Art. Viro-me. Ele não usa disfarce.

— Art — digo para ele, com medo, e percebo a hesitação na minha voz.

— Ordem no tribunal! — diz o juiz Crevan, batendo com o martelo.

— *Não faça isso com ela!* — grita ele novamente.

— Prendam-no! — diz Crevan, olhando para baixo e mexendo nos papéis, nervoso.

Dois membros da segurança o agarram pelos braços e ele grita e luta enquanto eles o levam para fora. Desvio o olhar, viro-me para a frente, volto a fixar o chão.

— Devo continuar? — pergunta a juíza Sanchez a Crevan, com aquela voz suave, toda melosa e calma.

— Não! — grita ele. — Celestine North — diz ele, olhando para mim, os olhos furiosos e avermelhados. Ele está sendo direto agora. — Sua autoproclamada bravura no tribunal sugere que você pretende se transformar numa garota-propaganda, e não poupamos garotas-propaganda aqui. Não quando

a mensagem que você passa é perigosa à sociedade. Vemos você como um veneno prestes a ser inoculado em nossa sociedade boa e próspera. Então aguente isso pelo povo, menina-propaganda. É raro que um acusado receba mais de uma marcação, mas se você pretende ser vista e adorada por alguns na sociedade, então que eles vejam suas imperfeições em todos os lugares. Todos temos de levar em conta a seriedade de suas ações, que foram feitas publicamente, diante de uma plateia. Este não é um acontecimento privado que fez mal a poucos. É um acontecimento público que se tornou ainda mais público. Você atraiu a atenção do mundo, srta. North, e por isso temos de passar uma mensagem. Vou mencionar suas marcações.

Marcações?

Ele para e a sala fica num silêncio tão completo que todos podem ouvir meu coração batendo.

— Por roubar da sociedade, você será marcada na mão direita. Sempre que for cumprimentar uma pessoa honesta, ela saberá do seu roubo.

As pessoas começam a falar, pensando que ele terminou, mas ficam em silêncio quando ele continua.

— Por sua opinião equivocada, sua têmpora direita.

Duas marcações. E ele continua, arfando.

— Por seu conluio com os Imperfeitos, por se unir a eles e se afastar da sociedade, a sola do seu pé direito. Sempre que você entrar em contato com a terra, até mesmo ela saberá que você é Imperfeita até a raiz.

Quando ele continua com uma quarta Imperfeição, a plateia volta se manifestar. Três marcações até agora e não vai parar por aí, algo inédito. Só uma pessoa recebeu três marcações na história do Tribunal.

— Por sua deslealdade para com o Tribunal e toda a sociedade, seu peito, a fim de que todos os que desejarem confiar em você e amá-la no futuro vejam a marca de sua deslealdade sobre seu coração. E, por fim, pelo fato de você ter mentido para este tribunal sobre suas ações, sua língua, para que qualquer um que fale com você ou a beije saiba que suas palavras jorram de uma língua marcada e que você não é mais digna de confiança.

Caos no tribunal. As pessoas estão gritando, celebrando a justiça feita, a escória que volta a ser reconhecida na sociedade. Outros gritam com raiva dos

juízes pela grande injustiça. Mais ainda do que antes, agora que ouviram a decisão. Ganhei apoiadores, mas não muitos, e para que servem eles agora? Tarde demais. O Dia da Sentença chegou e enfrento meu maior medo: marcações, e não só uma, mas *cinco*. Inédito.

Minhas pernas tremem tanto que cedem, e o sr. Berry tenta debilmente me segurar pelo braço, ainda que seu coração não queira. Tina corre para o meu lado imediatamente e me segura. June agarra o outro braço e sou levada em meio ao público histérico no tribunal, saio pela porta e atravesso o pátio, onde gritam e cospem em mim. Objetos me atingem, a segurança extra contém a multidão que tenta avançar sobre mim, mais jornalistas do que nunca enfiam as câmeras no meu rosto e mal consigo enxergar para além dos flashes. Rapidamente vejo uma tela numa parede do Castelo das Terras Altas e percebo que meu caso estava sendo transmitido para o público ali fora, e uma multidão ainda maior se reúne para além das barricadas, muitas pessoas sentadas em cadeiras dobráveis.

Volto à cela, coberta por coisas nojentas que as pessoas jogaram em mim, meus ouvidos zunindo por causa dos xingamentos, meus olhos ainda vendo os flashes das câmeras. Tento me ajustar à luz, mas é difícil. Tropeço e caio, mas Tina me levanta. Percebo os olhares de preocupação que Tina e June trocam. Elas se sentam comigo; elas estão tão abaladas quanto eu.

Noto que estão cobertas pelas mesmas coisas que eu.

— Desculpe — digo para as duas.

June parece surpresa com meu pedido de desculpas.

— Estamos acostumadas — diz Tina, limpando ovos derramados. — Mas não tanto. Olhe, isso é novidade para todos. Que tal tomarmos chá?

June faz que sim e vai até a cozinha dos guardas.

— Vou lhe arranjar roupas limpas. — Tina me deixa sozinha. — Tenho de aconselhá-la a ler aquele folheto ali.

O arquivo dos Imperfeitos, que me prepara para meu novo futuro.

Assim que ela sai, Carrick volta, acompanhado por Funar, correndo na velocidade máxima, como se não pudesse correr rápido o bastante. Ele me olha com preocupação. Olhos grandes e negros, preocupados e perdidos. Ele entra na cela e vai para a parede que nos separa. Lembro-me do primeiro dia, quando ele me deu as costas. Desta vez ele coloca a mão esquerda sobre o vidro.

Não sei o que ele está fazendo, mas ele não tira a mão e de repente tudo faz sentido. Junto-me a ele e ergo a mão direita sobre o vidro frio, espalmando-a sobre a dele. Minha mão parece a de uma boneca perto da dele e percebo que o vidro que nos separa é a única coisa que nos une. Apoio a cabeça no vidro e a mão dele percorre meu rosto, depois se afasta e dá um soco no vidro.

Não sei quanto tempo ficamos daquele jeito, mas começo a chorar. Nunca nos falamos.



As “roupas limpas” com as quais Tina volta é uma camisola vermelha como a de um hospital, amarrada nas costas e com um decote na frente que se abre para minha marcação no peito. É o que tenho de vestir na Câmara de Marcação. Reconheço-a por causa do homem Imperfeito a quem Carrick e eu fomos obrigados a ouvir gritar enquanto tinha a pele marcada.

Carrick range os dentes com força ao me observar vestir a camisola, seus olhos negros são como um lago escuro profundo. Ele não me ignora mais. Não há mais expressões irônicas e olhares sarcásticos. Tenho toda a atenção dele agora, todo o seu respeito. Mal consigo fugir de seus olhares. Quando volto da área de troca, vejo que a cela dele foi bagunçada e que ele foi derrubado por Bark. Ele não reagiu bem ao meu veredito. Talvez isso o tenha deixado ainda mais inseguro com seu próprio veredito. Não nos despedimos. Não consigo nem mesmo ver seu rosto, que está sob o joelho de Bark, a bochecha grudada no chão, virada para o outro lado. Nosso contato para sempre se manterá no silêncio, até mesmo porque nunca precisamos de palavras. Não tenho dúvidas de que ele acabará por usar uma camisola semelhante e fará o mesmo caminho que estou fazendo agora.

Antes de entrar na Câmara de Marcação, sento-me numa salinha de espera com Tina e June. Elas repassam panfletos informativos comigo sobre o que acontecerá, o que verei e sentirei, o que aparentemente é nada depois da anestesia, e como tratar os ferimentos. Elas me entregam alguns folhetos sobre os cuidados que devo tomar depois, sessões de terapia, telefones de emergência, tudo sinalizado com a marcação dos Imperfeitos. Assino alguns documentos – declarações rápidas e curtas aceitando toda a responsabilidade sobre o que está prestes a ocorrer – concordando que o Tribunal não pode ter responsabilidade se as marcações derem errado ou se houver efeitos colaterais. Tudo é discutido de

uma forma muito objetiva, com calma, como se estivesse prestes a fazer uma plástica no nariz.

Ao sair da sala de espera e entrar no corredor longo e estreito que leva à Câmara de Marcação, vejo Carrick do lado de fora, no banco onde nos sentamos juntos, protegido por Funar. Funar tem um sorriso de desprezo no rosto e vejo que ele está feliz com minha situação e por Carrick ser obrigado a ouvir tudo. Carrick ouvirá meus gritos. Minha família ouvirá meus gritos. Eu *vou* gritar.

Não. Não deixarei que isso aconteça. Não vou permitir que façam isso comigo. Não vou gritar.

Sinto-me cheia de coragem, e acredito que é a primeira vez que realmente me sinto assim. No ônibus foi compaixão, no tribunal minha confissão foi por culpa, não bravura, mas agora estou com raiva e cheia de coragem.

Nossos olhos se encontram. O olhar dele é forte e sinto o efeito de sua encarada sobre mim.

— Vou encontrá-la — diz ele de repente, sua voz grossa e firme, e fico surpresa ao ouvi-lo falar.

Agradeço com um meneio de cabeça porque não confio em minha capacidade de falar. Ele me dá a força de que preciso para entrar na sala sem enlouquecer, até porque não quero me descontrolar diante dele. Meus pais e o vovô já estão sentados atrás do vidro, como se estivessem no cinema esperando pelo início do filme, mas seus rostos refletem meu próprio horror. Eles não querem ver o que está prestes a acontecer, mas estão aqui para eu não passar por isso sozinha. Ao vê-los, penso que preferia estar sozinha, uma sensação estranha para mim, que sempre quer estar cercada pela família. A exclusão da sociedade já está me afetando, fazendo com que eu me sinta distante da minha família, uma estranha que só pode viver sozinha.

O sr. Berry também veio, o que me incomoda, apesar de eu ter certeza de que ele está aqui apenas por questões legais. Sei que Carrick está ali depois da porta aberta, e isso me dá força.

Tina me coloca na cadeira. É como uma cadeira de dentista, nada incomum exceto pelo fato de que meu corpo está preso a ela — nos meus tornozelos, pulsos, cabeça e cintura — para que eu não possa chutar e me debater ao ser marcada. Eles querem imprimir um símbolo claro na minha carne para todo o sempre, e não ignoro a ironia da ideia de um símbolo Imperfeito perfeito. Tina é

cuidadosa ao fechar as amarras. Sinto até mesmo uma trégua no sarcasmo de June. Agora não é hora para isso. Estou recebendo o que mereço, o castigo falando por todos.

Bark está ocupado com o equipamento, fazendo tudo o que precisa.

A cadeira motorizada reclina. Fecho os olhos para me proteger das luzes do teto. Sinto minha pele quente sob as luzes, sob os holofotes e no meio do palco para que todos vejam. É isso.

— Melhor não olhar — sussurra Tina em meu ouvido ao fechar a amarra na minha testa. Não posso mesmo olhar. Não posso me mover.

Eles injetam anestésico na minha mão direita e ela fica adormecida no mesmo instante. Bark pega um ferro em brasa e vejo o *I* dentro de um círculo na ponta dele. Minha mão está espalmada e meus dedos, amarrados, minha mão obrigada a ficar aberta. Tudo é feito com simplicidade e rapidez. Nenhum equipamento moderno, só o ferro em brasa e uma contagem até três feita por Bark.

— Um, dois... — E a queimadura.

Contraio-me, mas não sinto a dor. No máximo uma surpresa. E o cheiro da carne queimada, o que me dá náusea. Não grito. Não vou gritar.

— Aqui está um balde, se você precisar — diz Tina, de repente ao meu lado como uma parteira.

Faço que não com a cabeça. Ouço o choro por dentro, vejo a queimadura na mão aberta. A ferida em carne viva na minha pele lisa. Mais quatro vezes. É na língua que mais temo. Sei que deixarão isso por último, eles já me disseram isso, porque deve ser o pior.

A sola do meu pé direito é anestesiada e perco toda a sensibilidade imediatamente.

Bark se aproxima do meu pé. Ele olha para meu tornozelo e franze o cenho, vendo a torção.

— Onde você conseguiu isso? — pergunta ele.

— Bark — repreende Tina. — Eu a deixei ficar com isso. Continue.

— Não... Eu... Eu só... é só que fui eu que fiz. Para um jovem. Para o namorado dela. Ele disse que ela era perfeita... — Ele me olha, compreendendo tudo.

Lembro-me do que Art me disse ao me dar a tornozeleira, que um homem no Castelo das Terras Altas havia confeccionado para ele. Bark é o homem que me marcou como perfeita e o mesmo homem que me marca como Imperfeita. Trocamos um olhar demorado.

— Bark — diz June, séria.

Bark revela seu lado humano por um momento, e seus olhos tristes passam pelos meus, e então ele desfaz o encanto:

— Segure-se — diz Tina, a mão no meu ombro.

— Um, dois... — E a queimadura.

Vejo mamãe chorando numa pilha de lenços, sua compostura completamente desfeita, arrasada, destruída. Meu pai está de pé, andando de um lado para o outro. Um guarda ruivo está perto dele, olhando-o com preocupação, prestes a intervir se o papai cruzar a marca. Não os ouço, mas eles podem me ouvir. Tudo faz parte do medo que querem impor ao público. Deixar que eles ouçam meus gritos. Cometa um erro e você acabará como ela.

Até agora não emiti nenhum som, nem vou.

A mão de Bark aparece e ele injeta o anestésico no meu peito. Novamente, tudo fica adormecido. O ferro em brasa vem em minha direção. Sinto o calor. Sinto a mão de Tina me apertando e percebo que não tem nada a ver com apoio; é apenas o procedimento padrão. Ela está me preparando, mas agora já estou prestes a desmaiar. O cheiro é insuportável. É o cheiro da minha própria pele queimando.

Sinto uma lufada de ar. June abriu uma janela ou coisa assim, deve ser para se livrar do cheiro de carne queimada. Eles não estão acostumados com isso, dá para ver pela ansiedade em cada rosto. Uma pessoa Imperfeita recebe uma marcação, raramente duas. Um homem em toda a história recebeu três, mas nunca, jamais cinco. Sou a única pessoa do mundo a receber cinco marcações. Sinto-me tonta, mas sei que não estou me movendo. Fecho meus olhos com força.

— Um, dois... — E a queimadura.

Acho que não consigo respirar. Não senti a dor no meu peito, mas é como se psicologicamente tivesse sentido. A pressão no meu peito é tão forte que quero soltar as amarras. Luto contra elas, ainda sem gritar. Eu me recuso a gritar. O

chão está se movendo. Está subindo. Vai me atingir no rosto.

— Celestine? Celestine, você está bem? — Ouço Tina, mas não consigo me concentrar nela, o rosto dela continua se movendo. Ela está dizendo algo sobre um balde, mas não consigo me concentrar. Continuo pensando na língua. Vejo a língua de Clayton Byrne quando ele tosse em meu rosto. Não quero que minha língua seja marcada.

Tina me diz para respirar fundo.

— Isso é demais para ela — diz Tina, preocupada, para Bark, que para surpresa de todos também está hesitante. — Precisamos avisar a alguém. Talvez fazer um intervalo. Fazer o restante amanhã.

— Gente, sei que é difícil, mas precisamos fazer isso — diz June, baixinho. — Quanto mais conversarmos, pior será para ela. Não vamos mais prolongar isso. A família está assistindo — acrescenta ela, sussurrando. — Vamos acabar com isso, para o bem de todos.

Uma injeção na minha têmpora. Mais rápido desta vez.

A mão de Tina aperta meu ombro. Sei que quando alguém aperta meu ombro eu volto à realidade.

— Um, dois... — E a queimadura.

Engasgo. Tenho ânsia de vômito. O cheiro de carne queimada. Minha própria carne.

Bark está murmurando algo.

— Deus do Céu — diz June, de repente mudando de ideia. — Deveríamos cuidar dos ferimentos agora. Está demorando demais.

— Você está se saindo muito bem, Celestine — diz Tina em meu ouvido. — Uma verdadeira heroína, quase terminamos. Agente firme.

Eu meio que rio e meio que choro.

Levanto a cabeça e vejo meus pais e o vovô de pé, enfileirados na janela. Expressões furiosas, perplexas. O sr. Berry não está nada feliz. Ele está ao telefone, andando de um lado para o outro. Ele ouviu a preocupação dos guardas e provavelmente está tentando fazer algo a respeito. O vovô está discutindo com um segurança. Sinto a tensão na sala daqui. Respiro fundo, não vou gritar.

— Aqui. — Bark surge na minha frente com uma garrafa d'água e um canudo. É um truque, deve ser um truque. Tina leva o canudo à minha boca e, ao sugar a água, penso na minha língua sendo queimada. É a próxima. Tenho ânsia de vômito novamente. Não consigo beber a água.

É um pandemônio na galeria. Sinto a energia deles, seus movimentos ao acaso, furiosos. Meus olhos se movem de um lado para o outro. Tento me concentrar, mas não consigo. Sei por que estou aqui e não sei por que estou aqui. Compreendo e não compreendo. Acho que é justo e acho que é injusto. Queria jamais ter feito o que fiz e fico feliz por ter feito. Quero e não quero gritar.

De repente, minha família se dispersa como um bando de pássaros, como se algo tivesse sido jogado neles, e vejo o juiz Crevan diante de mim, um sorrisinho de desprezo se abrindo. O sr. Berry deve tê-lo chamado, deve ter tentado impedir este ato desumano. Tarde demais, mas agora ele está aqui na Câmara de Marcação. Ele me impede de ver minha família.

— Já tivemos o bastante, não é, Celestine?

Gemo. Não vou chorar. Não para ele.

Dizem que estou entorpecida, mas sinto coisas no meu corpo ferido. Formigamento. Quando a anestesia passar, aquilo vai se transformar em pontadas e depois na dor de queimadura. Não quero que a anestesia passe. De repente, este é meu maior medo. Queria ter prestado mais atenção às informações na minha cela... quanto tempo leva para a anestesia passar?

— Eu avisei. Disse que isso aconteceria, mas você não deu ouvidos.

O manto vermelho de Crevan é da mesma cor da cicatriz na minha mão, e acho que do meu pé, do meu peito e da minha têmpora. Meu sangue está em seu manto. Ele fez isso para mim. Ele. Não sinto nada além de nojo dele. Pensava que não poderia sentir medo de alguém tão humano, mas agora percebo que é o humanismo dele o que mais me assusta, porque, a despeito de todas as qualidades, depois de tudo o que fizemos juntos, ainda assim ele fez aquilo comigo. Agora o acho assustador. Vejo seu lado perverso.

— Ah, Celestine, me dói vê-la assim. Não sou o vencedor aqui, sabia? Art diz que nunca mais vai falar comigo. Parte meu coração, como você pode imaginar. Primeiro perdi Annie e agora, Art. E você provocou isso.

Fique quieta, digo a mim mesma. Mais uma marcação e tudo acabará. Tudo

acabará.

— Estou aqui para lhe dar misericórdia, Celestine. Diga que sente muito, admita que estava errada, que você é Imperfeita, e vou cancelar a marcação na língua. É a pior. Todos dizem.

Tento fazer que não com a cabeça. Mas não consigo. Não vou falar. Em vez disso, tiro a língua para fora, mostrando que estou pronta para a marcação.

Vejo o olhar de surpresa no rosto de todos. O vovô soca o ar desafiadoramente, não feliz, mas explodindo de raiva. Ele não quer que eu ceda. Cheguei tão longe que seria ilógico parar agora, e eu não terei ganhado nada em troca. Sinto lágrimas escorrendo pelo meu rosto, mas não estou chorando.

— Marque a língua dela — diz ele friamente, depois se afasta.



Vejo minha família também recuar do vidro, é demais para eles ficar perto de Crevan.

Minha família não fica sentada sem fazer nada. Nem o sr. Berry, que começa a bater no vidro, tentando chamar a atenção de Crevan. Meu pai empurra o guarda, tentando obrigá-lo a fazer algo para parar com aquilo, e eles acabam brigando. Nunca tinha visto meu pai daquele jeito antes. Crevan se vira e observa o pandemônio.

— Tire a família daqui! — grita ele. Funar aparece na porta e consegue arrancar mamãe e vovô da sala. O sr. Berry os segue, gritando e discutindo com Funar. O papai está brigando com o guarda, dando-lhe um soco no queixo, mas de repente Funar reaparece, depois de levar minha família para algum lugar, provavelmente para a sala de espera ou as celas próximas, e pega o papai de surpresa. Os dois guardas o dominam e o tiram dali. A sala está vazia agora.

— Ah, meu Deus — sussurra June atrás de mim.

— Marque-a! — diz Crevan.

Choramingo baixinho quando eles abrem minha boca e colocam um grampo nela.

— Vai ser rápido, querida — diz Tina, em um tom de urgência e em pânico.

— Afaste-se dela — exige ele furiosamente.

— Se não faz diferença para o senhor, gostaria de fazer meu trabalho e permanecer ao lado dela — diz Tina, a voz trêmula.

— Muito bem.

Uma injeção na minha língua e imediatamente ela parece inchada e enorme na

minha boca. Engasgo.

— Um, dois... — E a queimadura.

Não grito. Não posso. Não tenho mais a língua. Quero chutar as pernas, bater os pés e agitar os braços, mas estou amarrada e não posso fazer nada. Só posso sentir meu corpo apertado pelas amarras e ouvir um som que só então percebo que vem de mim mesma. É pior do que um grito, é um som animal e gutural, algo que vem do fundo, uma dor que nunca senti nem ouvi antes. Um som que nunca mais quero ouvir, mas ouvirei repetidas vezes em meus pesadelos.

— Arrependa-se, Celestine! — grita Crevan para mim.

Não consigo dizer nada, já que minha língua está adormecida e parece inchada e grande demais, mas dá para ver que ele está furioso. Ele não está cedendo. Não estou seguindo seu plano. Eu deveria pedir desculpas e a marcação pararia. Nunca pedirei desculpas a ele.

— Juiz Crevan, temos de levá-la à enfermaria. Ela precisa de assistência médica para os ferimentos — diz Tina, com urgência em sua voz. — Nunca demoramos tanto assim. Temos de cuidar dela o mais rápido possível.

Sinto a amarra em torno da minha cabeça se soltar e consigo erguer a cabeça do encosto e olhar diretamente para ele agora.

— *Arrependa-se!* — grita ele para mim, mais alto.

Meneio a cabeça com vigor, negando. Cheguei tão longe... Tudo acabou. Nunca lhe direi que sinto muito, mesmo que agora seja o que mais tenha vontade de dizer.

Eles soltam minhas mãos e tornozelos. Fazem isso rapidamente, querendo me tirar, e talvez a eles mesmos, daquela situação. Eles me ajudam a me levantar, Tina de um lado, June de outro. Bark começa a limpar e esterilizar o equipamento. Eles mal podem esperar para me tirar ali. Não consigo andar, meu pé está dormente e minhas pernas muito trêmulas. Uma cadeira de rodas foi colocada ao meu lado.

— Marque a espinha dela — diz o juiz Crevan de repente, com frieza.

Bark se vira lentamente para ele.

— Como, senhor?

Tina e June ficam paralisadas e trocam olhares arregalados.

— Você me ouviu.

— Senhor, ela é só uma criança — sussurra Tina, e percebo o tremor em sua voz e sinto lágrimas prestes a cair.

— Marque.

— Senhor, nunca queimamos uma espinha dorsal antes — diz Bark, nervoso.

— Porque nunca vimos alguém tão Imperfeito quanto esta senhorita. Marque. A. Coluna. Dela.

— Não posso, senhor. Acho que teremos de consultar primeiro...

— Sou o chefe do Tribunal e você fará o que digo ou vai enfrentar meu tribunal amanhã pela manhã. Você está ajudando uma Imperfeita?

Bark fica paralisado.

— Está?

— Não. Não, senhor.

— Então vamos. Marque a espinha dorsal dela.

— Mas não temos mais anestesia.

— Faça sem.

— Senhor, a lei determina...

— *Eu sou a lei. Marque-a!* — grita ele. — É uma ordem do Tribunal!

— Não! — eu contesto, mas não é assim que parece. Minha língua está inchada por causa do ferimento e da anestesia. Sinto o sabor do sangue, sinto-o descendo por minha garganta. Começo a tossir. Tudo o que posso fazer é choramingar, mas aquele som me desagrada, então paro. Vejo a crueldade em seus olhos, o prazer que está tendo nisso tudo. Não o deixarei ter mais prazer.

Isso vai acontecer, e devo estar preparada. Tenho de ignorar a loucura e o pandemônio que acabaram de ocorrer na sala ao lado, a injustiça que está sendo cometida na câmara neste instante. Tenho de ignorar meus temores quanto ao que está acontecendo à minha família agora e encontrar tranquilidade dentro de mim mesma.

Tina e Bark abrem os laços nas costas da minha camisola.

— Ah, querida, sinto muito — diz June, segurando-me pelo ombro. — Ah,

meu Deus.

— Pare de falar — repreende o juiz Crevan.

Tina segura minha mão esquerda, a que não foi marcada, carinhosamente, então a segura com força, de costas para o juiz Crevan, a fim de que ele não veja as lágrimas que escorrem por seu rosto.

Bark se aproxima de mim com o ferro em brasa, hesitante.

— Marque-a! — repete o juiz Crevan, que depois me observa. — Se você quiser que eles parem, tudo o que precisa fazer é pedir desculpas.

— Ela não consegue falar, juiz — diz Tina em meio ao choro. — Como ela pode nos fazer parar?

— Ela pode, se quiser — diz ele, lentamente e baixinho.

Ele quer que eu grite, que me arrependa. Não o farei.

De repente, Carrick aparece na sala dos espectadores. Vejo lágrimas em seus olhos negros, então sei que ele ouviu tudo. Ele está ofegante, como se tivesse corrido uma maratona. Vejo suor e sangue em sua testa, e ele tem um dos lábios cortado. Há gotas de sangue em sua camisa. Funar, com o nariz quebrado, aparece na porta atrás dele, abaixado. O sr. Berry surge atrás de Carrick na sala, segurando o telefone. O guarda que brigou com meu pai entra na sala e corre para Carrick, que o derruba com um só golpe. O guarda cai desmaiado no chão. Sozinho, Funar não enfrenta mais ninguém e sai da sala, com a mão sobre o nariz quebrado. O sr. Berry fecha a porta e vejo seu rosto; ele de repente aparenta ter a idade que tem. Ele está segurando o telefone no ar, gravando. Crevan não notou o que aconteceu atrás dele. Nem Bark, June ou Tina o alertaram disso.

— Marque-a! — diz ele, com um tom de voz urgente, suor sobre os lábios. — Marque a coluna dela!

Carrick se encosta no vidro e me olha atentamente, obrigando-me a encará-lo. Ele levanta uma das mãos e a espalma contra o vidro. No mesmo instante me esqueço daquela loucura tanto na câmara quanto em minha mente e me concentro na imobilidade do corpo de Carrick. Concentro-me em sua mão. A mão da amizade que ele me ofereceu antes.

Vou te encontrar.

Ao menos tenho um amigo. Estou exausta. Estou imóvel. Estou pronta.

— Um, dois... — conta Tina. Mas nada acontece. Não sinto nada.

— Senhor juiz, não posso fazer isso — diz Bark. — Simplesmente não consigo, isto não está certo.

— Ótimo — diz Crevan, com rispidez. — Se você não vai fazer isso, faço eu.

Ele arranca o ferro da mão de Bark e toma o seu lugar. Bark passa para onde Crevan estava, e fica bem na frente de Carrick, impedindo que o juiz o veja. Eu não consigo tirar os olhos de Carrick; não vou tirar meu olhar de Carrick. Respiro fundo.

Quando o ferro em brasa toca minha espinha, o barulho que faço é o som mais alto, animalesco, agonizante e sofrido que jamais ouvi na minha vida, e ele ecoa pelos corredores do Castelo das Terras Altas para que todos o ouçam, para que todos saibam que a menina-propaganda de Crevan foi marcada.



Primeiro dia

Estou em casa, deitada na minha cama e acomodada em um monte de almofadas organizadas pela mamãe, que insiste em voltar para analisar seu trabalho antes de mexer nas almofadas outra vez, como se fosse uma obra de arte. Se ela não pode dar um jeito em mim, pode ao menos dar um jeito no cenário ao meu redor. Tudo isso é para a visita do dr. Smith, o médico da família. Depois de ver meus curativos, ele se senta na cadeira ao lado da minha cama e olha para a mamãe ao responder as perguntas dela.

— A queimadura na língua é diferente, dependendo do grau do ferimento. Uma queimadura de primeiro grau fere a camada mais externa da língua. Ela causa dor e inchaço. Uma queimadura de segundo grau dói mais porque atinge camadas inferiores da língua. Podem surgir bolhas, que é o que aconteceu aqui, e a língua fica inchada, como também vemos neste caso. Uma queimadura de terceiro grau afeta a camada mais profunda da língua. O efeito é uma pele queimada esbranquiçada ou enegrecida. Dormência ou dor severa.

Ou as duas coisas.

O dr. Smith suspira, seu rosto amistoso de vovô deixa evidente que isso é difícil para ele.

— Ela parece ter recebido os cuidados médicos corretos no castelo. A língua dela não está infeccionada, a bolha vai acabar sumindo. As papilas dela foram destruídas...

— Não que ela esteja comendo mesmo — interrompe a mamãe.

— Isso é esperado. Celestine passou por uma experiência difícil. O apetite dela voltará, assim como suas papilas, que se regeneram a cada duas semanas. A

dor irremediável que ela sente agora pode levar à depressão e à ansiedade.

Não diga.

A mamãe fica séria e ergue o queixo. Eu os vejo caminhando juntos, para perto de mim, por minha cama, como se eu não estivesse aqui.

— A maioria das queimaduras cicatriza em duas semanas. Mas algumas podem levar até seis semanas.

Ele me olha com tristeza, como se lembrasse que estou aqui.

— Mais uma coisa — acrescenta. — Há uma... sexta marca... — Ele parece incomodado em mencioná-la.

A mamãe o olha em pânico. Ele deixa a frase no ar.

— Nós nos conhecemos há muito tempo, Summer — diz ele, num tom carinhoso. — Cuidei de Celestine e de toda esta família em casos de sarampo e catapora, vacinas e tudo o mais. Posso lhe garantir que você pode confiar completamente em mim.

Ela faz que sim novamente e vejo o medo nela. Ela não estava na câmara durante as duas últimas marcações, ninguém da minha família estava, e não quero falar sobre isso. Nunca. Não sei nem mesmo o que o sr. Berry lhe contou. Mas ela é minha mãe e estava lá. Então ela pode imaginar o que Crevan fez no estado em que se encontrava, e está respeitando meu silêncio, mas sei que o papai quer saber. A pergunta está na ponta da língua dele sempre que olha para mim, mas ele se contém, talvez porque se sinta responsável por ter me incentivado a me manifestar e acabar passando por esta agonia.

— Voltarei daqui a alguns dias para ver os curativos, mas, se houver algo que eu possa fazer antes, entre em contato comigo.

Não me dou ao trabalho de aquiescer.

Todo mundo fala em meu nome agora. Eles falam sobre mim como se eu não estivesse presente.

Não estou aqui.

Fecho meus olhos e deixo que os comprimidos que tomei me ajudem a desaparecer novamente.

Segundo dia

Sono. Nada além de sono, e dor, e sonhos confusos.

Terceiro dia

Alguém bate em minha porta e fecho os olhos. Mamãe entra. Sei que é ela pelo perfume e a forma perfeita e fácil com que anda e se senta sem que nada saia do lugar. Depois de um tempo, ela fala.

— Sei que você está acordada.

Mantenho os olhos fechados.

— Era a Tina à porta. Tina do Castelo das Terras Altas. Ela perguntou por você. Não foi fácil para ela chegar aqui, principalmente com, você sabe, *eles* lá fora. Ela sabia que você não queria vê-la. Só queria lhe dar isso.

Abro os olhos e vejo uma caixa de belos bolinhos. Rosas, lilases, azuis e amarelos, com flores comestíveis cintilantes e borboletas.

— Ela disse que a filha dela fez isso para você. Você pode comer um esta semana — diz ela, tentando fazer com que isso pareça fabuloso.

Um luxo por semana é o permitido aos Imperfeitos. Faz parte da vida simples que devemos levar, para que possamos nos purificar. Devemos comer apenas o essencial, nada luxuoso ou chique, nada considerado desnecessário aos nossos corpos, à nossa vida. O básico. Nosso consumo é analisado ao fim do dia com um exame que ainda vou ter de fazer.

— E ela trouxe isso também. — Mamãe me entrega uma sacola.

É a sacola de papel da loja de artigos para turistas do Castelo das Terras Altas, o que me parece a coisa mais inadequada. Se ela acha que quero lembrar da pior experiência da minha vida, está redondamente enganada.

Dentro da sacola há uma caixa. Não queria mesmo abri-la, mas a curiosidade toma conta de mim. Dentro da caixa há um globo de neve com uma miniatura do Castelo das Terras Altas. Eu o chacoalho levemente e as partículas vermelhas brilhantes se agitam dentro do vidro. Extremamente inadequado. Até a mamãe acha que é algo de mau gosto. Fico surpresa com Tina, mas tenho certeza de que

ela estava tentando ser gentil, talvez até estivesse se desculpando, ou é só ilusão minha. Devolvo o globo na caixa e guardo no meu criado-mudo. Não quero ver isso de novo.

Fecho os olhos.

Quarto dia

Tenho uma visita. Angelina Tinder se senta ao meu lado na cama, usando preto da cabeça aos pés, um traje que nunca a vi usar antes. Ela parece uma senhora da Era Vitoriana de luto pela morte do marido. Ela usa luvas de couro sem a ponta dos dedos para esconder a marcação na mão. Seus longos dedos de pianista estão brancos como a neve sob o couro. Ela não tem permissão para usar luvas em público, mas pode usar em casa quando quiser. Tinder não está em sua casa. Ela está descumprindo a regra. Mas não é de mim que ela se esconde, e sim de si mesma. Ela se senta reta na cadeira, evitando olhar para mim, apenas o bastante para ver se estou ouvindo, e começa a falar.

Seus olhos estão avermelhados, como se ela não tivesse parado de chorar desde que foi marcada. A ponta do nariz está vermelha também. Ela está mais pálida do que nunca, com se não visse o Sol há semanas.

— Você terá um Delator para tratar do seu caso — diz ela. — Eles vão lhe dar a minha. É uma mulher mais velha. Uma mulher horrível com nada melhor para fazer. Ela se ofereceria para o cargo mesmo que não fosse paga. O nome dela é Mary May. Diz ser cristã. Ela é do mesmo tipo que antigamente queimava outras mulheres na fogueira. Ela nunca vai ceder, Celestine, lembre-se disso. — Tinder olha rapidamente para mim e desvia o olhar. — Ela vai tentar surpreendê-la. Ela acha que você é nojenta. — Tinder funga como se sentisse um cheiro ruim. — E são mesmo. Os Imperfeitos. Absolutamente repulsivos. Não somos um deles, Celestine, e jamais deixe que pensem isso de você. Mas no que é que você estava pensando ao ajudar aquele homem Imperfeito a se sentar? Ao dizer aquilo no tribunal? A notícia está em todos os lugares, você sabe disso. A imagem de você no ônibus se tornou viral. — Ela me olha com o rosto contorcido em uma expressão de confusão e nojo.

Não respondo. Não posso responder. Mesmo se pudesse, não responderia.

— Esteja em casa às dez e meia. Eles dizem às onze, mas ela estará esperando

por você e qualquer coisa pode acontecer. Leve em conta atrasos, erros, qualquer coisa. Talvez até tentem enganá-la. Eles estão sempre a testando. Perdi um toque de recolher uma vez. Não perderei novamente, posso lhe garantir. — Ela pensa por um instante. — Ela vai examiná-la todas as noites para ter certeza de que você está dizendo a verdade e seguindo as regras. Eles usam este exame para o sistema dar certo. Eles não podem vigiá-la o tempo todo, mas Deus sabe que vão criar algo em pouco tempo naqueles laboratórios. Uma câmera presa à nossa cabeça ou algo assim, vendo tudo o que vemos, ouvindo tudo o que pensamos. Porque é o que eles querem, você sabe. É como se quisessem nos invadir, entrar em nossos corpos.

Ela funga outra vez e coça os braços. Olho para sua mão e vejo que seus dedos tremem. Tinder me vê olhando.

— Eles não param de tremer. Não posso mais tocar. É como se não fossem mais meus.

Tudo fica em silêncio e me preparo para o próximo golpe, que não posso evitar.

— É horrível. Uma mulher me olhou outro dia como se eu tivesse matado todos os filhos dela. Eu preferia me matar a viver assim.

Fico feliz por minha língua estar ferida e eu não poder falar. Não saberia o que dizer.

— Boa sorte, Celestine.

Ela se levanta e sai.

Mamãe entra no meu quarto pouco depois com um olhar de esperança.

— Ela ajudou, querida?

Fecho meus olhos e desapareço.

Quinto dia

Acordo. E, como fiz nos últimos quatro dias desde que voltei para casa, forço-me a continuar dormindo. Percebo que tudo não é apenas um pesadelo. É a realidade. O sono é meu único amigo nestes dias, então me viro de lado, porque minhas costas doem demais, ajeito minha cabeça no travesseiro para que minha

têmpora não toque o tecido, tento não dobrar a pele no meu peito para não sentir dor e deixo a mão direita aberta, já que os curativos me impedem de fechá-la mesmo. Só assim consigo uma trégua, apesar de que, para uma menina que gosta de definições, uso o termo “trégua” com reserva.

Não saio do meu quarto há quatro dias. Deixo minha cama apenas para ir ao banheiro. Além do dr. Smith e Angelina Tinder, mamãe, papai e Juniper são os únicos que vi. Eles estão protegendo Ewan de mim, e concordo. A mamãe tem cuidado de mim dia e noite, limpado meus ferimentos, passando cremes e unguentos para amenizar a dor, evitar infecções. Acordei algumas noites para encontrar Juniper sentada na cadeira ao lado da minha cama fitando o nada, e depois despertei outra vez e ela não estava lá. Talvez tenha sido apenas um sonho. As coisas estão meio estranhas e tensas entre nós desde que voltei do castelo. Apesar de saber que ela não planejou nada disso que aconteceu comigo e nem tem culpa, algo borbulha dentro de mim, uma raiva pelo dedo que ela tem nisso tudo. Ela poderia ter me ajudado no ônibus e ter dado seu depoimento no tribunal dizendo que não ajudei o homem a se sentar. Por que ela não pôde dizer isso? Percebi a culpa dela assim que a vi ao voltar para casa, e fiquei com raiva, fiquei com vontade de culpá-la. Qualquer coisa para não me culpar.

Estou cheia de anestésicos, e gosto disso. Eles me deixam tonta, fazem com que eu me sinta fora do meu corpo, uma sensação que me tira da realidade e alivia o golpe. Mais ou menos sei que existe uma multidão do lado de fora da nossa casa, mas não a vejo e não conversamos sobre aquelas pessoas. Sei quando meu pai sai e chega do trabalho, não por causa do barulho do motor do carro, e sim por causa dos cliques das câmeras, o estrondo da multidão, as persianas fechadas, as perguntas gritadas. Algumas são gentis, outras são nojentas, direcionadas a ele enquanto caminha. Nunca ouço suas respostas, se é que ele responde alguma coisa, mas eu também gostaria de saber se ele ainda é capaz de amar a pessoa mais Imperfeita da história.

— Você ama sua filha, sr. North?

— Como você ainda pode amar sua filha? — grita outro.

Fico agradecida por pensarem que ainda há amor para mim, apesar de a multidão considerar a ideia incompreensível. Isso jamais aconteceria a eles, a alguém que eles amam. Impossível. Sou um veneno para algumas destas pessoas, e apenas uma diversão para outras. Percebi isso pela forma como alguns riem quando o papai se afasta e voltam a fazer o que estavam fazendo, achando

graça disso tudo. Minha vida é puro drama.

Reconheço algumas das vozes. São repórteres de fofocas, âncoras de notícias, vozes conhecidas do meu passado. E agora estão falando sobre mim. Só que não parecem estar falando de mim, não aquela pessoa, só uma versão animada que não reconheço. Eles analisam e dissecam meu comportamento melhor do que eu mesma. Estou fraca demais para me importar com isso e constrangida demais para ouvi-los direito. Tudo vem e vai nos meus ouvidos e mente, rapidamente desaparecendo de novo. Eu prefiro dormir.

Tem uma televisão no meu quarto, mas não a liguei nem meu celular. É pela parte de mim que perdi, a parte invisível que eu não sabia que era essencial. A parte que cedi para me tornar um nada.

Até aqui, tecnicamente minha vida como Imperfeita não afetou minha vida normal. Não saí para nenhum lugar, não fiz nada. Fiquei nesta cama, mas ao mesmo tempo não me sinto igual. Não é por causa das cicatrizes físicas e da dor, mas me sinto completamente diferente. Exatamente o que Crevan queria.

Alguém bate à porta e sei que é a mamãe. Descobri como saber quem está à porta, como identificar as batidas de cada um. O papai é hesitante como se estivesse com medo de me importunar, já a mamãe é direta, como se o quarto fosse dela. Ela nem mesmo espera eu responder para entrar. Viro-me de costas para vê-la, sentindo a dor em minha coluna ao fazer isso.

— Seu pai encontrou uma maneira de você receber visitas. Ele colocou insulfilm nas janelas do carro, então pode pegar as pessoas na estação e trazê-las até nossa garagem sem que ninguém veja.

A garagem tem acesso à cozinha, então ninguém tem de pôr os pés para fora da casa.

— Então, se houver alguém que você queira ver...

— Art — digo. Provavelmente a primeira coisa que disse em dias. Seria romântico, se a situação fosse outra.

Ela olha para as próprias mãos, o medo em seu rosto fica evidente por eu ter perguntando sobre Art. Achava que ele já teria me visitado a essa altura. Estive esperando. Ouvindo. Sempre que a campainha toca, espero que seja ele, mas não, nunca é.

— Ninguém sabe onde ele está — diz mamãe, por fim. — Depois do seu

veredito, ele foi para casa, fez as malas e desapareceu.

— Aposto como Crevan sabe onde ele está — digo, meio entorpecida, minha língua ainda pesada na boca. Minha garganta está seca e as palavras não saem fácil. Minha língua parece enorme. É o ferimento mais difícil de suportar por causa das bolhas e crostas.

— Não. Ele está quase ficando louco tentando encontrá-lo.

Sorrio. Que bom.

Mamãe me entrega um copo d'água com um canudo.

— As pessoas têm vergonha de me visitar? É por isso que têm de entrar pela garagem?

— Não. — Ela para. — É para termos privacidade. Para que *you* possa ir e vir com privacidade.

— Não pretendo ir a nenhum lugar.

— Escola.

Eu a encaro, surpresa.

— Semana que vem. Quando você estiver curada. Você não pode ficar aqui escondida para sempre.

Estranhamente espero jamais me curar para nunca ter de sair daqui.

— Além disso, eles não a deixarão ficar aqui muito mais tempo. Você tem de encarar o mundo, Celestine.

Será que isso também se aplica a ela? Mamãe parece cansada. Não saiu de casa desde que voltei, nem para fazer uns retoques na clínica, embora talvez vá querer um rosto completamente novo depois de toda esta exposição. Imagino como tudo isso afetará seu trabalho, se ela foi excluída de seus projetos. Seria ingenuidade acreditar que não. Ninguém pode ser discriminado por ter um parente Imperfeito. As pessoas não são responsáveis pelos atos de seus entes queridos, mas sempre se encontra uma forma de contornar isso. A vida da minha mãe é só mais uma vida que arruinei.

— Mary May é sua Delatora. Ela tem vindo todos os dias, falando sobre o que nós e você podemos fazer. Ela é... meticulosa no trabalho — diz a mamãe, e percebo certo nervosismo. A mulher deve ser um furacão. — Ela tem insistindo

em vê-la, mas nunca deixo — conta a mamãe com um olhar determinado, e sei que não deve ter sido fácil. — Você a conhecerá em poucos dias. Ela repassará com você as regras e depois ficará com a gente para o jantar. Ela quer *observar* se estaremos cumprindo as regras nos primeiros dias. E você a verá todos os dias depois disso, e ela fará dois exames todas as noites.

— Angelina me contou — interrompo-a, sem querer ouvir sobre a invasão mais uma vez.

— E a participação dela na sua vida não vai passar disso. — Mamãe tenta me convencer de que a invasão diária não é tão ruim assim. — Você precisa comer algo — diz, olhando para minha bandeja cheia de comida. — Você não come há dias.

— Não sinto o gosto de nada mesmo.

— O dr. Smith diz que suas papilas vão voltar a ser como antes.

— Sinto o sabor do sangue, então devo estar bem. — Péssima piada. E não tenho certeza se posso sentir o sabor do sangue. Minha língua está com bolhas e crostas e imagino aquilo descendo pela minha garganta sempre que engulo em seco.

A mamãe faz uma cara feia.

— Talvez seja melhor se eu nunca mais sentir o sabor de nada, levando em conta o que terei de comer todos os dias, para o resto da vida.

— É uma dieta saudável — diz a mamãe, toda animada. — Uma dieta que todos nós deveríamos seguir. E seguiríamos, mas não podemos te acompanhar nisso, desculpe.

— Você vai defender tudo o que eles fazem?

— Só estou tentando ver o lado bom, Celestine.

— Não há nenhum lado bom nesta merda.

— Olhe a boca! — diz ela, levantando-me com as almofadas novamente, mas não parece se importar muito com o que digo.

— Os Imperfeitos também não podem xingar?

— Acho que os Imperfeitos têm todo o direito do mundo de xingar — diz ela. Sorrimos.

— Aí está ela — sussurra a mamãe, acariciando meu rosto com o dedo. — Meu bebê corajoso.

Olho séria para ela.

— Como você está, mamãe? Você parece cansada — digo, carinhosamente.

— Estou bem. — Sua determinação desaparece. — Marquei uma cirurgia plástica nos olhos — diz, e nós duas rimos. É a primeira vez que ela admite fazer uma operação para ficar mais bonita.

— Onde está Juniper?

— Não está em casa agora. — Mamãe fica tensa.

— Ela está estranha comigo.

— Ela está com medo, querida. Sua irmã acha que você está com raiva dela.

Penso no jeito triste com que Juniper me olha, no tom de voz cuidadoso quando me pergunta o que pode fazer por mim, e isso desperta meu rancor por ela. Preferia que voltássemos a discutir como antes. Fico mais à vontade com ela irritada comigo, mas agora só a vejo sentir pena. Lembro que ela não me ajudou no ônibus e não depôs na audiência. Mamãe tem razão; não sinto nada além de raiva dela. Sei que estou errada, mas de alguma forma isso está vivo dentro de mim.

— Você está com raiva de Art? — pergunta a mamãe. Sei o que ela quer dizer: como posso estar com raiva da minha irmã e não de Art? Mas no fundo fico me perguntando por que ele não se esforçou mais para deter aquilo. Por que ele não convenceu o pai? Mas compreendo. Eu confiava no juiz Crevan, e ele não esperava que seu próprio pai me causasse tantos problemas.

— Você acha que ele me visitará?

Ela fica séria e para, e sei que isso significa que não.

— Tenho certeza de que ele só precisa pensar um pouco. Longe do pai — diz ela, e vejo raiva em seus olhos. — Mas, Celestine... — Ela pensa na melhor forma de dizer o que pensa. — Não espere que ele...

— Não espero — interrompo-a. — Já sei.

Ser realista é acreditar que Art jamais voltará para mim. Sei disso. Mas isso não me impede de ter esperança. E não me impede de sonhar com as coisas

como elas eram.

— Sei que você não quer falar sobre isso, mas estamos pensando em entrar em contato com o sr. Berry para discutir a marcação extra.

— Não — digo antes que ela continue.

— Ouça, Celestine, isso não fazia parte da decisão que havia sido tomada. O que aconteceu foi inédito. Queremos conversar com ele para saber quais são nossas opções...

— E quais seriam elas? — pergunto, com raiva. — Vamos fazê-la desaparecer? Crevan vai pedir desculpas? Não. Só porque é algo inédito não significa que não tenha acontecido. É o Crevan. Ele faz o que quer e pode fazer o que quiser comigo novamente. Promete que você vai deixar isso para lá.

Ela fica séria e meneia a cabeça, concordando.

— Entendo, Celestine. Seu pai quer protegê-la, ele quer defendê-la. Lutar em seu nome. — Mamãe sorri delicadamente, adorando que ele faça isso. — Mas concordo com você. Acho que deveríamos ficar em silêncio quanto a isso. Se ele conversar com o sr. Berry sobre isso, tenho medo de que chamará mais atenção para o caso. Não sei se ele está ciente ou não, mas seu arquivo ainda diz cinco marcações. Eles não entraram em contato com a gente para atualizá-lo e nada disso está nas reportagens. Eles só mencionam as cinco marcações. Ninguém da mídia sabe ou está falando sobre a sexta marcação.

Ainda. A palavra não dita paira no ar. As notícias me dão algum alívio. Ainda sou a Imperfeita com mais marcações no mundo, mas ainda não sabem que sou a mais marcada de todas. Nunca pensei em escapar com cinco marcações como algo positivo.

O sr. Berry já sabe da sexta marcação. Ele viu quando foi feita. Penso em contar isso a mamãe, mas não falo nada. Não quero conversar sobre o que aconteceu na câmara. Quero esquecer. Mas não consigo. Carrick também sabe.

Vejo a mão dele aberta contra o vidro e ouço sua voz.

— Vou encontrá-la.

Não sei se quero que ele me encontre assim.

E, pensando nisso, fecho os olhos e volto a me perder.

Sexto dia

Tenho um pesadelo. Juniper está sentada na cadeira ao lado da minha cama, só me olhando. Nossos olhos se encontram e ela abre um sorriso malicioso, alegre. Acordo suada, sentindo meus lençóis úmidos sob meu corpo. Sentindo-me tonta, olho em volta. Juniper não está aqui. A casa está em silêncio. É meia-noite. Tinha certeza de que havia alguém em meu quarto. Senti a presença de alguém. Saio da cama, abro a porta com cuidado e desço a escada, mancando sem me apoiar no pé marcado. Fico ouvindo na porta do quarto de Juniper. Silêncio. Lentamente abro a porta. Preciso vê-la ali, na cama, dormindo pesado. A cama dela está vazia. Ela não está dormindo ali.

Sétimo dia

Encontro-me com Mary May pela primeira vez. Esperava ver uma mulher troncuda, mas acabo cara a cara com a Mary Poppins. Vi mulheres vestidas como ela antes, mas não entendia quem eram ou o que faziam. Ela usa o que parece ser um uniforme antigo de babá: um vestido preto conservador com camisa branca e gravatinha preta. Na gravata há um *I* em vermelho. Ela usa meias-calças e sapatos pretos, e sobre o vestido, um pesado casaco preto com um colarinho alto e mangas de veludo vermelhas. Ela usa um chapéu preto com uma faixa vermelha e outro *I* na frente. Seus cabelos estão bem presos num coque na parte de trás do chapéu. Ela não usa maquiagem e seu rosto tem uma expressão austera. Não sou boa em adivinhar idades, mas ela deve ter quarenta ou cinquenta anos, e é pequena e magra como um passarinho. Parece estar vestida para o auge do inverno. Ela me encara quando eu entro. A mulher me olha de cima a baixo, da mesma forma que fiz com ela.

— Oi — digo, sem saber se devo cumprimentá-la. As pesadas luvas pretas de couro me dizem para nem tentar.

— Sou Mary May, sua Delatora daqui por diante. Você conhece as regras ou devo repassá-las?

Faço que não com a cabeça.

— Comunicação verbal — diz ela, ríspida.

— Não, digo, sim — balbucio. — Entendo as regras. — Estou nervosa porque não quero cometer um erro, não quero ser punida outra vez. Não sei o que é certo ou errado, o que é esperado de mim neste novo mundo. Li as regras, me falaram sobre elas, mas a realidade é bem diferente. Minha família está sentada à mesa me observando na companhia dela. Sinto a tensão no ambiente. Não posso cometer erros. Não novamente.

Ela gosta de me deixar nervosa. Percebo a alegria em seus olhos.

Sento-me para jantar pela primeira vez desde que voltei para casa. Um jantar em família como outro qualquer. Mary May fica num canto, ainda usando chapéu, casaco e luvas, sua presença tão calma quanto a da Morte. A mamãe colocou uma música para quebrar o silêncio constrangedor. Juniper está à mesa, os olhos baixos que, nervosos, me procuram quando ela acha que não estou vendo. Quanto mais medo de mim ela parece sentir, mais raiva eu sinto. Ewan não para de me encarar, como se eu não estivesse aqui para vê-lo.

— O que ela está comendo? — pergunta ele, lançando um olhar enojado para meu prato de comida.

— Ali, cereais — diz a mamãe. — Ali tem sementes de abóbora. E ali, salmão.

— Parece comida de cachorro.

Tem cheiro de comida de cachorro.

Os outros estão comendo frango e arroz. O frango parece seco e o arroz, empapado, e me pergunto se é de propósito. A mamãe também preparou repolho, o que ela sabe que odeio. Dá para ver que ela está tentando me ajudar, facilitar as coisas para mim. Sei que a mamãe tentou fazer o básico, mas ainda assim quero comer o que eles comem. Não quero a comida deles porque parece melhor do que a minha ou porque esteja com um pouco de fome; não estou. Quero aquela comida porque é o que eu deveria estar comendo. Quero porque me disseram que não posso. Imagino, novamente, de onde veio isso em mim. Eu era a menina que seguia as regras, estava do lado deles. Nunca questioneei nada e agora me percebo do lado errado de tudo, questionando tudo. Deve ser assim que Juniper se sente todos os dias. Olho para ela. Ela está de cabeça abaixada, brincando com a comida. Novamente me irrita o fato de Juniper não estar comendo. Ela *pode* comer. Ela tem o direito e mal está tocando em sua comida. Juniper levanta a cabeça, percebe minha expressão, engole em seco e desvia o olhar.

Ewan está me olhando. Olhando para os curativos na minha mão, cobrindo minha têmpora. Ele espia meu peito com curiosidade.

— Mamãe, papai — reclama ele. — Ela fica olhando para mim.

— Cale a boca, Ewan — diz Juniper, com rispidez.

— Ela pode olhar para você — diz o papai. — Ela é sua irmã.

Ewan continua comendo apressadamente.

— Você sabe que pode falar diretamente comigo, Ewan — digo, baixinho, encontrando forças dentro de mim para ser delicada. Ele é meu irmão caçula. Não quero que ele tenha medo de mim.

Ele me olha assustado por ter lhe dirigido a palavra.

— Pode me passar o sal, por favor? — pergunto.

O sal está perto de Ewan. Ele fica paralisado.

— Não tenho permissão para ajudá-la. Mamãe, papai — ele choraminga novamente, apavorado até a alma. Ele olha para Mary May, que está num canto da cozinha, observando com um caderno e uma caneta.

Meu coração dispara no meu peito e sinto-me como se tivesse levado um soco, como se o ar me faltasse. Eu causei todo aquele pavor estampado no rosto do meu irmãozinho.

— Ah, pelo amor de Deus — grita Juniper para ele, pega o sal e o bate diante de mim. — Você pode passar o sal para ela.

Eles continuam a comer em silêncio.

Eu os observo como robôs, as cabeças abaixadas, enfiando a comida na boca. Todos, menos Juniper. Sei que ninguém quer comer. Ninguém exceto por Ewan, claro, mas eles estão comendo, e sei que estão fazendo isso por mim. Queria que Juniper fizesse o mesmo. Tenho uma sensação bizarra de querer forçá-la a enfiar o frango goela abaixo, até que não aguento mais a raiva, o ódio que sinto por minha própria irmã. Ela não tem culpa, mas ainda assim a estou culpando.

Levanto-me. Pego meu prato e o levo até o lixo, atrás de onde Mary May está sentada. Piso no pedal para abrir a lata de lixo e jogo o prato inteiro lá dentro. Ouço-o bater no fundo. Ela nem pisca. Mostro o dedo, pronta para o exame. Só quero que isso acabe para que eu volte para a cama. Ela fura meu dedo, pinga

uma gota de sangue na fita de teste e coloca-a na máquina presa a seu pulso como um relógio, que exibe o resultado do meu exame de sangue. Em poucos segundos, a máquina diz: “Limpa”.

Ela, então, coloca um aparelho no meu dedo, algo parecido com um oxímetro, e que é ligado por um fio a seu sensor no pulso, e faz a pergunta:

— Celestine North, você seguiu todas as regras dos Imperfeitos hoje?

— Sim. — Meu coração bate enlouquecidamente. Sei que segui as regras, mas e se a máquina disser que não? E se eles tentarem me enganar? Quão confiável são estes exames? Como se pode confiar neles se são todos controlados pelo Tribunal? Eles podem dizer que estou mentindo, mesmo que não esteja, e é a palavra deles contra a minha.

O instrumento novamente solta um ríspido “Limpa” e ela tira o aparelho da ponta do meu dedo.

Nem mesmo olho para minha família; sinto-me tão humilhada. Subo para meu quarto. Quero dormir.

O sono, contudo, não vem. Meus analgésicos perderam a força. Não me sinto tão distante quanto antes e espero pelo retorno daquela sensação. Ouço Mary May ir embora, satisfeita por eu ter obedecido ao toque de recolher. Sento-me à janela e olho para a casa de Art do outro lado da rua. É uma casa grande e imponente, a maior da nossa rua sem saída. Acho que se pode considerá-la uma mansão. Ela fica no final da rua, com vista para todos. O irmão de Crevan a construiu, o mesmo irmão que tem ações do clube de futebol, e eles queriam manter as pessoas que trabalhavam nas empresas de mídia de Crevan na mesma rua. Para nos controlar. Por que não tinha percebido isso antes? Bob, o papai, o juiz Crevan todos juntos no Dia da Terra. Achava algo tão aconchegante e divertido. Agora sei que tudo gira em torno do controle. As várias janelas na casa de Art estão às escuras. Não deve haver ninguém em casa. A única forma de vida que vi indo e vindo nos últimos dias é Hilary, a governanta deles. Entendo que ele não possa me visitar, que haja jornalistas e fotógrafos demais aqui, principalmente agora que ele está se escondendo do pai, mas não haveria mal nenhum em me visitar. Não é algo ilegal. Seria uma demonstração de desrespeito com o pai, mas ele já não o está desrespeitando de qualquer forma? Sem poder me fazer uma visita, um telefonema, uma mensagem de texto ou uma carta como a que ele me enviou quando eu estava no castelo mostraria que ele se importa, que está pensando em mim. Alguma coisa. Qualquer coisa.

Não acho que uma visita a uma Imperfeita possa ser considerada ajuda, mas sei que um minuto em seus braços me salvaria completamente. Apesar de dizer a todos que sei que não há esperança para mim e Art agora, no fundo nossa relação ainda faz sentido para mim. Ainda pode acontecer. Só precisaria que ele se colocasse contra o pai de uma vez por todas, e assim poderíamos ser eu e ele contra todo o mundo.

Procuro o nome dele no meu celular e aperto o botão para ligar. Sei o que acontecerá, a mesma coisa que tem acontecido nos últimos dias. A ligação cai na caixa postal. Mas ouço o som da voz dele, jovial e sempre perto de cair na risada, uma expressão irônica no rosto, e desligo.

Lá embaixo, ouço Ewan sendo repreendido e repassando as regras.

Finjo dormir e sinto a mamãe e o papai me dando um beijo de boa-noite. Ouço-os indo para a cama. Conversando baixinho, e depois mais nada.

E exatamente o que eu esperava acontece em seguida. Ouço Juniper saindo às escondidas.



Fico nua diante do espelho, sem meus curativos. Odeio o que vejo. Lágrimas caem enquanto meus olhos observam as cicatrizes em minha pele. Eles tiraram meu corpo de mim e assumiram a propriedade sobre ele. Quero arrancar as marcações da minha pele. Desvio o olhar do espelho. Nunca mais olharei meu reflexo novamente. Jamais deixarei que alguém veja meu corpo nu. Nenhum amigo. Nenhum homem. Ninguém.

A escola representa coisas diferentes para pessoas diferentes. Ela deixa Juniper nervosa, sei disso. Ela se preocupa com a escola do momento em que vai dormir até quando volta para casa. Ela se sente incomodada, presa, talvez deslocada. Juniper mal consegue esperar que tudo acabe para que ela possa começar o que considera a parte mais importante de sua vida. Minha irmã se preocupa com a lição de casa, se vai dizer as respostas erradas na aula, com as provas e com o que vai vestir. Ela não se preocupa porque é preguiçosa, não se esforça ou não é inteligente. Ela é esperta. Está sempre com as engrenagens rodando. Sempre fala sobre estudar, cumprir as obrigações, experimentar novos estilos, recomeçar. Ela tem uma amiga e as duas são grudadas ao andarem pelos corredores, falando uma com a outra. Elas não querem mais ninguém e não precisam de mais ninguém. Só querem acabar logo com isso.

Para mim, a escola é importante. Gosto de ir para lá, é onde me sinto à vontade. Anseio por isso todos os dias. Não tenho medos. Eu me dedico bastante, mas não a ponto de ficar cansada ou estressada. Meus professores gostam de mim e eu deles. Não lhes causo problemas. Tenho um grupo de amigos. Somos seis, três meninas e três meninos, incluindo eu e Art, e uma destas amigas é Marlena, que depôs a meu favor no Tribunal. Nós nos divertimos. Não somos nem nerds nem atletas. Talvez lembrem de nós, talvez

não. Somos apenas nós mesmos.

Mas, pela primeira vez na minha vida, estou sentindo o que Juniper sente todas as manhãs. Penso muito sobre o que usar. Tudo no meu guarda-roupa representa a liberdade para mim e foi comprado para alguém que era como todos os outros e não tinha nada a esconder. Não sou mais aquela pessoa.

Olho para as roupas que mamãe me ajudou a reunir. Nenhuma delas parece um bom lugar onde me esconder.

De acordo com as regras, fora de casa minha têmpora e minha mão não podem ficar escondidas. Não posso ocultar minhas Imperfeições. Claro que nada pode ser feito quanto à sola do meu pé. Mas, quando estou em casa, tenho uma lista de roupas preferíveis agora. Minhas tranças escondem a têmpora direita marcada. As mangas têm de ser compridas o bastante para esconder a marcação na mão direita. O colarinho tem de ser alto para esconder o peito marcado. A sola do meu pé e minha coluna ficarão bem, a não ser que eu esteja na praia ou numa aula de natação, e não posso usar sandálias. Tenho uma lista de partes do meu corpo que quero esconder. Odeio meio corpo.

Olho para o quarto de Juniper do outro lado do corredor.

Bato na porta dela.

— Oi — responde ela, surpresa. Juniper parece cansada e me pergunto onde ela passou a noite. Não me sinto íntima o bastante para lhe perguntar isso. Principalmente porque acho que ela mentiria.

— Preciso de algo para vestir — digo, consciente de que estou falando como minha amiga Lisa depois que ela colocou um piercing na língua. Ainda assim, minha fala é mais clara do que há alguns dias, quando achava que mal conseguiria mexer minha língua.

— Você quer as *minhas* roupas? — pergunta ela, confusa.

— Nenhuma das minhas presta.

— Ah. Tudo bem. Claro. Hmmm. Entre. — Ela abre a porta e vejo a desordem que está lá dentro, roupas espalhadas por todos os lugares. — Também não estou conseguindo decidir o que usar.

Tenho vontade de lhe dizer que, claro, nossas razões são diferentes, mas não digo nada. Engulo. Engulo tudo. Meus olhos observam aquela bagunça. Sei o

que estou procurando e encontro rapidamente.

— Obrigada — digo, voltando para meu quarto.

— Tem certeza? — Ela vê o que tenho nas mãos. — Tenho outras coisas de que você pode gostar.

— Não, tudo bem, obrigada.

Volto para meu quarto e experimento as roupas. Vestida, olho-me no espelho e começo a chorar. Uma camisa preta de mangas compridas e gola alta. Calça jeans justa preta. Botas pretas. Pareço Juniper.

Mas o visual não está completo.

Coloco a braçadeira com o *I* no meu braço, removendo a tira com cola num dos lados para prendê-la ao tecido. Ela tem de ficar firme.

Como uma segunda pele.



As persianas da sala do diretor Hamilton estão fechadas porque, não muito longe dali, a mídia está acampada na entrada na escola secundária Grace O'Malley. Um funcionário lhes disse que hoje seria meu primeiro dia de volta. Eles colocaram as câmeras contra os vidros escuros do carro do papai com tanta força que achei que os quebrariam. O papai teve de abrir caminho em meio aos cinegrafistas; ele mal conseguia ver para onde estava indo. Lá dentro tenho medo, sinto-me claustrofóbica, sufocada por tantos olhos em mim, me perguntando como o simples fato de eu estar sentada ali podia ser distorcido e analisado. Juniper olhava para a frente, sem hesitar ou se mover, como se nem tivesse notado tudo. E, pelo que parece, os repórteres também têm transformado a vida do diretor Hamilton num inferno. Seu rosto está coberto por uma alergia que desce pelo pescoço e camisa. As veias partidas estão ainda mais evidentes em seu enorme nariz.

Nunca conversei com o diretor Hamilton antes, porque nunca tive motivo, mas hoje uma reunião foi convocada para discutir meu caso. Aqui estão minha professora de matemática, a sra. Dockery, e meu professor de civilidade, sr. Browne. A sra. Dockery abre um sorriso nervoso ao se sentar. O sr. Browne nem olha para mim. Contenho-me para não atacá-los nem gritar como um animal, fingindo lançar-lhes uma maldição de Imperfeita. Isso realmente os assustaria.

O sr. Hamilton parece atrapalhado ao tentar se organizar para a reunião e o telefone toca novamente.

— Susan, já disse para não repassar as ligações. — Ele ouve. — Não, não darei uma coletiva de imprensa. Não, já discuti isso com a Associação de Pais e Mestres. — Ele suspira. — Também não farei um pronunciamento. — Ele desliga.

— Sr. Hamilton — começa meu pai. — Entendo que o senhor esteja sob muita pressão. Todos estamos e queremos que isso seja o mais tranquilo possível para todos os envolvidos. Acredito que haja outra entrada na escola que Celestine possa usar. Uma que lhe permita ir e vir sem receber o tratamento que recebeu esta manhã. Ela não está mais no Castelo das Terras Altas. O julgamento acabou. Ela não deveria se sujeitar a isso na sua própria escola.

— Entendo, sr. North, e concordo com o senhor.

O sr. Browne discorda e o sr. Hamilton lhe lança um olhar de reprovação.

— Acho que todos os estudantes devem ser tratados igualmente e esta é a filosofia que orienta todos os professores aqui.

O sr. Browne discorda novamente, mas é interrompido pelo sr. Hamilton:

— Vamos chegar lá. Usar a outra entrada é uma sugestão que eu mesmo daria, mas tenho um documento aqui de uma tal de... — ele consulta a carta — ... Mary May, sua Delatora, que me diz o que posso ou não fazer em minha escola. — Ele parece irritado com isso. — E, infelizmente, permitir que Celestine use a entrada dos fundos para facilitar sua chegada e saída seria *ajudar um Imperfeito*.

— Ela é sua aluna, droga! — diz o papai, batendo com raiva sobre a mesa.

O sr. Hamilton fica em silêncio para que o papai se acalme.

— E concordo. Mas recebo ordens e não posso causar aos meus professores e a minha escola ainda mais confusão.

— Não podemos levar e pegar Celestine da escola todos os dias, sr. Hamilton — diz o papai, mais calmo. — Ela está numa situação incomum, na qual não pode nem mesmo pegar o ônibus sozinha. Está exposta demais e não tem carteira de motorista ainda. Tenho medo de que ela ande por aí sozinha; esses fotógrafos dirigem perigosamente. Deve-se dar um tratamento especial a esta situação. É perigoso para ela.

Isso não deveria me surpreender, mas me surpreende. Ouvir o papai dizendo isso torna meus medos silenciosos uma realidade.

— Entendo. Acredite. — Ele me olha, nervoso. — Talvez devamos discutir isso depois de Celestine entrar na sala de aula.

— Isso tudo é sobre mim e quero ouvir — digo. Não é verdade. Não quero ouvir nada, mas preciso.

— Muito bem. Gostaria de considerar o ensino em domicílio.

— O quê? — pergunta o papai, parecendo achar aquilo revoltante.

— Celestine tem poucos meses de escola até seus exames finais. Não é por muito tempo. Ela está quase terminando. Sei que ela é uma de nossas alunas com as melhores notas e não quero que seu desempenho caia. Tem-se falado muito nisso na Associação de Pais e Mestres. Alguns pais, se não todos, estão preocupados que a presença de uma Imperfeita tenha um efeito negativo na reputação da escola.

— Você não pode discriminar minha filha por ela ser Imperfeita. Ela tem direito de estudar nesta escola.

— Sei disso. Mas nossas matrículas de setembro já diminuíram por causa destes... acontecimentos. Os pais estão preocupados. Os alunos temem que um dano na reputação da escola os prejudicará ao tentarem uma vaga na faculdade ou de emprego. Só estou lhe dizendo o que foi discutido, sr. North — diz ele antes de o papai explodir novamente. — Tenho que pensar na reputação da escola.

— Você tem de considerar o bem-estar dos seus alunos.

— O pior é que vários professores, representados aqui pelo sr. Browne, se opuseram a continuar lecionando para Celestine. Mas é a decisão deles, não minha. Ainda assim tenho que apoiar meus professores e lhe explicar os fatos — diz ele, mal-humorado. — Tenho certeza de que o senhor concordará que o ensino domiciliar é melhor do que a expulsão.

Isso me dá enjoos e penso em Carrick, não pela primeira vez, mas como sempre faço quando enfrento a realidade de ser Imperfeita. Imagino como ele está sobrevivendo. Não sei se não ter notícias dele é um bom sinal ou não.

— A sra. Dockery, professora de matemática de Celestine, fez a gentileza de se oferecer para lhe dar aulas em casa.

A professora empertiga-se ao atrair a atenção de todos. Olho para ela, perplexa. Não sei se devo entender isso como um elogio ou um insulto. Ou ela não me quer na escola e está ajudando a se livrarem de mim, ou está me ajudando. Lágrimas surgem em meus olhos e eu me afundo na cadeira. Toda vez que penso ser impossível chorar, eu choro.

— Acho que o senhor deveria pensar mesmo em educar Celestine em casa —

diz ela. — Não haverá distrações para ela; ela pode se concentrar nas notas. Quanto mais cedo sua filha voltar para casa, melhor será para ela e para todos em volta.

A reunião é tumultuada e termina com um acordo em não concordar em nada. A situação será avaliada continuamente. O sr. Browne não vai lecionar para mim, nem os professores de francês e geografia, e enquanto o sr. Hamilton pensa no que fazer comigo, devo ir para a biblioteca durante estas aulas. A única coisa com que todos concordam é que a mídia recuará depois de alguns dias, quando minha história perder o interesse, embora todos estejam surpresos por alguém ainda se interessar. A história parece tão forte quanto no início e a imprensa continua encontrando novos ângulos. Não sei de tudo o que está sendo dito. Não tenho prestado atenção e meus pais não me dizem nada. Na verdade, eles não deixam que as notícias entrem em nossa casa. Meu lar é um casulo onde lidamos com o dia a dia da minha realidade sem que nos preocupemos com o que as outras pessoas pensam. Preciso que minha casa seja assim para que eu sobreviva, para poder lidar com minha nova vida antes de ouvir a visão distorcida dos outros. Mas já faz uma semana e meia e a história não esfriou, o que me deixa pela primeira vez intrigada pelo que estão dizendo de mim.

Como a reunião se prolongou, acabei me atrasando para a aula de inglês. Ao entrar na sala, todas as pessoas se viram para me olhar. Meus colegas me olham como se me vissem pela primeira vez. O lugar de Art, ao lado do meu, está vazio. Ele ainda não voltou de onde quer que esteja se escondendo. Lágrimas surgem em meus olhos e rapidamente as enxugo enquanto todos os olhares me acompanham. Sento-me sozinha na sala e em todas as aulas seguintes. Marlena me puxa de lado quando tem certeza de que ninguém a está vendo conversando comigo para dizer, entre lágrimas, como eu a decepcionei, como ela se arriscou e eu a traí. Ela me conta no que sua vida se transformou depois que desceu do banco das testemunhas, como seus dias são insuportáveis, como ela sente que as pessoas a veem como alguém que ajudou uma Imperfeita. Ela foi seguida por um fotógrafo outro dia. Marlena teme por sua segurança. Ela espera não ter problemas por falar bem do meu caráter. Tento consolá-la da melhor forma possível. Separamo-nos com ela dizendo que quer se afastar de mim para sempre. Ela não perguntou nem uma vez como estou passando.

Na aula seguinte, minha professora de biologia se recusa a me dar aula. Assim que me sento, ela me olha e sai da sala e só volta dez minutos mais tarde, acompanhada pelo sr. Browne e um diretor Hamilton ainda mais afobado, que

me tira da sala.

— Celestine — diz ele, enxugando as mãos gordas e úmidas no paletó. — Vou mandá-la para a aula de educação física agora. — Ele me olha nos olhos. — Desculpe.

Aquele pedido de desculpas significa muito para mim.

— Achei que devia ir para a biblioteca.

— Você irá, depois. Não posso deixá-la sentada na biblioteca o dia inteiro.

Ah. Então os professores estão caindo como moscas.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Mas não estou com minhas roupas de ginástica.

— Você pode usar as da escola. Não me olhe assim. Ao contrário da opinião popular, elas foram limpas. Diga a Susan para lhe dar a chave do vestiário.

A aula de educação física consiste de vinte minutos de natação e vinte minutos no ginásio. Não vestirei meu maiô. Não trouxe o meu e me recuso a usar o traje de banho da escola. Desta vez não é porque não gosto dele, e sim porque agora, no meu novo mundo, não quero que ninguém veja meu corpo. E não suporto a ideia da água molhando minhas cicatrizes. Faz apenas uma semana e meia e meus ferimentos estão cicatrizando bem, mas tenho medo de mergulhar na água quente ou fria. Na realidade, suporto a dor das minhas feridas, mas não quero que ninguém veja meu corpo. As únicas pessoas que o viram foram as que me marcaram, a equipe médica, minha família e, claro, Carrick. Não permitirei que ninguém nunca mais me veja e penso em Art, se um dia serei capaz de deixá-lo me ver e me tocar.

Sigo todos até a piscina. Todos estão com trajes de banho. Os meninos e as meninas se olham, a reação natural deles ao ver os corpos uns dos outros parcialmente nus. Pretendo ficar sentada na galeria, só olhando.

— Você aí, o que você está fazendo? — nosso professor de educação física, sr. Farrell, me pergunta.

— Não vou nadar, senhor.

— Por que não? — Ele se aproxima de mim, seus muitos apitos chacoalhando em seu peito e me fazendo lembrar dos Delatores. Ouço os outros rindo.

Falo baixinho:

— Minhas cicatrizes, senhor, não posso molhá-las — minto.

Ele de repente percebe quem sou, o que sou, e recua um passo.

— Ela precisa de um atestado médico, senhor — diz uma menina, Natasha. — Se ela não tem um atestado, tem de entrar na piscina. — Ela sorri inocentemente para o menino ao lado dela, Logan. Reconheço-o da minha aula de química, apesar de nunca termos nos falado.

— Você tem um atestado médico?

— Não, senhor.

— Então tem de entrar na piscina.

— Não sabia que teria aula de educação física hoje. Era para eu estar na aula de biologia.

— E por que não está na aula de biologia?

— Porque a sra. Barnes não me quer na sala.

— Bom, não a quero na minha aula também se você não entrar na água.

— Não posso entrar na piscina, senhor.

— Você toma banho?

— Sim.

— Então pode entrar na piscina. Entre.

Acabo na sala do diretor Hamilton poucas horas depois de lhe dizer que não causaria nenhum problema. O dr. Smith envia o atestado por e-mail para a escola, explicando que é melhor que minhas cicatrizes fiquem longe do cloro, mas é tarde demais, o estrago já foi feito.

Fico muito nervosa ao entrar na cantina durante o almoço, quando as conversas cessam e todas as cabeças se viram para me encarar e me julgar. Colleen, a filha de Angelina Tinder, está sentada sozinha, e arranjo coragem para me aproximar dela. Fico em pé perto da mesa, mas ela não levanta a cabeça. Conheço a sensação. A sensação de que alguém está prestes a dizer ou fazer algo ofensivo, então é melhor não olhar enquanto eles fazem.

— Oi — digo.

Ela me olha surpresa.

— Como está sua mãe? — pergunto.

Ela estreita os olhos e ri.

— Uau.

— O quê?

— Você realmente está desesperada assim? Onde você estava há duas semanas? Por que não me perguntou na época? Claro, você era egoísta demais para me dar um simples “oi”. — A Colleen tímida desapareceu e no lugar dela está esta jovem raivosa e cruel. Não a reconheço, ela não é a menina com quem eu passava o Dia da Terra e reuniões familiares todos os anos, quando nós duas éramos livres e não imaginávamos uma vida como esta. Claro que ela tem razão. Não a cumprimentei naquela manhã depois que sua mãe foi levada embora de casa. Eu tinha medo. E então cometi o maior erro da minha vida. Eu mereço tudo isso, na opinião dela.

Algumas pessoas vêm à mesa e se sentam ao lado de Colleen. Logan, o cara da aula de natação e que tem uma cara quase nunca simpática; Natasha; e um cara chamado Gavin.

— Ela a está incomodando, Colleen? — pergunta Natasha.

Colleen parece surpresa, mas me olha com desprezo. Trato de me afastar na mesma hora para evitar um escândalo, já que os ocupantes das mesas próximas ficaram em silêncio para assistir.

— Talvez eles devessem ter uma mesa especial para Imperfeitos na cantina — diz Natasha, com seus olhos escuros maldosos.

Abaixo a cabeça ao sair da cantina. Meus olhos queimam e, como aconteceu na Câmara de Marcação, não quero que ninguém me veja chorando.



Quando chego em casa depois daquele dia horrível na escola, a mamãe me recebe vestida de cima a baixo com perfeição: seus saudáveis e brilhantes cabelos loiros ondulados, um sorriso agradável no rosto. Sinto cheiro de biscoitos ou outra coisa assando. Ela é como uma esposa dos anos 1950 e imediatamente percebo que há algo de errado. Ela não me pergunta sobre meu dia, e fico feliz por isso, porque sinto que estou prestes a romper em lágrimas.

— Pia Wang está aqui para vê-la — diz.

Juniper me olha, surpresa, e então percebe que queremos conversar a sós. Sentindo-se excluída, ela sobe para o quarto e bate a porta. O fato de eu ser Imperfeita estranhamente me aproximou da mamãe e do papai, porque agora temos mais motivos para conversar em particular, e sei que isso está fazendo Juniper se sentir distante.

— Ela está aqui? Aqui em casa? — sussurro, olhando em volta e procurando Pia Wang.

Mamãe faz que sim, me puxa para o lado e sussurra:

— Ela está na biblioteca.

— Ela veio sem ser convidada?

— Sim. Bom, não exatamente. Ela tem ligado todos os dias, pedindo uma entrevista, mas venho recusando, dizendo que você estava... em recuperação, mas agora você voltou à escola e não consigo mais despistá-la.

— Não quero conversar com ela — digo, com raiva.

— É uma ordem do Tribunal — diz a mamãe, baixinho. — Aparentemente, faz parte do pacote. Todos os Imperfeitos têm de falar com Pia depois do

julgamento. E se eu não a deixasse entrar...

— Diriam que você estava ajudando uma Imperfeita.

— Você é minha *filha* — diz ela, os olhos cheios de lágrimas.

— Mamãe, tudo bem. Vou falar com ela.

— O que você vai dizer? — pergunta ela, nervosa. — Talvez devêssemos ligar para o sr. Berry.

— Não quero instruções. Ele simplesmente me mandará mentir, e não posso fazer isso.

Ainda dói me apoiar no meu pé, mas não quero que Pia me veja mancando. Ela está me aguardando na biblioteca. Respiro fundo e entro. Digo à mamãe que ficaremos bem sozinhas. Eu prefiro assim, sem ter de olhar para ela o tempo todo, preocupada com o que digo. Não pretendo falar muita coisa. Respostas monossilábicas deixarão Pia arrasada, e é o que pretendo lhe dar.

Pia é ainda mais magra ao vivo do que na TV. Ela é como uma bonequinha prestes a ser levada pelo vento, mas sei que é uma aparência enganosa. Até mesmo o vento perderia a batalha contra ela. Sua pele é macia e aveludada, suas roupas, delicadas e belas, uma camisa de seda branca com flores delicadas e uma saia de renda. Ela até mesmo cheira a pêssego. Tudo nela é belo e elegante, mas seus olhos são duros. Não frios, e sim atentos. Olhos que veem tudo, cientes de tudo como lentes de uma câmera.

— Pia Wang — diz ela educadamente, estendendo a mão.

Fico tensa, sem saber o que fazer. Minha mão ferida não está mais com curativos; eu tirei a gaze para a escola, para que não achassem que estava escondendo minhas imperfeições. Não tive de cumprimentar ninguém ainda. Minhas mãos pendem ao lado do meu corpo. Deixo-a com a mão estendida. Seus olhos procuram minha mão e ela sorri.

— Ah, claro. — Ela abaixa a mão. Tenho certeza de que ela sabia o que estava fazendo.

Não confiava nela antes e confio menos ainda agora. Se ela tentou me pôr no meu lugar, me amedrontar, não conseguiu. Deu um tiro no próprio pé, porque não facilitarei as coisas para ela.

— Prazer em conhecê-la — diz ela. — Vamos nos sentar?

Há duas poltronas perto da janela que dá para um jardim florido do qual mamãe cuida quando insiste que está se sentindo gorda. Mas as persianas ainda estão fechadas para proteger nossa privacidade da imprensa.

Ela faz um gesto para que eu me sente, como se fosse a casa dela.

— Quero conversar com você há muito tempo — diz ela, rindo. — Você é notícia, Celestine. A ex-namorada de dezessete anos de Art Crevan, marcada cinco vezes, revelando-se a menina mais Imperfeita da história. Entrevistá-la é o maior furo do ano.

— Que coisa intrigante saber que minha vida é tão divertida para você.

Seu sorriso diminui um pouco.

— Não estou sozinha nisso, claro. — Ela se refere à imprensa do lado de fora da casa. — Como você sabe, de acordo com as regras do Tribunal, tenho uma entrevista exclusiva com o Imperfeito, entrevista que estará em todo o nosso noticiário on-line, TV, revistas.

— Toda a imprensa de Crevan.

Ela faz uma pausa.

— Sim. Gostaria que fizéssemos uma entrevista primeiro, e proponho algo novo. Uma série de entrevistas televisionadas enquanto a seguimos e filmamos sua vida agora.

— Um *reality show*?

— Se você prefere chamar assim... Prefiro “documentário”.

— Porque você é uma jornalista séria e tal.

Ela para por um momento para receber o insulto.

— Eu me interesso por pessoas. Sou fascinada pelo que as motiva. O interessante é que, no seu caso — ela me estuda — não consigo entender direito. Gostaria de descobrir.

— Não quero ser seguida por uma câmera. Meu pai é editor de TV. Sei exatamente como você pode me mostrar: como quiser. Se tiver que dar uma entrevista para um jornal impresso, eu o farei, e só isso.

A decepção está estampada no rosto de Pia, mas não há nada que ela possa fazer.

— Certo. Será uma série de encontros, não uma só entrevista. Quero algo profundo. Quero entendê-la, Celestine, conhecê-la de verdade.

Eu rio abafado.

— Disse algo engraçado?

— Você trabalha para Crevan. Acha que sou burra o bastante para pensar que você quer me compreender? Que qualquer coisa que você dirá sobre mim será favorável? Que qualquer coisa que eu disser realmente aparecerá em seus artigos?

— Você é um caso interessante, Celestine.

— Sou uma pessoa. Não um caso.

— Amiga do juiz Crevan, aluna nota 10, a menina perfeita. Você é uma candidata improvável a esta situação. As pessoas querem saber tudo a seu respeito.

— Eu e Angelina Tinder. Engraçado, não, duas Imperfeitas na mesma rua num intervalo de dois dias? Tanta coincidência.

Algo brilha em seus olhos. Algo diferente. Uma dúvida qualquer, mas então ela volta ao normal.

— A eutanásia é reprovada por nossa sociedade — diz ela, defendendo a decisão do Tribunal quanto a Angelina Tinder.

— Assim como a compaixão. Ajudei um velho a se sentar.

Então percebo que lhe dei uma manchete. Ela está empolgada.

— Está vendo, Celestine? — ela ri, sentando-se na beirada da poltrona. — São comentários assim que fazem as pessoas prestarem atenção em você. Você é original. Para alguém tão jovem.

— Não estou *tentando* ser nada.

Ela parece confusa por um instante e olha em volta rapidamente antes de mudar o tom de voz, como se não devesse estar me perguntando isso. Estou no limite, tentando analisar as táticas dela.

— Enya Sleepwell esteve no seu julgamento todos os dias.

Eu a encaro, esperando mais. Não tenho ideia de quem seja.

— Você sabe quem ela é — diz Pia, condescendente.

— Não — digo, com um suspiro. — Não tenho ideia de quem seja. Era a velha que cuspiu em mim? Ou a jovem que jogou repolho em mim? Ou talvez seja a senhora na terceira fileira que comeu todo um pacote de confetes no Dia da Sentença.

Ela franze a testa.

— Ela tem aparecido no noticiário. Nunca ouviu falar dela?

— Não assisto ao noticiário.

— Difícil acreditar nisso. Você está lá todos os dias.

— Bom, então por que eu assistiria? Sei o que estou fazendo todos os dias.

Ela abre um sorrisinho.

— Seus pais não falam sobre o que está acontecendo? Sobre o que está sendo dito por aí?

— Não é importante o que dizem sobre mim. Não preciso ouvir isso. Não posso controlar nem mudar as coisas.

Ela parece confusa e olha para a porta para ter certeza de que está fechada.

— Digo, é sério que você não sabe de nada? Enya Sleepwell está no Partido Vital. Você deve saber quem são. Eles ocuparam várias vagas na assembleia na última eleição. Eles são o partido que mais cresce no Parlamento.

Faço que não com a cabeça.

— Não acompanho a política. Tenho dezessete anos. Meus amigos tampouco se importam com isso. Só podemos votar depois dos dezoito anos.

Ela me olha com surpresa, como se não acreditasse no que digo, tentando me compreender.

— Bom, os políticos estão de olho em você, Celestine.

Eu rio dela olhando para trás, como se houvesse alguém ali. Percebo que substituí as respostas monossilábicas pelo sarcasmo, o que é muito mais recompensador.

— Então você não trabalhava com Enya Sleepwell? Não a conhecia? Antes do incidente no ônibus?

— O quê? Não! — respondo.

— Algumas pessoas acham que você está tentando bancar a heroína — diz ela. — Que você ainda se vê como heroína, talvez alguém acima dos outros. Que seu aparente altruísmo não faz de você uma Imperfeita, ou ao menos a coloca num nível diferente dos outros Imperfeitos. Acho que você queria ser diferente, se destacar, que estava cansada de ficar em cima do muro, de ser a menina normal e chata que seguia as regras.

Mordo o lábio para me conter e não xingá-la, que é o que ela quer.

— Você acha que é uma heroína, Celestine?

Suspiro.

— Se fosse mesmo uma heroína, aquele velho estaria vivo agora. Ninguém parece estar levando em conta que o homem morreu. Um homem morreu porque todo um ônibus cheio de pessoas não o ajudou. Se acho que sou uma heroína? Não. Fracassei.

Ela franze a testa, um pouco perdida.

— Mas você conseguiu levar seu caso para um nível elevado. Todos agora estão falando da regra de “ajudar os Imperfeitos”. Várias pessoas querem que isso seja retirado das regras.

Fico admirada ao ouvir isso. Se este item for retirado das regras, significa que não sou mais Imperfeita? Como eles vão desfazer minhas cicatrizes? Eles não podem. Nunca.

Ela consulta o relógio e me olha ansiosamente.

— Quando podemos nos encontrar novamente?

Dou de ombros.

— Eu estou aqui todos os dias depois da escola. Não pretendo ir a lugar nenhum.

— Uma menina popular como você? Tenho certeza de que você tem muito a oferecer. Ouvi dizer que você recebeu uma oferta para promover um perfume.

Eu bufo.

— O quê? Água de Imperfeito? Quem compraria isso e por que eu iria querer promover algo assim? Você realmente não sabe nada a meu respeito, não é?

— Só quis me apresentar hoje. Vamos nos reunir amanhã outra vez — diz ela, ansiosa, pegando a pasta. — Se você não é a adolescente entediante que se cansou da vida e fez uma loucura para chamar atenção, então sugiro que você converse comigo e esta será minha história. — Ela estende a mão esquerda desta vez. Estendo a mão sadia meio a contragosto e a cumprimento.

Fico na poltrona, furiosa, pensando na conversa.

— Por sinal, não tenho cinco marcações.

Ela para na porta, dá meia-volta delicadamente.

— Como?

— Você disse que sou a pessoa mais Imperfeita do país, com cinco marcações. Crevan me deu seis.



Pia ainda está me encarando; não piscou uma vez sequer. Sei que a imprensa ainda não noticiou minha sexta marcação por algum motivo, o que me surpreende. Achava que Crevan queria que o mundo todo soubesse. Se ele não quer que Pia saiba, ela não pode divulgar a notícia. E apesar de o fato de Pia não saber da sexta marcação me servir de consolo, também quero que ela perceba que não sabe de tudo, que até mesmo as informações mais básicas que tem sobre mim estão erradas. Ela tentou me humilhar quando entrei. Vou humilhá-la quando ela sair. Se Crevan mentiu para ela, então seu mundinho tão seguro será abalado, e quero ter o prazer de ver a expressão dela. Ter dito isso valeu pela reação dela.

— Ele o quê? — pergunta Pia, chocada, sem seus modos elegantes. — No julgamento, ele disse claramente que eram cinco.

Reflito se continuo ou não. A história provavelmente será contata em algum momento, então é melhor que ela ouça de minha boca. E, mesmo que Pia divulgue, é verdade. Crevan não pode me culpar por isso. Meu coração dispara quando digo em voz alta:

— Ele foi até mim na Câmara de Marcação. Mandou que eu me arrependesse. Eu não faria isso. Então ele ordenou que fosse feita uma sexta marcação na minha coluna. Sem anestesia. Disse que eu era Imperfeita até a medula.

— Ele... o quê? — Ela mal consegue falar. — Mas isso não é permit... Digo, nunca foi...

Ela sabe que não pode falar muito. Questionar e duvidar do juiz Crevan? Com uma Imperfeita? Ela não é tão tola.

— Converse com seu amigo Crevan sobre isso. — Eu a deixo de pé na porta, em choque.

É a primeira vez que sorrio em quase uma semana. Quando se está no fundo do poço, as vitórias são pequenas. Mas existem, apesar de tudo. Você só tem que saber distingui-las, as porçõeszinhas de luz e esperança ocultas na escuridão.

Quando volto ao meu quarto, encontro Mary May mexendo no meu armário ao lado da cama. Olho em volta, surpresa. Meus guarda-roupas estão abertos, as roupas foram retiradas dos cabides e jogadas no chão, e minhas prateleiras foram esvaziadas. Ela está sentada na minha cama, lendo meu diário, que está sobre seu colo, meu diário pessoal. Quero chorar. Não escrevo em meu diário desde antes do julgamento, não tive forças. Parece uma vida diferente, mas são minhas reflexões secretas, coisas tolas e constrangedoras, mas coisas que eram importantes para mim quando as escrevi. Meus pensamentos mais *secretos*, e ela está ali sentada, roubando-os.

Abro minha boca para reclamar, mas, como se pressentisse, ela espalma a mão para me calar. A Delatora vira a página. Por fim, fecha o diário e me olha de cima a baixo como se pudesse ver minha alma.

— As regras dizem que posso fazer buscas aleatórias em seus pertences. Se você pretende continuar escrevendo este diário, por exemplo, mais reflexões sobre se suas coxas estão gordas ou se você será boa no sexo... — ela me ridiculariza e sinto todo o meu rosto queimando de vergonha. — ... espero que você me entregue o diário todas as sextas-feiras para eu poder lê-lo. Está claro?

Engulo em seco. Faço que sim.

Ela pega o globo de neve do Castelo das Terras Altas que encontrou no meu criado-mudo e o chacoalha.

— Sempre é bom lembrar, não? — diz ela, colocando-o nas minhas mãos ao passar por mim, a purpurina vermelha caindo e recobrindo a parte de baixo como gotas de sangue. Parece um aviso.

Corro para a cama e jogo o globo de novo na gaveta. Nunca mais quero vê-lo. Pego o diário e começo a arrancar as folhas, primeiro uma a uma, depois freneticamente até começar a chorar. Depois de rasgar todas as páginas, elas ficam espalhadas pelo chão.

A mamãe vem à porta e me observa, preocupada.

— Ela estava lendo meu diário — digo.

Mamãe se senta no chão e olha para as folhas espalhadas. Então as pega e

começa a rasgá-las em pedacinhos, com a expressão não tão tranquila como costuma ser, os olhos cheios de lágrimas. Este gesto significa mais para mim do que qualquer coisa que ela pudesse ter dito. Eu me sento ao lado dela e rasgamos as folhas com minha caligrafia, empolgados pontos de exclamação, estrelinhas e coraçõezinhos ao redor do nome de Art, rabiscos e palavras que vieram do meu coração, preocupações, histórias que me fizeram rir, ideias que eram só minhas. Vejo os corações sendo rasgados em pedacinhos.

Angelina Tinder tinha razão. Eles querem entrar em nossas mentes. Jamais os deixarei entrar em minha mente de novo.



Juniper e eu mal nos falamos.

Enquanto ela se sente culpada e excluída, estou com raiva e amargurada, e devo admitir que sinto uma estranha espécie de prazer descontando minha dor nela. Com tempo demais livre para pensar e analisar minuciosamente, minha mente insiste em voltar àquele instante no ônibus. Tento revivê-lo de outra forma em minha mente, como se isso mudasse o que aconteceu. Mas sempre que faço isso, não posso deixar de incluir o silêncio de Juniper. Ela, que não conseguia manter a boca calada, não conseguiu encontrar uma única palavra de apoio no ônibus nem me defender no julgamento, mas o que mais me dói é vê-la levando a vida que eu queria.

Dá para ver que ela está furiosa com meu silêncio. Sinto-a gritando para mim que não foi culpa dela. Juniper está me dizendo que se sente culpada sem que eu precise fazê-la se martirizar ainda mais. E respondo a tudo com meu silêncio. Era *eu* quem teria seguido exatamente as ordens, não ela. É a coisa mais bizarra do mundo que tenhamos trocado de lugar de uma hora para a outra. Estou usando as roupas dela, sentindo suas inseguranças, e ela está de repente em silêncio, mordendo a língua para não falar o que pensa como antes, saindo à noite para se encontrar com sabe-se lá quem quando não posso mais sair de casa. É minha a culpa por estarmos nos tratando desta forma, mas não posso evitar o que sinto.

E, acima de tudo, tenho saudade de Art. Meu coração está partido e preciso dele. Não entendo por que ele não me escreveu, por que não me ligou, por que não tentou me encontrar. Se é verdade que ele fugiu de casa, então não estar sob o controle do pai lhe dá ainda mais liberdade de entrar em contato comigo. Está começando a parecer que Art decidiu ficar longe de mim, e não do pai. Isso dói mais do que as marcações.

Depois do que aconteceu com Colleen, desisti da cantina da escola. Em vez disso, leio livros na biblioteca, com um saco de lanche num canto e me perdendo nas vitórias e confusões alheias. Nunca tive muito tempo para ficção antes. Preferia a vida real. Matemática. Soluções. Coisas que têm verdadeira influência em minha vida. Mas entendo agora por que as pessoas leem, por que se perdem na vida de outra pessoa. Às vezes leio uma frase e ela me faz pular, me abala, porque é algo que senti recentemente mas nunca disse em voz alta. Quero entrar na página e dizer aos personagens que os entendo, que eles não estão sozinhos, que eu não estou sozinha, que está tudo bem em se sentir assim. E então o sinal toca, o livro é fechado e volto à realidade.

Hoje estou cansada demais para ler. Não tenho dormido bem. Tenho me obrigado a ficar acordada, porque meus sonhos se transformam em pesadelos sobre a Câmara de Marcação. Ultimamente meus sonhos têm sido sobre Carrick, e em vez de ser eu na Câmara de Marcação é ele, sendo queimado diante de meus olhos. Onde está Carrick? Ele me disse que me encontraria. Quando? Ele achou melhor não me encontrar ou será que precisa da minha ajuda? Ando pensando muito nele, tanto que começou a aparecer nos meus pesadelos. Buscas na Internet por *Carrick Imperfeito* não me ajudam a descobrir nada. Não sei seu sobrenome. Não sei nada sobre ele. De onde é, o que faz. Não sei se foi considerado Imperfeito, mas um palpite me diz que sim. Fico pensando no castigo que recebeu por ter ficado ao meu lado quando eu estava na Câmara de Marcação, e espero que alguém tenha ficado ao lado dele, alguém tenha lhe dado alguma paz, como ele fez por mim. Tenho escrito o nome dele no meu caderno, escrevendo as letras em tinta vermelha vezes sem conta até começar a furar a folha. Isso me ajuda a pensar.

De repente, ouço um barulho na biblioteca e me assusto quando Logan aparece.

— Oi — diz ele todo contentinho. — Tenho procurado por você.

— Eu? — pergunto, surpresa.

Ele se aproxima e me entrega um envelope. Logan sempre demonstra tanta confiança, mas agora parece tímido.

— Convite para meu aniversário de dezoito anos. Nesta sexta.

— Obrigada — sorrio, meu coração acelerando.

— O endereço está aí dentro. Você vem? — Ele me encara.

Seguro o envelope nas mãos, abalada e insegura.

— Hmmm, por quê?

Ele ri.

— Por que o quê?

— Por que você está me convidando?

— Toda a turma foi convidada. Eu não podia deixar você de fora.

— Acho que não me querem lá, Logan.

— Bom, eu quero — diz ele convicto. — Você vem ou não?

— Certo. Digo, sim. Obrigada. — Sinto o sorriso tomar conta do meu rosto, e simplesmente não consigo impedir. Assim que ele sai, solto um gritinho e bato os pés cheia de animação. Talvez as coisas não serão tão ruins, no final das contas. Talvez as coisas possam mudar.

Ouçó outro barulho na biblioteca e grito.

— Logan? É você?

Caminho até o fim da fileira de livros e olho à esquerda. Sou agarrada pela direita e puxada para a fileira ao lado. Estou prestes a gritar quando vejo Art.

— Shhh — diz ele, colocando o dedo nos meus lábios e me levando a um cantinho da biblioteca, atrás das estantes, um canto escuro.



Meu coração bate forte. Não acredito. Não consigo tirar o sorriso do rosto.

Estamos tão perto que fico pressionada contra a estante. Sinto alguns livros deslizando ao empurrá-los. Ele parece cansado, seus cabelos não estão tão brilhantes como costumam ser, um pouco desgrehados, lisos, as mechas parecendo mais nós. Ele tem olheiras como se não dormisse há semanas, e o brilho malicioso desapareceu de seus olhos, agora sem expressão. Ele também me observa. Art estuda minha têmpora, a marcada, e faz uma cara de quem está sentindo minha dor. Seus dedos chegam perto de tocá-la, mas não encostam em minha pele, apenas pairam sobre ela. Seus dedos descem até meus lábios e ele admira minha boca com intensidade. Sei que está pensando na marcação na minha língua.

— Ainda sou eu — sussurro.

— Eu sei, é só que...

— Tudo bem.

Faz-se silêncio e de repente não sei o que dizer. Quero beijá-lo há muito tempo, mas agora não parece certo, é diferente, ele parece diferente e tenho tantas perguntas a fazer, como *onde é que você esteve?*

— Quem é Logan? — pergunta ele antes de eu conseguir falar. — Você gritou o nome dele.

— Ah, ninguém. Não importa. Art, onde você *esteve?*

— O que é isso? — Ele olha para o convite em minhas mãos e o lê.

— Logan Trilby? — Ele parece sério, irritado.

— Ele só estava sendo legal, Art — digo, baixinho. — Como você entrou

aqui?

Ele se anima um pouco, mas parece abatido.

— Passei tanto tempo sentado aqui estudando que acabei por encontrar uma saída.

— Estava tão preocupada com você. Não sabia o que estava acontecendo. Não sei o que *está* acontecendo. Onde você esteve esse tempo todo?

— Não posso contar.

— Por que não?

Ele olha em volta, paranoico.

— Porque eles lhe perguntarão onde estou e não quero que você tenha de mentir e se meter numa encrenca outra vez.

— Não poderia estar ainda mais encrencada.

Não rimos.

— Por favor, me diga.

— Não posso. Eles a seguirão até mim. Eles a estão observando o tempo todo.

Ele se aproxima e acho que vai me beijar. Observo seus lábios e espero que ele me beije, mas Art se afasta.

— Precisava de você — diz ele.

— Eu também. — Sinto as lágrimas, tenho pena de mim mesma. — Sinto como se você tivesse me deixado sozinha...

— Desculpe. Eu tive de ficar longe dele — diz Art, afastando-se, agitado. — Ando tão confuso, tentando entender as coisas. Estava com tanta raiva de você, Celestine. — Ele meneia a cabeça. — Tudo era tão perfeito.

Estou tão chocada que fico sem palavras. Depois do que o pai dele fez comigo, Art está com raiva *de mim*?

— E nem consigo olhar para ele sabendo do que ele fez a você. Cinco marcações? *Cinco*?! Aquilo não foi só para feri-la, foi para me atingir também.

Ele não sabe da sexta marcação. Não posso lhe contar, ele está com muita raiva. Quero muito tocá-lo, mas por algum motivo não consigo.

— E também não posso viver com você sabendo do que o papai lhe fez — diz ele, dando um passo para trás. — Estou entre vocês dois e não importa o que eu faça, vai ser a coisa errada.

— Art, ouça-me — digo, sentindo o pânico aumentar. Não posso perdê-lo. Se perdê-lo, não terei nada.

— Não, você é quem deve me ouvir. O que você fez no ônibus estava certo, mas foi um erro para nós dois. Se você fosse egoísta como eu, não teria feito nada. Se eu fosse forte como você, a teria defendido. Teria ficado do seu lado no ônibus. Em vez disso, fiquei assistindo a você fazer tudo aquilo, em silêncio. Deixei a pessoa que amava ser tirada de mim.

Amava? Ele me amava! Ainda me ama? A minha comemoração é interrompida pela incerteza.

— Você não tem culpa, Art. Você não tem culpa de nada disso. Não posso perdê-lo. E a escola? E a faculdade? — Imploro para ele. — Podemos fazer tudo o que planejamos e depois você e eu podemos nos mudar juntos para outro lugar, longe de todos. Vamos pensar num plano.

— Para onde, Celestine? Para onde podemos ir? — pergunta ele, e percebo a raiva de mim outra vez. — Você não pode sair do país. E não pode ir a lugar algum sem avisar os Delatores. Todos os Imperfeitos são monitorados o tempo todo. Você tem de notificar todos os seus movimentos para eles. Se você se mudar, vai ter outro Delator. E, se fizer isso, *ele* vai saber também. Sempre saberá onde estamos. Nunca vou conseguir ficar livre dele. Ele vai fazer de nossa vida um inferno.

— Podemos dar um jeito — digo, abraçando-me a ele, tentando fazê-lo parar de andar de um lado para o outro.

Ficar com Art seria o bastante para mim, mesmo que tivesse de viver sob as regras dos Imperfeitos. Não havia como Crevan tornar as coisas ainda piores para a gente.

Mas há algo mais que ele disse e que me fez pensar, sobre todos os Imperfeitos terem um Delator, todos os Imperfeitos serem monitorados. Estou tentando encontrar Carrick. Ele terá um Delator, sua localização vai ser registrada. Meu coração bate forte, empolgado.

— Art, pode me ajudar a encontrar uma pessoa?

— Quem?

— Um cara Imperfeito. O nome dele é Carrick.

— Quem? — Ele estreita os olhos.

— Carrick. Não sei o sobrenome. Ele estava ao meu lado nas celas. Preciso muito encontrá-lo.

Art fica sério e tenso.

— É mesmo? Viraram amiguinhos íntimos, não é? Igualzinho ao Logan?

— Art! — digo, surpresa.

— Desculpe, Celestine, se não sei mais quem você é, se duvido de você.

— Você sabe *exatamente* quem sou. — Engulo em seco.

Ele fica me encarando outra vez. Art suspira e fecha os olhos. O estresse o está oprimindo, abatendo-o. Não sei onde ele esteve, mas suas roupas cheiram a terra.

— Carrick foi bom para mim, Art. Estava sozinha lá e ele também, e ele cuidou de mim. Só queria agradecer. Só queria saber... como estão as coisas para ele. Se ele está passando pelo mesmo que passei. Seria legal conversar com alguém que entende...

— Você acha que eu não entendo? Esquece. — Ele se afasta. — Você tem ideia de como foi difícil para mim vir aqui hoje? O papai tem pessoas me procurando em todos os lugares. Sabe o que arrisquei? O que arrisquei pelo seu joguinho? E, no meio das minhas explicações, você me pede para encontrar um Imperfeito que conheceu na prisão? Você está indo a festas como se nada tivesse acontecido? Bom, fico feliz por saber que tudo está indo bem para o seu lado — diz ele num tom debochado, indo embora.

Fico pasmada, mas depois saio correndo atrás dele, percebendo que o perderei. Quando alcanço o fim do corredor, perco Art de vista, ele havia desaparecido. Procuro em todos os corredores. Ele se foi. Eu o perdi. Subo e desço por entre as estantes, sentindo-me tonta, imaginando como Art conseguiu sumir daquele jeito, quando finalmente encontro uma portinha de metal, como uma porta de serviço. Giro a maçaneta, esperando que ela não ceda, mas a porta se abre e me leva à área de serviço onde o sr. Murray, o zelador, organiza a reciclagem e guarda seus equipamentos. Ele está abrindo enormes caixas de

papelão, dobrando-as e as empilhando no chão.

Ele nem mesmo levanta a cabeça.

— Volte lá para dentro, menina.

— O quê? Estou procurando uma pessoa.

— Sei quem você está procurando. Volte para dentro. — Ele então ergue a cabeça e vejo o alerta em seu olhar, então volto para a biblioteca, em passos lentos.

Então, de trás da enorme lata de lixo reciclável, um fotógrafo aparece e começa a tirar fotos, disparando flashes que me deixam desorientada.

O sr. Murray o manda parar, começa a citar leis e direitos, mas o fotógrafo não lhe dá ouvidos. Ele abaixa a câmera por um momento e vejo um sorriso no seu rosto. Acho que ele nem acredita na sorte que tem por eu estar paralisada e não conseguir me mexer. Mas seu sorriso me leva a agir e desapareço dentro da biblioteca, batendo a portinha de metal. Estou de volta à biblioteca silenciosa, meu coração bate com tanta força que tenho certeza de que até os livros podem ouvir.

É então que me pergunto por que o fotógrafo estava ali. O que ele viu? Art entrando e saindo por aquela porta? E depois me viu surgindo pela mesma porta? Não descumpri nenhuma regra, mas entro em pânico porque há uma pessoa que quer ver Art quase tanto quanto eu queria, talvez mais, e fará de tudo para descobrir onde ele está.

Crevan virá atrás de mim.



— **F**ale-me sobre a última vez que viu Art Crevan — pede Pia na biblioteca, no fim daquele terrível dia em que perdi Art. Estou exausta e sem disposição para conversar com ela, mas devo ficar atenta às suas perguntas e porque estou à espera de que Crevan e seu exército batam à minha porta e me levem para um interrogatório sobre o destino de Art.

Estou esgotada por causa da briga com Art, por dormir pouco, por imaginar Carrick sendo marcado repetidas vezes. Temo ser pega pelo fotógrafo. Estou destruída. Eles tiraram toda a bondade que havia em mim. Sou apenas uma concha partida. Mas esta nova pergunta sobre Art faz com que eu me endireite na poltrona. Ela nota minha tensão e fico irritada comigo mesma por ser tão óbvia.

— Todos sabem o que aconteceu no Dia da Sentença. Art estava no tribunal, apareceu na TV. Para saber algo sobre isso, basta assistir à gravação.

— Não foi o que lhe perguntei. — Acho que ela é como um gato, esfregando as pernas magras uma na outra sob sua saia justa. Ela aproxima o rosto de mim com um sorriso ardiloso nos lábios. — Eu a peguei mentindo duas vezes, Celestine. Primeiro — ela conta com seu dedo de unhas de pêssago bem-feitas — você se encontrou com Art na escola hoje. Vi fotografias dele entrando na biblioteca, onde sei que vocês se falaram, mas vou manter isso em segredo se você cooperar e me der as entrevistas de que preciso.

Meu coração dispara.

— E, dois, você não recebeu uma sexta marcação. Não há prova disso, nenhum documento, nenhum registro. Verifiquei os arquivos.

Ela se recosta, se divertindo com o olhar petrificado em meu rosto.

— Sabe, você me assustou ao me dizer aquilo, Celestine, e acho que era sua intenção. Talvez você quisesse que eu confrontasse o juiz Crevan sobre isso, escrevesse um artigo, causasse comoção. Falar isso pode ser muito perigoso, Celestine. Este tipo de acusação poderia derrubar Crevan e o Tribunal, sem falar em mim mesma, e não a deixarei me usar assim.

Dá para ver que ela está irritada por se sentir usada, por achar que tentei enganá-la. Está usando as fotografias de Art como vingança. Uma parte de mim que nunca teve esse tipo de pensamento começa a engrenar; entra em ação, girando, tramando, planejando. Não tinha ideia de que o fato de Crevan ter me dado uma sexta marcação poderia lhe causar tantos problemas a ponto de derrubar o Tribunal. Como é possível? Se soubesse disso, teria pensado no assunto com mais cuidado. Não teria simplesmente lhe contado. Tenho tanto poder assim?

— Sua intenção é derrubar o juiz Crevan, Celestine? Você está tentando envolver Art no seu plano? Colocá-lo contra o próprio pai? Enya Sleepwell está tentando armar para o juiz Crevan? O que é que você está planejando, Celestine? Porque todos sabem que você está armando algo.

Pia está muito feliz consigo mesma, como se tivesse me surpreendido num grande complô. Ela quer que eu ceda, chore, confesse. Em vez disso, jogo a cabeça para trás e rio. Ela me deu uma ideia.

Confusa, Pia tamborila na poltrona e arruma a saia, incomodada por minha reação.

— Aposto que você não perguntou a Crevan sobre a sexta marcação, não é?

— Claro que não — diz ela, um pouco frustrada.

— Não, claro que não. Porque você tem medo dele. Porque sabe que ele é louco.

— O juiz Crevan não é louco — diz ela bem claramente, como se outra pessoa estivesse ouvindo, como se a estivesse encurralando. — E não tenho medo dele... Simplesmente não lhe perguntaria algo tão ridículo. Precisaria de provas primeiro. Perguntei a sua mãe sobre a sexta marcação — diz ela, com outro sorriso astuto. — Nem ela confirma. Ela não admitiu que você tem uma sexta marcação. Ela não estava na câmara nem quando você foi marcada pela quinta vez, Celestine; não havia ninguém lá. Sua família foi retirada por mau comportamento. Os relatórios dizem tudo.

Os relatórios mentiram.

Não é de se admirar que mamãe parecesse nervosa quanto voltei para casa da escola. Achei que fosse por causa da presença de Pia, mas era porque lhe perguntaram sobre a sexta marcação. Ela tem medo de que Pia escreva sobre isso, mas o que mamãe não sabe é que agora entendo tudo. Pia jamais escreverá sobre isso porque Crevan não permitirá, porque *ele não deveria ter feito aquilo*.

— Quem escreveu os relatórios?

— Os guardas em serviço.

Tina, June, Bark, Funar. Eles mentiram por Crevan.

— Então, resumindo, meu grande plano não dará certo porque não há provas — digo.

— Nadinha — diz ela, dando uma risadinha nervosa.

Penso no assunto. Relembro o momento em que tudo aconteceu, a dor que senti e a força que encontrei para me recusar a me arrepender para Crevan. O momento mais doloroso da minha vida também foi o momento em que demonstrei mais força e coragem. E penso em Carrick, a mão dele contra o vidro. Também me lembro do sr. Berry, com sua câmera no alto registrando o evento. Não sabia que isso era importante, mas todos temos as provas de que preciso e não revelarei isso a ela. Por algum motivo, o sr. Berry ainda não apareceu com estas informações. Eu deveria ter aquele vídeo comigo. Aquele filme é poder e talvez seja por isso que o sr. Berry o está guardando, por interesse próprio.

— Posso lhe mostrar a prova agora mesmo, se você quiser.

Ela olha em volta, talvez pensando que alguém vá surgir de repente de um esconderijo.

— Antes de lhe mostrar, você tem que prometer que vai cooperar comigo e tudo que for preciso — digo, virando a mesa. — Sei que você não vai escrever sobre meu encontro com Art hoje e nem publicará as fotografias. Você só está usando isso para me ameaçar. Sei disso porque, se Crevan descobrir que você sabe onde o filho dele está e não disse nada, você sofrerá. Você sabia onde o precioso filho dele estava e o deixou escapar? Sabe há quanto tempo Crevan está procurando por Art? Eu poderia atravessar a rua agora mesmo e contar a ele.

Deu certo. Ela tem mesmo medo dele.

— Certo — diz ela, engolindo em seco. — Vou abafar esta história. Então onde está a prova? — Ela está tentando agir como se não acreditasse em mim, mas vejo seu medo. Ela teme que a sexta marcação seja verdadeira, medo de que o chefe do Tribunal seja uma fraude, de que tudo aquilo no que ela acredita seja mentira.

Levanto-me. Aproximo-me dela, que se recosta firmemente na poltrona, as mãos nos apoios de braços, e se segura. Viro-me e ergo minha camiseta, abaixo a cintura da calça para ela ver a base da minha coluna. Não vejo seu rosto, mas ouço-a respirar. A marca na minha espinha dorsal é repulsiva. Eu me contorci quando me queimaram. Senti a dor sem a anestesia e, ironicamente, o *I* não é nada perfeito, só um amontoado de pele vermelha. Abaixo minha camiseta, mas não volto a me sentar. Em vez disso, saio pela porta.

— Obrigada, Pia. Esta entrevista foi muito esclarecedora.

Em vez de me pôr contra a parede, o que ela fez foi me dar uma ideia. Se tenho o poder de derrubar Crevan com minha sexta marcação, então eu o usarei. Assim Art e eu podemos ficar juntos. Mas vou precisar de mais provas e de ajuda. Preciso do vídeo do sr. Berry e de outra coisa. Não vou mais esperar por ele, preciso encontrar Carrick.



Não ouvi falar de Art desde a nossa briga na biblioteca. Repassei aquele momento várias vezes na minha mente para tentar me convencer de que não deveria ter tocado no nome de Carrick. Que coisa idiota de fazer bem naquela hora. Se não tivesse falado nele, Art e eu estaríamos bem. Mas, no meu coração, sei que não. Não posso aturar o mau humor dele só para ficarmos juntos. Naquele momento na biblioteca, não éramos mais os mesmos. Tudo era diferente. Ele não conseguia nem mesmo me beijar. De uma coisa tenho certeza: se ontem queria encontrar Carrick para agradecê-lo, hoje preciso encontrá-lo para dar início ao meu plano. Se existe uma pessoa que quer derrubar Crevan tanto quanto eu, esta pessoa é Carrick. Não posso fazer isso sozinha.

Minha última aula do dia é de francês, mas como a professora se recusa a me dar aula, vou ficar na biblioteca de novo. É a oportunidade perfeita para passar um tempo sozinha, para estar em um lugar sem que ninguém saiba. Encontro Juniper no corredor, e todo mundo faz uma roda a nossa volta.

— Idiotas — resmunga Juniper.

— Diga à mamãe que vou a um lugar hoje à tarde, diga para ela não esperar por mim. Vocês voltarão para casa sem mim.

— O quê? Ela vai ter um troço. Aonde você vai?

— Diga que estou bem. Só quero ser independente, me ajustar à minha nova vida sozinha e tal. Ela vai cair nessa.

Seus olhos se estreitam, desconfiados.

— O que você está tramando, Celestine?

Ficamos em um impasse. Não confiamos uma na outra.

— Diga à mamãe que vou me encontrar com Pia Wang para uma entrevista.

— Vai mesmo?

Reviro os olhos e me afasto. Ela não é a única que pode se encontrar com as pessoas em segredo.

Meu plano é fugir pela porta dos fundos da biblioteca depois da visita de Susan, a secretária da escola que praticamente virou minha babá durante as aulas dos professores que se recusam a me ensinar. Eu empurro a porta, mas está trancada. Bato-a e a chuto, frustrada. Absolutamente *nada* dá certo para mim.

Deslizo até o chão e começo a chorar, quando de repente a porta se abre e caio para trás. O sr. Murray está de pé ali.

Levanto-me.

— Não a ajudei — diz ele, depois vira de costas e volta a trabalhar.

Não saio. Por mais que queira aproveitar esta oportunidade para encontrar Carrick, não quero que o sr. Murray tenha problemas. Ele é o zelador da escola desde que entrei, e provavelmente já trabalhava aqui antes disso.

— É ilegal me ajudar — digo, testando-o, dando-lhe mais uma chance de fechar a porta para mim.

— Não, não é — diz ele, ainda sem olhar para mim, esfregando suas botas enlameadas num tapete. — Há uma marca na sola do meu pé que diz que não há lei contra um Imperfeito ajudar outro Imperfeito.

— O quê? — Olho para o pé dele, mas ele continua a tirar a lama.

— Você vai ter de acreditar em mim.

— Mas... você nunca usa braçadeira.

— Exatamente, para que ninguém saiba. Estou fora do radar. — Ele finalmente me encara.

— Nunca ouvi falar disso antes.

— Há brechas no sistema e você pode se aproveitar delas. É mais difícil para você, claro, por ter o nome que tem, mas se você procurar vai encontrá-las. Eles nem sempre vencem. Tome cuidado.

Meneio a cabeça afirmativamente, pasmada.

— Obrigada.

Corro para longe da escola e pego um atalho pelas árvores para evitar a imprensa, cada vez menos presente. Não quero andar de ônibus, pois acho que isso atrairia atenção demais, então pego uma bicicleta do sistema de empréstimo municipal. Há trinta estações ao redor da cidade. Você pega uma bicicleta numa estação, anda por onde quiser, para e a deixa na estação mais próxima. O Castelo das Terras Altas é um dos pontos turísticos mais movimentados da cidade, onde muitas pessoas trabalham, por isso uma das maiores estações de bicicletas públicas fica ali. Vou até a Ponte dos Sussurros, passando por entre os turistas. É difícil subir a colina de bicicleta, então paro e empurro a bicicleta até o alto da ironicamente chamada Rua Elevada. Acho que ninguém jamais pegou um caminho elevado até o Castelo das Terras Altas. Ao trancar a bicicleta, ouço o barulho conhecido das pessoas xingando e vaiando no pátio. Isso me leva de volta à minha própria experiência e me deixa aterrorizada, fazendo-me parar de repente até perceber que os gritos não são direcionados a mim. Outra pessoa está sendo julgada.

Como aquilo está atraindo a atenção de todos, ninguém me nota. Compro um boné numa loja de lembrancinhas, garantindo que ele cubra minha têmpora para o caso de ser pega, e abro caminho até a frente da multidão. Chego lá a tempo de ver um homem e uma mulher de mãos dadas, andando da Torre do Relógio até o tribunal. Eles estão bem juntos, e a mulher chora sem controle. Há dois guardas ao lado deles, mas não os reconheço. Isso é bom. Significa que posso ir à Torre do Relógio enquanto o tribunal está em sessão e falar com Tina. Com sorte, depois de tudo o que passei, ela me dará o endereço de Carrick.

A multidão não é nada como o escândalo que foi durante meu julgamento. Olho para o cenário de Pia e lá está ela, ao vivo, divulgando suas ideias preconceituosas sobre outras vítimas inocentes.

— Vocês dão nojo! — a mulher ao meu lado grita para o casal, e lança um cuspe que atravessa o ar e pousa no sapato da mulher. Isso faz com que eu me encolha, e a mulher julgada chora ainda mais, escondendo-se sob o braço do parceiro.

— Você viu o rosto dela? — A mulher ao meu lado ri, assim como outros espectadores.

— Você deveria ter mirado no rosto — diz um homem furiosamente.

— O que eles fizeram? — pergunto.

— Você não lê as notícias? — pergunta ela, surpresa. — Eles só falam disso.

Faço que não e dá para ver que ela gostou da oportunidade de me contar a história, como se a aversão que sente pelas pessoas fosse a única coisa a motivá-la.

— Ela e o marido tiraram o filho doente do hospital, sem permissão, porque não concordavam com o tratamento. Viajaram por todo o mundo, fugiram por semanas; o coitadinho podia ter morrido. Eles o levaram para a Espanha. Para conseguir outro tratamento. — Ela revira os olhos. — O que há de errado com nossos hospitais? Eles não podem brincar de deuses assim.

— Mas... o tratamento deu certo? — pergunto.

— Eles voltaram hoje pela manhã. Os Delatores os pegaram antes mesmo que descessem do avião. O menininho voltou ao hospital. Ele está ótimo. Eles o deixarão continuar com o tratamento alternativo. A polícia espanhola os interrogou, mas os deixou ir embora. Nada ilegal, aparentemente, mas é errado. Aquele menino podia ter morrido na viagem.

Abano a cabeça e ela se satisfaz com minha reação, mas não concordo com ela. Sei agora que sou totalmente contrária a qualquer decisão do Tribunal. A mulher olha para baixo e vê o *I* na minha manga. Ela arregala os olhos e fica boquiaberta, seu rosto ganha uma expressão de repulsa. Antes que ela possa alertar alguém, recuo na multidão e corro para a Torre do Relógio.

A recepcionista me atende.

— Gostaria de falar com Tina, a guarda.

— Não creio que seja possível — responde a recepcionista.

Tiro meu boné para revelar minha identidade.

— Eu a conheço. Estive em custódia aqui há duas semanas. Só queria lhe perguntar uma coisa.

— Sei quem você é — diz ela educadamente, sem se importar comigo ou minha manga, já que ela vê isso todos os dias. — Tina não trabalha mais aqui.

— Ah. — Sinto um frio na barriga e tento pensar num outro plano. — E quanto a Bark?

— Ele não trabalha mais aqui, infelizmente.

Sinto-me derrotada.

— E quanto a June?

Ela faz que não.

— Funar? — pergunto, hesitante. Não espero conseguir tirar nada dele, mas tenho que tentar.

— Ele também não trabalha mais aqui.

— O quê? Bem, hmmm... — Penso. — Havia outro segurança. Não sei o nome dele. Ruivo. Hmmm...

— Tony — diz ela. — Ele também não trabalha mais aqui.

Eu a encaro, chocada, sem palavras.

Vejo que ela está constrangida. Ela levanta a cabeça para o canto da sala e vejo a câmera.

— Há mais alguma coisa em que eu possa ajudá-la? — pergunta ela, sendo gentil.

— Preciso ver o sr. Berry — digo, apressadamente. Se os guardas foram demitidos, eles que eram minhas testemunhas, e não posso entrar em contato com Carrick para me ajudar, então preciso encontrar o sr. Berry sozinha. Preciso daquele vídeo agora.

Ela parece aliviada por poder me ajudar com alguma coisa.

— Não vejo o sr. Berry há algum tempo. Acho que ele tirou férias, mas deixe-me ver se ele voltou. — Ela telefona e, decepcionada, desliga.

— Infelizmente ele não está no escritório. Gostaria de deixar recado?

— Pode dizer para ele me ligar. Urgentemente.

— Claro.

— Pode me passar o contato da Tina? Um telefone? Ou endereço de e-mail? Qualquer coisa. Só quero lhe perguntar uma coisa. Não a incomodarei de nenhuma forma. Não precisa se preocupar.

Ela morde o lábio.

— Eu não deveria... — Posso notar uma ponta de dúvida nela. — Só um instante. — Ela se levanta e vai até uma sala nos fundos, e espero, ainda admirada por todos terem saído dali.

Tamborilo os dedos na bancada, olhando para o relógio. A mamãe pegará Juniper em pouco tempo. Ela ficará louca ao descobrir que não voltarei para casa com elas. Preciso fazer todo este risco valer a pena. Quando a porta se abre, espero ver a recepcionista, mas é Crevan quem aparece. Meu coração bate fora de controle. Não o vejo desde a Câmara de Marcação e tudo me volta, a expressão insana em seu rosto ao gritar para que me arrependesse, ao ordenar a dor inacreditável em minha pele. Ele está usando seu manto vermelho, pronto para o julgamento. Respiro pesado. Tenho medo dele. Não vejo mais nele o pai de Art. É outro homem, um homem cruel, e entendo que Art não possa mais ficar perto dele. Eu também não, e meu corpo treme da cabeça aos pés.

O rosto da recepcionista ficou todo vermelho atrás dele. Ela tem uma folha de papel na mão e sei que são os contatos de Tina que tanto quero. Se não pegar agora, ela jamais me dará. Mas Crevan está olhando para ela e para mim e, se pegar os contatos da mão dela, então tudo terá acabado.

— Celestine — diz ele, as narinas abertas, como se algo fedesse no ambiente. Ele me olha com ódio. — O que você está fazendo aqui?



— **O** que estou fazendo aqui? — pergunto, e percebo minha voz trêmula.

Meu medo só o fortalece, o deixa com um olhar divertido, condescendente.

— Eu... eu... — Não consigo nem pensar. Não posso mentir e não posso dar uma justificativa plausível. Sou tão burra por me colocar nesta situação. Sinto-me tonta. O que aconteceria se eu simplesmente fugisse? Ele me perseguiria?

— Aí está você — diz Pia Wang de repente atrás de mim, toda séria. — Estava procurando você. Estou pronta agora.

Era só o que me faltava, Pia e Crevan juntos na mesma hora.

Ela para atrás de mim e olha para Crevan.

— Ah, juiz Crevan, oi, como você está? Celestine e eu estávamos prestes a retomar nossa entrevista. Você estava me procurando? — pergunta ela para mim.

Olho para ela, admirada. Pia está me ajudando? Meneio a cabeça, respondendo que sim.

A recepcionista esconde a folha de papel na mão e meu coração para de bater.

— Vamos. Tem um café aqui perto. Juiz, prazer em vê-lo — diz a repórter cheia de confiança, mostrando o caminho.

Com as pernas bambas, e sem olhar de novo para Crevan a fim de não correr o risco de ele me chamar de volta, saio com ela. Há várias ruelas e calçadinhos ao redor e no meio do castelo. Pia me leva por uma ruazinha até um café com cinco mesas próximas. Ela devia saber que o café estava vazio, e o adolescente sujo atrás do balcão que prepara nossos cafés se senta num banquinho e esquece da gente concentrado no celular. Mesmo se ouvir o que dissermos, duvido que dará alguma importância.

Já estou mais calma quando nos sentamos.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta Pia.

— Procurando você, claro — digo, sarcástica. — E aí está você!

Pia me olha com desconfiança, mas se eu não continuar com aquela história dela, ela vai querer saber o verdadeiro motivo de eu estar aqui e não posso lhe contar nada sobre minha busca por Carrick.

— Pensei na sua prova — diz ela, olhando para o adolescente e para mim.

— Certo.

— E não se sustenta. Você pode ter feito a cicatriz sozinha.

Quase engasgo com meu café, e ela ao menos se sente um pouco estúpida por ter dito isso.

— Ou outra pessoa pode ter feito. Não há prova de que... *ele*... fez.

— Sem sombra de dúvida há algo de errado com você se acha que eu me queimaria com um ferro em brasa sem anestesia — digo, um pouco mais alto do que pretendia, mas ela está me deixando com raiva. Nós duas olhamos para o adolescente, mas ele não tira os olhos do telefone.

— Simplesmente não há ninguém capaz de corroborar sua história — diz ela. — Sua família e o sr. Berry foram tirados da sala na quinta marcação. Não havia ninguém para ver. Não há nada sobre isso nos relatórios.

Ela realmente não sabe sobre Carrick ou o sr. Berry e tenho certeza de que Funar não disse a ninguém que eles conseguiram entrar na sala e ver tudo, sabendo que era errado.

— Você conversou com os guardas? — pergunto.

— Não. Mas li os relatórios. Os guardas os escreveram.

— Sim. Mas você *falou* com eles?

— Não.

— Interessante. — Termino meu café e me levanto me sentindo mais confiante, mas esperando não esbarrar com Crevan outra vez. Está claro que estou nas mãos dele agora. — Tenho de voltar para casa ou minha mãe ficará preocupada. Você deveria conversar com os guardas. Talvez eles lhe digam algo

diferente. Tina, June, Bark, Funar e Tony. Você deveria perguntar por eles na recepção.

Ela pega uma caneta e escreve os nomes. A velocidade de sua reação revela seu desespero pela verdade. Se não posso encontrá-los, ela pode fazer o trabalho por mim, o que não significa que posso acreditar piamente que ela vá escrever a verdade caso a descubra.

— Obrigada pelo café — digo. Visto o boné, ajusto minha braçadeira com o *I* e volto para o mundo. Deixo três mensagens de voz para o sr. Berry pedindo que ele me ligue com urgência.

Há mais um lugar que quero visitar antes de voltar para casa.

A regra dos Imperfeitos determina que eles não podem ser enterrados com seus familiares; há um cemitério especial para eles. A ideia é que não se pode obrigar as pessoas ética e moralmente normais da sociedade a ficarem enterradas ao lado de Imperfeitos por toda a eternidade. Vou ao único cemitério de Imperfeitos da cidade, cercado por grades vermelhas.

Há uma lista dos ocupantes no escritório, juntamente com um registro de seus erros, parte da filosofia de ser marcado como Imperfeito. Nem na morte há escapatória. Nem preciso ir ao escritório para consultar os registros para encontrar o túmulo de Clayton Byrne. Parece o túmulo de um mártir. Há dezenas de flores frescas e velas perfumadas decorando a lateral, por respeito a um homem que morreu tragicamente. Seu túmulo se transformou num lugar de peregrinação dos Imperfeitos, que têm esperança de que ele se torne um símbolo da mudança, que a situação lance luz sobre a causa dele. Sei disso porque li dezenas de bilhetes e cartões deixados para trás.

Outros que o visitam são os que sentem que a morte dele é um sinal de que estamos todos condenados, de que não há esperança. Isso vem na forma de rosas e velas negras que se encontram do outro lado do túmulo. Olho para as coisas coloridas e negras, a esperança e o desengano, sem saber em que lado me encontro.

Sento-me e acendo duas velas: uma preta e uma branca. E choro, pela perda dele e a minha.



Abro a porta da frente da minha casa e a imprensa me olha surpresa. Um fotógrafo fica mesmo paralisado, com metade do sanduíche na boca. É a primeira vez, desde o incidente no ônibus, que saio pela porta da frente. Até então, tenho sempre chegado de carro e entrado pela garagem. Depois da minha visita solitária ao túmulo de Clayton, pedi à minha mãe que me pegasse. Apesar de quase ter perdido o controle de tanta preocupação e raiva, ela foi compreensiva ao me pegar no cemitério, sabendo que foi um importante passo a tomar em minha vida. Ainda farei de tudo para evitar os repórteres do lado de fora de casa. Entrar pela garagem não impede as câmeras contra a janela, mas ao menos impede que os homens com câmeras tentem focalizar minhas pernas quando saio do carro, o que fazem com mamãe e Juniper. A ideia de pernas expostas ou de coxas abertas é excitante e apelativa demais para eles.

Mamãe tem aparecido em sites nos últimos dias. Ela fica feliz em lê-los e se recusa a ter um dia ruim, então eles insistem nela. Seu guarda-roupa é analisado diariamente, com legendas sob as fotos dizendo como Summer North “exibe” suas longas pernas, “mostra” seu corpo esguio. Entendo que, para a imprensa, *exibe* e *mostra* é o mesmo que *tem*. Eles também descrevem suas roupas como “apertadas” e “justas” e, se um dia ela usar um terninho, dirão que ela está “se escondendo” como mulheres que não revelam o corpo e tentam esconder alguma coisa.

Há uma pausa enquanto a imprensa toda me olha e aproveito o elemento-surpresa para sair pela calçada. Finalmente eles se lembram do porquê de estarem acampados diante da nossa casa e pegam as câmeras e microfones para me perseguir. Cruzo a rua, mas eles me alcançam. Agora estou cercada e é difícil saber para onde andar, já que os flashes me cegam e eles bloqueiam o caminho. As câmeras batem em mim enquanto eles me puxam e me empurram para

obterem os melhores ângulos. Tenho de abrir caminho como se eles não estivessem ali. Alguns gritam “Dê espaço para ela!”, enquanto um homem me pede que lhe jogue um beijo. Tento não reagir. Sei que é o que eles querem. Mantenho a cabeça baixa, focada no chão, sabendo que, se as pessoas diante de mim tropeçarem, eu tropeçarei. Passo pelo cartaz de VENDE-SE no jardim da casa dos Tinder e todos eles precisam ficar longe do terreno. Subo pela calçada e toco a campainha.

Bob Tinder me atende. Ele parece muito mais velho do que da última vez que o vi, há algumas semanas. Mais grisalho. Exausto. Ele vê a imprensa atrás de mim em seu portão e me deixa entrar imediatamente. Quase dá para ouvir seus suspiros de decepção ao fechar a porta.

— Celestine — diz ele, nada feliz ao ver o que trouxe à sua porta. — Colleen não está.

— Não estou aqui para ver Colleen. — O fato de eu e ela nunca ligarmos uma para a outra obviamente passou despercebido por ele. — Estou aqui para minha aula de piano.

Ele franze a testa.

— É quinta-feira — explico. — Sempre tenho aulas de piano às quintas.

— Ela não... — Ele engole em seco, a voz falha. — Ela não toca desde que...

— Ela deveria tocar.

— Ela acha que suas mãos foram danificadas. Que não pode mais tocar.

— Pode lhe dizer que estou aqui?

Ele pensa no assunto.

— Você pode esperar na sala de música.

Sigo pelo corredor e viro à esquerda na sala de música. Não venho aqui desde que minha vida mudou. A sala permanece a mesma, mas tudo parece diferente. Entro. Sento-me ao piano. Espero.

Abro a tampa e passo os dedos pelo alto das teclas. Fico esperando por muito tempo. Ouço o subir e descer das vozes de Bob e Angelina que vêm pelo corredor. Ela não quer entrar. Eu a farei entrar.

Começo tocando a peça mais recente que ela me ensinou, e minha preferida:

“Nocturne Carceris”, uma obra inesquecível. Eu a toco melhor do que nunca. E toco de memória. Nunca gostei das aulas de piano. Era sempre algo que me impedia de ver meus amigos e a prática era algo que me impedia de assistir à TV ou sair. Era sempre um incômodo. Em festas, sempre me pediam para tocar e isso também me incomodava porque sou perfeccionista, ou pelo menos era, e só conseguia relaxar depois que minha apresentação terminava. E, se cometia um erro, ficava lembrando daquilo por uma semana. O piano sempre me estressou. Eu tocava para os outros. Tocava para Angelina na aula, tocava para meus pais ao praticar e tocava para os convidados nas festas. Nunca toquei para mim mesma. Nunca tive a oportunidade. Mas tudo muda agora. Toco para mim. Toco melhor do que nunca, perdendo-me enquanto meus dedos dançam sobre as teclas.

Quando criança, sempre pensei que, para fugir, você tinha de se levantar e sair correndo, como as crianças faziam nos filmes. Um grito horrendo, a batida de uma porta e a fuga. Mas descobri que muitas pessoas fogem sem precisar sair do lugar. Percebo isso no rosto maquiado da mamãe; quando o papai se perde em seus pensamentos à mesa do jantar; quando Ewan fica no chão, brincando concentrado com seus carrinhos e helicópteros. Juniper foge ao colocar os fones de ouvido e pôr sua música para tocar, de costas para o mundo. Antes, não sabia como fazer isso. Mas agora sei. Estou correndo sem parar em minha mente, em meio ao nada infinito e me sentindo livre. Ao abrir os olhos, vejo Angelina Tinder de pé na porta, vestindo preto da cabeça aos pés em contraste com as paredes brancas. Ela fica na porta, ouvindo, então continuo a tocar. Então Angelina lentamente se aproxima. Sinto-a ao meu lado, atrás de mim, e ela se senta. Tenho medo de olhá-la e assustá-la. Bob fica na porta com um sorriso no rosto. Feliz e triste ao mesmo tempo. Então fecha a porta com todo o cuidado para nós duas.

Ao terminar, olho para ela, a sala em silêncio. Lágrimas descem por seu rosto.

— Você toca — sussurro.

Ela faz que não com a cabeça.

Olho para as mãos dela, novamente cobertas por luvas pretas sem a ponta dos dedos. Elas estão espalmadas no colo. Aproximo minha mão da dela devagar, e a seguro. Ela não reclama, mas está intrigada, como se não tivesse controle sobre seus membros. Então lentamente levo a mão dela ao piano e abro seus dedos. Pego a outra mão e faço o mesmo, ganhando mais confiança ao colocá-la sobre

as teclas, abrindo os dedos outra vez.

Ela fica ali sentada, a postura perfeita como sempre, que lhe cai melhor que qualquer luva sobre a mão Imperfeita. Seus dedos começavam a se mover bem devagar sobre as teclas, sem pressioná-las. O piano não emite nenhum som, mas ela sente as teclas de novo. Angelina sorri.

— Continue — sussurro, incentivando-a.

Ela ergue as mãos com graciosidade e fico esperando, prendendo a respiração até ver o que ela tocará, e depois ela rapidamente bate com as mãos nas teclas. Para cima e para baixo, para cima e para baixo, bang, bang, como uma criancinha tocando o instrumento. Primeiro dou um salto, depois fico paralisada ao observá-la, esperando que ela pare com aquela loucura. E é mesmo loucura, dá para ver em seu rosto. Raiva, ódio e dor irrompem, tentando se esvair dela, mas seus olhos estão enlouquecidos e incontrolláveis. O som das teclas é insuportável, várias notas tocadas ao mesmo tempo sem parar.

Olho em volta, insegura e sem saber o que fazer.

— Angelina — digo, cuidadosamente, mas minha voz mal pode ser ouvida por sobre as notas. Então falo mais alto. — Angelina, por favor, pare.

Ela me ignora, continuando seu ataque no piano, passando das teclas agudas para as graves, emitindo os sons mais inusitados e distorcidos de um instrumento que antes emitia um som tão bonito. Fico pensando se aquilo lhe parece belo agora que sua mente também está tão distorcida. Se ela ouve Mozart, enquanto eu ouço loucura. Ela continua como se não eu estivesse ali, me dando cotoveladas, quase me tirando do banco. Levanto-me e me afasto dela pensando se deveria chamar alguém, se ela está tendo uma espécie de ataque.

A porta se abre.

— Mas o que é isso? — pergunta Bob, entrando.

Ela nos ignora, continuando perdida em sua música com um sorriso no rosto. Mas não há felicidade naquilo, só a imagem demente de satisfação.

Bob fica ali, chocado, observando-a sem reconhecê-la.

— O que *ela* está fazendo aqui? — pergunta Colleen de repente, aparecendo na porta. — O que está havendo? — Ela olha dentro da sala e vê a mãe. Fica boquiaberta. — O que você fez com ela? — grita por sobre todo aquele barulho.

— Eu? — pergunto, surpresa. — Nada. Eu não...

— O que você fez com minha mãe? — grita ela, furiosa, aproximando-se de mim.

Recuo.

— Nada. Eu não... — Mas ela não me ouve.

— Saia da nossa casa — diz ela, aos berros.

Olho para Bob, tentando encontrar um traço de normalidade, tentando tirar alguma lógica da situação, mas ele está distraído. Ele abre caminho até a esposa, segurando as mãos perto dela, pairando ao redor do corpo dela como se temesse tocá-la.

Colleen leva as mãos aos ouvidos como se não aguentasse mais, não só o barulho da mãe como também o que quer que esteja ouvindo na mente. A própria voz, os próprios gritos, a própria angústia.

— Saia! — diz ela para mim, com uma expressão de repulsa estampada em seu rosto.

Aproximo-me da porta. Dou uma última olhada para Angelina, enlouquecida batendo nas teclas, uma mulher completamente diferente, insana pelas marcações em seu corpo e pela forma como vem sendo tratada. De repente, ela tira uma das mãos das teclas, mas continua batendo com a mão direita, e segura a tampa. Acredito que esteja prestes a parar de tocar como Bob lhe pede e vejo o que está para acontecer.

— Não, Angelina! — grito, e os dois me olham e não a veem fechando a tampa sobre a mão direita. A mão marcada.

Uma vez não basta. Ela grita de dor, mas continua batendo na própria mão.

— Esta mão não é minha! Estes dedos não são meus!

São necessários Colleen e Bob para detê-la, mas quando conseguem sei que o estrago já está feito. Ela quebrou os próprios dedos.



Transtornada, saio pelo corredor até a porta da frente. Abro-a e encaro a imprensa. Eles percebem minha cara de espanto, que esqueci de disfarçar.

— O que aconteceu, Celestine?

— Está planejando um golpe?

— Está reunindo um exército de Imperfeitos?

— Angelina Tinder faz parte da sua aliança?

— É verdade que você está criando um partido político de Imperfeitos?

Abro caminho entre eles e corro para minha casa.

Mary May me espera na porta. A imprensa não pode fotografá-la, mas sei que estão adorando tudo isso. Eles percebem que fiz algo de errado, que estou encrencada novamente. Grandes notícias. Eu, que já estou perturbada pelo que aconteceu na casa dos Tinder, acho que não aguento mais. Mary May abre caminho para eu entrar.

Juniper e mamãe estão de pé e nervosas na cozinha. Ewan corre para o andar de cima e se afasta de mim, como sempre, com medo de ficar no mesmo ambiente que eu.

— O que você fez? — pergunta a mamãe, baixinho.

— Nada — dizemos Juniper e eu ao mesmo tempo, o que faz com que nos olhemos e sorrimos pela primeira vez em muito tempo.

Juniper me lança um olhar preocupado e sussurra:

— Você fez alguma coisa ontem?

Engulo em seco. Penso no encontro com Crevan e me pergunto se ele

descobriu que eu estava procurando os guardas e o sr. Berry e, se sim, qual seria meu castigo. Mary May entra marchando na cozinha com seu casaco preto e vermelho e olha diretamente para mim. Estou com tanto medo de que isso tenha algo a ver com minha visita ao Castelo das Torres Altas e com minhas perguntas sobre os guardas que, quando ela pega um jornal e o bate na bancada da cozinha, fico aliviada.

Agora sei que não posso confiar em Pia. É um artigo ridículo sobre como estou tendo tratamento preferencial na escola, sendo dispensada das aulas e da natação, e sei que aquilo foi escrito apenas para pressionar o diretor a me fazer abandonar a escola. Se ele for visto ajudando uma Imperfeita ou até mesmo facilitando minha vida, então os pais vão querer sua cabeça numa bandeja de prata. A imagem do artigo foi tirada por alguém da escola sem que eu percebesse. Deveria ser minha foto com as tranças caídas, cobrindo minha têmpera, o que vai contra as regras dos Imperfeitos.

— Não sou eu — digo imediatamente.

Todas chegamos perto uma da outra.

— Sou eu — diz Juniper.

— Você conhece as regras, mocinha — diz Mary May para Juniper. — Você não pode mentir pela sua irmã ou será punida, ou presa, ou as duas coisas.

— Não estou mentindo — diz Juniper, e sinto que ela está perdendo a paciência. A velha Juniper está de volta.

— O jornal diz que é Celestine — diz Mary May, um tanto irritada, dobrando o jornal. — A fotografia é um claro desrespeito às regras, Celestine. Você será punida.

— Quero ligar para o jornal e pedir uma retratação — mamãe se apressa em dizer. — Um erro foi cometido aqui. Conheço minhas filhas, e não é Celestine na foto.

Mary May não está aceitando nada disso.

— Durante uma semana, a começar na segunda-feira, você ficará em prisão domiciliar. Você não pode sair de casa depois da escola. — Ela assina um formulário, deixa-o sobre o jornal e sai.

— Eu a odeio — digo baixinho, vendo Mary May ir embora.

A mamãe me manda ficar quieta apesar de a Delatora estar longe demais para me ouvir.

— Ela é uma mulher estúpida usando um uniforme ridículo — ataca Juniper.

— Não, não, não. — Mamãe a segura pelos ombros e a olha nos olhos. Juniper fica impressionada com a agressividade da mamãe, que percebe o que está fazendo, e suspira. Então ela nos leva à mesa da cozinha e nos sentamos. — Meninas, temos de tomar cuidado. Vocês acham que ela é uma mulher rancorosa, mas Mary May é uma das Deladoras mais antigas, e vocês sabem por quê?

— Por quê? — pergunta Juniper.

— Ela denunciou a irmã ao Tribunal assim que as regras dos Imperfeitos foram criadas. E então, quando toda sua família lhe deu as costas, ela denunciou a todos. O pai, as irmãs e o irmão, alguma coisa a ver com o negócio da família. Todos foram levados, marcados, punidos.

— O quê? — pergunto, respirando rápido. — A própria família?

— Ela pode parecer apenas uma mulher num uniforme idiota, mas é perigosa. Vamos tentar não descobrir do que ela é capaz.

Engulo em seco e assinto. Posso ter sido poupada aqui. Minha prisão de uma semana não é o pior castigo do mundo. Significa que ainda posso ir à festa de Logan amanhã à noite, o que me deixa ansiosa e empolgada, mas significa um intervalo na minha missão de encontrar Carrick, e preciso encontrá-lo antes que Crevan consiga fazer com que outras pessoas desapareçam.



— **E**ntão você conseguiu falar com os guardas? — pergunto a Pia, mordendo minha isca.

Um pedido urgente de encontro trouxe Pia à minha casa na sexta-feira pela manhã bem cedo. Ouço todo mundo se arrumando para ir à escola ou ao trabalho, mas não estou com pressa porque o diretor ligou para dizer que, por causa do artigo de Pia, só voltarei à escola depois que definirmos outro esquema. Eles finalmente conseguiram e estão usando o artigo para me atingir. Sem dúvida isso é ideia de Crevan. Estou fora, então agora Art pode frequentar a escola. Ele só precisa ser encontrado antes.

Pia usa uma roupa casual, calça jeans e tênis e uma camiseta de algodão, o que quase não se vê. Ela quase parece humana.

— Perguntei por Tina, June, Bark, Funar e Tony na recepção, como você me falou — responde ela.

— Ótimo — digo, entusiasmada. — Eles puderam corroborar minha história?

— Eles não estavam lá — diz ela. — Eles não trabalham mais no Castelo das Terras Altas. Mas você já sabe disso. Você esteve lá procurando por eles ontem.

Dou de ombros e mordo minha própria isca.

— Talvez sim, talvez não. Estou decepcionada, como você pode imaginar. Agora não tenho nenhuma prova de que Crevan me deu a sexta marcação.

Ela se mostra apreensiva comigo dizendo isso em voz alta.

— Minha família foi retirada da sala, os guardas, demitidos, e sr. Berry de repente saiu de férias. Ele não trabalha num caso no Tribunal há duas semanas e não responde aos telefonemas. Todos se foram. É quase como se alguém não

quisesse que as pessoas que estavam presentes na marcação falassem sobre o que aconteceu. Como uma conspiração! Ah, espere aí! — digo, fingindo estar alarmada, de deboche.

Isso claramente a incomoda e Pia se senta imóvel na poltrona, perdida em pensamentos. É algo incômodo para mim também, na verdade, apesar de eu estar tentando esconder. Isso significa que Crevan está realmente acobertando o que me fez, dando um jeito para se livrar das testemunhas, o que faz com que eu me sinta em perigo.

— Não há relatório algum de casos de “má conduta” dos guardas — diz Pia.
— Não houve avisos antes de os dispensarem. Nenhum incidente relatado. Nada de cortes no orçamento. Nenhum contrato terminou. Foi tudo repentino. Todos se foram. No mesmo dia. O dia seguinte à Câmara de Marcação. Pelo que entendo, eles não estão empregados em nenhum outro lugar. Liguei para a casa de Tina. Ninguém atendeu. Ela tem uma filha, que deve saber alguma coisa. Acho que vou até lá amanhã.

— Então você acredita em mim — digo, nervosa.

— Não, não estou dizendo que acredito em você — diz ela rapidamente. — Digo, não sei, mas acho que tenho de pesquisar mais antes de... você sabe. É uma coisa muito séria e, se ele fez isso, então...

— Então o quê?

— Então... — Ela suspira. — Então ele lança dúvidas sobre muitas coisas.

— Isso lança dúvidas *sobre todo o sistema* — digo.

— O tratamento injusto na Câmara de Marcação não significa necessariamente que você não é Imperfeita, Celestine.

Reviro os olhos. Não posso ganhar com ela.

— Não, mas significa que *ele* é, e o que acontece se você tem uma pessoa Imperfeita como chefe do tribunal dos Imperfeitos?

Ela fica quieta.

— Ouvi dizer que a escola não vai deixá-la estudar.

Sinto a raiva crescendo dentro de mim.

— Por causa do seu artigo, com a fotografia da *minha irmã*.

Sua expressão de culpa me diz tudo de que preciso saber. Mas também me mostra que há uma coincidência nisso, uma que não sabia que existia.

— Não é melhor ficar em casa? — pergunta ela. — Assim você não será a única Imperfeita da escola. Não deve ser fácil.

— Está tentando se convencer de que me fez um favor? Porque não fez. Queria ir para a escola. É meu direito.

Ela parece confusa e pensa a respeito.

— Como é ser Imperfeita na escola? A única Imperfeita?

Não consigo encontrar nenhuma intenção por trás desta pergunta, mas ela nunca me fez perguntas assim, sobre como *me sinto*, porque os leitores não se importam com o que é ser Imperfeito, a não ser que isso seja usado para assustá-los.

Suspiro.

— Não sei como é quando se é mais velho, mas todo adolescente quer ser perfeito. Ninguém quer chamar a atenção por ser diferente, pelo menos eu nunca quis. E as pessoas que se destacam só estão sendo elas mesmas. Todos querem mostrar que sabem o que estão fazendo, quando na verdade na maior parte do tempo ninguém tem ideia. Talvez seja diferente com adultos.

Pia sorri.

— Não é muito diferente da vida adulta. Não é fácil ser jornalista — diz ela, e lhe lanço um olhar entediado. — Não, sério. Nem tudo o que escrevo é publicado como gostaria. Nem sempre temos controle sobre nossa voz.

Ela jamais pedirá desculpas pelo artigo que me tirou da escola, mas talvez isso seja o mais perto que ela chegará. Hoje o artigo fala se Angelina Tínder “me treinou” para me transformar numa Imperfeita e pergunta a quem mais ela lecionou piano. Ela deturpa declarações que fiz em outras entrevistas e distorce minhas palavras para se encaixarem no contexto. Há uma fotografia de Angelina antes da Exclusão e uma fotografia da minha expressão de medo ao deixar a casa dela. Na manchete, lê-se: PROFESSORA DE PIANO IMPERFEITA RECRUTA.

Eu a observo e sei o que a incomoda: contar a história da sexta marcação ou não. Derrubar Crevan ou não.

— Então lhes diga que quer contar à sua maneira.

— Não é tão fácil.

— Sim, é.

— Eles não me dão ouvidos.

— Então vá embora. Trabalhe em outro lugar.

— O mundo não funciona assim, Celestine.

Dou de ombros.

— Se eu deixar este emprego que me paga muitíssimo bem, no qual talvez não possa noticiar tudo como quero, mas ainda consigo fazer reportagens visto que tenho meu próprio programa, minha própria coluna, quem sustentará minhas duas filhas?

— As mentiras é que não.

Isso a atinge e Pia fica em silêncio.

— Mudei de ideia. Vou ligar para a casa de Tina hoje mesmo, fazer algumas perguntas. Podemos nos encontrar mais tarde?

— Não estarei aqui. — Diante do olhar dela, digo mais: — Vou a uma festa. Uma pessoa da escola.

— Que bom — diz Pia.

Como se não a conhecesse, penso que ela está quase feliz por mim. Mas não posso confiar completamente nela. E se Pia estiver trabalhando para Crevan a fim de descobrir meu plano? E se ela encontrar os guardas e os convencer a não dizer a verdade? Ameaçá-los com uma história qualquer ou acusá-los de estarem ajudando uma Imperfeita? E se lhe contar que o sr. Berry gravou o que aconteceu na Câmara de Marcação e ela destruir o vídeo? Não, não posso confiar nela. Ela está próxima demais de Crevan e não fez muita coisa para conquistar minha confiança. Não posso lhe contar sobre Carrick ou o vídeo do sr. Berry.

Terei de encontrá-los antes dela.



— **V**ocê está indo à festa de quem? — pergunta-me Juniper no café da manhã, depois que Pia vai embora.

— Logan Trilby.

Ela para de comer o cereal cheio de açúcar, enquanto tenho de me contentar com minha aveia.

— Logan é o maior babaca do mundo.

— Ele foi gentil comigo.

Ela faz uma cara feia.

— Por que ele está dando esta festa?

— Aniversário de dezoito anos.

— Tenho certeza de que Logan tem dezenove anos. Ele teve de repetir o último ano por ser burro demais.

— Não é, não. — Mostro-lhe o convite.

Ela o observa com a cara amarrada.

— Ah. — Ela o devolve e nos sentamos em silêncio. — Não ouvi falar nada disso.

Apesar da tensão entre nós duas nas últimas semanas, ela é minha irmã e sou solidária a ela. Sou grata a ela. Ela me lembra que sou humana.

— Bom, tenho certeza de que ele só estava sendo gentil comigo. Não me sentiria mal por isso — digo, baixinho.

Ela começa a rir.

— Você acha que estou com inveja? De jeito nenhum. Acredite, não estou. Você pode ficar com sua festa. O que quis dizer foi que não ouvi falar nada sobre isso e não confiaria neles.

— Por quê? Por que sou Imperfeita? — pergunto, num rompante de raiva, raiva que está sempre disponível para mim no meu reservatório, cheio até a boca. — Você acha que só sou convidada a uma coisa porque é uma pegadinha?

— Não estou dizendo que seja uma *pegadinha* — diz Juniper debilmente.

— Então aonde você vai hoje à noite? — pergunto, a raiva pulsando dentro de mim. — Vai desaparecer como em todas as outras noites?

Juniper me olha surpresa, a boca cheia de cereal. Ela mastiga lentamente e dá para ver que está pensando.

Sei que é injusto da minha parte dizer isso em voz alta na frente de todos, mas ela está aprontando algo e o que disse sobre Logan me magoou de verdade. Finalmente estou fazendo amigos e ela está tirando de mim a emoção que eu deveria estar sentindo. Meu coração dispara ao vê-la comendo seu cereal doce; aquilo me deixa com mais raiva ainda.

— Do que é que você está falando?

— Nas últimas duas semanas, tenho ido ao seu quarto à meia-noite e nunca te encontro lá.

Ela ri como se eu fosse louca, o que me irrita. Não gosto de ver as pessoas pensando que sou uma lunática. Não depois de ver Angelina Tinder perder a cabeça. Não quero que aquilo aconteça comigo. Mary May tira os olhos de seus papéis. Mamãe e papai nos observam, interessados.

— Briga, briga, briga — torce Ewan antes que Juniper lhe dê um chute sob a mesa.

— Talvez eu estivesse no banheiro.

— Não estava.

— Como você sabe?

— Eu procurei.

— Certo, agora você está me seguindo.

Não gosto de como ela me olha.

— Isso é verdade, Juniper? — pergunta o papai, aproximando-se da mesa.

— Você vai me dar lição de moral mesmo sabendo que Celestine saía de casa quase todas as noites para se encontrar com Art?

Mamãe olha para Mary May em pânico.

— *Antes* das marcações, Juniper, por favor, esclareça — diz ela bruscamente.

— *Antes* das marcações — repete Juniper, como se fosse uma criança repreendida.

— O que vocês duas podiam fazer antes e podem fazer agora é bem diferente, Juniper. Se as pessoas a virem e acharem que você é Celestine, ela terá problemas. Como os cabelos — diz o papai, olhando para Mary May com raiva.

— Então não posso viver minha vida por causa de Celestine?

— Celestine pode viver a vida dela, então cuidado com o que diz, mocinha — papai eleva o tom de voz, o que nos impressiona.

— Que seja, não tenho saído de casa — diz ela, os olhos baixos, e sei que está mentindo.

— Está me chamando de mentirosa? — pergunto.

Ela me encara.

— Não preciso chamá-la de nada. Mostre a língua, Celestine.

— Sua porcarizinha... — Pego minha aveia e jogo nela.

Mamãe e papai se jogam sobre nós, nos separando. Juniper é mandada para o quarto para trocar de roupa.

— Vá logo, leve uma hora para se trocar, como sempre — grito para ela.

— Celestine, pare — repreende-me a mamãe.

Mary May pega seu caderninho.

— O que foi? — digo, rispidamente. — Não é permitido brigar com minha irmã? Vou ser punida como? Terei de comer semente de abóbora no jantar? — Levanto-me e vou até a pia. Quando passei a mão por trás de Mary May para pegar um pano e limpar a aveia, ela deve ter pensado que eu ia agredi-la e me deu um tapa na cara com a mão enluvada. A dor me assusta tanto quanto a surpresa do gesto.

— Como você ousa? — grita meu pai, correndo até ela, mas para diante da Delatora como se houvesse um campo de força impedindo-o de se aproximar, e acho que há mesmo. Ela é intocável. Ela é como eu costumava achar que eu era.

Meus olhos se enchem de lágrimas, o rosto lateja, mas não deixarei Mary May me ver chorar.

Mamãe corre para o meu lado.

— Meu bebê, ah, meu bebê, coitadinha. — Ela me abraça enquanto, por trás, Mary May me lança um olhar ameaçador, com aqueles olhos azuis frios. Mamãe me puxa e pega o pano que obviamente eu queria pegar, apesar de eu não ver qualquer traço de arrependimento no olhar de Mary May. — Eu faço isso — diz a mamãe, sua voz trêmula de raiva. — Uma mãe pode ajudar a filha. Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você esta manhã ou isso é tudo?

Mary May parece impassível diante de tudo isso, talvez até esteja gostando.

— Sei que Celestine tem uma festa hoje à noite. Descumprir o toque de recolher é considerado um sério atentado às regras. Celestine teria de se apresentar diante do Tribunal para ser punida, mas os castigos geralmente se aplicam ao restante da família também. Em resumo, se você quebrar as regras, sua família será castigada. Pergunte à sua amiga Angelina Tinder, pergunte onde os filhos dela estiveram esta semana.

Pensei no silêncio da casa quando a visitei. Não havia sinal da presença das crianças, nenhum som deles brincando. Engulo em seco.

Mamãe me encara, o medo está evidente em seu rosto.

— Eles foram colocados aos cuidados de estranhos por uma semana.

— Não voltarei tarde — digo, baixinho. Não suporto a ideia de Ewan ser tirado de nós.

Mary May pega suas coisas e sai.

— Por sinal, o juiz Crevan me diz que logo recrutaremos um velho amigo seu. Art Crevan se tornará o mais novo membro dos Delatores e terei a honra de treiná-lo pessoalmente. — Ela me lança um olhar, um brilho de satisfação em seus olhos, antes de fechar a porta e ir embora, deixando-me tremendo de medo.

— Art não faria isso. Trabalhar para o Tribunal é a última coisa que ele faria. Ele quer ir para a Universidade. Vou estudar matemática e ele vai estudar

ciência. É o que planejamos.

O papai se senta ao meu lado enquanto a mamãe passa creme no meu rosto para que eu não fique com a marca do tapa.

Papai suspira.

— Ah, Celestine, sinto muito. — Ele me beija na testa. — Tente não se preocupar. Pelo que ouvi, eles ainda não sabem onde Art está. Crevan está usando muitos homens para encontrá-lo, mas não há nenhuma pista ainda.

— Espero que ele tenha fugido para sempre — digo, percebendo pela primeira vez que Art pode ter razão, que talvez não possamos dar certo.

— Eu também. — O papai sorri com tristeza. — Agora esqueça isso. Sei que é difícil, mas você tem de olhar para a frente. Vamos pensar em hoje à noite. Recomeços. Novas amizades.

Faço que sim, tentando ignorar meu rosto que lateja.

— O que foi esse barulho? — pergunta Juniper, entrando na cozinha. — Papai, você gritou?

Ela levou muito menos tempo para se vestir do que eu esperava e, assim que a vejo, prendo a respiração. Ela está usando minhas roupas. Calça jeans rosa justa e uma camisa aberta creme que joguei fora na noite passada. Experimentei, mas ela revelava o *I* na base da minha coluna. Jamais a usarei novamente. Joguei aquelas roupas fora para jamais vê-las, para não me lembrar da vida que deixei para trás, da pessoa que era. E agora Juniper a está usando. Parece estranho nela, fora de lugar.

— O quê? — Ela me encara timidamente, irritada e constrangida pelo silêncio com que foi recebida. Usar aquela roupa é uma vingança por tê-la atacado antes, mas o tiro saiu pela culatra. Até a mamãe e o papai estão incomodados com o que veem. — Você está usando *minhas* roupas, o que eu deveria fazer?

Observo Juniper atravessar a cozinha cheia de confiança usando minhas roupas, a camisa que revelaria as marcações em meu peito e nas costas, as sandálias que mostrariam a marcação no meu pé. Lembretes jogados bem na minha cara.

Hoje, Juniper deve pegar o ônibus até a escola. Ela estava feliz com a carona, mas agora que não posso mais ir, ela tem de voltar ao ônibus. Temia por ela,

esperando que minha irmã não se envolvesse em nenhum problema, mas agora não me importo mais.

— Preciso de ar — digo, sentindo-me tonta.

— Espere. — A mamãe me segura pelos ombros enquanto Juniper sai pela porta, para o deleite da imprensa. Há um sorrisinho feliz em seus lábios. — Eles pensarão que é você.

Olho lá fora e vejo Juniper sendo cercada pela imprensa. Ela mal consegue andar. Mordo o lábio para esconder um sorriso e então saio. Talvez o sr. Murray tivesse razão sobre ser possível encontrar brechas no sistema.



A casa de Logan fica do outro lado da cidade, num bairro privilegiado, numa bela região dos subúrbios. Aumento a música e abro a janela para sentir o vento no meu rosto. Canto alto, sentindo-me livre. Desde que tenha amigos que me deem apoio e estejam comigo pelo que sou, vou conseguir passar por isso e levar esta vida. Não é o que eu queria, não é o que eu planejava com tanto esmero, mas é o que tenho em mãos e farei o meu melhor com isso. Canto com o rádio, feliz, sentindo que talvez eu não precise me preocupar em divulgar o que Crevan fez na câmara. Posso viver esta vida. Posso ser feliz.

Estou nervosa por chegar a uma festa com pessoas que não conheço, só que é mais ansiedade. Estou preparada para algo novo. Chegarei às oito da noite. Vou voltar a ser adolescente por duas horas, porque não quero me atrasar na volta para casa. Quero estar em casa bem antes da chegada de Mary May, para que não haja dúvidas de que não quebrei as regras. Duas horas bastam. Novos amigos, recomeços.

Apesar dos receios dos meus pais com minha saída, eles estão felizes por eu estar fazendo algo que uma menina normal de dezessete anos faz. Por eu não estar encolhida na cama chorando, como nos últimos dias. Mas um dos principais motivos para eles terem aceitado tão bem minha saída é que conhecem os pais de Logan. Não pessoalmente, mas os conhecem, como todo mundo. Os dois são pastores, uma equipe de marido e esposa. Por causa disso, eles recebem muita atenção da mídia e são cidadãos exemplares. Acredito que talvez seja por isso que Logan estendeu a bandeira branca para mim. Ele vive num lar que estimula a compreensão e o perdão. Ele sabia o que é ser visto como o diferente, como é ser observado por outros e analisado até os mínimos detalhes, fazendo você se sentir nu e exposto.

Seguimos as direções descritas no convite de Logan até uma casa modesta

com um belo jardim. Eles têm até mesmo uma cerquinha. Mamãe e eu nos abraçamos e ela me aperta bem forte, com medo de me deixar ir, mas finalmente me solta, com os olhos cheios de lágrimas.

— Estarei aqui às dez. Ligue se precisar que eu venha antes. Ou ligue se acontecer qualquer coisa. Mesmo que for pouca coisa. Se alguém disser algo estúpido ou maldoso ou...

— Mamãe! — Eu rio. — Vou ficar bem!

— Está bem, está bem. — Ela ri, finalmente me soltando.

Mamãe fica me olhando caminhar até a porta e aquilo me traz lembranças de quando andei de bicicleta sem rodinhas pela primeira vez. Olho para ela no carro, apavorada por me deixar ali, com medo de que eu caia.

Está um pouco silencioso demais para uma festa, mas talvez esse seja o estilo de um filho de pastores. Há um carro na garagem, e o reconheço como o carro de Natasha. Isso me deixa nervosa, e não de empolgação. Não me dou bem com Natasha, não que a gente se fale muito, mas ela tem deixado claro que não gosta de me ver na escola, naquela aula de natação no primeiro dia, em particular. Ela não vai ficar feliz em me ver ali. Sei que ela e Logan são próximos, então talvez ele possa convencê-la a mudar de ideia. Ocorre-me que talvez eu precise convencer mais pessoas hoje à noite do que imaginava. Talvez esta noite não seja divertida. Hoje vai ser um quebra-gelo, e talvez eu me divirta na próxima. Um passinho de cada vez...

Avanço pela entrada, minhas pernas trêmulas nos meus saltos altos. Toco a campainha e espero. Viro-me para a mamãe e lhe dou adeus. Ela cede e vai embora, deixando-me finalmente sozinha.

Está silêncio lá dentro e, quando olho pelo painel de vidro lateral, vejo apenas um Jesus no crucifixo pendurado na parede. A cabeça dele está tombada, coroada por espinhos, mãos e pés pregados na cruz. É uma peça vívida e forte como nunca vi, e os pelos dos meus braços se arrepiam. De repente fico em alerta, recuo um passo, e me deparo com uma pessoa atrás de mim.

Grito, assustada. E então um saco cobre minha cabeça e não consigo respirar.



— Alguém segure as mãos dela — ouço Logan sussurrar quando meus punhos lhe dão outro soco no rosto. Sei que é o rosto dele porque sinto meu dedo furar um olho e tocar sua língua para rapidamente encontrar seus dentes.

Não preciso que ninguém segure minhas mãos. Fico imóvel depois de ouvir o som da voz dele. Nos poucos segundos de luta contra os braços dele tentando me segurar, pensei que, se gritasse bem alto, Logan e seus amigos me ouviriam e me salvariam. Agora percebo que isso foi planejando por Logan e seus amigos. Meu sangue esfria em minhas veias. Perco algo e só percebo o quê depois que minhas mãos estão bem presas às minhas costas. É minha fé em absolutamente tudo e todos. O desejo de retomar minha vida e tentar vivê-la normalmente é tirado de mim bem ali. Eu me rendo à minha vida de Imperfeita; eles venceram e eu perdi.

É difícil respirar com o saco na cabeça, que foi apertado no meu queixo, em volta do pescoço. E o pânico está consumindo todo o oxigênio de que preciso, mas não consigo deixar de sugar o ar e gritar pedindo ajuda. Não permito que continuem me puxando e me joga no chão num sinal de protesto, batendo com os joelhos no concreto. Grito.

— O que foi? — diz Logan novamente. Ele está tentando falar baixo; estamos no bairro dele. Se alguém vir isso, saberá. Grito mais alto, desejando que minha mãe tivesse ficado ali, mas um soco no meu estômago tira todo meu fôlego.

Alguém me pega e me carrega. Tento respirar, mas não consigo mais lutar.

— Você disse que não a machucaria. — Ouço uma voz feminina, e aquilo me paralisa.

Colleen.

Em retaliação pelo quê? Por não ter dito “oi”? Pelo que aconteceu aos dedos

de sua mãe? Aquilo foi minha culpa também? Um bode-expiatório para a sociedade e agora um bode-expiatório para todo mundo que me conhece. Todos os problemas deles são minha culpa. Nada a ver com suas decisões, seus erros, suas atitudes. Inocentes.

— O que você quer que eu faça? Ela está gritando para todo mundo ouvir — diz ele com raiva, e sei que é Logan quem está me carregando.

Chuto ao ser carregada, e ouço risadas.

— Ela parece uma porca. — Ouço a risada malvada de Natasha.

A porta de um carro se abre.

— Coloque-a aí dentro, rápido. — Outra voz masculina que não reconheço. Quantos são eles? O medo toma conta de mim. O que eles farão comigo?

— Você não falou nada sobre matá-la! — diz Colleen de repente, e eu gemo.

Logan fala um palavrão.

— Ela vai morrer aí. Ela não vai conseguir respirar.

— Ótimo — diz ele ríspidamente.

Colleen consegue convencer Logan a não me trancar no porta-malas do carro. Não porque seja convincente o bastante, mas porque ele parece ansioso para entrar no carro e provavelmente não tem certeza de que é uma boa ideia. Fico aliviada quando sou colocada dentro do veículo. Bato a testa na porta e fico tonta no mesmo instante.

— Ops — diz Logan, rindo.

Caio e alguém me ajuda a entrar com mais cuidado. Colleen. Ela se senta ao meu lado. Logan entra do outro lado. Natasha está ao volante. A quarta pessoa se senta na frente. Acho que é Gavin, da minha aula de química. Nunca falei com ele na vida. Não sei nada dele, mas aqui ele está destruindo minha vida para se divertir.

— Cuidado, cara — diz Gavin.

— Você é estraga-prazeres também? — pergunta Logan, agressivo.

— Você não pode humilhá-la se ela estiver desmaiada — alguém responde. — Qual o sentido?

Logan fica quieto. Minha cabeça dói por ter batido no carro, e parece suada. Estou com calor dentro do saco e o suor jorra e faz minha cabeça arder. Acho que devo ter me cortado. Eles querem me humilhar? Meu coração dispara.

— Não consigo respirar — digo, e minha voz sai como um lamento, um murmúrio horrível sob o saco. O suor é salgado nos meus lábios. A lateral do meu corpo dói por causa do soco ou chute ou seja lá qual parte do corpo Logan usou para me tirar o ar.

Eles me mandam ficar quieta, mas afrouxam o saco ao redor do meu pescoço e agora vejo meu colo. O ar entra e eu respiro, tentando me acalmar. Eles não vão me matar; não podem me matar. Vai ser outra coisa, mas o quê? Vejo que meu vestido subiu, revelando minhas coxas inteiras, e quero abaixá-lo, mas não consigo pois minhas mãos estão amarradas para trás. Isso é humilhação o bastante para mim. Não sei se eles estão olhando para mim agora, fazendo caretas, rindo, me julgando, vai saber o que mais.

Andamos de carro por não sei quanto tempo. Minha mente dispara com cenários hipotéticos. O que quer que farão comigo, espero que façam logo para eu poder estar em casa às onze. Esta é minha principal preocupação agora. O carro para num posto de gasolina e Colleen e Gavin saem. Estou apavorada com o que Natasha e Logan farão comigo, mas eles só conversam com outros alunos da escola, uma festança que não aguento ouvir. Sinto o cheiro de fumaça; eles estão fumando e o cheiro entra dentro do saco. Tusso.

— Está incomodada, Imperfeita? — pergunta Logan, pertinho do meu ouvido.

Ele segura o cigarro sob o saco e a fumaça sobe. Mexo minha cabeça para me livrar. Ele ri. Então ele bate a cinza na minha coxa. A cinza está fria ao atingir minha pele, então não dói, mas a visão daquilo me enche de medo.

— Isso a faz se lembrar de algo? — Ele aproxima o cigarro em brasa das minhas coxas e volto à Câmara de Marcação.

Ele chega mais perto da minha pele e lágrimas descem por meu rosto. Fico feliz quando a porta se abre e Gavin e Colleen retornam.

— O que você fez? — pergunta Colleen muito séria.

— Sinceramente, você vai acabar sozinha se não parar de ser uma estragaprazeres — diz ele. — É só cinza. Comprou minha cerveja?

Eles se ocupam passando as latinhas. Ouço as latas sendo abertas, o som de

goles. Logan está bebendo mais rápido do que todos.

Ouçõ um arroto perto do meu ouvido e Gavin ri.

— Que nojo, cara!

— Vamos em frente — diz Natasha, ligando o motor.

E é o que fazemos. Fico sentada no meio de todos, o carro cheio de fumaça e cheirando a álcool, a música tocando tão alto que eles mal conseguem conversar. Damos voltas e mais voltas, dirigimos pelo que parece ser horas. Acho que estão tentando me fazer perder a noção de onde estamos, mas mal sabem eles que perdi a noção assim que entrei no carro. Não era inteligente o bastante para tentar adivinhar para onde estávamos indo. Ao ouvi-los conversando como se eu não estivesse ali, penso em como me sentia há algumas horas, com a minha mãe se vestindo, toda empolgada com a festa, com meus recomeços. Agora, ao ver a cinza do cigarro de Logan cair na minha coxa, às vezes quente e às vezes fria, fico deprimida.

Não sei o que eles pretendem fazer comigo. Se querem me humilhar, então já conseguiram. Se pretendem mais, se isso é apenas um ensaio, então sei que não durarei nem mais um minuto. Minhas pernas tremem. Queria estar usando sapatos mais simples, tênis para poder correr, e não estes saltos altos sobre os quais mal consigo me equilibrar.

Não consigo evitar e começo a chorar.

— Espere aí — diz Logan, interrompendo a conversa. — Abaixei a música.

Fico em silêncio rapidamente.

— Você está chorando, Imperfeita?

Ele fica ouvindo. Sinto a respiração dele no meu ombro e pescoço.

Todos começam a rir.

— Você não acreditou que eu a tinha convidado para minha festa de aniversário, não é? — pergunta ele, frio. — Digo, não acredito que você caiu nessa. Tenho dezenove anos, Imperfeita. Achei que Pia tinha estragado tudo ao publicar aquela história sobre você ir a uma festa, mas ela não citou meu nome; e, se você contar a alguém sobre esta noite, ninguém acreditará. Meu pai é um pastor e minha mãe também. Eles estão falando em fazer dela bispa um dia, talvez a primeira mulher do país. Somos uma família respeitável — diz ele.

— Bom, duas pessoas da família são — diz Gavin, e ele e Natasha riem.

— Acho que a gente devia te chamar de Jesus a partir de agora — diz Natasha, e eles voltam a rir.

Sinto Logan tenso ao meu lado e tenho medo de pensar nas consequências que a humilhação dele terá sobre mim. Colleen, ao meu lado, está em silêncio. Sou grata pela presença dela, que parece ser mais sensível que os outros, mas ela está bebendo muito. Sei pelas vezes que ouvi as latas sendo abertas. Coragem de bêbado. Para o quê? Esta é minha preocupação. E não é porque ela o convenceu a não me colocar no porta-malas é que não a considero também responsável por tudo o que está acontecendo agora. Penso na minha bolsa e me pergunto se eles estão com ela.

— Aqui, beba, Imperfeita — diz Logan, e vejo uma lata de cerveja surgir sob o capuz.

— Ela não pode beber álcool — diz Colleen bruscamente.

— E os pais de Gavin preferem que ele não durma com meninos, mas mesmo assim ele dorme — diz Logan, e recebe de Gavin algo pelo comentário que faz com que a cerveja molhe minha blusa e minhas pernas.

— Beba, Imperfeita.

Ele ergue o capuz o bastante para poder colocar a lata na minha boca. Desvio-me e fecho a boca com força. Ele ri, um som agudo, e usa a outra mão, dedos que cheiram a cigarro, para segurar meu queixo e abrir minha boca. Ele derrama a cerveja, que desce pelo caminho errado. Começo a engasgar.

Ele ri, mas solta o capuz e bebe o restante da lata sozinho.

— À esquerda aqui — diz Gavin de repente, e sei que o ensaio acabou e o show está prestes a começar, seja lá qual for.

Não sei onde estamos. Dirigimos por quase duas horas, talvez mais, mas pode ter sido por uma hora. Não tenho noção de tempo. Estamos subindo uma colina íngreme. Será que saímos da cidade e fomos para as montanhas? Eles me deixarão aqui? Como voltarei para casa? Vou perder meu toque de recolher. Estou ferrada. Minha família está ferrada. Decepcionei a todos novamente. De repente, me pergunto se sairei viva daqui. Eles têm coragem de me matar? Eles andaram bebendo muito. O que quer que planejaram pode dar errado.

De repente penso em Art e quero estar com ele. Art não é como aqueles caras; ele sempre me protegeu. Antes... de tudo isso. Queria que ele me resgatasse agora, mas andamos de carro ainda por mais tempo e ninguém vem me resgatar. Em vez de ficar e enfrentar tudo comigo, ele fugiu.

— Acorde — Logan me chuta na perna e grito, dobrando minhas pernas para perto do meu corpo, para longe dele e perto de Colleen. Sinto-a se afastar de mim.

O carro finalmente para e as portas se abrem. Até que enfim ar fresco. O cheiro de cigarro e álcool diminuem e consigo respirar novamente. Logan me puxa para fora do carro e acho que meu vestido deve ter subido até minha cintura agora. Tento abaixá-lo. O chão sob meus pés é irregular, cheio de pedrinhas, e não consigo andar com meus sapatos. Torço o tornozelo duas vezes.

— Tire estas coisas — diz Natasha.

Sinto os sapatos saindo e meus pés tocam as pedras agora. Minha cicatriz no pé está tocando o chão para que eu lembre como sou Imperfeita.

— Combina comigo? — pergunta Natasha, e Gavin assobia.

Sou empurrada colina acima. Perco o fôlego e xingo quando a sola dos meus pés toca pedras afiadas. Não consigo ver para onde estou indo por causa do saco e até mesmo a luz que entrava pelo tecido desapareceu. É tarde. Já devo ter perdido meu toque de recolher.

— Tenho um toque de recolher — digo. — Por favor, me deixem ir para casa. Eles ficam em silêncio.

— A que horas é seu toque de recolher? — pergunta Natasha.

— Onze — responde Colleen.

— São dez e meia — diz Natasha.

— E daí? — pergunta Logan, ofegante por ter me puxando colina acima.

— Então é melhor a gente andar logo.

— Se não o quê?

— Se não... o que acontece, Colleen? — pergunta Natasha.

— Perder o toque de recolher é grave. Tudo pode acontecer. Ela vai ser

ulgada de novo.

Logan ri.

— Não, é sério mesmo — diz Colleen. — Não só ela é punida. Toda a família. Meus irmãos foram tirados de nós por uma semana — diz ela com a voz trêmula.

— Nunca conheci a família dela — diz ele. — Estou nem aí.

— Aqui — diz Gavin, e todos paramos.

Ouçó-os abrindo uma porta.

— Suba — diz Colleen, baixinho, e eu subo num pedaço de madeira. Farpas ferem minha pele e sinto o cheiro de terra e musgo. Estamos numa cabana. Há terra e sujeira sob meus pés. Todos entramos, então a porta se fecha e é trancada. Logan me empurra de repente e eu quase caio de cara, mas consigo manter o equilíbrio. Bato numa parede e uma pá ou ancinho fere meu braço.

— Qual era o problema da Imperfeita na aula de natação? — pergunta Logan.

— Medo de mostrar o corpo — diz Natasha.

Encolho-me.

— Não, por favor, não — digo, e na minha voz deixo transparecer todo o terror.



Alguém me empurra para longe da parede e abre o zíper da minha roupa. Tento impedir, mas Natasha me segura. Sinto as mãozinhas dela em meus braços. As unhas enfiadas em mim.

Meu vestido cai e fico só de calcinha e sutiã na cabana. O único outro item no meu corpo é a tornozeleira que Art me deu. Apesar do nosso futuro incerto, não quero tirá-la, ela me lembra de quando as coisas eram perfeitas, que não sou tão Imperfeita quanto todos dizem. Começo a chorar. Não há onde me esconder.

— Certo, você conseguiu — diz Colleen rapidamente. — Vamos.

Alguém assobia maliciosamente.

— Cale a boca, Gav, ela é Imperfeita, é a escória.

— Parece uma menina normal para mim.

— Olhe as cicatrizes — diz Natasha, perto do meu rosto. Ela está examinando a marca no meu peito. Engulo em seco. Quero cruzar as pernas, cobrir a parte da frente com os braços e me proteger.

Gavin e Natasha falam sobre mim como se eu não estivesse ali. Logan não diz nada, o que me assusta ainda mais. Eles examinam minhas cicatrizes. Erguem minha mão e meu pé. Eles mantêm o capuz sobre minha cabeça. Não lhes ajudaria em nada saber que o corpo tem uma cabeça, um coração.

— Não quer olhar, Colleen? — pergunta Logan. — Ah, esquece. Você já as viu antes.

— Isso é nojento. Vou embora daqui — diz Colleen. A porta se abre e sinto o cheiro do ar fresco e ouço os passos dela indo embora da cabana.

Fico sozinha com eles. Meu corpo treme. Tenho medo e estou com frio.

Há várias coisas que mais tarde percebo que poderia e deveria ter feito. Corrido, gritado, me debatido, mas fico paralisada. Eles pegaram aquilo que mais me humilha: meu corpo. Não queria que ninguém o visse e agora estou nua enquanto três pessoas que achava que queriam ser meus amigos estudam todas as partes do meu corpo que nem eu consigo olhar. Através do saco de pano, vejo os flashes da câmera enquanto eles tiram fotografias das minhas cicatrizes e quem sabe o que mais. Eles conversam entre si, dizem que minha pele é nojenta e repulsiva. Sei que quando eles saírem dali as fotografias terão passado de mão em mão por todos os alunos da escola. Talvez elas possam até estampar a primeira página do jornal de Pia.

Sinto alguém dar a volta em mim, na ponta dos pés. Deve ser Natasha.

Ela fica ofegante.

— Ah. Meu. Deus — diz Natasha de repente atrás de mim. — Olhem para a coluna dela. Venham aqui.

Eles se reúnem atrás de mim para olhar melhor.

— Cara — diz Gavin. — Merda. Essa deve ter doído. Não é tão perfeita quanto as outras. Mas, espere, quantas são?

Eles repassam todas, contando as queimaduras, contando minhas imperfeições.

— Seis? — pergunta Logan, surpreso. — As notícias disseram que eram apenas cinco.

— Cinco foi o recorde — diz Gavin.

— *Três* era o recorde — corrige Natasha. — Ela teve seis — sussurra. — Acho que não era para sabermos que ela recebeu seis marcações. — De repente ela parece nervosa.

A energia no ambiente mudou. Sinto que eles não estão se divertindo tanto quanto imaginaram. Eu os deixei constrangidos. A realidade não é o que tinham imaginado. Minhas cicatrizes lhes causaram dor. Dor na teoria e dor na carne são duas coisas diferentes. Acho que as cicatrizes os tornaram sóbrios. Isso, estranhamente, me dá forças. Passei pelo que eles parecem temer. Eles me trouxeram aqui porque se sentem atraídos por seus próprios medos. Eles querem analisá-los. Entendê-los. Superá-los. Rir deles. Mas eu passei por tudo. É a minha tragédia o que eles temem. E isso me dá força.

— Que horas são? — pergunto. Ainda há esperança.

— Você estará em casa a tempo, relaxe — diz Natasha, tentando parecer durona, mas percebo seu medo. — Certo, minha empolgação se foi. Estou entediada. Alguém quer comer?

— Sim — diz Gavin um pouco rápido demais, e quase sorrio sob o saco de pano.

— Você vem, Logan? — pergunta Natasha.

— Estou indo.

Sinto a dúvida e a relutância dos outros em saírem.

— Podem ir, se quiserem — diz Logan, ansioso por ficar sozinho comigo.

— Só não...

— Não o quê?

Gavin para.

— Você sabe...

— Gavin, não me ofenda. Ela é uma escória Imperfeita. Não a tocaria nem com uma vara comprida.

— Não se vanglorie — diz Gavin, e ele e Natasha riem. — Certo, só não faça bagunça neste lugar. Meu avô vai me matar.

Faz-se um longo silêncio e ouço os passos de Gavin e Natasha desaparecerem. Fico sozinha com Logan. Uma situação nada segura.

— Por favor, não me toque. — Eu tremo.

— Jamais encostaria um dedo em você — diz ele, perto do meu ouvido. — Você é nojenta para mim. Nojenta para qualquer homem. Ninguém vai querer você nunca.

Ele começa a dar a volta em mim lentamente. Fico aliviada pelo que ele disse, mas ao mesmo tempo me pergunto o que ele quer comigo.

— Sabe o que o saco de pano e as cinzas significam? — pergunta ele.

— Não — digo, fungando.

— Os outros não têm ideia. Hoje foi apenas uma diversão para eles; eles não

têm ideia do significado do que fiz. — Logan fala com um tom de voz estranho. Como se estivesse dando uma palestra ou pregando. — O saco de pano e as cinzas eram usados na época do Velho Testamento como símbolo de degradação, luto e arrependimento. Quem quiser mostrar que se arrepende de coração usa roupas de algodão cru, senta-se em cinzas e coloca cinzas na cabeça. Cinzas significam desolação e ruína.

Abaixo a cabeça, demonstrando a humilhação completa, mas ele continua falando e me circulando.

— Quando Jonas disse ao povo de Nínive que Deus os destruiria por seus pecados, todos, do rei aos servos, reagiram se arrependendo, jejuando e usando cinzas. Eles até vestiram os animais com panos crus. Deus viu a mudança verdadeira, uma mudança humilde, e isso o fez mudar de ideia e não levar a cabo seu plano de destruí-los. O pano e as cinzas eram usados como um símbolo de mudança de coração, demonstrando a sinceridade do arrependimento.

Ele para de falar, para de dar voltas, e faz-se silêncio, exceto por minha respiração pesada sob o saco de pano quente e abafado e as batidas aterrorizadas do meu coração.

— Deus é muito maior do que eu, Imperfeita, mas, se você se arrepender, eu posso mudar de ideia. Se você não admitir seu arrependimento, então a prenderei aqui a noite toda e ninguém a encontrará. Você perderá seu toque de recolher e toda a sua família pode ser queimada, não me importo.

Mordo o lábio e as lágrimas rolam. Penso no pequeno Ewan, no quão assustado ele ficaria, no quanto sou perigosa para minha família.

— Estou falando sério, Imperfeita.

Sei que está. Ele está falando muito sério. Sinto que estou de volta à Câmara de Marcação com o juiz Crevan gritando “arrependa-se!” no meu rosto. Recusei-me a fazer isso, pensando que tudo estava terminado, que as coisas não podiam piorar mais. Não podia admitir que eu estava errada, não naquela hora, mas as regras mudaram e as coisas pioraram. Elas pioraram demais. Não tenho mais forças.

— Sim — digo subitamente.

Ele tira o saco da minha cabeça e fico feliz por poder respirar aquele ar, mas apavorada pela expressão dele.

— Você se arrepende? — pergunta ele.

Faço que sim.

— Responda! — Ele ergue a voz.

— Sim, me arrependo. — Eu fungo.

— Diga que sente muito — diz ele, pressionando.

— Sinto muito.

— Diga que estava errada — diz ele rapidamente, e dá para ver que há uma descarga de adrenalina nele mais por isso do que pelo álcool ou o que quer que eles estivessem fumando.

— Estava errada.

— Ajoelhe-se e implore meu perdão.

Fico imóvel.

— Faça isso!

Ajoelho-me.

Ele fica atrás de mim e finalmente tira as cordas dos meus pulsos. Imediatamente as trago para frente do meu corpo e massajeio meus braços. Meus pulsos estão cortados, em carne viva. Não consigo olhá-lo nos olhos.

— Diga — grita ele.

— Não sei o quê...

— Implore pelo meu perdão. De mãos juntas, em oração, como se estivesse na igreja. Agora.

— Por favor! — digo, chorando. — Por favor. Sinto muito. Estava errada. Me arrependo. Só quero ir para casa. Só preciso ir para casa.

Ele sorri, como se satisfeito, e joga meu vestido para mim.

Pego o vestido e fico finalmente aliviada por tudo terminar, querendo esconder meu corpo dele o mais rápido possível. Ele me observa da porta. Para alguém que me considera escória, ele certamente gosta de me olhar.

— Por sinal, Imperfeita, você tem vinte minutos para o fim do toque de recolher.

Ele bate a porta da cabana. A trava se fecha e as chaves batem uma na outra quando ele me tranca ali dentro.



Ouço o carro de Natasha se afastando, e em busca de uma saída meus olhos percorrem a sala escura, na qual um canto é iluminado pelo luar.

— Não.

Começo a chorar. Por um instante, desisto. Desisto completamente. Encolho-me num canto e choro. Estou numa cabana, numa montanha, sabe-se lá quão longe de casa. Mesmo que gritasse, ninguém me ouviria. Mas então começo a pensar racionalmente. Natasha parecia pensar que eu podia chegar em casa a tempo, o que significa que estou perto de casa, e então cai a ficha. Não fomos muito longe. Subimos uma colina por um tempo. Estou numa cabana, cercada por ferramentas de jardinagem. Sei que lugar é este. Estou nos jardins comunitários no alto do morro, a minutos da minha casa. Apesar de saber que os jardins estão fechados a esta hora e que ninguém vai me ouvir, tento gritar. Grito até a garganta ficar seca e minha voz, rouca. Não importa o que eu tente, os sons chegam abafados lá fora. Ninguém me ouvirá. Não estou aqui.

Perco o controle. Puxo e empurro a porta, mas é inútil, porque está trancada pelo lado de fora. Bato na madeira com a pá, mas nada acontece. Estou exausta e não tenho força.

Há uma janelinha estreita no alto. Eu podia tentar sair por ali, se fosse possível que eu passasse por ela deitada no chão, mas subir até lá seria difícil, sem falar na posição em que eu ficaria. Eu cairia de cabeça do outro lado. Mas é a única opção que tenho. Preciso dar um jeito.

Pego a pá e quebro o vidro, e então tento suavizar os cacos das beiradas o melhor que posso. Empilho uma caixa de ferramentas, de plantas e sacos de estrume para que eu alcance a janela. Raciocino, aflito por ter plena consciência de que meu tempo está se esgotando. Subo, forro o peitoril com o pano para

proteger minha pele dos cacos de vidro e passo a cabeça pela janela, feliz pelo ar fresco. Isso basta para renovar minhas energias. Vou conseguir. Forço o corpo para fora, esfregando minha barriga no pano, gemendo de dor. Alcanço uma cerca à esquerda da cabana e me seguro enquanto todo meu corpo passa pela janela estreita. Seguro-me à cerca com toda a força, a ponto de machucar minhas mãos e meus dedos. Por um instante fico pendurada na cerca e depois caio, sentindo as pedras ferirem meus pés.

Sento-me no chão por um minuto e espero a dor passar. Olho em volta para me localizar. Conheço esta colina. É onde costumava me encontrar com Art, não aqui nos jardins, mas perto. Apesar de meu tempo ser precioso, sinto-me atraída ao local onde nos encontrávamos. Nunca mais na minha vida poderei estar neste lugar a esta hora outra vez, e ele está tão próximo. E algo, um instinto, me diz para ir até lá.

É uma corridinha de um minuto e, quando chego lá, tenho certeza de que foi a decisão certa. Duas pessoas estão onde Art e eu costumávamos ficar. Rapidamente substituídos. Um lugar que eu achava que era nosso agora pertence a outro casal. Eles dois parecem Art e eu.

Porque é mesmo Art. E a menina com ele se parece comigo.

Eu como costumava ser, feliz, radiante, sorridente, risonha, como se não houvesse nada de errado no mundo. Mas eu estou aqui. Descalça, sangrando, ferida e chorando. Tentando me salvar. Lutando por minha vida, apesar de não saber o motivo, pois o que me restava de esperança e energia se esvaiu do meu coração, e eu não me importo mais. Meu coração está vazio. Eles podem fazer o que quiserem comigo agora.

A menina é minha irmã.



Art é o primeiro a olhar na minha direção.

Eu me dou conta de que estou chorando.

Os olhos dele, olhos que amo, me observam estupefatos. Pela primeira vez, desde que tudo isso começou, meu coração se parte. Sinto a dor no peito no mesmo instante. Não gritei pelas minhas marcações, mas grito agora. Esta é a dor mais intensa que já senti. Mais do que a dor das marcações, mais do que a humilhação na cabana. Isso supera tudo.

Juniper se vira e olha na mesma direção que ele, e sua expressão também a entrega. Pegos de surpresa. Imediatamente minhas lágrimas cessam e a raiva se apossa de mim.

— Celestine! — Art se levanta rapidamente. — O que aconteceu? Você está bem? — Ele vem na minha direção, preocupado, em pânico, mas sei que não se trata do que acabei de ver. Ele está preocupado com meu estado.

— Pare! — grito, e ele congela.

— Ah, meu Deus, Celestine — sussurra Juniper, olhando para mim, com as mãos cobrindo o rosto. — O que aconteceu?

— Celestine — diz ele, voltando a se aproximar de mim. Recuo, o que o faz parar de novo. — Você está sangrando? Onde estão seus sapatos? O que aconteceu? Quem fez isso com você? — Percebo a emoção em sua voz, como ela treme de raiva e sofrimento.

Juniper vai para perto dele, e os dois lado a lado me deixam irada mais uma vez.

— Não se atreva a se aproximar de mim novamente. Nenhum dos dois. Vocês

me traíram uma vez. Eu deveria saber que fariam de novo. — Viro-me para Juniper. — Você sabia onde ele estava escondido o tempo todo?

— Sim, mas...

— Aqui em cima? — pergunto, chocada. Penso nele escondido numa das cabanas e sendo cuidado por Juniper, o mesmo lugar onde fui presa e de onde tive de fugir. — *Sabia* que você estava saindo de casa todas as noites. — E então me dou conta de algo. — *Sabia* que isso estava acontecendo, só não queria acreditar... você me fez parecer uma mentirosa. — Agora entendo por que eu estava sendo tão cruel com Juniper. Acho que eu sabia daquilo, mas não queria admitir.

— Não, Celestine, por favor, deixe-me explicar. Só estava ajudando o Art!

— Cale a boca! Vocês são dois mentirosos! — grito, e ele dá um passo para trás desviando o olhar, incapaz de se defender.

— Não é o que você está pensando. Ela só estava me ajudando a me esconder, não estávamos, você sabe... — Ele passa as mãos nos cabelos, deixando-os completamente desgrehados.

— Vocês dois pareciam bem próximos para mim — digo, olhando de um para o outro.

— Não é nada disso — diz ele. — Eu disse que não posso voltar a morar com meu pai. Não depois do que ele fez com você.

— O que *ele* me fez? Você não acha que vocês dois têm culpa nisso também?

Isso faz Juniper chorar, e Art fica muito sério. Sei que é um golpe barato, mas estou com tanta raiva que quero magoá-los mais do que tudo, para eles sentirem ao menos um pouco do que estou sentindo. Eu o desejei todos os dias e ela sabia onde Art estava durante esse tempo todo, fazendo sabe-se lá o quê. Ela podia ter me contado, podia ter passado um recado dele para mim, podia ter me ajudado, mas preferiu ajudá-lo.

— Bom, isso não é legal para você? — Olho ao redor. — Aconchegante. Sabe de uma coisa, Art? *Eu* não tenho um esconderijo. Não há onde me esconder neste mundo. Tenho de enfrentar tudo, *todos os dias*, sozinha. Não tenho o privilégio que vocês têm, usando as pessoas para melhorar a sua situação, como sempre fazem. Mas você não pode ficar aqui para sempre. Um dia terá de ser homem e enfrentar tudo. — Isso parece magoá-lo de verdade, e fico satisfeita. —

Você sempre disse que estaria ao meu lado, mas não passa de um covarde. Vocês dois.

— Celestine — diz ele, a voz trêmula, quase chorando. — Sinto tanta saudade de você.

A emoção dele é verdadeira, é autêntica. Pode ser ingenuidade minha, mas acredito nele.

— Por que você estava aqui sentado com *minha irmã*?

— Deixe-me explicar — diz ele, agora com raiva, frustrado por eu não deixá-lo falar. Ele dá um passo em minha direção e eu recuo.

— Não posso. — Penso em outro encontro cara a cara com o juiz Crevan no tribunal dele e volto a minha posição de combate. Ainda não terminei. — Não deixarei vocês dois arruinarem minha vida novamente.

Tenho quatro minutos. Viro-me e corro.

Os minutos seguintes são um borrão de folhas, galhos arranhando meu rosto, pedras nos meus pés e gravetos cortando minhas pernas, minha respiração alta ao correr o mais rápido possível colina abaixo. Não olho o relógio; não tenho tempo. Corro até o muro dos fundos do meu jardim. Escalo-o mais rápido do que nunca e caio na nossa grama, que parece um casaco de peles em comparação com o que tive de enfrentar esta noite. Vejo papai, mamãe e Mary May na sala de estar. Eles olham para o relógio na parede. O papai anda de um lado para o outro. Mamãe está de mãos dadas perto do peito, implorando, rezando para que um milagre aconteça, como eu mesma estava fazendo antes. Abro a porta e me jogo a seus pés, ajoelhada, ofegante e chorando, incapaz de respirar, incapaz de falar, incapaz de ver, tamanha a minha tontura.

Levanto a cabeça. O ponteiro marca um minuto depois das onze.

Olho desesperada para Mary May, sem conseguir dizer nada, ainda ofegante.

— Onze e um — diz ela.

Mamãe e papai se exasperam por causa dela, da injustiça.

Então de repente o relógio no pulso de Mary May começa a tocar. Confusa, ela o ergue e o consulta, e percebo que os horários dos dois relógios são diferentes. Claro que serei julgada pela hora da Delatora. Mamãe e papai devem

ter percebido a mesma coisa e ficam paralisados, olhando para ela à espera de uma confirmação.

Ainda caída no chão, olho para ela e tenho um repentino ataque de risadas. Começo a gargalhar e minhas costelas doem onde Logan me bateu, mas a dor me faz rir ainda mais. Os três me observam no chão, deitada e segurando minha barriga, a cabeça sangrando, minhas pernas e braços arranhados e cortados, rindo como uma louca.

Eu consegui.

Eu venci todo mundo.



Meu celular toca às quatro da madrugada, me despertando de um pesadelo horrível. Estou de pé na sala de observação, a mão de encontro ao vidro, e Carrick está na Câmara de Marcação, amarrado à cadeira. Eles se esqueceram de lhe dar anestésico e ele grita a plenos pulmões, o rosto contorcido de dor, as veias saltando de seu pescoço musculoso. Em vez de Tina, June, Bark e Funar na Câmara de Marcação, estão Logan, Natasha, Gavin e Colleen.

— Tem alguma coisa que você não me contou, não é? — pergunta Pia do outro lado da linha. Sua voz é baixa e urgente, não no tom sedutor que costumamos ver na TV, e levo um instante para perceber o que está acontecendo, para distinguir o sonho da realidade.

— O quê? Sobre o quê?

— A Câmara de Marcação. Sua família foi retirada antes da quinta marcação, mas havia alguém ali que viu o que aconteceu, não é?

De repente me desperto. Sento-me e sinto a dor em meu corpo por causa dos chutes de Logan. Gemo.

— Você está bem?

Fecho os olhos e respiro fundo, esperando a tontura passar.

— Celestine?

— Estou aqui.

— Sei que você esteve procurando pelo sr. Berry no castelo.

Ela sabe de alguma coisa.

— Ele é meu advogado. Há coisas que preciso discutir com ele sobre meu caso.

— Por que você deixou sete mensagens no correio de voz dele nos últimos dias?

Isso me deixa sem ação. Como ela sabe disso?

— O sr. Berry estava na Câmara de Marcação na hora da sexta marcação, não é? — pergunta ela rapidamente, afobada. — Ele viu.

Fico paralisada. Não sei se posso deixar que ela saiba disso. Não sei se posso confiar nela.

— Quem está aí com você?

— Ninguém. — Parece que ela está em movimento. Ouço mais um clique no telefone. A ligação vai e volta. — Estou sozinha, prometo. Celestine, confie em mim.

Minha pele fica toda arrepiada. Agora é a hora. É agora ou nunca. Se confiar em Pia e ela estiver mentindo, estarei colocando o sr. Berry em perigo. E, depois do que aconteceu hoje à noite, não posso confiar em ninguém. Se bem que estou completamente sozinha nisso, então quem pode me ajudar?

— Pia, não pode ser tudo do seu jeito — digo. — Preciso saber por que você está perguntando.

Ela diz algo que não consigo ouvir direito.

— O quê? Pia, onde você está? A ligação está ruim.

— Não importa. *Pense*, Celestine. Há algo que você não está me dizendo e preciso saber.

Estou cansada de tudo isso, cansada de todos se aproveitarem de mim.

— Por que eu deveria lhe contar? — pergunto, sem querer acordar ninguém na casa. — Para você poder distorcer as coisas em favor de Crevan? Ele não vai deixá-la publicar nada disso. Se ninguém está sabendo disso, é por um motivo. Ele se livrou de todos que viram o que aconteceu. Na verdade, ele provavelmente está nos ouvindo *agora mesmo*. Como posso saber que você não está tentando armar para mim? Como posso saber que você não está trabalhando com ele para ver se não há mais alguma testemunha do que aconteceu?

— Ele não pode ouvir esta conversa — diz ela em meio a sons de cliques, a voz indo e vindo. — E você pode confiar em mim. Você tem de confiar em mim

— diz ela, mais claramente agora. — Quem mais está nisso com você, Celestine? Quem mais pode conseguir informações para você?

Penso rápido.

— O que ganho em troca?

— Celestine — ela quase grita. — Estou tentando ajudá-la.

— Você está tentando se ajudar.

Ela suspira.

— O que você quer?

— Quero informações sobre uma pessoa.

— Quem?

— Carrick. — Não sei nem mesmo o sobrenome dele. — Ele estava na cela ao lado da minha no Castelo das Terras Altas.

— O menino Imperfeito? Por quê?

— Sem perguntas. É problema meu.

— Ele sabe de algo?

— Não! — minto. — Só quero encontrá-lo. Digamos apenas que estou com poucos amigos no momento. Preciso de alguém que entenda pelo que estou passando.

— Certo. Vou conseguir o máximo de detalhes possível, mas nunca o entrevistei. Não era uma matéria interessante para nós. — Isso me deixa irritada. — Vou descobrir algo e entro em contato. Agora pense, Celestine. Preciso de alguma coisa. Preciso de mais. O sr. Berry estava na Câmara de Marcação? Ele viu a sexta marcação? Os relatórios dizem que ele não estava presente depois da quinta marcação, que ele foi retirado com sua família. Os relatórios estão errados?

Uma longa pausa.

— Sim, o sr. Berry viu a sexta marcação — revelo finalmente. Ela tem razão, preciso de sua ajuda.

Aquele dia na Câmara de Marcação vem à minha mente outra vez. Tentei tanto esquecer, mas não consigo. A cena volta para mim em pesadelos ou em

outros momentos, quando menos espero, a dor, o cheiro, o horror, e quero fugir disso tudo. Acontece quando meu pai acomoda a mão em meu ombro e o aperta. Ele não sabe, mas fico tensa, imediatamente levada de volta à cadeira, sentindo o toque de Tina antes de cada marcação. Voltar por vontade própria àquela câmara, estando no conforto da minha cama, vai contra tudo que tenho tentado fazer, principalmente esta noite, quando estou com medo, machucada e quero me esquecer de tudo. Mas volto para lá. Os cheiros, os sons, o medo, o coração que bate forte, a dor nos pulsos e nos tornozelos. Crevan gritando para mim com sua capa cor de sangue, raivoso, lançando gotas de saliva.

— Ele não foi retirado junto com seus pais? — Pia pergunta.

— Sim, mas de alguma forma conseguiu voltar. Ele tinha um telefone na mão e estava gravando tudo.

Não preciso dizer que Carrick estava lá também. Preciso manter algo para mim mesma.

— Gravando? Há um vídeo? Ah, meu Deus. Ok, obrigada, Celestine. Obrigada. — Ela desliga.

Meu coração dispara, perturbada por ter revivido aquele momento, por revelar o suposto vídeo do sr. Berry e também por perguntar por Carrick. Não quero que ela pense que ele tem algo a ver com isso e não quero causar problemas a Carrick, mas não tenho outra forma de encontrá-lo.

Agora que estou acordada e com a Câmara de Marcação vívida em minha mente, não consigo voltar a dormir. Minha cabeça está latejando por tê-la batido no carro e sinto um galo enorme. Minha boca está seca e estou com sede. Saio da cama, com frio, e jogo um casaco grande demais sobre minha camiseta.

Desço até a cozinha, indo diretamente para a geladeira atrás de água. Ao abri-la, sinto a presença de alguém e me viro para ver Mary May sentada no canto, no escuro, me observando. Apenas a luz interna do forno ilumina o ambiente. Ela segura um livro, que cobre com as mãos, e esta é a primeira vez que a vejo sem as luvas de couro. Ela sorri por eu ter levado um susto, mas parece cansada.

— O que você... Digo, por que você... você passa a noite aqui? — pergunto.

Ela olha bem para mim, de cima a baixo, e isso me faz ajeitar o casaco ao meu redor. Aquela mulher me dá arrepios.

— Levando em conta o que aconteceu esta noite, pensei que era melhor ficar

aqui. Tem um belo galo na sua cabeça — observa ela.

Minha mão o toca e faço cara de dor. Está latejando. Preciso de água e um comprimido para dor de cabeça. Sirvo-me enquanto ela observa.

— Você está preocupada que eu tenha uma concussão?

— Não. — Ela ri, mas não é um som de alegria. É cruel, como se estivesse rindo de mim, como se eu fosse a pessoa mais burra do mundo. — Queria ter certeza de que você ficaria onde deve. Sem quebrar nenhuma regra. Sei o que acontecimentos assim fazem com as pessoas.

— O que você quer dizer com isso? — Engulo o comprimido com água.

— Vingança — diz ela, e vejo a frieza e a maldade em seus olhos. E penso no que ela fez para a irmã, denunciando-a ao Tribunal, e depois para toda a família quando eles lhe deram as costas.

— Foi por isso que você fez o que fez com sua família? Por vingança?

— Não — diz ela, sem piscar, não parecendo se importar por eu ter feito uma pergunta pessoal. — Peguei minha irmã com meu namorado. Denunciá-la ao Tribunal foi por vingança...

A história é parecida demais com a minha e me pergunto se ela está me testando. Ela sabe sobre Art e Juniper? Impossível. Se soubesse, os Delatores já o teriam encontrado.

— Minha família... — Ela desvia o olhar e percebo uma ponta de tristeza que é rapidamente escondida. — Aquilo foi necessário.

Arrepio-me da cabeça aos pés.

Ela me olha novamente.

— O dr. Smith diz que nada está fraturado.

— Não. Se você não considerar meu coração, meu orgulho e minha crença na humanidade.

Eu a encaro, seus olhos negros na escuridão, e quase acho que ela entende.

— Não — diz ela, sem mais, voltando ao livro. Vejo a capa de um romance de Jane Austen. — Não considero.



Naquela tarde, Pia me visita. Exceto pela viagem dramática à delegacia com o papai, passo o dia na cama, toda encolhida. Ainda com dor por causa da noite passada, arrasto-me para fora da cama, visto umas roupas escuras e a encontro na biblioteca. Espero encontrá-la sentada usando uma de suas saias justas cor de pêssego, mas ela está andando de um lado para o outro, nervosa. Seus cabelos escuros brilhantes estão presos atrás e ela usa calça jeans, tênis e um capuz.

Olho para ela, surpresa.

Ela me olha, também surpresa.

— O que aconteceu com você? — pergunto.

— Deixe para lá, o que aconteceu com você?!

O ferimento na minha testa está chamando atenção, um enorme galo de desenho animado que hoje ganhou tons amarelados e escuros. Meu rosto está todo arranhado por causa dos galhos e gravetos que cortaram minha pele enquanto eu corria cegamente pelas árvores na escuridão.

Sento-me na poltrona e faço uma careta por causa da dor na minha barriga. Minhas costelas não estão quebradas, mas bem que poderiam estar.

— Celestine — diz ela, com urgência na voz e apenas preocupação no rosto. Então tenho de parar com toda aquela ceninha. — O que aconteceu?

Suspiro.

— Acontece que não era uma festa. Ao menos não para mim.

— Foi uma emboscada?

— Uma armadilha, acredito que seja isso. — Meus olhos se enchem de lágrimas, aquela memória ainda está viva na minha mente e no meu corpo.

Sempre que me mexo, sinto as dores.

— Aquele menino que a convidou?

— Logan Trilby. L-O-G-A-N — digo, bem devagar, cheia de deboche. — T-R-I-L-B-Y. Você não vai escrever? Ah, não, claro que não, nada que possa fazer com que as pessoas tenham pena de mim.

Ela tem raiva nos olhos, mas não de mim.

— Você não quer a piedade das pessoas, Celestine.

— Na verdade, quero — digo, quase rindo. — Quero a piedade de todos, porque então saberei que todos são humanos, e não isso que são agora, seja lá o que for.

Ela se senta na poltrona à minha frente, mas não com delicadeza e cuidado como antes. Ela já está no limite, os pés separados, os cotovelos nos joelhos, sem a menor cerimônia.

— O que ele fez?

— Não foi só ele. Ele tinha alguns amigos. A missão deles era me humilhar.

— E conseguiram?

— Sim.

— Conte-me. — Ela fala com calma e paciência, mas por trás disso tudo há uma urgência, ao contrário do tom calmo e controlado das conversas anteriores. Da primeira vez que nos encontramos, Pia era a “Personalidade da TV”, depois vi a “Pia de folga”, mas a mulher que vejo agora é nova, é um lado dela que nunca vi. Já me deixei iludir no passado, mas acredito nesta pessoa.

— Eles colocaram um saco de pano na minha cabeça, me amarraram, bateram em mim, me chutaram, jogaram cinzas de cigarro em mim e me trancaram numa cabana. Foi basicamente isso.

Não menciono o fato de terem me obrigado a beber álcool, isso me causaria problemas, mesmo que eu tivesse sido forçada. Não vou correr riscos, nem mesmo com Pia agindo assim.

Seu olhar torna-se frio.

— Logan Trilby. E quem eram os outros?

Eu lhe dou todos os detalhes e ela demonstra nojo, incômodo e empatia nos momentos certos, e acredito que ela se importa comigo.

— E então? O que aconteceu?

— Nada. Meu pai conseguiu levar todos à delegacia hoje. O diretor Hamilton, Natasha, Logan, Gavin, Colleen. Os pais deles, exceto por Angelina. Os pais de Logan o defenderam, dizendo que ele não poderia ter feito nada disso porque estava na aula de estudos bíblicos.

— Eles não acreditaram que ele estava mentindo?

— *Eles* estavam mentindo. Eles disseram que Logan estava *com eles* na aula de estudos bíblicos.

Ela fica boquiaberta.

— E quanto aos outros jovens?

— Natasha e Gavin puseram a culpa em Colleen, disseram que ela planejou tudo em retaliação pelo que acontecera entre mim e a mãe dela.

— O que aconteceu? — E ela passa para o modo jornalista com a maior naturalidade.

— Não sei dizer. O pai de Natasha é um advogado famoso e começou a falar de direitos humanos e de sua filha se protegendo de uma Imperfeita. A polícia não fará nada a respeito. Eles deixaram a escola nos punir. Meu pai ficou louco. Gavin e Natasha foram suspensos por dois dias. Colleen foi expulsa, mas isso não importa, porque Bob Tinder foi demitido como editor do jornal...

— Acredite em mim, eu sei — interrompe ela, e seus olhos ficam agitados novamente, e vejo que sua mente está trabalhando.

— Esqueci que ele era seu chefe. De qualquer forma, eles vão se mudar. Você deve saber disso também, então não é exatamente um castigo. Colleen vai ter de entrar em outra escola de qualquer jeito.

Ela faz que não com a cabeça, aparentemente horrorizada.

— Pia, tem outra coisa que me preocupa. Na noite anterior, quando eles me despiram... — Engulo em seco, sentindo a humilhação mais uma vez. — ... eles me fotografaram. Eles viram a sexta marcação e têm prova dela.

Pia fica muito concentrada, pensando no assunto.

— A questão é que eles ficaram com medo, eles recuaram depois disso. Então acho que eles sabem que não devem dizer nada, mas cedo ou tarde a coisa virá à tona. Natasha pode contar a alguém. Ela não consegue guardar um segredo nem por decreto.

— Mas eles não têm o vídeo — diz Pia. — Precisamos pegar aquele vídeo. E precisamos avançar nessa história rapidamente — diz Pia, voltando a andar de um lado para o outro. — Precisamos resolver isso antes deles. Antes que Crevan ouça os rumores e possa tomar alguma providência, se é que já não está tomando. — Ela olha em volta para ver se alguém pode nos ouvir. — Esta manhã descobri que há um inquérito sobre Crevan — diz ela, a voz bem baixa. — Um inquérito secreto. O resultado do seu caso, do de Angelina Tinder, Jimmy Child, dra. Blake, eles fizeram as pessoas falar.

— Quem é a dra. Blake? — O nome não me é estranho. O vovô mencionou o nome durante o julgamento. Ele disse que precisava encontrar a dra. Blake e mais alguém, Raphael não sei de quê. Não pareceu um nome importante na ocasião, eu achava que fazia parte das conspirações dele, mas deveria ter tomado nota.

— A dra. Blake é a mulher que errou o diagnóstico da esposa de Crevan, Annie — diz ela. — Seu avô me disse para procurar por ela no seu julgamento, mas o dispensei como um velho maluco. Mas depois comecei a pesquisar, depois de conhecê-la. Ela não viu o câncer a tempo. Crevan a condenou como Imperfeita pouco antes do caso de Jimmy Child. Ela foi considerada Imperfeita por outro motivo. Como no caso de Angelina Tinder, a acusação não tinha nada a ver com a esposa de Crevan. Eu jamais teria percebido a conexão se não fosse por seu avô.

O velho e bom vovô, penso, com orgulho. Ele sempre esteve ao meu lado, e eu também, apesar das visões extremas dele. Se o vovô estava certo sobre a dra. Blake, então talvez estivesse certo sobre tudo.

— Crevan está usando o Tribunal como sua corte particular — digo.

— Acredito que ele estava planejando o caso da dra. Blake há algum tempo. O resultado lhe deu confiança para processar Angelina e Jimmy Child. Ele conseguiu o que queria, mas agora as pessoas estão questionando suas decisões.

Reviro os olhos.

— Um Tribunal dentro do Tribunal?

Ela sorri debilmente.

— Mais ou menos. Uma acusação particular dentro de uma pública.

— Bom, deixe-me adivinhar o resultado. O Tribunal vai descobrir que o Tribunal agiu com perfeição. Pronto! Acabou o inquérito.

— É uma investigação focada no juiz Crevan. Os membros do governo acham que ele anda abusando de seus poderes. Lembre-se: isso começou como uma solução temporária para analisar alguns equívocos. Isso se tornou muito mais e cresceu mais rápido do que o governo teve tempo de controlar. Os limites entre a legalidade e as regras do Tribunal se tornaram frágeis. O governo quer retomar o poder.

— Pessoas como Enya Sleepwell.

— Exatamente. Por causa da pressão dela, um comitê particular foi criado para investigar os casos sob sigilo.

— Sob sigilo — suspiro. — Eles escondem bem, estas pessoas racionais e preocupadas.

— Ninguém é tão corajoso quanto você.

Espero notar um tom de deboche em sua voz, mas não há nenhum.

— Você sabe. — Ela se senta. — Uma jornalista nova do mundo virtual apareceu nos últimos dias. Ela está ficando popular, bem rápido.

— Está com inveja?

— Um pouco. — Ela sorri. — Ela é sua fã.

Fico surpresa.

— Quem é ela?

Pia pega o tablet para me mostrar.

— O nome dela é Lisa Life.

Eu bufo.

— Ela está do seu lado. Faz parte de um novo site de notícias chamado *X-It*. Eles têm milhões de leitores diários.

Ela mexe no tablet e me mostra o artigo. A manchete diz: SE EU FOSSE MESMO HEROÍNA, AQUELE VELHO ESTARIA VIVO AGORA.

FRACASSEI. Embaixo há uma bela imagem de mim acendendo uma vela, sentada ao lado do túmulo de Clayton Byrne com uma citação: “Ajudou um velho a se sentar”. Não sabia que estava sendo seguida naquele dia. Deveria tomar mais cuidado, principalmente depois de ter fugido da escola para visitar os guardas e o sr. Berry no Castelo das Terras Altas. Continuo lendo.

A matéria trata de como minha atitude no ônibus transformou a causa dos Imperfeitos numa questão de direitos humanos. A morte de Clayton Byrne é o primeiro caso de morte de um Imperfeito por negligência da sociedade, uma sociedade que estava seguindo regras. “Não estou apoiando o que Celestine North fez, mas suas ações e comentários recentes levantam argumentos válidos e importantes que devem ser questionados e respondidos por nosso governo. Se devemos contestar a regra de ajudar um Imperfeito, então certamente todo o sistema deve ser contestado.”

Olho de perto a fotografia de Enya e vejo que é a mulher de cabelos curtos que fez sinal para mim em meio à multidão, quando eu era hostilizada em minha caminhada pelo pátio do Castelo das Terras Altas.

— Lisa Life publicou isso hoje — diz ela, entregando-me um novo artigo tirado de uma pasta.

“Compaixão e Lógica. A dupla perfeita. Nossa líder perfeita?”

Tem uma fotografia de mim, parecendo forte e determinada, de pé no tribunal. Não me lembro de sentir o que pareço estar sentindo na fotografia. É uma menina, não uma mulher, em quem eu confiaria, uma mulher que consideraria forte e poderosa. Uma mulher que parece saber exatamente o que está fazendo. Como as aparências enganam.

Pia coloca artigo sobre artigo no meu colo, um depois do outro, tão rápido que só tenho tempo de ver as manchetes e as fotos antes de outro pousar no meu joelho. Ela os espalha pela mesinha de centro. Mais e mais. Imagens de mim, página após página de matérias e citações, tanto que não reconheço a pessoa que vejo.

— Tudo isso é de Lisa Life? — Fico constrangida, sinto meu rosto corar. É emocionante ver todo este apoio.

— Não, nem tudo. Reuni o máximo de artigos a seu favor que consegui. Há muitos outros, Celestine.

Não acredito que pessoas que nunca conheci tenham uma visão tão positiva de mim. Se eles tivessem me visto de joelhos, implorando e me acovardando na cabana diante de Logan, arrependendo-me de tudo o que fiz...

Pia interrompe meus pensamentos sombrios.

— Vê o que está acontecendo? O poder que você tem e nem sabe?

Rio amargurada e sinto a dor nas costelas e na cabeça que lateja. Ainda nesta semana pensava que podia derrubar Crevan, mas hoje passei o dia encolhida na cama, chorando, admitindo a derrota.

— Poder? Fui trancada numa cabana por quatro pessoas da minha turma e nem a polícia nem a escola se importam. Eles não podem me ajudar. Duas das pessoas que mais amo no mundo me traíram. Não posso nem ficar fora de casa depois das onze. Não tenho *poder* nenhum, Pia.

— Sim, tem. Sabe que tem. O poder não está apenas na sexta marcação na sua coluna, e sim na força que você teve ao ser marcada. O que você fez no ônibus, o que disse no julgamento, como você enfrentou Crevan. Trabalho no castelo há dez anos e nunca vi ninguém falar com ele daquele jeito. Agora, use este poder e o cultive, porque você vai precisar dele para o que está por vir.

Meu coração dispara e eu me preparo para o que virá.



— **T**enho tentado entrar em contato com o sr. Berry. Liguei para o escritório dele, para o celular, casa, todos os números que tenho, mas não obtive resposta. Fui à casa dele e o marido não sabe onde ele está. Diz que ele saiu há semanas e não deu notícias. Nenhum dos clientes do sr. Berry tem notícias dele, nem seus funcionários, apesar de eles acharem que ele está de férias, já que ele tem disso, mas sei que não é o caso. Não com o que sabemos, Celestine.

— Talvez o marido dele saiba onde ele está, mas não quer dizer. Todos sabem que você é a menina da imprensa de Crevan. Por que ele confiaria em você?

— Eu disse que quero descobrir a verdade. Ele diz que não sabe onde Berry está e eu acredito — diz ela firmemente.

— Por que ele não chamou a polícia?

— Ele acha que a polícia não pode ajudá-lo — diz ela. — Ele tem medo.

Engulo em seco.

— Deixe-me adivinhar. O sr. Berry desapareceu depois do Dia da Sentença. Assim como Tina, June, Bark, Funar e Tony.

Ela faz que sim.

— Você acha que ele está escondido ou que foi sequestrado?

— Não sei, realmente não sei. Fui à casa de Tina ontem. As janelas estão todas tapadas, ainda tem todas as mobílias, como se eles simplesmente tivessem desaparecido. A filha desapareceu também, e a escola não teve notícias dela. Tina é divorciada e não tem família próxima, então eles não estranharam o sumiço dela nas últimas semanas. Liguei para as casas de Bark, Funar, June e Tony, mas as famílias não quiseram falar comigo. Ainda não os visitei. Acho que

preferem não falar ao telefone, mas acho que não vai ser diferente dos casos do sr. Berry e da Tina. Eles estão todos com medo.

— Então agora não há vídeo do que aconteceu na câmara? — pergunto, meus olhos cheios de lágrimas. — Todos que viram se foram, é minha palavra contra a de Crevan.

Mas isso não é verdade, e sou a única que sabe disso. Carrick estava lá, Carrick viu o que aconteceu. Será que alguém acreditaria numa testemunha Imperfeita? E se Crevan conseguir pôr as mãos em Carrick também? Será que Crevan sabe que ele estava lá? Ele o viu? Eu devo me preocupar?

— Não posso escrever a matéria sem provas — diz Pia. — Vou precisar de mais tempo.

— Você ainda não acredita em mim, não é? — pergunto, com raiva.

— Claro que acredito em você. — Ela ergue a voz e se levanta. — Você tem ideia do que já arrisquei por você?

— Desculpe — digo, baixinho.

Ela esfrega a mão no rosto e de repente parece cansada.

— Não, não peça desculpas. Não estou lhe fazendo um favor, você merece isso. Eu cobria as notícias do Tribunal e escrevia sobre os Imperfeitos porque acreditava nisso. As palavras não eram sempre minhas, mas acreditava nas histórias. Acreditava que era preciso eliminar aqueles que arruinavam nossa sociedade, ameaçando nos destruir. Mas... então houve o caso de Angelina Tinder e Jimmy Child, um depois do outro, e depois você, e agora sei sobre a dra. Blake. — Ela faz que não com a cabeça. — O que quer que tenha dito sobre os outros na época, não posso dizer sobre você. Seu caso era errado desde o começo — diz ela, para minha surpresa. — Primeiro, fui orientada a retratá-la como heroína. Depois, me mandaram retratá-la como inimiga. Não fazia sentido. Acredito que Crevan havia perdido o controle. Minha teoria é a de que ele tomou gosto pela vingança quando conseguiu tornar a médica de Annie uma Imperfeita, por ela não ter percebido os primeiros sintomas, então ganhou confiança e fez a mesma coisa com Angelina Tinder e Jimmy Child. Estes casos mostram que ele estava começando a perder o controle, e acredito que ele irá ainda mais longe. Ele está sob extrema pressão agora. Com Art desaparecido, Crevan está preocupado e com raiva *de você* por afastar o filho e por colocar o Tribunal no centro das atenções desta forma. Ele tinha de provar ao mundo que o Tribunal é

algo que todos os países deveriam adotar. Isso lhe daria visibilidade internacional, e ele não quer que nada se oponha a este plano. Ouvi dizer que amanhã ele vai anunciar que qualquer jornalista que escreva um artigo sobre um Imperfeito será visto como alguém ajudando um Imperfeito.

— Que pena para Lisa Life. — Sinto minha esperança diminuir. — Um jornalista Imperfeito escrevendo a favor de um Imperfeito não tem muito poder.

— Ele não a encontrará — diz ela, séria. — Ele vai arrumar problemas. Principalmente com meus amigos. Ninguém pode perturbar a liberdade de expressão dos jornalistas, assim sem mais. Você tenta silenciá-los e eles falam ainda mais alto. Ele está cavando a própria cova, Celestine. Em pouco tempo você terá muito apoio. Você não precisa de Lisa Life, Celestine, você é a pessoa mais corajosa que conheci e me inspirou a encontrar minha própria voz.

Pia pega minha mão e a aperta com força; lembro do nosso primeiro encontro neste lugar, quando ela me estendeu a mão esquerda para que minha pele marcada não tocasse a dela. Agora ela segura minha mão com força, minha pele contra a dela. Meu ferimento contra sua pele perfeita. Isso deveria ser o normal, mas me emociona profundamente.

— Você é aquilo de que o movimento precisa, Celestine, mas lembre-se de que você não precisa *deles*. Não deixe que eles a usem.

Há tanto vigor em suas palavras. Fico surpresa pela mudança na personalidade de Pia, na maneira de falar comigo, tanto que mal consigo absorver tudo que ela diz, embora ela esteja me alertando da importância do que está dizendo, então tento tratar do assunto com seriedade. Ela pega um arquivo da mochila e o coloca sobre a pilha de artigos na mesa.

— Agradeço por você falar sobre o vídeo do sr. Berry. Agradeço sua confiança. Sei que, depois de tudo pelo que você passou, é difícil confiar, e que talvez você nem confie totalmente em mim.

Desvio o olhar, sentindo-me culpada.

— Tudo bem, eu entendo. Só preciso provar para você. Aqui está a informação que você me pediu. — Ela pega a mochila, parecendo que vai sair para uma aventura. — Entrarei em contato assim que possível.

— Seus filhos vão com você? — pergunto.

Seus olhos brilham, a dureza abalada.

— Eles estão mais seguros com o pai por enquanto. Boa sorte, Celestine.

Olho para todos os artigos da Lisa Life que ela deixou para trás na mesa para mim e meus olhos passam pelas citações, frases exatas que eu disse, pela primeira vez não distorcidas ou tiradas do contexto. Percebo ao lê-las que só disse estas palavras para uma pessoa: Pia.

Pia é Lisa Life.

— Pensei que você me odiava — digo.

Ela sorri, e há tristeza em seus olhos.

— Odiava mesmo.

Respeito a honestidade dela e quero que ela saiba que entendo a importância do que está fazendo por mim. Sinto um nó na garganta ao dizer adeus e espero que, da próxima vez que nos encontrarmos, tudo isso fique para trás e Crevan esteja acabado.

— Se você encontrar Lisa Life por aí, diga a ela que agradeço de coração.

Ela sorri, sabendo que sei, com os olhos marejados. E vai embora.



— **P**ia está doente? — pergunta a mamãe quando passo pela porta aberta do seu quarto. — Ela estava diferente hoje. Usando calça jeans e nem um detalhe cor de pêssego sequer.

— É mesmo — respondo, distraída, segurando o arquivo de Carrick contra o peito. Meu coração bate forte. Só por ter estas informações já me sinto perto dele.

Encosto-me na porta enquanto a mamãe tira a blusa e a joga na cama. A cama dela está coberta pelo que parece ser todo seu guarda-roupa, mas não. São roupas que não reconheço, todas ainda com a etiqueta.

— O que você está fazendo?

— Experimentando roupas.

— Você fez compras?

— Recebi uma entrega enquanto vocês estavam na delegacia.

Entro no quarto e pego algumas peças. Estou intrigada, porque isso não parece certo, e estou confusa porque não entendo o que é, mas então percebo o que está estranho. As roupas são da cor errada, são da forma errada, não são para ela.

— O que você está fazendo? — pergunto novamente. — De verdade.

Mamãe suspira e veste uma camiseta vermelha sobre a barriga definida.

— Estou experimentando algo diferente.

Fico boquiaberta. Claro que a mamãe faz isso todos os dias para ganhar a vida como modelo, ela tem de experimentar visuais diferentes, mas em casa, na vida pessoal, mamãe tem uma aparência bem específica à qual é apegada. Uma aparência estudada e cultivada com cuidado, uma aparência que diz ao mundo

exatamente que tipo de pessoa ela é. Mamãe é a líder deste tipo de vestimenta. Seus visuais são perfeitos, sem emendas, justos e que acentuam as formas, combinam com as roupas da família, exceto quando querem ser ousadas, quando necessário. Adequadas para todas as ocasiões.

Ela veste uma calça jeans rasgada e um par de botas surradas que ela comprou novinhas. Elas são legais, mas não combinam. Nada combina com as roupas que ela veste; ela parece uma palhaça. Mamãe se olha no espelho, estuda seu reflexo com uma intensidade que me preocupa.

Não é só Pia que parece diferente. Além deste espetáculo, há algo de diferente na mamãe hoje também. Ela ainda parece perfeita, a maquiagem impecável, nenhum fio de cabelo fora do lugar, mas... Eu a observo. Há uma veemência em seu olhar, uma determinação na sua boca, uma ruga bem fina em sua testa. Estou vendo uma rachadura na superfície?

— O sr. Berry entrou em contato com você ultimamente? — pergunto.

Ela levanta a cabeça e tenta adivinhar o que estou pensando. Mas ela não pode, porque uso minha melhor versão daquela expressão imperscrutável típica de mamãe. Ela responde:

— Não desde o Dia da Sentença. Nunca entrei em contato com ele desde a sexta marcação, se é o que você está perguntando.

Não era o que eu estava perguntando, mas é bom saber.

— Ele lhe deu algo? Enviou alguma coisa?

— Uma conta — diz ela, com desprezo. — Mas tenho certeza de que você não está falando disso.

— Uma conta?

— Acontece que, se o Tribunal a considera Imperfeita, você tem de pagar o advogado. Contas que se acumulam. O juiz Crevan contratou o advogado mais caro.

— Ah, sinto muito.

— Desculpe. Não quis... Vamos resolver isso — diz ela com um suspiro, jogando um casaco roxo grande demais sobre a camiseta vermelha.

— Seu contrato com a Beauty Box paga as despesas, não é? — pergunto. — Digo, quero lhe pagar de volta, mas não posso agora.

— Celestine... — Ela se aproxima de mim e cuidadosamente faz uma trança em meus cabelos. — Você é muito gentil, mas não vamos pagar os custos. A Beauty Box tem uma nova embaixadora para os próximos tempos.

Sinto um frio na barriga. A Beauty Box era a galinha dos ovos de ouro da mamãe, uma empresa de cosméticos cujo famoso slogan era “Perfeita por fora, Perfeita por dentro”. Mamãe repete estas palavras há quase uma década. Ela é sinônimo destas palavras. Quando as pessoas pensam em Beauty Box, pensam na mamãe; ela é a cara e a voz da empresa.

— Não acredito que eles a demitiram — digo, chocada.

— Ah, não me demitiram — diz ela, pegando um vestido de outra sacola. Ela sempre disse que roupas sem estrutura são proibidas, que as pessoas sempre devem ser capazes de admirar seu corpo. — Não conseguia mais falar aquelas palavras. *Perfeita por fora...* — ela hesita, incapaz de completar. — O que significa isso? Por que alguém iria *querer* isso? Quem disse que é o que *deveríamos* ser? — Ela parece confusa. Em conflito. Até torturada. Então tudo volta ao normal.

Olho todo o quarto dela coberto por roupas de todas as cores – ela colocou todas as suas velhas roupas em tons pastel no chão ao lado da cama. Eu a observo por um tempo. Mamãe não sai de casa há tanto tempo quanto eu, mas eu ao menos fui à escola e ela não foi trabalhar. Percebo agora a gravidade de nossos problemas, de tudo o que causei. Seu closet, geralmente organizado por cores e imaculado, agora é quase o contrário, é uma aberração.

Ela tira os grampos e seus cabelos longos caem em cachos belos sobre seus ombros. Ela começa a despenteá-los.

— O que você acha? — pergunta ela sobre seu visual.

Nunca vi algo tão descombinado. Não quero insultá-la, tenho medo de que ela perca as estribeiras, se é que já não está perdendo.

— Muito legal.

Ela franze a testa e parece confusa.

— Ah...

— Não quer que pareça legal?

— Não — diz ela, distraída, pegando uma calça com estampa de oncinha. —

Não, não quero. — E abre um sorriso doce para mim. — Fomos convidados para o chá de panela de Candy Crevan.

— Candy Crevan vai se mudar para a casa dos Tinder?

— Ao lado do irmão, para cuidar dele nesse período difícil — diz a mamãe, sem um dedo de ironia, apesar de eu saber que isso foi calculado. — Então eu vou à festa, pelo bem do seu pai, porque ela sempre gosta da presença de uma modelo internacional em suas festas — diz, entredentes. — E vou desfilar entre seus convidados com meus belos trajes. Vou lhes dar algo para admirar — lamenta-se. — Direi que é a moda da estação. E então, com sorte, todas vão estar vestidas como palhaças na próxima semana. Vou lhes mostrar o que é ser Perfeita.

Ela tira o casaco agressivamente e joga a camiseta no canto do quarto, então começa do zero, mexendo no fundo das caixas. Seus braços torneados e punhos fechados liberam sua tensão, enquanto seu rosto consegue parecer calmo e sereno. Ainda estou ali de pé observando, surpresa pelo que ela disse. Candy Crevan é a irmã do juiz Crevan, dona da News 24, estação de TV para a qual meu pai trabalha, e do *Daily News*, jornal que demitiu Bob Tinder recentemente e para o qual Pia também trabalha. Tê-la do outro lado da rua seria um desastre, é um desastre. Eles estão nos cercando. São eles contra nós.

Saio do quarto e deixo a mamãe sozinha para pensar como continuar com seu protesto silencioso contra o tratamento da filha. Estou preocupada, mas a sensação geral é de orgulho por ela estar tentando encontrar uma forma própria de se rebelar. Tem uma primeira vez para tudo.

Na sala de estudos lá embaixo, procuro no armário pela conta do sr. Berry. Não sei o que estou procurando, mas preciso ver se há uma pista, qualquer coisa que me diga que ele está com o vídeo, se o escondeu ou se há uma cópia. Encontro a carta e a pego, com o coração batendo forte.

A conta ainda está no envelope. Tiro-a e estudo as folhas. Uma carta explicando as acusações, a segunda página, que é a conta em si, e um cartão de visitas. Viro o cartão de visitas e encontro um número escrito no verso. Guardo o cartão. Nenhuma pista, nenhuma mensagem secreta, nenhum sinal de onde o vídeo poderia estar. A carta nem mesmo foi assinada por ele, e sim por sua secretária. Olho dentro do envelope e está vazio. Seguro as folhas contra a luz, imaginando que algo se revelará, mas acho que assisti a filmes de suspense demais. Não há nada. É apenas uma conta comum.

Sento-me à mesa e abro o arquivo de Carrick.

Há uma fotografia dele do dia em que foi preso pelo Tribunal, e sinto um frio na barriga ao vê-lo. Toda a sua arrogância foi captada pela fotografia, aqueles olhos negros, os ombros largos, os braços fortes e a mandíbula esculpida. Ele é como um soldado. Passo o dedo por seu rosto. Fico surpresa com minha reação física ao vê-lo. Só o conheci por dois dias e nunca nos falamos, mas mesmo assim... sinto-me conectada a ele.

Meu fantasma está prestes a ter um nome, idade e endereço.

Mas o arquivo é tão enigmático quanto o homem. Tudo o que o arquivo me revela é que meu fantasma é Carrick Vane, de dezoito anos, e que seu status é IDN, o que não tenho ideia do que significa. Acho que é o mesmo que ASL (ausência sem licença), porque, apesar de ser considerado Imperfeito, marcado no peito por deslealdade à sociedade, e de ser submetido a um Delator, ele não apareceu em nenhum dos exames e é considerado um desertor.

Espero que Crevan não encontre Carrick, e que Carrick tenha encontrado uma brecha.



Às nove horas da manhã de segunda-feira, minha professora, srta. Dockery, chega para nosso primeiro dia de aulas em casa. Não posso dizer que eu e ela temos uma relação aluna-professora muito íntima, mas ela me ensina matemática, então há um respeito mútuo: ela me deixa estudando a maior parte das coisas sozinha enquanto dá atenção aos que têm mais dificuldades. Ela defendeu a ideia do ensino em casa e suponho que esteja entre os professores que não aprovam minha presença na escola. Ela não me ignorou na aula como outros, mas tampouco me puxou de lado para me dar consolo. Não que alguém tenha feito isso.

Descobri que as pessoas não são cruéis. A maioria não é, exceto pelos Logans, as Colleens, os Gavins e as Natashas do mundo, mas as pessoas têm um forte instinto de autopreservação. Se algo não as afeta diretamente, elas não se envolvem. Eu deveria saber, porque eu mesma era assim há um mês. Aqueles que se envolvem geralmente têm algum interesse, como Pia, o sr. Berry e Colleen. E agora me pergunto por que a srta. Dockery se ofereceu para enfrentar o massacre da mídia acampada do lado da minha casa todos os dias, para entrar na casa de uma Imperfeita.

Minha mãe trabalha na indústria da moda e não é de hoje que aprendeu esta lição. Ela sempre acreditou que todos têm algum interesse, então nos sentamos à mesa da cozinha com a srta. Dockery antes de eu ir à biblioteca para começar.

— Celestine é a melhor aluna da minha turma, sra. North — diz a srta. Dockery, respondendo à pergunta direta da minha mãe quanto à presença dela ali.

— Chame-me de Summer, por favor, e, como você pode ver, e você sabe, minha filha passou por muita coisa. Coisas demais. Preciso ter certeza de que

você tem as melhores das intenções, que não abusará dela nem a tratará mal e que lhe dará todas as oportunidades que ela merece para ter sucesso.

Olho surpresa para mamãe.

— Summer — diz a srta. Dockery, sorrindo —, compreendo tudo o que você disse, mas estou aqui apenas para ensinar. O que quer que tenha acontecido não influenciará o andamento de nossas aulas. A compreensão que Celestine tem de teoremas complexos é incrível. Ela parece entendê-los e lembrá-los quase instantaneamente. Ela tem uma mente maravilhosa. Simplesmente quero garantir que minha aluna nota 10 não me represente mal. Pode dizer que é egoísmo, se quiser. — Ela fica toda vermelha. — Mas acredito que meus alunos me representam, representam meu valor como professora. Se Celestine não alcançar todo o seu potencial, será um fracasso pessoal para mim.

Aprendi que não sou boa em julgar caráter. Sempre soube que minha irmã era boa nisso, mas nunca achei que eu fosse tão ruim. Parece que me engano sempre e preciso da capacidade que Juniper tem de entender os outros para me ajudar. A ironia disso é que me enganei até com minha própria irmã. Penso em Carrick e em como ele analisava as situações. Um revirar de olhos; uma boca séria, indigna de confiança; olhos negros que nunca se moviam ao encontrar o alvo, que tinham a habilidade de vasculhar a superfície de tudo, como se ele estivesse tentando analisar uma pessoa e chegar ao cerne da verdade com um único e demorado olhar.

Não estou com ânimo para estudar hoje. Estou exausta. Perdi toda a esperança. Magoada pelo que Art e Juniper fizeram comigo, ainda machucada pela surra de sexta-feira, frustrada com o desaparecimento do sr. Berry e dos guardas, e agora Carrick, a única pessoa que achava que era capaz de me ajudar, é impossível de ser encontrado, e conseguiu despistar até os Delatores. Não é de se admirar que ele não tenha vindo me encontrar. É perigoso demais.

Mamãe parece satisfeita com as respostas da professora. Eu, por outro lado, não estou tão convencida. A srta. Dockery e eu entramos na biblioteca.

— Antes de mais nada — diz ela, num tom de voz direto, bem diferente do que usou na cozinha. — Chame-me de Alpha, não de srta. Dockery. Se vou frequentar a sua casa, estamos em pé de igualdade.

Faço que sim.

Ela tira papéis da bolsa e se senta à minha frente.

— Em segundo lugar, aqui está nossa programação de estudo, liberada pela escola e pelo Tribunal — diz ela num tom monótono. — Tive de conversar com eles sobre isso deixando tudo bem claro e demorando tanto tempo, que deveria tê-los cobrado uma taxa.

Rio, surpresa com a mudança repentina no comportamento da srta. Dockery.

— Se alguém perguntar, e eles provavelmente perguntarão, é isso o que estamos fazendo. Mas, aqui entre nós, vamos estudar muito mais do que isso. — Ela arregança as mangas. — E, em terceiro lugar, deveria lhe informar algo. — Ela se levanta e abaixa um pouco a calça.

Desvio o olhar, constrangida por aquela súbita exposição, pela barriga da professora estar perto demais do meu rosto. Mas quando percebo pelo canto de olho que ela só vai se cobrir depois que eu tiver olhado, lentamente me viro. E ali, na parte de baixo do abdômen, está um *I* vermelho dentro de um círculo também vermelho. Não uma cicatriz, mas uma tatuagem.



Fico sem ar.

— Quem colocou isso aí.

— Eu.

— Mas eu faria qualquer coisa para me livrar das minhas e você fez isso por vontade própria?

— É diferente quando o poder lhe é tirado — diz ela, suavemente. — E há várias outras pessoas com estas tatuagens. Vemos a Imperfeição como uma força, Celestine. Se você comete um erro, aprende com ele. Se nunca comete nenhum erro, jamais será uma pessoa sábia. Estes governantes supostamente perfeitos que temos agora nunca cometeram um deslize. Como eles aprenderão o que é certo e errado, como aprenderão qualquer coisa sobre si mesmos? Sobre o que gostam de fazer, sobre o que acham que está além de sua capacidade? Quanto mais erros você comete, mais você aprende.

Tento assimilar isso, mas não consigo compreender.

— Então devo ser muito sábia — brinco.

— A mais sábia — diz ela, muito séria. — É isso o que estou dizendo. A corte dos Imperfeitos é Imperfeita em si, Celestine. Isso não apenas representa que sinto que todos somos imperfeitos; é um *símbolo* que mostra meu apoio pela sua causa.

E assim fico sabendo que tudo começou. Este movimento secreto de que Pia me alertou, sobre o qual Lisa Life está escrevendo. Estou cara a cara com alguém que faz parte dele.

— Quando você faz o que é certo, Celestine North, ah, você faz mesmo.

Deixando de lado o que fez no ônibus... — Ela faz um gesto de desprezo com a mão, como se aquilo fosse menos importante. — ... porque todos temos ao menos um gesto aleatório de bondade, até mesmo as pessoas más. Mas suas frases têm sido perfeitas. No alvo. — Ela bate com o punho na mesa e eu dou um salto.

— Os artigos de Pia Wang são distorções da verdade.

— Não estou falando sobre Pia Wang. Estou falando do alterego dela, Lisa Life.

— Você está sabendo disso?

— Reconheço o estilo dela. Não é uma escritora muito boa, mas, sendo honesta, ela de alguma forma sabe contar histórias, sabe fazer as pessoas falarem. Ela escreve melhor como Lisa Life. O nome me faz sorrir — diz ela, sem sorrir. — É óbvio que você a sensibilizou. Diga-me, ela tem se comportado diferente, ou ainda é um tubarão encarcerado? Um tubarão marionete, para dizer a verdade, levando em conta a liberdade que Crevan lhe dá para escrever. Liberdade de expressão uma ova. E, quanto a esta manhã, está tudo pronto para a mudança. Há poucos minutos ela anunciou...

— Que escrever a favor dos Imperfeitos será considerado ajuda aos Imperfeitos. — Levanto-me e começo a andar de um lado para o outro, a adrenalina aumentando. Está acontecendo. Crevan está perdendo o controle, como Pia disse. Quem sabe o que ele fará comigo agora? Terei de pensar numa forma de agir, e rápido.

— Correto — diz ela. — Então você lê os jornais. Geralmente jovens da sua idade precisam que uma bomba caia ao lado deles, mas é bom saber que você se interessa. Sinceramente, teria gostado de começar com isso na segunda passada, mas você insistia em ficar na escola. Talvez eu devesse ter te chamado para uma conversinha em particular na escola, mas acho que não estávamos preparadas. De certa forma Logan Trilby me fez um favor. Mas não me entenda mal, espero que os quatro apodreçam no inferno pelo que lhe fizeram, mas, graças ao artigo de Lisa Life de hoje, o mundo está sabendo o que eles fizeram. Ela não dá nomes, claro, mas dá dicas que permitem que as pessoas os identifiquem. As pessoas já estão reclamando do seu tratamento. A polícia tem que responder a muitas perguntas por não prender estes meninos. Crevan vai querer tirar sangue de Lisa Life.

E o meu.

Não estou feliz por as pessoas saberem o que vivi na sexta à noite. Não quero que isso sirva de inspiração para outros, mas que bom que o envolvimento de Logan e sua gangue não passou despercebido.

— Antes de começarmos, você tem alguma pergunta? Qualquer uma.

A forma com que ela me olha deixa claro que devo me sentar e ouvir. Sei que tudo começou. É hora de assumir o controle de mim mesma.

— Fale sobre Enya Sleepwell.

Ela sorri pela primeira vez.

— Excelente pergunta, menina. Você será uma aluna nota 10, dá para ver. Diga-me o que você já sabe sobre ela.

— Ela é uma política. Tem um cabelinho curto. Foi ao meu julgamento todos os dias, lembro de tê-la visto lá. Ela sempre ficava nos fundos, perto dos Imperfeitos. Ela é membro do Partido Vital, e está do meu lado.

— Duas correções. — Ela mostra dois dedos. — Ela agora é *líder* do Partido Vital. Conseguiu dar um golpe contra o líder antigo, que era uma boa pessoa, mas burro. Enya o manipulou, na verdade a culpa foi dele. Ele deveria ter tomado cuidado assim que aquela moça foi eleita. Ela foi eleita líder na semana passada e tem de agradecer a você por isso. Segunda correção: ela não está *necessariamente* do seu lado. Ela é uma política, e que ascendeu muito rápido. Acredito que ela se importe, e se importe muito, mas ela vai na direção em que o vento sopra e notou que o problema dos Imperfeitos está gerando preocupação na sociedade, ao menos por parte de algumas pessoas. Mas o assunto está crescendo, então ela pode surfar na onda da vitória.

Ao falar, ela mostra dezenas de fotos de Enya, muitas delas tiradas de câmeras do meio da multidão em meu julgamento.

— Se você cometer um só erro, ela vai descartá-la num minuto, mas até aqui ela a vê como uma garota-propaganda, um caminho para a liderança. Poder. Tudo gira em torno disso, não se esqueça. As pessoas querem dinheiro ou poder. O que você quer?

Faço uma cara feia.

— Nenhum dos dois.

Alpha franze a testa ao me estudar.

— Espere. — Tento pensar com mais clareza. — Mas Enya já é a líder. O que mais ela quer?

— Ela é líder do partido, querida. Ela está querendo a liderança do *país*.

— Ela acha que *eu* posso ajudá-la com isso?

Alpha sorri novamente, gostando da minha ingenuidade, mas estou aprendendo rápido.

— Não, ela a usará para conseguir isso. E, se você fracassar, ela encontrará outra promessa a fazer, como férias em Marte.

— Então não devo confiar nela.

— Não foi o que disse. Você pode confiar nela, desde que tenha consciência do que ela quer. Enya a está usando, então você a use também. Estou surpresa por ela ainda não ter feito contato. — É uma afirmação, mas sei que ela está me perguntando.

Meneio a cabeça, negando.

— Em breve, imagino.

Pensar nisso me assusta.

— Não se preocupe, vou orientá-la. Se você precisar de algo, é só me perguntar, sim?

Faço que sim, mas estou insegura. Neste momento, acho que não posso confiar em ninguém. O mesmo serve para Alpha, e ela percebe isso.

— Sim, estou usando você também — admite ela. — Tenho interesses também. Tenho opiniões e crenças que quero ver acontecerem. Você é a menina da hora. Com um pouco de orientação, você pode fazer isso acontecer.

— Por que você acredita tanto nisso?

— Meu marido é Imperfeito. Têmpora e língua.

Decisão errada e mentira.

— Ele cometeu um erro ético no trabalho. Foi pego. Ele era um homem em ascensão, com grandes perspectivas e um futuro brilhante, então puseram um fim nisso e o fizeram de exemplo.

— Por que o Tribunal se sentia tão ameaçado por ele?

— Interessante, Celestine. Você perguntou por que o Tribunal se sentiu *tão ameaçado*... Você percebeu que era isso que estava acontecendo. Muito bom. Vamos continuar.

Ela continua me apresentando o cenário que acredita ter se aberto para nós por causa do que fiz no ônibus e minha resposta no julgamento.

— Comparação e lógica. *Adoro* isso — diz ela, batendo com a mão na mesa e rindo. — Você demorou para chegar a aquilo ou alguém escreveu para você? Foi o sr. Berry? Alguns acreditam nisso, eu não. Não é o estilo dele. — Ela se aproxima, esperando ansiosamente por minha resposta. — Quem escreveu aquela frase?

Franzo a testa.

— Ninguém escreveu nada. Simplesmente saiu assim.

Ela meneia a cabeça, sem acreditar.

— Maravilhoso. Precisamos de mais disso. Sabe, estão dizendo que Enya usará isso como slogan de campanha do Partido Vital. *Compaixão e lógica: a parceria perfeita. Vote no Partido Vital.*

Agora é minha vez de menear a cabeça, incrédula.

— Eu sei. É muito para assimilar, mas precisamos de mais coisas assim, e, se você pensar em algo parecido, anote. Podemos encontrar uma forma de usar. E o que mais... Você está parecendo um tanto atordoada, talvez seja melhor começar com a matemática, algo que você conheça melhor. Por enquanto, ao menos... — Ela mexe na programação. — É melhor fazermos algo da lista hoje, para ajudar com o doce detector de mentiras da querida Mary May.

— Você a conhece?

— Ela foi responsável pela prisão da minha cunhada e do marido, por ajudarem meu marido. Eles o ajudaram a quebrar algumas regras e o Tribunal os prendeu por quatro anos. Eu não brincaria com ela. Ela parece um passarinho, mas morde feito um leão. Eles não estavam de brincadeira quando a colocaram para cuidar de você. Mary May é a Delatora mais experiente; ela come, dorme, vive para isso. Sabe mais do que todos os outros reunidos, o que não é muito, mas ela é o centro de controle.

É a primeira vez que ouço de pessoas sendo presas por ajudar Imperfeitos. Antes disso, era apenas uma ameaça. E era uma ameaça muito real para mim. Dois anos por ajudar Clayton Byrne a se sentar, ou Imperfeita.

— Sinto muito sobre sua família.

Ela faz que não com a mão e nem tira os olhos dos papéis.

— Há algum motivo para você ter tatuado sua barriga?

Isso a incomoda um pouco, mas Alpha aceita o desafio.

— Tive seis abortos em quatro anos. Meu útero não segura um bebê, não durante toda a gestação. E não se lamente outra vez, não é sua culpa. — Ela olha a programação de novo, então a solta e desacelera o ritmo. Sei que ela vai se abrir. — A tatuagem está ali não porque acredite que haja algo de *errado* comigo. É para me lembrar de nossas imperfeições e qualidades. Foi o que me fez dar início à minha fundação. Incapaz de conceber, tentei a adoção. Tentei principalmente adotar um IDN por muitos anos, mas não consegui. Mas não estou lhe dizendo nada que você não saiba — diz ela. — Você sabe tudo sobre os Imperfeitos Desde o Nascimento, claro. Carrick, não é este o nome dele?

Agora sou toda ouvidos.



— Como você sabe sobre Carrick? — pergunto, de repente desconfiada.

Começo a duvidar da minha intuição mais uma vez. Isso é uma armação para tentar encontrar Carrick? Crevan conseguiu de alguma forma fazer com que o sr. Berry e os guardas desaparecessem e agora está procurando Carrick? Eles estão usando Alpha para obter informações de mim? Não posso confiar nela. Tudo pode ser uma armação, uma armação para pegar Carrick, para me pegar. Não sou tão ingênua quanto era. Esta característica era meu principal defeito. Meus olhos estão bem abertos agora, arregalados para todos ao meu redor, mas também sei que preciso ser inteligente e tentar descobrir o máximo sobre Carrick.

— Você tem o direito de desconfiar — diz ela. — Isso é bom. Você está se perguntando como sei de tudo isso. Carrick não recebeu muita atenção depois do seu caso, do de Angelina Tinder e Jimmy Child, e pode-se dizer que o Tribunal não gosta de histórias de Imperfeitos Desde o Nascimento em busca de seus pais Imperfeitos.

Crianças Imperfeitas Desde o Nascimento? Tento não reagir a esta notícia, mas por dentro minha mente está em polvorosa, meu estômago revira.

— Tenho certeza de que você sabe que as crianças não podem procurar seus pais biológicos. Primeiro, elas são tiradas dos pais Imperfeitos e trancadas numa instituição por dezoito anos para “tirar” a Imperfeição de dentro deles. Assim que fazem dezoito anos, são soltos. Se procurarem os pais, se até mesmo *pensarem* nisso, são marcados como Imperfeitos. Lealdade ao próprio sangue é visto como deslealdade para com a sociedade. — Ela abana a cabeça, a raiva faz as veias de seu pescoço pulsarem. Mesmo que tudo seja uma armação, a raiva de Alpha quanto a este assunto não é armação.

Penso no arquivo de Carrick e me lembro do IDN ao lado do nome dele:

Imperfeito Desde o Nascimento. O arquivo também dizia que Carrick foi marcado no peito por deslealdade. Isso faz sentido se o que ela diz é verdade. Acho melhor acreditar nela, mas ainda não sei se posso confiar nela.

— Carrick deveria ter esperado alguns meses antes de procurar os pais — diz ela com raiva, quase como se direcionasse aquele sentimento para mim, como se eu tivesse culpa por ele ter feito isso. — Eles sempre observam os alunos nos primeiros meses para ter certeza de que não procuram os pais biológicos, mas ele os procurou rápido demais, quase como se *quisesse* ser pego... — ela hesita, os olhos estudando minha reação. Não a respondo. Estou abismada demais com o que ouço, emocionada, triste demais por Carrick. Quero encontrá-lo e abraçá-lo agora mesmo. Queria saber disso quando estava lá, quando dormíamos lado a lado em nossas jaulas de vidro. Achei que ele fosse um soldado, alguém que tinha feito a pior coisa do mundo, mas na verdade o que ele fez foi a melhor coisa do mundo. O animal enjaulado que andava de um lado para o outro, lutava e parecia querer brigar com o mundo apenas tentara encontrar os pais, que foram obrigados a abandoná-lo quando criança porque eram Imperfeitos. Saber que Carrick é filho de Imperfeitos muda minha opinião sobre ele?

Sim, muda.

Ele passara dezoito anos sofrendo lavagem cerebral constantemente, ouvindo que seus pais eram inúteis, que era melhor do que eles, só para procurá-los depois de solto. Seu amor não podia ser derrotado; ele venceu. Ele é ainda mais corajoso do que eu pensava. Ele é o soldado que eu acreditava que era.

Os comentários que Tina fez sobre ele na cela agora fazem sentido para mim, dizendo que ele era uma “fruta podre”, e também o comentário do juiz Crevan dizendo que ele era “Imperfeito até a alma”. É verdade. Ele nunca teve chance. Seu julgamento deve ter sido uma piada. Ele foi marcado assim que nasceu. Carrick jamais perderá isso. Talvez a suspeita de Alpha tenha fundamento, talvez ele tenha querido deliberadamente se tornar um Imperfeito. Talvez quisesse ser quem realmente era, para o bem ou para o mal, e não alguém que o Tribunal o educou para ser. Quanto mais penso, mais gosto dele.

Alpha lentamente solta o ar, tentando se acalmar.

— Carrick foi um caso infeliz.

Meu coração está partido por ele.

— Sim — digo, tristonha. — Sim, foi.

Ela volta a me olhar com muita atenção, como se percebesse que, pouco a pouco, estou aprendendo sozinha.

— Vocês dois eram próximos?

Percebo que estou corada e desvio o olhar. Sinto uma conexão com Carrick desde que ele entrou naquela cela e deu as costas para mim. Senti isso em todos os segundos em que ele esteve ao meu lado e sempre que me deu apoio no tribunal. Parece estranho sentir isso por alguém que não conheço, mas vivi algo muito intenso e éramos as duas pessoas naquela sala que sabiam como cada um se sentia.

— Fale-me sobre as instituições. Ele não falava muito delas.

— Não é de se admirar — diz Alpha. — Se bem que não são lugares horríveis. Na verdade, as instituições são ótimas, instalações de primeira, mais luxuosas do que a casa de muita gente. O Estado as mantém porque a maioria dos nossos grandes atletas vem delas e alguns dos nossos grandes eruditos estudaram nestes lugares. A despeito disso, não há como ocultar o fato de que estas crianças foram tiradas dos pais ao nascerem, sem jamais poderem ter notícias deles. Isso é cruel e é *errado*. Mas a situação de Carrick é um pouquinho diferente — diz ela. — Como você sabe.

— Como assim diferente? — pergunto, confusa.

— Bom, por causa da idade em que ele foi separado da família. Isso provavelmente explica por que a lavagem cerebral não deu certo. Ele tinha lembranças dos pais, lembranças que não podiam ser eliminadas. Carrick foi tirado dos pais na infância, aos cinco anos. Os pais dele conseguiram esconder o nascimento dele, mas infelizmente acabaram descobrindo — diz ela com tristeza.

— Não sei o que é pior — digo, pensando naquela criança, que tinha consciência do que estava acontecendo ao ser levado, tirado das pessoas que o amavam.

— Então — ela se endireita. — É por isso que tentei tanto lutar pelo direito de adoção de crianças IDN.

— Crianças IDN não podem ser adotadas?

— Claro que não. Isso interrompe o processo de lavagem cerebral e, de qualquer modo, a comunidade Imperfeita não pode adotar. Meu marido até

sugeriu que nos divorciássemos para que eu pudesse adotar um bebê, porque ele sabe o quanto quero isso. Só no papel, claro. Ele não pretendia me abandonar. Onde está a lógica disso, Celestine? Diga-me! As leis modernas me dizem que posso adotar uma criança sozinha, mas não com meu marido Imperfeito. — Ela suspira. — Desculpe. É que o assunto me irrita.

— Estou vendo — digo, com carinho, aliviada por finalmente ouvir alguém se manifestar contra o Tribunal. — O arquivo dele não revelou tanto sobre ele.

— Então você viu o arquivo dele — diz ela, intrigada. — Meu Deus, Celestine, você tem mais acesso do que eu imaginava.

Não respondo nada. É bem difícil segurar a língua.

Ela continua:

— Os arquivos de todos os Imperfeitos são públicos e estão disponíveis aos cidadãos, porque todos têm o direito de saber se moram perto de um Imperfeito, a não ser, claro, que você seja um. Daí você não tem acesso a estes arquivos.

Engulo em seco.

— Mas, para receber os arquivos, você precisa submeter um formulário ao Tribunal pedindo acesso, e isso desperta alarmes. *E* além disso, os arquivos de Carrick não estão tão disponíveis quanto os seus. O Tribunal não gosta de admitir que o sistema fracassou, nem que a lavagem cerebral não funcionou direito. A resposta à sua pergunta sobre como sei tanto sobre Carrick? Tenho uma grande organização. Quando um caso como o de Carrick chega aos tribunais, as pessoas me dizem. Fui ao julgamento dele.

Na mesma hora, sinto inveja dela. Queria ter comparecido ao julgamento dele. Ter ficado nos fundos e lhe dado apoio como ele me deu. Fico pensando se ele teve alguém ou se passou por tudo sozinho. Fico ainda mais ansiosa para encontrá-lo.

— Como... como ele estava? — pergunto, sentindo meu corpo começar a tremer.

— Incrivelmente forte — diz ela com um sorriso afetuoso nos lábios.

— Você foi à Câmara de Marcação? — pergunto.

Ela assente.

— Por causa da minha instituição de caridade, tenho permissão. O Tribunal

entende que é importante que eu testemunhe acontecimentos assim para ajudar no aconselhamento das famílias e da comunidade Imperfeita.

Penso nele na Câmara de Marcação, lembro do calor daquelas luzes no teto sobre mim naquela cadeira, imagino-o com a camisola vermelha sentindo o mesmo que eu. Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Como ele estava?

Ela segura minhas mãos e sinto as lágrimas descendo por meu rosto.

— Celestine, você teria orgulho em saber que ele ficou em silêncio. Nunca estive numa marcação com tanto... silêncio.

Por dentro, estou triste, mas também tenho vontade de dançar. Ele fez o que fiz. Ele me imitou. Carrick não os deixaria ouvirem-no chorar.

— Você o tem visto ultimamente? — pergunta ela enquanto enxugo as lágrimas.

Sorrio, um sorriso sábio, como se soubesse onde ele está, mas não quisesse dizer.

— Você sabe onde ele está?

Ela ri.

— Na verdade, não. Ele está se saindo bem em se esconder. Escapar sem ser detectado pelos Delatores é raro e difícil.

Concordo com a cabeça.

— Ele deve ter recebido ajuda.

Sei que ela quer dizer mais, mas não diz nada. Em vez disso, ela muda de tática e agora sei por que exatamente está aqui.

— Quando você o encontrar, por favor, diga-lhe que o apoio dele é muito bem-vindo. A organização precisa do maior número de Imperfeitos dispostos a contar suas histórias e se manifestar. Fazer isso sozinho não nos dá o peso de que precisamos para fazer a diferença. Ter uma criança de pais Imperfeitos, criada numa instituição para IDN, que *queria* encontrar os pais, cuja única imperfeição foi quebrar as regras impostas a IDNs, e tentar localizá-los seria um bônus para minha campanha pela adoção de IDNs. Você lhe diria isso, não?

Faço que sim. Quando voltar a vê-lo. Se voltar a vê-lo.

— Estou organizando um evento hoje à noite. Uma pequena reunião para aqueles que precisam de apoio. É às cinco da tarde. Você terá tempo de ir e voltar para o toque de recolher. Aqui está o endereço — diz ela com pressa, colocando um pedaço de papel dobrado em minhas mãos. — Venha conversar com a gente hoje à noite. Sei que você inspirará as pessoas. Você as fará agir.

— Agir?

— Chamo isso de grupo de apoio. — Ela arqueia a sobrancelha. — Mas o que estou mesmo tentando fazer é com que algo aconteça. Acabar com o Tribunal. O que o Tribunal sabe é que trabalho com Imperfeitos, com suas famílias, dando-lhes apoio psicológico. Organizo levantamento de fundos para famílias. A campanha de adoção de IDNs tem o apoio de muitas pessoas no governo e no Tribunal. Estas instituições são caras e a adoção ajudaria com o orçamento. Mas eles sempre estão de olho nos objetivos, claro. Então tenho muitos ao meu lado. É assim que consigo fazer este trabalho. E não apenas a campanha de adoção. Eles sabem que meu trabalho de aconselhamento com os Imperfeitos e suas famílias é essencial para manter a sociedade tranquila.

Só de ouvir que ela tem o apoio do Tribunal me traz a desconfiança de volta, apesar do que ela está dizendo.

— Alpha. — Mal consigo olhar para o papel amassado em minha mão. — Agradeço seu apoio, mas não sou palestrante. Nem sei o que diria.

Seus olhos fixam em mim por um instante, como se ela estivesse tentando me entender.

— Às vezes acho que você é mais inteligente do que sabe, às vezes acho que é uma criança que se descobriu numa situação muito maior do que você e não tem ideia do que fazer.

Não respondo. Não cabe a mim ajudá-la a me analisar. Não passo noites em claro tentando me compreender, mas ainda não estou acostumada às pessoas opinarem a meu respeito com tanta ousadia assim. Guardo para mim qualquer opinião que eu tenha sobre ela, por educação, embora algumas pessoas, como ela e Pia, achem que têm o direito de expressar suas opiniões sobre mim livremente, como se não pudessem me magoar ou atingir. É a marcação que faz isso, eu sei. Ela me desumaniza para os outros. As pessoas me olham e falam de mim como se não notassem minha presença.

— Meu trabalho começou como uma caridade, como aconselhamento e

arrecadação de fundos, mas, desde o seu caso, os números cresceram. Vejo um aumento nos donativos. Secretamente, claro, mas há nomes importantes. Sinto que a mudança está acontecendo, e você deu início a esta mudança. Claro que boa parte é política. Minha organização pode fazer muito mais, e chegou a hora. Tente trazer seu amigo Carrick, se puder. É hora de levar as pessoas a agirem.



Naquela tarde, sabendo que tenho uma semana de prisão domiciliar pela frente, ando de um lado para o outro no meu quarto como o leão enjaulado do Carrick. Mesmo que pudesse falar na reunião de Alpha, o que não farei, não posso sair de casa. Que grande incentivo para as pessoas, não?

Vindo da escola, Juniper entra pela porta aberta. Parece perdida, como se tivesse chorado. Fico feliz. Ela para e me olha. Ela está de volta às suas roupas, de preto da cabeça aos pés. Exceto por minhas marcações, não há muito o que nos diferencie.

— Nada aconteceu entre mim e Art, se é o que você está pensando. — Ela funga. — Tudo o que fizemos foi conversar sobre você.

Quero estapeá-la de tanta raiva, mas em vez disso calmamente ergo a mão e fecho a porta em sua cara. É uma sensação gratificante, mas não faz nada para preencher o vazio dentro de mim. Sei que ela não saiu de casa à noite desde que me deparei com eles. Sei disso porque fico acordada na cama, sem conseguir dormir, ouvindo-a. Penso em todas aquelas noites em que ela foi encontrá-lo no alto do morro enquanto eu estava presa ao toque de recolher, em agonia, me curando, e agora meu coração bate forte de ódio. Se houver alguma coisa acontecendo entre eles, nem sei o que pensar sobre isso. Quando os descobri, eles estavam sentados lado a lado, rindo. Se não aconteceu ainda, talvez acontecesse. É o som das risadas que me assombra, ainda mais no momento em que eu estava lutando para me manter viva. Jamais os perderei. Mas isso não significa que posso parar de gostar dele. Fico pensando em quem está ajudando Art agora que Juniper deixou de ajudá-lo. Fico pensando se ele foi embora de uma vez, se teve coragem de deixar Humming, até mesmo as Terras Altas, e se ele vive em algum lugar longe do alcance do pai. Imagino se o verei novamente. Não deveria gostar tanto dele nem me importar com ele. Mas gosto e me

importo.

Sou chamada à cozinha porque Mary May me faz uma visita surpresa e aparentemente tem que anunciar algo. Fico apavorada na hora. Acho que tem algo a ver com o exame de álcool que fiz na noite de sexta e deu positivo. Apesar de Colleen, Gavin e Natasha não terem conseguido se livrar impunes como Logan, os três negaram terem bebido, o que faz parecer que beber foi algo que fiz por vontade própria, o que vai contra as regras dos Imperfeitos. Se bem que pensar que eu, amarrada e presa numa cabana, consegui álcool sozinha é de uma estupidez que nem mesmo o Tribunal é capaz de jogar sobre mim. Mas tenho certeza de que eles passaram todo o fim de semana tentando.

Mary May pega alguns documentos da mala. Olhando para ela, sinto o impacto da sua luva de couro no meu rosto e vejo a mulher que denunciou toda a família ao Tribunal e os viu um a um serem marcados por toda a vida. Quem sabe do que ela é capaz, e minha vida está em suas mãos.

— Sua prisão foi revogada — diz ela com uma voz contida, e dá para ver que está odiando dar esta notícia. Dá para ver que ela odeia até mesmo ter de abrir a boca nesta casa e respirar o ar Imperfeito. Ela sente repulsa e atração por isso. — Uma fonte anônima submeteu a fotografia em sua totalidade para o Tribunal. O Tribunal procurou alterações feitas no Photoshop e montagens de quaisquer tipos e se satisfez com a afirmação de que a foto é original e que é a imagem de Juniper North na aula de arte. O Tribunal também retirou a acusação de consumo de bebida alcoólica. O depoimento de Colleen Tinder coincide com a quantidade de álcool encontrada em seu sangue, o que era insignificante.

Para minha surpresa, mamãe, que estava usando um vestido de algodão e uma camisa colorida, soca o ar perto do rosto de Mary May e grita:

— Isso!

Depois, ela me abraça com força para que eu não veja a reação da Delatora. Mamãe me alertou há poucos dias para não provocar Mary May, mas agora é ela quem a está provocando. Ouço a porta bater quando a Delatora vai embora.

Sentindo-me vitoriosa, é como se eu pudesse dominar o mundo, como se pudesse solucionar outros erros. Agora estou livre para investigar como planejava. Deixo os outros celebrarem, incluindo Juniper, que parecia verdadeiramente feliz por mim embora se mantivesse distante, e volto para meu quarto. Pego o cartão de visitas do sr. Berry e ligo para o número escrito no

verso.

— Alô — atende uma voz baixa.

— Alô, é o... marido do sr. Berry?

— Quem é? — pergunta ele, mais baixo ainda, tanto que tenho de me esforçar para ouvir.

— Meu nome é Celestine North. Ele me representou no...

— Sei quem você é — ele se apressa em me interromper, mas não com grosseria. — Você não deveria ligar para cá.

Parece que ele está andando. Distraído. Algo resvala no telefone.

— Sinto muito, é que o sr. Berry me deu este telefone na conta e achei que ele queria que eu ligasse. Posso falar com ele, por favor?

Silêncio. Acho que ele se foi, mas o ouço respirando.

— Alô?

— Sim — diz ele rapidamente, mas tão baixo que é como se a ligação estivesse ruim e ele estivesse a milhões de quilômetros dali. — Ele não está — responde, e sinto um frio na barriga. — Ela já ligou procurando por ele.

Fico confusa, sem saber de quem ele está falando, mas então me lembro de Pia e noto que ele não quer mencionar o nome dela. Ele acha que pode estar sendo ouvido.

— Você não precisa se preocupar... com ela — digo. — Ela diz que está tentando me ajudar. — Ele deve estar com medo de que Pia vá escrever um artigo sobre o sr. Berry. Claro que ele dirá a ela que o marido não está. Todos têm medo de Pia, quem falaria com ela? Eu insistiria na honestidade dela, mas não posso fazer isso, pois eu mesma não tenho toda a certeza.

— Ele pode confiar em mim — digo.

— Ele não está aqui. Já disse — fala ele, mais impaciente e um pouco mais alto. Depois, voltando com a voz baixa, acrescenta: — Ele teve de sair. Não me disse onde. Estava com pressa. Ele sabia das outras.

Isso me impressiona. Então o sr. Berry não foi sequestrado por Crevan. Ele estava escondido depois do que aconteceu aos guardas.

— Certo... — penso rápido. Ele não quer dar nomes ou quaisquer informações. Como digo o que quero dizer? — Estou procurando uma coisa, você sabe o que é?

— Sim — ele praticamente sussurra.

Ele sabe da sexta marcação.

— Você viu aquilo? — pergunto, sem querer mencionar o vídeo. Se o pessoal de Crevan está ouvindo, não quero facilitar as coisas para eles.

Faz-se um longo silêncio novamente e sei que minha paciência está sendo testada. Isso é como arrancar os dentes, mas preciso me manter firme. Sei que ele não vai mais me atender outra vez. É agora ou nunca.

— Sim — diz ele, finalmente, bem baixo. — Eu vi. Sinto muito pelo que lhe aconteceu.

Tento não chorar.

— Você tem aquilo? Você sabe onde está?

— Não — responde ele. — Já disse àquela outra mulher. Não tenho.

Desabo na cama, tão decepcionada e com tanta raiva, e meus olhos se enchem de lágrimas.

— Mas eu não disse a ela uma coisa — acrescenta ele rapidamente. — Você está com ele. Ele me disse que *você* está. — Ele desliga.



Vou correndo me sentar na cama e fico olhando para o telefone, em choque diante desta revelação, toda arrepiada.

Eu tenho o vídeo do sr. Berry?

Ligo novamente. Toca, toca e ninguém atende.

Estou com ele? O *sr. Berry* diz que estou com o vídeo? Como? Quando? Onde? Olho em volta, com a cabeça girando, tentando pensar onde ele pode estar, como o vídeo pode ter parado nas minhas mãos, tentando me lembrar daqueles instantes finais quando fui retirada da câmara e levada à enfermaria. Eu o vi na ocasião? Ele me passou o celular às escondidas? Mas eu estava usando apenas uma camisola, onde eu teria guardado? Ele me visitou depois? Estava tão grogue e em choque que me lembro de muito pouco. Eu me lembro de Tina. Tina ficou comigo enquanto a enfermeira cuidava de mim. Mas não me lembro de mais ninguém. Mary May já vasculhou meu quarto, era isso o que ela procurava? Se sim, ela o encontrou? Duvido. Acredito que ela pense que tenho apenas cinco marcações, ela já falou disso. Acho que ela não tem ideia do que aconteceu na câmara e não cometerei o mesmo erro que cometi com Pia, falando só para mostrar que tenho uma carta na manga. Sei que esta informação é extremamente importante.

E então cai a ficha. Carrick é a única pessoa que estava na câmara além do sr. Berry. Carrick deve estar com o vídeo.

Preciso de ajuda. Pia saiu em sua missão e vai entrar em contato comigo sabe-se lá quando, e a única pessoa capaz de me dar informações sobre Carrick é Alpha. Decido ir à reunião de Alpha, mas não sozinha. Ligo para outro número.

— Alô?

— Vovô, preciso da sua ajuda. — Nunca acreditei nele antes, pensava que ele era um conspiracionista, irracional demais, mas sei agora que ele tinha razão sobre tudo. Agora estou preparada.

— Ah, ela finalmente ligou — diz ele, parecendo feliz. — Eis o início de tudo.

O lado positivo da prisão domiciliar é ver a imprensa desaparecer da frente da casa, e eles ainda não ficaram sabendo que a prisão foi revogada. Se não saio de casa, não há nada para noticiar, então consigo ir tranquilamente à sorveteria, meu ponto de encontro com o vovô, porque é onde ele costumava nos levar depois que Ewan nasceu para dar uma folga à mamãe. O vovô está esperando em sua caminhonete suja, com dois sorvetes.

— Hora do show! — diz ele quando entro, e me sinto feliz como não me sentia há semanas.

Depois de dirigir por quase uma hora, tempo durante o qual lhe conto tudo o que aconteceu desde que nos vimos pela última vez, incluindo Alpha e sua instituição de caridade para os Imperfeitos, o sumiço dos guardas, a ajuda de Pia em procurá-los e minha missão de encontrar Carrick, principalmente agora depois que o marido do sr. Berry me disse que estou com o vídeo. O vovô ouve com atenção, às vezes para e me pede para repetir, não deixando uma palavra escapar e, mais importante, *acreditando* em mim.

— O que a faz te pensar que este tal de Carrick está com o vídeo? — pergunta ele.

— Bom, faz sentido — respondo.

— Mas o marido de Berry disse que *você* está com ele. Ninguém mais. Ele está com *você*.

Faço que sim, ouvindo, mas pensando que não pode ser verdade. Eu lembraria se o tivesse recebido.

— Berry lhe enviou alguma coisa desde que você voltou para casa? Pense, Celestine.

— Vovô — digo, levando às mãos à cabeça, que está latejando. — Não tenho conseguido fazer nada além de pensar nisso. Mas não há nada. Exceto pelo envelope com a conta, não há nada. Ele deixou o número de telefone para mim e

liguei para o marido dele. É a única mensagem que me deixou.

Ele fica em silêncio.

— Não se preocupe, vamos descobrir o que fazer.

— Obrigada pela ajuda, vovô. Agradeço. Mas não quero lhe causar problemas.

— Problemas? — pergunta ele. — Tenho problemas desde que nasci. Você não vai me deixar de fora dessa.

Sorrio, sentindo-me grata.

Saímos da estradinha para entrar numa via menor ainda, e vovô reduz a velocidade.

— Tem alguma coisa errada aqui — diz ele, confuso, estreitando os olhos para ver a paisagem de plantações que nos cerca. Estamos rodeados por milhares de hectares de turbinas eólicas, e uma indústria de oxigênio líquido surge no horizonte, enorme, apesar de estar a quilômetros. — Vamos ver o endereço novamente.

Eu lhe entrego o papel amassado com a letra de Alpha. É um rabisco estranho, algo que acho que ela fez de propósito para que ninguém seja capaz de decifrar.

— Hmm — diz ele, lendo com o rosto concentrado. Ele olha para cima e em volta. — Parece que estamos no caminho certo — diz, mas não está seguro. — Esta mulher, você confia nela?

Olho para ele.

— Não confio mais em ninguém.

— Essa é a minha menina. — Ele ri. — Bom, logo descobriremos.

Ele continua dirigindo pela estradinha estreita, à procura do Gateway Lodge. Espero um hotel de algum tipo, um centro de convenções com uma dúzia de pessoas que conversam sobre suas experiências, mas aquilo não parece o lugar para onde alguém viria se hospedar. É no meio do nada. Meu estômago fica tenso. Agora fico preocupada de estarmos perdidos, já que estamos ficando sem gasolina. Tenho medo de que um acontecimento qualquer me impeça de voltar para casa a tempo do meu toque de recolher. Pior ainda, tenho medo de que Mary May trame algo para me encrencar. Ela não está feliz por eu ter me livrado das acusações da fotografia e do consumo de álcool, então espero problemas.

Devo combater este medo. Achava que o Tribunal não podia fazer mais nada para me prejudicar, mas estava enganada — envolver minha família seria algo que me causaria uma dor sem igual, uma culpa que acredito não poder suportar, e o medo é um castigo contínuo pelo que fiz. Confio no vovô. Acredito que ele garantirá que eu volte para casa. Mas ele é velho. E se ele tiver um ataque cardíaco, se ele desmaiar...?

A estrada fica cada vez mais estreita ao avançarmos. Os galhos das árvores agora tocam as janelas. Bem quando penso que seremos esmagados pelos galhos, um portão aparece depois da curva. O portão é enorme e se ergue com várias câmeras cobrindo todos os ângulos. Um muro de seis metros protege o que quer que esteja atrás daquilo. Uma placa anuncia que é o Gateway Lodge.

Chegamos.



Nós nos abaixamos e esticamos os pescoços para ver a altura das muralhas.

Antes que o vovô tenha a chance de tirar a mão pela janela e apertar a campainha, os portões de repente se abrem, como se alguém estivesse ouvindo nossa conversa. O vovô avança com a caminhonete e, depois de seguir por mais um quilômetro, cercados por jardins bem cuidados e colinas que escondem o que está por vir, como se dirigíssemos por um campo de golfe, finalmente nos deparamos com uma enorme mansão. Aquilo não é nenhuma cabana de veraneio. Há dezenas de carros estacionados diante da casa e vários miniônibus que devem ter sofrido para passar pelas estradinhas de terra. Ao estacionarmos, a porta da frente da mansão se abre.

— Não é ela — digo, aproximando-me de quem veio nos receber.

O vovô imediatamente apressa o passo e quase entra na minha frente, alcançando a mulher antes.

— Você conseguiu — uma mulher tímida e educada diz, toda empolgada. O entusiasmo pulsa dela, abre um sorriso tão grande que chega a ser contagioso. — Sou Lulu — diz ela, a voz aguda, mas macia, como a de um personagem de desenho animado. — Assistente de Alpha. Guardei seu lugar. Dois, por precaução. — Ela sorri e dá uma olhadinha rápida no vovô.

O vovô sempre recebe este tipo de olhar das pessoas. Para alguém com um coração tão bom, ele se sai muito bem assustando a todos com seu rosto mal-humorado e barbudo.

— Este é meu avô.

— Ah, meu Deus — diz Lulu, a voz subindo uma oitava ao se entusiasmar. — É uma honra conhecer sua família. — Lulu ergue e abaixa as mãos, empolgada.

Depois se vira para mim. Não faz muito tempo, mas num ato reflexo sei que não devo estender minha mão direita marcada no cumprimento. Mas Lula a segura firmemente, olhando ansiosa para mim. Não sei direito pelo que ela espera. Olho incomodada para o vovô.

— Certo, certo — resmunga o vovô, e ela dá uns pulinhos.

Finalmente recolho minha mão da dela, o que parece tirá-la de um encanto.

— Desculpe. — Ela fica toda vermelha. — É tão bom vê-la ao vivo. Sou sua fã.

— Todos somos — diz o vovô, todo orgulhoso.

— Siga-me — diz Lulu, e avançamos por corredores e salões intermináveis. — Todos estamos empolgados por sua visita hoje. Isso é muito importante para todos. Um incentivo. Estes são tempos muito difíceis, e você é muito importante para eles. — Ela para de andar e une as mãos ao peito para me olhar.

— Ela não é *tão* especial assim — diz o vovô, ríspido, o que me faz rir. — Agora vamos em frente, estamos atrasados.

— Realmente — diz ela, continuando —, mas todos os estreantes se atrasam. Este não é um lugar tão fácil de achar. A maioria das pessoas volta à rodovia principal. Exatamente como Alpha queria.

Vovô olha em volta.

— O marido dela vive aqui também?

Estou prestes a interromper, constrangida por esta não ser a casa de Alpha, quando Lulu responde. Ela olha desconfiada para o vovô e lhe dá um brusco “sim”.

Nós a seguimos até um elevador para irmos ao porão. Saímos do elevador e damos em um salão enorme. Há portas duplas diante de nós, tapetes com estampas complexas. Parece o Four Seasons, não a casa de alguém.

Ela para diante das portas e se vira para mim, os olhos arregalados e cheios de lágrimas.

— Não sei dizer o quanto as pessoas estão ansiosas por sua palestra. Você diz o que eles pensam, se é que me entende. Você representa uma voz silenciada há décadas, e de repente está aqui. A pessoa pela qual esperávamos.

— Lulu, não vou falar nada hoje. — Não tenho o medo paralisante de Juniper de falar em público, mas não estou pronta para dizer nada a ninguém. Não tenho nada preparado e nem sei no que estou me envolvendo. Só queria ser uma espectadora, ver do que se trata, pedir a opinião do vovô sobre confiar em Alpha ou não, já que tenho dúvidas quanto a isso.

— Ah. — Ela parece decepcionada e depois confusa. — Mas todos estão aqui para ouvi-la.

Fico com raiva do equívoco cometido; é o primeiro golpe contra Alpha. Antes que eu tenha a chance de objetar ou fugir, o vovô abre as portas duplas.

Os rostos se viram para nos ver entrar. O salão é enorme, como um salão de baile, com um candelabro no meio do teto. Uma mulher está falando num púlpito, então a maioria das pessoas está atenta a ela. Só algumas nos fundos se viram para nos ver entrar. Quando uma pessoa me vê, a que está sentada ao lado recebe uma cotovelada ou cutucão, e se vira. Lulu avança pelo meio do salão até a primeira fileira, esperando que vovô e eu a sigamos, mas ele me segura pela mão e me empurra para a fileira de trás. Sentamo-nos e observamos Lulu se virar, primeiro com orgulho e depois confusa, ao perceber que não há ninguém atrás dela. Ela fica séria e volta correndo para as portas duplas à procura de nós.

O homem ao meu lado balança a cabeça e faz sinal para mim e o vovô trocarmos de lugar. Primeiro acho que é porque não quer se sentar ao lado de uma Imperfeita, mas depois percebo que estamos numa reunião de Imperfeitos, ele tem um *I* na têmpora, uma braçadeira, e só dois Imperfeitos podem se sentar juntos. Comigo, somos três. Então o vovô se senta entre nós dois e noto que o mesmo acontece em todas as fileiras, exatamente como na sala de audiências. Apesar de haver pelo menos cem pessoas no salão, de dois em dois os Imperfeitos são separados por uma pessoa normal e perfeita. Este não é o pequeno grupo de apoio que eu esperava encontrar. Numa faixa no palco lê-se: “Traga de Volta Nossos Bebês”.

O vovô também repara na faixa e sussurra para mim:

— Ela está correndo riscos aqui.

— Ela diz que o Tribunal e o governo estão ao lado dela. Eles querem o fim das instituições porque são muito caras e querem que famílias especialmente treinadas adotem os IDNs e deem continuidade aos ensinamentos do Tribunal.
— Imagino alguém como Mary May feliz de ajudar a fazer uma lavagem

cerebral em crianças, e isso me dá calafrios.

O vovô me cutuca e aponta para a lateral do salão. Sigo o olhar dele e vejo. Apoiado contra a parede está um Delator, um homem usando o traje preto e vermelho, de olho em tudo.

A velha conhecida sensação de dúvida se apodera de mim. E se o Tribunal estiver envolvido nisso? E se for uma forma do juiz Crevan para pegar Carrick a fim de levá-lo para longe e silenciá-lo como ele fez com os guardas? E se tudo for uma complexa armação? Olho em volta, procurando nervosa mais Delatores no salão, esperando que eles me cerquem como se eu estivesse numa armadilha. Mas, se há mais Delatores aqui, não estão uniformizados.

Uma mulher vai ao púlpito e se dirige à plateia. Alpha está sentada ao lado de mais três pessoas no palco, então se empertiga quando me vê. Alpha faz sinal para mim, os olhos brilhando de alegria. Ela vê quem está ao meu lado, encontra o vovô, nota que não é Carrick e abre um sorrisinho, sem fazer nada para esconder sua decepção. Seu gesto na minha direção gera mais olhares, cutucões e sussurros. Ouço meu nome sussurrado nos lábios de estranhos. Tento ignorá-los e me concentrar no que a mulher fala.

Ela está falando sobre seu bebê que lhe foi tirado no hospital, tudo porque ela e o marido são Imperfeitos. Ela se recusou a fazer um aborto. Sua filha, com dois anos, ainda está numa das cinco instituições do país que abrigam bebês Imperfeitos. Ela não sabe qual, não sabe onde a filha está, e não recebe nenhuma informação sobre a menina. A mulher perdeu todos os seus direitos sobre a filha. A palestrante não consegue continuar e se desespera. Há um silêncio constrangedor enquanto ela chora sozinha no palco, e ver aquela dor dela faz meu coração partir. Sinto que Alpha a deixa ali tempo demais antes de ajudá-la, como se quisesse esfregar aquilo na cara de todos.

— Essa adora um drama — diz o vovô em meu ouvido, e concordo com a cabeça.

Alpha vai ao púlpito, abraça a mulher e olha para o fundo do salão ao falar. Para mim.

— Sabemos como foi difícil para Elizabeth vir aqui hoje e compartilhar sua história conosco. Mas o fato de Elizabeth contar sua história, dizer como ela e o marido sofreram, não foi em vão. Podemos aprender com tudo isso. Isso nos dói e nos emociona, mas podemos pegar isso e usar esta história para provocarmos

uma mudança. A mudança não acontece do nada. Todos sabemos disso. Temos de impô-la. Vamos usar a história de Elizabeth para nos ajudar a impor a mudança.

Há sinais de aprovação ao nosso redor, e as pessoas aplaudem.

Elizabeth, ainda chorando, agradece o melhor que pode. Alpha se vira para a plateia ao abraçar a mulher, e vemos seus olhos bem fechados, como se este fosse o maior abraço que ela deu na vida. É tudo um pouco orquestrado demais para mim.

Alpha está de volta ao microfone.

— Claro que Elizabeth não está sozinha em seu sofrimento. Todos aqui hoje temos nossas histórias, nossos próprios problemas. Nosso próximo palestrante é Tom Hancock e ele está aqui para contar sua história para nós. Vamos dar as boas-vindas.

Nos vinte minutos seguintes, ouvimos o Imperfeito Tom explicar como, depois que sua mulher Imperfeita morreu, ele passou dez anos tentando encontrar o filho, uma jornada que acompanhamos em todos os detalhes só para ouvirmos que, ao encontrá-lo, e os netos que não sabia que tinha, seu filho não queria conhecê-lo. Seu filho sofrera lavagem cerebral na instituição e o Imperfeito Tom teve de implorar para que ele não o denunciasse aos Delatores.

Depois da história de Tom, ouvimos uma mulher que trabalhava nas instituições para IDNs, mas que não acredita nem concorda com elas. Ela nos fala sobre as atividades diárias, a vida que as crianças têm. Ao fazer isso, penso em Carrick e em como ele viveu os dezoito anos de sua vida. Estas instituições recebem muito dinheiro do governo, já as instalações, quase nada. O governo e o Tribunal se orgulham dos casos de sucesso e dizem que é porque os Imperfeitos podem ser purificados de seus defeitos no nascimento. Para pessoas como eu, é tarde demais, não podemos ser curados.

— Comentei com uma colega que talvez estas crianças sejam tão educadas, tão aptas e bem-sucedidas porque têm genes de Imperfeitos, o que é uma qualidade que gera a perfeição — diz a mulher.

Todos se olham surpresos ao ouvirem que a mulher, uma funcionária do Tribunal, sugeriu tal coisa. Vejo o Delator no canto, surpresa ao notar que a mulher é capaz de dizer isso na presença dele, mas ele não reage.

Parece entediado, como se já tivesse ouvido tudo aquilo antes.

— Claro, foi assim que perdi meu emprego — diz ela. — Mas gostei de ver a cara deles quando o conselho me chamou para explicar o que disse.

Algumas pessoas riem.

Penso em Carrick, em seu corpo, o treinamento pelo qual as crianças IDNs passam, e sua educação. Ele deve ser rápido e forte. E inteligente. Vencer a interminável lavagem cerebral que sofreu diariamente o tornou mentalmente forte também. Talvez ele seja perfeito, como ela diz. Ainda assim todos no Tribunal o desprezavam. Eu o quero, preciso dele. Acho que nem vou sobreviver se não o reencontrar. Art e eu conversávamos todos os dias, sem parar. Mesmo depois que chegávamos em casa do alto do morro, conversávamos até de madrugada pelo telefone sobre tudo e sobre nada. Mas Carrick e eu nunca conversamos e sinto que compartilhamos mais do que qualquer outra pessoa.

Meu coração bate forte e sinto que vou decolar ali mesmo e sair numa missão para encontrá-lo, mas o vovô dá uma cotovelada em minhas costelas já doloridas e me traz de volta ao salão.

Alpha está no púlpito; ela continuou falando, apesar de eu não estar ouvindo. Entendo agora por que o vovô me cutucou. As pessoas estão me olhando. Alpha está olhando para mim, fingindo não me ver.

— Onde está ela? — pergunta. — Celestine, você ainda está aqui?

Meu coração dispara.

— Tome cuidado — sussurra o vovô. — Não sei não, Celestine, sei lá... — Ele olha em volta como se procurasse uma saída.

Faço que sim e me levanto. Ouço sons de surpresa e fico impressionada ao notar que todos ali me reconhecem. Isso não me anima. Só consigo pensar que todos acham que não sou perfeita. Todas estas pessoas sabem o que fiz. Sabem quem sou. Não há como me esconder. Não posso nem mesmo fingir, como muitas pessoas fazem ao entrar num ambiente.

Não consigo evitar balançar a cabeça e rir nervosa diante do aplauso. Esforcei-me tanto para ser perfeita, para ser normal, mas não para ser admirada ou me destacar. Minhas notas eram excelentes, tinha amigos o bastante para não ser uma esquisitona, mas não a ponto de ser popular. Era uma menina mediana. Esforcei-me muito para ser mediana. Mas cometi um erro, a pior coisa que

poderia fazer, e num ambiente cheio de Imperfeitos sou celebrada. Estou constrangida. Acho que eles devem ter se enganado. Não sou quem acham que sou.

Eles aplaudem, um aplauso barulhento que só cresce. Alpha me chama para o púlpito, para perto dela. Faço que não com a cabeça, mas as pessoas ao meu redor me incentivam. Apesar de suas reservas, o vovô parece orgulhoso. Ele começa a aplaudir também. Eles me chamam ao palco e não tenho escolha. Ao sair da última fileira, as pessoas começam a se levantar, e repetem este gesto aos aplausos à medida que caminho para o corredor central. O Delator se afasta da parede, alerta, não parecendo tão entediado agora. O olhar dele me deixa nervosa.

Subo os degraus e me aproximo de Alpha, que está conclamando todos a me saudarem. Alpha me segura pela mão e ergue nossas mãos, num gesto de triunfo. Então, de repente os gritos cessam, assim como os aplausos, e todos se sentam. O salão fica em silêncio, enquanto meu coração dispara por causa da adrenalina do que acabou de acontecer e, agora, pelo medo. Todos me olham, tantos rostos, esperando que eu diga algo que lhes dê esperança, algo importante, *qualquer coisa* que possam levar com eles. Alpha se afasta de mim, me entrega o palco. Não posso. Faço que não com a cabeça, mas eles me encorajam.

— Diga o que você sente — alguém na primeira fila diz.

Tento pensar em como me sinto, mas a única coisa que consigo sentir é como tudo isso está errado. Não deveria estar aqui diante de todas estas pessoas. Não sei quem elas acham que sou. Ajudei um velho e quero derrubar Crevan, mas não sou uma líder. Nem mesmo posso dizer isso, porque há um Delator aqui. Não posso inspirar estes homens e mulheres à minha frente. O silêncio continua. Ouço minha respiração no microfone. Dou um passo para trás, olho para meus sapatos. Não tenho nada a dizer. Olho para Alpha; tenho de sair deste palco. Ela parece um pouco irritada, não é a expressão que eu queria encontrar. Esperava por algo que me consolasse, uma saída. Então olho para o vovô em busca de apoio, de orientação, mas ele desapareceu. Olho ao redor, surpresa, tentando encontrá-lo, localizá-lo em meio à multidão, mas não há nenhum sinal dele.

Confusa, passo os olhos por todo o salão. Tudo parece errado. Alarmes soam. Esta não sou eu. Pia Wang, Lisa Life, Alpha Dockery e Enya Sleepwell podem ficar com suas missões e causas e me esquecer. Não sou quem elas acham que sou. Viro-me para ver o Delator, mas ele também desapareceu.

Pressinto que algo vai acontecer. As portas duplas se abrem. Lulu está na porta.

— Os Delatores estão aqui — grita ela, em pânico.

Então as sirenes soam, e aquele silêncio é quebrado.



Alpha me segura. Sinto as unhas dela fincarem minha pele.

— Venha comigo — diz ela firmemente.

— Meu avô — digo-lhe, já me sentindo sem fôlego. — Tenho de encontrar meu avô.

— Ele ficará bem — diz ela, desprezando minha preocupação e me tirando do palco.

— Não. Ele vem também. — Paro de andar.

Ela tenta me puxar de novo, mas percebe que não vou me mexer antes de resolver isso.

— Certo. Vou dizer à Lulu para trazê-lo até nós. — Ela passa as ordens às pressas para Lulu, que parece à beira de um colapso, mas abre caminho pela multidão a fim de encontrar o vovô, ainda fora de vista. Não tenho muita confiança em Lulu neste momento. Acho que ela vai se preocupar mais em salvar a própria pele do que a do meu avô. Vejo o boné dele em meio às pessoas. Todos estão tentando chegar à porta, tentando escapar.

— Vovô! — grito. Ele não me ouve.

Começo a entrar em pânico. Pego o microfone que há pouco não conseguia usar para dizer uma só palavra e grito, mas ele já foi desligado.

— Tenho de encontrá-lo.

— Lulu vai atrás dele. — Alpha me segura pelo braço e me puxa.

— Desculpe se não tenho tanta confiança assim em Lulu — digo, brusca. — Você disse aos Delatores que eu estava aqui? — grito. — Foi uma armadilha para pegar o Carrick?

— O quê? Por que eu faria isso? — pergunta ela, tão alarmada e revoltada que até acredito.

— Lulu achou que eu falaria aqui hoje, você deu publicidade a isso?

Ela parece culpada.

— Devo ter comentado com algumas pessoas, mas com certeza não fiz propaganda.

— Droga! — grito, tirando meu braço dela. — Você me usou!

— Deixe-me explicar — diz ela, e desta vez parece estar em pânico. — Venha comigo que explicarei.

— Para onde vamos?

Ela não responde, só avança mais rápido. O salão está um caos só. Alguns querem ir embora, já outros se mantêm firmes e permanecem onde estão sentados, com os braços cruzados em desafio.

A palestrante da instituição dos IDNs tenta chamar a atenção de Alpha. Ela corre pela lateral do palco, atrás de nós.

— Você disse que eu estaria em segurança! — diz, entrando em pânico, mas Alpha a ignora e me puxa consigo.

Ao chegarmos aos fundos do salão, ouço os apitos e meu coração bate forte ao se lembrar de Angelina Tinder e da minha própria experiência soando em meus ouvidos. Isso me faz ficar paralisada, e provoca o mesmo efeito em várias pessoas. Pega. O salão começa a ficar em silêncio diante deste som. Paralisia. Pânico. Alpha me faz andar novamente, me puxando para o lado oposto.

— Vovô — digo, com um nó subindo na garganta. Vejo os trajes vermelhos entrando no salão, vejo o bastão girando no ar e ouço as pessoas gritando. Alpha me faz passar por outra porta e deixamos o caos para trás.

— Jesus. — Alpha ofega ao começarmos a correr. — Jesus, Jesus, Jesus.

Corremos mais rápido. Ela me leva por um corredor e até um elevador. Descemos mais um andar. Quando saímos, o teto é baixo e os corredores, estreitos. Esta parte da casa não é tão chique. É como um bunker.

— Por aqui. — Não podemos mais caminhar lado a lado no corredor estreito, então eu a sigo, e Alpha olha para trás a cada minuto para ter certeza de que

ainda estou aqui.

— O Tribunal gosta de ficar de olho em nós e, mais importante, faz questão de que saibamos disso. Ele manda um ou dois Delatores, que se sentam na última fileira, ouvem e ficam de olho em tudo. Não é uma reunião ilegal. Eles sabem da minha causa. Geralmente não há nada com o que se preocupar — diz ela.

— Geralmente — digo, ríspida. — Mas você disse às pessoas que eu viria. Que eu falaria. E aposto que Crevan criou uma nova lei contra isso. Ele vai dizer que você estava promovendo uma manifestação. Que eu daria um comício.

Ela me olha e engole em seco. Seu olhar de medo não me consola em nada.

— Mas não estávamos fazendo nada de errado. Só compartilhando nossas histórias. Temos permissão para isso.

Não era esta a energia que eu estava detectando quando fui obrigada a subir no palco. Aquilo mudou de uma contação de histórias para outra coisa.

— As regras mudaram — digo. — Crevan está mudando tudo agora.

Crevan está com medo. Ele sente que está perdendo poder. Talvez tenha ouvido falar do comitê secreto que o está investigando, talvez não, mas de qualquer modo há oposição o bastante ao Tribunal entre o público e agora entre o governo para deixá-lo em pânico. E, além disso, se estou certa ele está fazendo o que for preciso para silenciar os guardas e o sr. Berry, se o pegar. Ele está entrando em pânico.

Alpha para no meio de um corredor, ergue um pedaço da sanca e digita uma senha.

— Posso lhe garantir, Celestine, que não os avisei da sua presença. Posso ter dito a algumas pessoas que você estaria aqui, mas não estou preparada para anunciá-la como uma parceira da fundação ainda.

— Que bom — digo, ríspida. — Porque, neste momento, certamente não sou uma. E, se você acha que eles a deixarão me dar aula em casa a partir de agora, é melhor repensar. Tenho certeza de que esta é a última vez que você e eu poderemos ficar no mesmo ambiente juntas. Estou surpresa que a tenham deixado me dar aula.

— Como disse, o Tribunal incentiva a orientação psicológica dos Imperfeitos. Eles sentiram que eu seria uma influência positiva em sua vida. Que eu a

impediria de se manifestar contra eles.

Bufo com desprezo.

— Eu lhes direi que você ia apenas compartilhar sua história e persuadi-los a não cometerem erros, que a vida como Imperfeita é horrível, que você não a iria glamorizar.

— Eu não iria glamorizar.

Ela me olha, surpresa. Ouve-se um bip e uma porta que não tinha notado antes de repente se abre.

— Uma porta secreta?

— Não secreta, só não muito sinalizada — diz ela na defensiva, com um sorriso ardiloso.

Uma vez lá dentro, me descubro num escritório. Mesa de nogueira, prateleiras cheias de livros. Poltronas de couro com botões dourados. Fotografias em molduras douradas cobrindo cada centímetro da parede.

— Você estará segura aqui. Eles não sabem que esta sala existe — diz ela rapidamente. — Tenho de voltar e falar com os Delatores, resolver isso, mas vou trazer seu avô. Fique aqui até eu voltar.

A porta se fecha atrás dela e fico sozinha no escritório.



Começo olhando as fotografias. O mesmo homem em todas, com pessoas diferentes. Todas fotografias formais de negócios, com pessoas apertando-se as mãos. Alpha está em algumas, ao lado dele, e não reconheço mais ninguém das fotografias. Vejo Alpha e o homem num porta-retrato na mesa e suponho que seja o marido dela. Não conheço mais ninguém, mas, quanto mais estudo, mais reconheço as pessoas como líderes mundiais. Homens e mulheres importantes que vejo nos noticiários, nos raros momentos em que os vejo. E reconheço um homem: o juiz Crevan.

Alpha, o marido, o juiz Crevan e a esposa dele. Numa festa ao ar livre, as senhoras usando vestidos florais, todos com uma taça de champanhe nas mãos, os quatro parecendo no meio de uma gargalhada, como se alguém tivesse dito algo engraçado. Melhores amigos. Novamente, questiono as motivações dela. Será que a deixei me livrar dos Delatores pensando que ela estava me ajudando e agora sou um alvo fácil?

Outra parede revela uma série de diplomas e prêmios emoldurados para um tal de professor Lambert. Ouço alguém tossindo atrás de mim e me viro. Esperando encontrar um Delator, vejo um homem com uma camisa amassada e calça jeans diante de outra porta que aparece do nada.

— Sim, sim, outra porta secreta. Ela tem uma espécie de labirinto aqui. — Ele ri. — Bill — diz, estendendo a mão.

Ele hesita um pouco ao fazer isso, perde o equilíbrio.

Ao me aproximar, sinto o cheiro de álcool em seu hálito. Ele tem uma barba grisalha e parece ter passado alguns dias dormindo com as mesmas roupas.

— Você é o marido de Alpha — digo, reconhecendo-o das fotos.

Ele ri novamente.

— Sabe, houve um tempo em que ela foi minha esposa. Que seja. Houve um tempo em que muitas coisas eram muitas coisas. Então você é a tal. A Tal. — Ele arregala os olhos, fingindo um gesto de adoração. — Ela tem falado muito sobre você. — Ele me observa e depois dá a volta na mesa e procura algo nas gavetas. Leva algum tempo, o bastante para que eu dê uma boa olhada nele e na sala de onde ele vem. Parece uma cozinha que sem dúvida tem outra porta para outro ambiente. Por que eles têm uma casa sob a outra? Ele procura na última gaveta e ouço o som de garrafas batendo.

Ele me olha, fingindo surpresa.

— Que coisa! Quer uma bebida?

— Não podemos beber — digo, resoluta, notando a marcação em sua têmpora.

— Ah, sim. — Ele ri novamente e depois sussurra: — Não se preocupe, não vou contar a ninguém.

— Os Delatores estão lá em cima — digo, impressionada com o comportamento dele.

— Ah, sim, os apitos assustadores. — Ele assobia, imitando o som dos apitos, e ri. — Não tenho medo deles. Você tem? — Ele serve uísque num copo sobre uma bandeja prateada perto da mesa e se senta na poltrona de couro. Ele se afunda nela.

— Tenho medo do que eles farão ao meu avô.

— Não se preocupe com o seu avô. Ele é profissional. Desapareceu antes mesmo de eles aparecerem aqui. No momento ele está escondido em nossa sala de verão. — Ele aperta um botão sob a mesa e as fotografias emolduradas desaparecem para revelar dezenas de telas de imagens de circuito interno de TV. — Quarta de cima para baixo, terceira à direita.

Aproximo-me das telas para encontrar a sala de que ele fala.

— Não estou vendo nada.

— Viu? Disse que ele era profissional. Aquela estante se abre... uma salinha estreita... espero que ele não seja claustrofóbico. Mas ele vai ficar bem. Não o encontrarão lá.

Olho para as outras telas e vejo o caos. As pessoas foram enfileiradas, outras que se insurgiram contra os Delatores estão no chão e foram feridas. Algumas estão sendo retiradas da casa e colocadas nas vans lá fora. Numa tela vejo Alpha de pé e falando firmemente com o Delator no comando.

— A maioria deles não será acusada de nada — diz ele calmamente. — É só para assustá-la, dobrá-la. E deu certo.

Faço que sim, aliviada por saber que o vovô está bem, mas esperando que ele seja capaz de ficar lá até tudo passar.

— E quanto a seus exames? — pergunto, curiosa para saber como ele se livra estando nessas condições e sendo Imperfeito. — Seu Delator não encontra traços de álcool?

— Nós, os gênios, passamos com louvores, não é? — Ele sorri. — Você gosta de matemática, não é?

— Espero que sim. — Não sei quais minhas possibilidades de emprego no momento, agora que sou Imperfeita. Nunca me deixarão assumir um cargo de poder, provavelmente não chegarei a gerenciar nada e com toda a certeza não assumirei cargo maior.

— Você *espera*. — Ele faz uma cara feia. — Não, não use a esperança. Use a matemática para sair disso que você chama de problema.

Franzo a testa. Ele definitivamente bebeu demais.

— Não acho que a matemática seja capaz de resolver meus problemas agora.

— Uma das minhas citações preferidas de Albert Einstein: “Não podemos resolver nossos problemas usando a mesma mentalidade com a qual os criamos.” — Ele me olha, os olhos brilhando. A citação significa mais para ele do que para mim, obviamente.

Dou de ombros.

— Talvez.

— Talvez? Na matemática não há talvez! — declama ele, dramaticamente, sentando-se. — Na matemática eles usam listas em ordem, eles eliminam possibilidades, eles usam o raciocínio direto. Nunca adivinhação, minha querida. Você conhece George Pólya?

— Claro.

— Comprei um livro dele certa vez. Gostava da filosofia. Ele disse que há quatro princípios aplicados à solução de um problema. Primeiro, você tem de entender o problema. Depois de entendê-lo, você faz um plano. Então segue este plano e depois repassa o trabalho que fez. Se esta técnica não der certo, e, claro, em geral dá, Pólya aconselha: se você não pode resolver um problema, então há um problema mais fácil que você *pode* resolver. Encontre-o.

Sorrio.

— Achei que você gostaria disso.

— Você é amigo do juiz Crevan — digo.

— Sou? — pergunta ele, surpreso. — Onde você ouviu este boato insultante?

— As fotografias.

— Ah, isso. — Ele faz um gesto de desprezo com a mão. — Posso dizer com segurança que não vejo mais nenhuma destas pessoas. Exceto por ela, claro. — Ele olha para a foto dele e de Alpha na praia, os dois bronzeados, ele barbeado, parecendo muito mais jovem. — E ela provavelmente queria ser um deles. Será que o juiz Crevan tem amigos, se é que posso perguntar?

Gosto dele.

— Você trabalhava para o Tribunal?

— Para o Tribunal? Não. — Ele balança a cabeça. — Para o governo? Sim. Para o qual o Tribunal trabalha também, devo acrescentar, apesar de eu achar que os dois se esqueceram disso. — Ele sorri para mim. — Ela diz que você não faz perguntas. Vejo que você está superando isso. Mas tome cuidado, às vezes é melhor não saber, porque, quando você sabe, não faz nenhuma diferença. A ignorância é uma bênção. O conhecimento é geralmente uma responsabilidade que ninguém quer. — Ele fecha os olhos e se recosta preguiçosamente na poltrona, que inclina com o peso e parece que vai cair para trás. — Ela e eu não concordamos nisso, claro. Obviamente. Ela sempre quer saber. Ela inventou esta cruzada. Não sei, isso a mantém ocupada.

— Você não acredita na fundação dela?

— Fundações são pirracentas, não concorda? — Ele abre um dos olhos e arqueia a sobrancelha. — Se você e eu estamos aqui e os demais estão correndo de um lado para o outro lá em cima. — Ele enfia a cara no copo novamente e o

líquido caramelo desaparece. Na verdade, queria acompanhá-lo na bebida, por causa do olhar de serenidade que se apodera do rosto dele enquanto bebe, mas então lembro como Logan me obrigou a beber e logo deixo isso para lá.

— Ele tentou ficar com minha casa e minha fortuna, sabia? — diz ele. — Crevan. Ele está tentando encontrar uma forma de congelar os bens dos Imperfeitos, usá-los para financiar o Tribunal. Como fazem com os criminosos. Só que não somos criminosos, não é, Celestine?

Respondo que não, meneando a cabeça.

— Bom. Lembre-se disso. É fácil esquecer às vezes. Se bem que criminosos são mais bem tratados do que a gente. Assim que cumprem suas sentenças, estão livres. Com a gente é para sempre. — Isso ele diz sem humor algum. — Sabia que Crevan recebeu mais de cem milhões desde que começou com o Tribunal? Dinheiro dos contribuintes também. Se o público soubesse disso, acho que o vaiariam e xingariam a corte dele, não nós. Ora, isso é que é crime.

Abano a cabeça, chocada em saber quanto Crevan está lucrando.

Fazemos silêncio. Penso na casa de veraneio onde me hospedei, no iate onde fizemos festas, nas comemorações ostentosas, nas intermináveis comidas e bebidas. Sinto nojo ao saber que tudo foi pago por sua cruzada para melhorar sua própria vida. Foi por justiça, como ele diz, ou apenas por dinheiro?

— O que ela quer que você faça, hein?

Noto que ele nunca menciona o nome de Alpha.

— Não sei. Ela queria que eu viesse aqui. Ela pretendia me fazer falar, mas daí os Delatores chegaram. Graças a Deus. Nunca pensei que eu falaria isso na vida.

— Não gosta de falar em público?

— Não quando não sei do que estou falando.

— Estas são as pessoas que geralmente amam falar em público — diz ele, e rimos novamente. — Ações falam mais alto do que palavras, lembre-se disso. Nem todos foram feitos para púlpitos e microfones. Sugiro que você encontre um parceiro, um Imperfeito, é o melhor e mais fácil, sim. Vocês podem viver de acordo com as mesmas regras, equilibradamente, dois Imperfeitos é perfeito. Apaixone-se. Case-se. Faça bebês. Cuide deles. Viva sua vida.

— Não posso ter uma família com um Imperfeito.

— Claro que *pode*; eles dizem só que você *não deveria*.

— Não parece uma vida fácil. Achei que você tinha dito para não causar problemas.

— Disse isso? — Ele volta a me encarar.

Penso no assunto e balanço a cabeça.

— Não. Realmente. Disse que ações falam mais alto do que palavras. Não fale sobre isso. Faça. Todos lá em cima, incluindo ela, apesar de amá-la, eles só falam. Você *faz*. Por isso eles a encontraram. Vão colar em você. Farão você *fazer* por *eles*. Não. Faça por você mesma. — Ele se levanta e dá a volta na mesa até onde estou. Ele segura minha mão e se inclina como no teatro. — Srta. North, muito prazer. Você é ainda mais bela ao vivo do que dizem nos jornais.

Sorrio.

— Cuide-se — digo, com afeto. — Eles o examinarão hoje à noite.

— Realmente, eles sempre examinam, mas há sempre como despistá-los. Você aprenderá. Quem é seu Delator?

— Mary May.

— Uau! — Ele faz cara de desaprovação. — Não posso dizer que a invejo. Não há como despistá-la. Minha vida recomeçou no dia em que ela foi embora daqui. Avança-se como um trem-fantasma enferrujado, mas ao menos está se movendo. Como disse, procure seus pontos fortes, procure orientações nos seus heróis. Sou um cientista. Isso me ajuda. — Ele me saúda e volta pela porta oculta. — Não diga a ela que me viu.

— Por quê?

— Só não diga. Vai deixá-la preocupada. Ela nunca sabe o que vou dizer. Boa sorte. — Ele abre a porta e, como se lembrasse de algo, vira-se. Tento ver o que há na outra sala e, quando vejo, fico paralisada de horror.

Ali está um Delator.



Bill nota o olhar em meu rosto e abre um sorriso. Então volta-se para o Delator que está parado na porta, e que não me viu — pelo menos por enquanto.

— Marcus — diz Bill, num tom mais amigável do que eu esperaria —, o que está acontecendo lá em cima?

Marcus faz que não com a cabeça e passa as mãos nos cabelos.

— Crevan deixou todo mundo em pânico. Eles estão todos se entregando. Imperfeito, perfeito. Delatores, uns com os outros. Um caos. — De repente ele me vê e para de falar. Ele dá meia-volta e vai embora, caminhando pelo corredor.

— Marcus é tímido — Bill sussurra alto para mim.

Fico impressionada pela forma como ele e o Delator conversaram. O Delator está do nosso lado? Bill volta a se aproximar de mim.

— Ela disse que você estava em contato com ele, sabe. — diz Bill — Gostaria de vê-lo novamente. Gostei dele.

Não estou entendendo. Gostou *de quem*?

— Quase tanto quanto ela. Nunca tivemos filhos, ela e eu. Acho que ela já lhe disse isso. Ele foi o primeiro que teve permissão para viver aqui depois de anos de pedidos. Foi difícil para ela por minha causa, claro, mas ela mostrou seu valor ao longo dos anos. Eles me disseram um ano antes que ele viria para cá. Eles gostam de avisar as famílias, sabe, prepará-las, ter certeza de que elas seguem os ensinamentos. Ela o visitou algumas vezes lá, fez amizade e contava os dias para a formatura dele, até mesmo assistiu à formatura. Achamos que ele gostaria daqui, ele parecia gostar. Mas então ele fugiu sem dizer adeus. Acho que isso a magoou demais. Ela poderia ter ajudado, mas ele não lhe deu oportunidade. Ele nunca descobriu do que ela era capaz ou o que ela estava planejando... e talvez

tivesse ficado, se soubesse. Ela se apegou rapidamente a ele. E eu também, mas principalmente porque gostava de vê-lo feliz. — Seus olhos se enchem de lágrimas. — Se você vir Carrick, diga a ele para nos visitar. Diga que sinto muito por tudo ter terminado assim.



Vovô e eu voltamos para casa em silêncio. Ficamos escondidos durante duas horas, esperando os Delatores irem embora e sentirmos que era seguro sair. O professor Lambert foi firme em sua decisão de que ninguém fosse levado preso. Se tudo começou como um escândalo, não terminou assim. Os Delatores não esperavam que alguns dos presentes se defendessem, que simplesmente não cumprissem o que eles pediam, algo pelo que certamente serei culpada apesar de não ter aberto a boca. Acredito que seja a primeira vez que as pessoas se insurgiram contra eles, ninguém jamais ousara isso antes. Uma ameaça a um Delator é vista como uma ameaça às regras do Tribunal, o que por sua vez é visto como ajuda à causa dos Imperfeitos e, portanto, como ajuda aos Imperfeitos. É forçar a barra, mas é como eles vão justificar a proteção dos Delatores.

Seis pessoas foram levadas nas vans, quatro eram Imperfeitos que seriam punidos de acordo com as leis do Tribunal, dois podem ser presos por ajudar um Imperfeito. Outros quatro foram levados ao hospital com ferimentos causados pelos cassetes dos Delatores. Alguns dos maiores apoiadores “perfeitos” de Alpha a entregaram na hora, dizendo ao Tribunal o que eles quisessem para salvar a própria pele. Em geral, a pacífica sessão de “aconselhamento” de Alpha foi um desastre. Ela se salvou, mas por pouco, e imagino que esteja na lista de suspeitos. Estava abalada quando a vi. Ela teve uma longa reunião com os Delatores, tentando entender o que deu errado.

O Delator de Bill, Marcus, localizou o vovô e o trouxe até mim, e fiquei surpresa ao descobrir que foi ele quem o levou ao bunker. Vovô e eu descobrimos que Marcus era casado com uma Delatora, Cathy, e que ambos apoiavam a campanha dos Imperfeitos. Ele me disse que havia mais pessoas assim e que os números estavam aumentando, mas a oposição aos Imperfeitos

crescia também. Eles estavam se voltando uns contra os outros e os considerados traidores seriam feitos de exemplo. Marcus naturalmente estava preocupado.

Estou com raiva e ainda não confio em Alpha por vários motivos, mas, por outro lado, a proteção do meu avô e a revelação sobre Carrick me deram motivos para ficar ao lado dela. O desespero dela para encontrá-lo me diz que ela realmente não sabia onde ele estava. Queria pedir a Marcus, o Delator, para me ajudar, mas não consegui. Se isso for uma armadilha, não quero cair nela. Não posso permitir que Crevan saiba que estou procurando Carrick. Não posso deixar que ele saiba que Carrick viu a sexta marcação. Este poder pertence apenas a Carrick e a mim.

Depois de ouvirmos toda a história, vovô e eu finalmente saímos da casa de Alpha e pegamos a estrada. Estou ansiosa para voltar para casa antes do meu toque de recolher.

— Aquele era o professor Bill Lambert — diz o vovô, espiando os retrovisores o tempo todo. — Lembro-me de vê-lo no noticiário. Ele tinha um contrato com o governo. Ele era amigo de Crevan. Nas entrelinhas, acho que Crevan armou para se livrar dele. O primo de Crevan ficou com o emprego. Mais Crevans em todos os lugares. Acho que, em parte, Alpha tem permissão para fazer suas campanhas porque Crevan se sente culpado, se é que ele sabe o que é isso.

— Não entendo. Alpha disse que ela não estava me usando, mas, se não pretendia armar contra mim, estava me usando para trazer Carrick de volta. Deve ter sido por isso que ela disse às pessoas que eu estaria presente. Talvez ela tenha pensado que, se ele ficasse sabendo, viria me ver.

— Você acha que Carrick viria se soubesse que você estava aqui?

— Não sei.

— É que ele sabe onde você está, Celestine. Todos sabem. Basta abrir um jornal ou ligar a TV e ver os repórteres do lado de fora da sua casa. Se ele quisesse encontrá-la, já teria feito isso.

Sinto meu rosto esquentar quando meus olhos marejam. Aquilo me incomodou.

— Então está bom — digo, ríspida —, ele não quer me encontrar.

— Não. O que quero dizer é que espero que Crevan já não o tenha pegado,

Celestine.

É meu medo também. Continuamos a viagem em silêncio. Mas não acho que Crevan o tenha pegado. Senão, por que ele estaria em pânico? Sou a única pessoa que sabe o que ele fez e ele tem total controle sobre meus movimentos. Penso no que sei sobre Carrick, no que aprendi sobre ele. Ele é inteligente, é esperto. Deve estar ganhando tempo.

— Acho que você não deveria voltar para casa — diz o vovô.

— Por que não?

— Os Delatores estavam procurando você lá. Não tenho dúvidas. Eles a queriam pegar falando, insuflando sentimentos anti-Tribunal. Eles não a pegaram. Mas sabem onde você estava. Alguns traidores devem ter inventado qualquer coisa para salvar a própria pele. É verdade que a causa dos Imperfeitos está ganhando mais e mais apoio, mas, como vimos hoje, isso também pode assustar as pessoas. Elas gostam de apoiar os menos favorecidos, mas não quando é perigoso. Vivemos tempos perigosos, Celestine.

— Mas para onde vou se não voltar para casa?

— Fique comigo. Eu lhe disse que vou mantê-la segura na fazenda, longe de Crevan. Você acha que Marcus e a esposa dele são os únicos Delatores ao seu lado? Há muito mais de onde eles vieram.

— Mas, vovô, se não voltar para casa para o toque de recolher, todos serão punidos. A mamãe, o papai, Juniper, Ewan. Não posso fazer isso com eles! Tenho de voltar para casa e enfrentar isso.

O vovô assente, solene.

— De qualquer modo, não fiz nada de errado — digo, minha raiva vindo à tona outra vez. — Fui convidada, pela minha professora, a ir a uma sessão de apoio. Ela é que tem culpa pelo que aconteceu. Não eu. Eles ouvirão Marcus. Ele viu tudo.

— É assim que se fala. — Ele sorri com tristeza porque nós dois sabemos que ninguém dará ouvidos à minha versão da história.

— Eles viram seu carro lá — digo. Não há por que esconder isso. Os Delatores devem ter tomado nota de todos os veículos no estacionamento.

— A caminhonete não está registrada no meu nome — diz ele.

Olho para ele, surpresa.

— Está registrada no nome de quem?

Ele ri.

— Deixe para lá. Vou ter de me livrar dela mesmo.

Balanço a cabeça, sem acreditar no que ouço.

— Bom, aquilo me levou de volta no tempo, toda aquela coisa de me esconder.

Viro-me para encará-lo.

— O que exatamente o fez voltar no tempo?

— A coisa de me esconder. — Ele me dá uma piscadela.

— Vovô — digo de repente, com medo, vendo uma gota de sangue aparecendo no boné dele. A gota lentamente desce por seu rosto. — Pare o carro, você está sangrando!

— Estou bem. — Ele enxuga o sangue rapidamente e se concentra na estrada. — Só briguei com um dos Delatores antes que Marcus me encontrasse e me levasse ao esconderijo. Minha culpa.

Ergo o boné dele e vejo que ele sofreu um golpe na cabeça.

Ele se encolhe quando me aproximo.

— Acho que você precisa levar pontos.

— Não vou levar pontos.

— Vovô!

— Alguém vai cuidar de mim em casa, alguém que não faça perguntas, muito obrigado.

— Mas você levará horas até chegar em casa. Temos de fazer alguma coisa.

Ele não discorda.

— Pare no shopping center. Fica a alguns minutos daqui. Vamos limpá-lo um pouco, evitar uma infecção.

— Farei isso depois de deixá-la em segurança em casa.

Mas nós dois sabemos que não fazemos ideia do que me aguarda ao voltar para casa. Precisamos cuidar do ferimento agora mesmo.

— Certo. — Ele estaciona de mau humor nos fundos de um shopping center, perto da área de carga, para que a caminhonete não fique na estrada principal. — Volto logo.

— De jeito nenhum. Fique aqui, eu entro. Você já perdeu muito sangue. — Olho para o boné ensopado de sangue.

— Eles podem estar procurando por você — diz ele.

— Onde? Aqui? Num mercado qualquer? E, de qualquer forma, estamos tirando conclusões precipitadas. O que aconteceu na casa de Alpha pode não ter nada a ver comigo. Alpha está mexendo em algo perigoso, fazendo oposição ao Tribunal, talvez eles soubessem. Talvez estivessem fingindo dar apoio, quando na verdade querem pegá-la.

Ele faz que sim, concordando.

— Quando você se tornou tão racional?

Rio e o beijo na testa.

— Vá e volte logo. Não arranje nenhum problema.

— Eu arranjo problemas desde que nasci — repito a frase dele, e o vovô ri.



Entro no shopping.

São nove da noite. Tenho duas horas antes do toque de recolher e estamos a dez minutos de casa. Tenho tempo o bastante. Posso fazer isso. Penso no ferimento do vovô e apresso o passo. Meu coração bate forte ao entrar no shopping sozinha, com todos os olhos em mim. Mulheres tiram crianças do meu caminho quando me aproximo; adolescentes olham, dizem insultos em minha direção. Os que me reconhecem tiram fotografias. Um homem até me segue por um tempo, segurando o celular e me gravando. Outro faz barulhos de beijinhos no meu ouvido. Mantenho a cabeça abaixada, olhando para o chão, e fico perto das paredes.

Eu só queria entrar sem ser notada. Quero ser invisível, mas a braçadeira vermelha chama a atenção, assim como a cicatriz na minha têmpora. Vejo outra mulher Imperfeita andando pelo shopping. Ela está de mãos dadas com uma menininha. Alguém chuta a bolsa em sua mão e o grupo começa a rir. A mulher para, segurando a criança perto de si ao se abaixar para recolher as coisas. O grupo a provoca. A criança os olha com seus grandes olhos tristes, enquanto a mãe está ajoelhada pegando uma fruta que rola pelo chão.

Seguro-me à parede, mantendo a cabeça abaixada. Preciso sair daqui sem grandes comoções. Não posso me dar ao luxo de chamar mais atenção. Sinto-me como um rato andando pela sarjeta, passando sob os pés de todos, entrando na frente de todos. Meus olhos se enchem de lágrimas, mas ninguém me pergunta se estou bem, porque ninguém se importa, o que me magoa ainda mais.

Vou até a caixa registradora, sempre olhando para o chão. Ouço alguém dizer meu nome. Não levanto a cabeça. Não quero problemas.

— Ei! — ouço um homem gritar com raiva. Não olho para ele. Não pode ser

para mim; não fiz nada de errado.

Olho os chumaços de algodão, o antisséptico e os curativos e me concentro na marca: a escrita elaborada; os personagens de algodão felizes no pacote, com braços e pernas e rostos sorridentes. A publicidade deu alma a tudo. Ainda assim, a alma é tirada das pessoas. Humanizam-se objetos, desumanizam-se pessoas.

— Eu falei com você! — grita o homem mais uma vez.

Meu coração dispara. Boa coisa não é. Lentamente, levanto a cabeça. Ele está me olhando. Assim como os outros. Fico me perguntando por que a mulher na caixa registradora está indo devagar. Por que ela não pode se apressar para eu sair daqui? Mas olho para o lugar dela e vejo que ela se foi. A mulher está se afastando de nós, como todas as outras pessoas. Todos estão se afastando. Um homem à minha esquerda permanece, assim como um homem à minha direita. Eles são mais altos — mal alcanço seus ombros —, mas, ao olhar para eles, entendo imediatamente qual o problema. O vermelho em suas braçadeiras é como luzes de alerta no meu rosto. Eles são Imperfeitos. Os dois. Assim como eu. Nós três ficamos juntos. Isso não é permitido.

Minha primeira reação é me afastar. Percebi o problema e agora sei a solução. Se me afastar, haverá apenas dois Imperfeitos. Mas é um movimento errado.

— Pare! Fique onde está! — O homem que grita para mim é um policial.

Volto à fila.

— Não se mova, Celestine — diz o homem à minha direita, baixinho. — Tudo vai ficar bem.

— Você me conhece?

— Todos a conhecemos. — Ele sorri.

— Não fale! — grita o policial novamente.

— Temos um policial louco — murmura o homem à minha esquerda para nós dois.

— Afastem-se do balcão, vocês três — diz ele, entrando em pânico. — Preciso vê-los. — Ele está agitado por nada. É um policial jovem. Está sozinho. Está cometendo um erro estúpido.

Apesar de sermos Imperfeitos e de eu estar no meio deles, sinto-me segura

entre dois homens. Sinto-me protegida. Eles são jovens, com cerca de trinta anos, e são grandes. Fortes. Um tem um *I* na têmpora, a marcação do outro eu não consigo ver; pode ser no peito, mão, pé ou língua. Talvez a idade e a força deles seja o que está deixando o policial em pânico. Eles parecem capazes de machucar alguém. Queixos largos, ombros amplos, mãos enormes. Eles me lembram de Carrick. Soldados. Nunca estive entre dois Imperfeitos antes e agora sei por que não é permitido. Isso nos dá força. Segurança por estarmos em maior número. Eles não querem que nos sintamos seguros. Eles não querem que tenhamos poder.

— Estávamos apenas na fila — finalmente digo, irritada pela multidão que se reuniu para assistir. Sinto-me como um animal num zoológico. Preciso voltar para o vovô, que está me esperando no carro, sangrando. — Estou comprando algodão. — Mostro para o policial. — Não há nada perigoso acontecendo aqui.

Algumas pessoas riem da minha piada.

O rosto do policial fica todo vermelho.

— Vocês três estavam juntos. Isso é contra a lei.

— Não é uma lei — digo, e os dois Imperfeitos me olham com surpresa.

Estou mais surpresa pelo policial não saber disso.

— É só uma regra que uma organização impõe com ameaças de castigo. Não é uma *lei*. Você não pode me prender por estar ao lado destes dois homens. Você é um policial, não um Delator. Seu trabalho é proteger e servir a comunidade.

— Sim, nos proteger de vocês — grita um homem na multidão.

— Não — discordo. — Seu trabalho é *me* proteger e servir — digo ao policial. — Sou parte desta comunidade.

— Não servirei você, *Imperfeita* — diz ele com desprezo, como se eu fosse uma doença.

Ele é um policial em quem antes eu confiava, que admirava e por quem me sentia protegida. Penso nas pessoas que me atacaram na minha caminhada aqui hoje, as crianças que foram tiradas do meu caminho. Penso na falta de contato visual. A raiva aumenta. Nada faz sentido.

Sou uma menina de definições, de lógica, de preto no branco.

— HRRP! — grito para o policial, sentindo a raiva tomar conta de mim.

Aprendi isso na escola. Aprendi tudo isso. Por que ele não conhece as regras que aprendi e que certamente lhe foram ensinadas também? Por que ninguém no mundo real faz o que aprendemos? — H é de honestidade — digo, percebendo o tremor na minha voz, não de medo, mas de raiva. Tento me controlar. — Ser honesto e ético e seguir os princípios da justiça. É o que um policial deve fazer. R é de responsabilidade. Aceitar a responsabilidade individual e garantir a responsabilidade das pessoas.

Há murmúrios na multidão. Continuo, sem tirar os olhos dele.

— O outro R é de respeito! Respeitar as pessoas, os direitos humanos e as necessidades delas.

Algumas pessoas na multidão começam a manifestar em concordância. O policial se aproxima de mim. Ele leva o rádio à boca e pede apoio.

— Tome cuidado — diz o homem à minha esquerda, bem baixinho.

O policial está bem à minha frente agora, com uma cara de desprezo.

— Solte-os — alguém grita na multidão.

— É, não estão fazendo nenhum mal. Só estão comprando coisas.

As pessoas começam a manifestar suas opiniões, o que percebo que o deixa mais em pânico. Gotas brotam em sua testa. Ele está começando a perder o controle. Ele está em minoria.

— Ela é a menina da TV, a famosa — alguém grita. — Você não pode prendê-la.

— A menina com circo marcações.

O policial estreita os olhos e me estuda, e só então se dá conta de quem sou. Ele parece com medo de mim.

— Ela é a mais Imperfeita de todos — alguém grita, e outros o mandam se calar. As pessoas na multidão estão começando a discutir entre si.

O policial pega o cassetete preso a seu cinto.

— Pode parar — diz o homem à minha direita. — O que você vai fazer com isso?

— Fique quieto — diz ele, com suor no lábio superior agora.

— Ela é só uma criança — grita uma mulher. — Pelo amor de Deus, deixe-a em paz.

O grito desesperado dela gera outra onda de comoção.

— E você... — Ele me olha ameaçadoramente. — Você precisa ficar calada. Entendido?

Respiro fundo. Não terminei ainda. Seria lógico de minha parte ao menos terminar o que estava dizendo antes que o inevitável aconteça. O vovô saberá que algo aconteceu se não voltar em três minutos. Ele saberá que deve ligar o motor e fugir. O que quer que ele tenha feito no passado o fará intuir isso.

— Profissionalismo — digo, finalmente, baixinho, só para o policial. — Prestar um serviço de policiamento profissional a *todas* as comunidades.

Ele olha para o que está atrás de mim e me viro para ver o que quer que seja, mas não há nada ali. Quando percebo que ele está tentando me enganar, ele desce o cassetete e me bate na parte de trás das pernas. Dobro-me e caio. O frasco de antisséptico se quebra ao atingir o chão.

Sinto como se tivesse um passado um segundo antes que todos tomem uma decisão, escolham um lado, descubram quem são realmente. E então o caos se instaura.



Os pés que via ao nosso redor, antes de observadores, agora estão agindo. Eles de repente ganham o ar e os vejo por todos os lados. Alguns pés estão sobre mim, me pisoteando, outros estão fazendo de tudo para me proteger, mas, sempre que tento me levantar, sou derrubada. Com um soco, um chute, empurrada, fico no chão, as mãos cobrindo minha cabeça, esperando que os pontos negros sumam da minha visão. Sinto mãos tentando me puxar, mãos tentando me empurrar. Mal consigo respirar.

Então ouço apitos. Os Delatores chegaram e vejo botas pretas de borracha entrando em cena. Algumas pessoas correm, outras ficam sabendo do que está acontecendo e aparecem. Vejo socos e sangue jorrando. Não sei mais quem está do meu lado. Em certo momento, quando consigo enxergar direito, acho que vejo Enya Sleepwell na porta do shopping, observando. Mas recebi muitos golpes na cabeça e sei que estou imaginando coisas. Desisto de tentar lutar, de tentar me levantar, e fico deitada ao sentir outro golpe na cabeça quando a bota de alguém dá um passo para trás, sem saber que estou ali, e sinto o couro no meu rosto. Então tudo fica confuso.

Ouço barulhos e depois mais nada. Um zumbido em meus ouvidos parece bloquear o som.

Estou no chão e depois estou flutuando, e me pergunto se estou morta, se é assim que se vai até a luz.

Mas as luzes são só a iluminação do shopping, e percebo que estou viva, mas estou voando. Então sinto mãos ao redor do meu corpo, mãos grandes, confortáveis, seguras. Aquelas mãos colocam meus braços ao redor do meu pescoço. Sinto músculos. Minha cabeça repousa num peito. Sinto o músculo no meu rosto. Concentro-me no peito e vejo um *I* como o meu sob a clavícula, onde

a camiseta foi rasgada na briga. Um Imperfeito está me carregando. Ele cheira bem, cheiro de suor limpo e outra coisa que não sei identificar, mas me sinto segura. Ele me carrega como um bebê e me seguro nele, virando minha cabeça para seu peito, minha cabeça pousada sob seu queixo para bloquear a luz que fere meus olhos.

Ao avançarmos, passo a ponta dos dedos sobre o *I* no peito dele, o que nos faz parar. Nunca me senti tão perto da cicatriz de outra pessoa. Parece a minha. Cinco das minhas, não como aquela na base da minha coluna. Aquela feita sem anestesia, o que me fez dar um salto e a queimadura ficar borrada. Vejo o enorme pomo de adão se mover à medida que ele engole em seco ao meu toque. Deixo meu dedo pousar ali no peito dele. Apesar de ser um estranho, a sensação da marcação é um consolo, como minha própria pele.

Sei imediatamente quem é. Afasto a cabeça do peito dele e olho para cima e vejo que ele está olhando para baixo.

Carrick.

Com seus olhos intensos, preocupados quando sorrio para ele. Carrick, que só vi através do vidro. Não há vidro algum agora. Apesar da loucura ao redor, ele retribui o sorriso.

— Disse que a encontraria.

E flutuamos para longe da luz, para longe do som.



Acordo com um gemido, sentindo-me exposta da cabeça aos pés. Estou na minha cama, na minha casa. Está escuro, exceto pela luz do corredor entrando pela fresta da porta. Levo um tempo para que meus olhos se ajustem à escuridão, mas rapidamente consigo ver tudo. Não há ninguém na poltrona ao lado da cama. Ainda estou usando as roupas que usava antes. Está escuro lá fora, o que significa que poucas horas se passaram desde que me lembro de estar acordada. Os acontecimentos no shopping voltam de repente e penso no vovô, nele me esperando lá fora e em sua cabeça ensanguentada. Preciso pegar o telefone e ligar para ele, garantir que ele escapou em segurança, mas vozes lá embaixo me fazem parar de pensar nisso.

São vozes graves e apressadas. Então ouço a voz da mamãe, rápida e suplicante, mais aguda do que o normal, e imediatamente sobreposta sobre a de outra pessoa. Reconheço a voz, mas não pode ser. *Crevan, lá embaixo!* Devo estar sonhando. Ele não poderia estar aqui nesta casa. Tento me sentar, mas gemo novamente. Minha barriga dói; minhas costelas devem estar quebradas, ao menos uma delas. Levo as mãos à barriga e sinto um curativo ao redor do meu corpo. Tiro as pernas da cama. Estou tonta. Espero com os olhos fechados até que o chão pare de girar, até que a náusea passe.

Vejo água ao lado da cama e bebo. Consigo me levantar, sentindo dor no corpo todo, em todos os músculos. Não me lembro de voltar para casa, apesar de me lembrar da sensação de flutuar no supermercado, levada por Carrick, de me sentir confortável e segura nos braços dele. Ele sorri para mim, coloca minha cabeça contra seu peito e fecha meus olhos. Depois disso, as lembranças acabam e me pergunto se o imaginei. Era ele real?

Minha porta se abre e Juniper entra. Há pânico em seu rosto e sei que há algo de muito errado.

— Celestine, você está acordada!

— O que houve? — Penso no vovô deixado para trás e me preparo para o pior.

Ela respira rápido.

— Crevan está aqui. Lá embaixo. Ele está ameaçando a mamãe e o papai. Ele diz que o papai vai perder o emprego e que eles serão presos se não a entregarem agora mesmo.

Fico boquiaberta.

— Ele vai chamar os Delatores para levá-la se papai e mamãe não levarem você lá para baixo, mas não acredito nele. Se fosse fazer isso, ele já os teria chamado. Ele está tramando algo. Acho que só quer levar você para algum lugar. O que ele quer com você, Celestine? Você sabe? Isso tem a ver com Art? Ele perguntou onde está o vídeo. Eles não sabem do que Crevan está falando. Você sabe? Ele disse que você está com o vídeo e que precisa dele.

Olho para ela, me sentindo tonta, confusa. Ele sabe do vídeo do sr. Berry. Mas como? Ele acha que *eu* estou com o vídeo. Preciso falar com Pia. Ela é a única pessoa que sabia sobre isso, além do sr. Berry e de Carrick. Ela o estava procurando. De repente, fico preocupada com ela. Não tenho notícias dela há dias. Então me lembro da minha ligação para o marido do sr. Berry. Crevan devia estar ouvindo. Meu telefone foi grampeado.

— Mamãe e papai estão tentando convencê-lo a não levá-la. Ele diz que você esteve numa manifestação de Imperfeitos hoje. E que provocou uma confusão no shopping. Duas pessoas morreram. A polícia soltou bombas de gás lacrimogênio. Está em todos os noticiários. Há protestos nas ruas. A imprensa está culpando você. Alguém filmou tudo, mas, meu Deus, Celestine... — Seus olhos se enchem de lágrimas e ela começa a chorar. — Eu assisti e estou tão orgulhosa de você. Jamais teria dito o que você disse, jamais teria feito o que você fez. O julgamento, a câmara, o shopping... Não sei como você fez isso, mas você é incrível e estou muito orgulhosa. Ele diz que vai retirar as acusações se você lhe entregar o vídeo.

Faço que não com a cabeça, confusa por tudo isso, ainda tonta, a cabeça latejando.

Juniper tenta se recompor, percebendo que agora não é hora de expressar suas

emoções, a pressa voltou.

— Eu fiz uma mala para você. Crevan está na biblioteca com a mamãe e o papai. Você pode sair pelos fundos. O homem que a trouxe para casa deixou isso para você. — Ela enfia um bilhete na minha mão. — Não perca isso, Celestine. Ele queria ajudá-la. Ele conhece pessoas que podem ajudá-la. Encontre-o, sim? Prometa que você vai encontrá-lo. Então saberei que você ficará bem. — Ela passa a mão pelo meu rosto e recomeça a chorar. — Minha irmãzinha corajosa, senti sua falta. Vou sentir saudades.

Minha mente está a mil com tudo o que ela disse. Tenho de fugir? Tenho de deixar minha família para protegê-los. Crevan sabe do vídeo da sexta marcação na câmara. Ele acha que estou com o vídeo, ele *sabe* que o tenho, só que não tenho ideia de onde ele está, mas Crevan jamais acreditará em mim. Ele não desistirá até encontrar e preciso estar segura até descobrir o que fazer.

— O toque de recolher — digo.

— Mary May já foi embora. Já passa das onze. Se a mamãe e o papai conseguirem conter Crevan, você terá até amanhã de manhã antes que as pessoas percebam. Celestine, eu amo você. — Juniper está chorando. — Sinto muito por tudo o que aconteceu entre nós.

Faço um gesto para me afastar. Não posso ouvir isso agora.

Ela estica o braço e segura meu braço com força.

— Por favor, me ouça. Preciso explicar. Preciso que você saiba o que está acontecendo.

Lentamente me viro, prestes a ouvir o pior, preparada para ouvir tudo sobre ela e Art. Meus piores temores realizados.

— Nada aconteceu com Art — diz ela, com lágrimas rolando pelo rosto. — Ele entrou em contato comigo e me pediu ajuda. Ele precisava de outra pessoa para ajudá-lo no esconderijo, para lhe levar comida. Ele não queria que você soubesse porque não queria te meter em confusão. Art sabia que o pai dele a machucaria para descobrir seu paradeiro e sabia que você estava sendo observada. Ele me fez prometer não lhe contar, mas em alguns dias, juro, querida Celestine, estive muito perto de lhe contar. Deveria ter contado. Ele ficou lá fechado na maior parte do tempo, escondido na cabana dos Tinder, e à noite nós nos reuníamos para conversar sobre você. Sobre como sentíamos que a tínhamos

decepcionado. Não podíamos conviver com isso. Ele era a única pessoa capaz de compreender como eu me sentia. Foi só isso, de verdade. Estava tentando ajudá-lo, mantê-lo seguro para você. — Ela funga. — E sinto muito.

Suspiro aliviada por não haver nada entre eles, por estarem tentando me proteger de verdade, ainda que tudo me pareça um pouco traição. Nós nos abraçamos com força, como se jamais fôssemos nos abraçar outra vez.

— Sempre tive tanta inveja de você, sempre — continua ela. — Você sempre foi tão perfeita. Você sempre fez as coisas certas, disse as coisas certas. Todos a amavam. Tinha inveja da sua perfeição. E agora tenho inveja por você ser Imperfeita. Eu é que deveria ter feito o que você fez no ônibus. Eu queria. Pensava nisso o tempo todo. Mas, quando chegou a hora, não tive coragem, outra coisa que não consegui ter. Sinto muito mesmo.

— Você não pode se culpar pelo que aconteceu no ônibus — digo, e estou falando sério. — Eu decidi tudo sozinha. Nada disso é sua culpa. Nunca pedi que vocês me salvassem. Não poderia. Nós três estaríamos na mesma situação em que me encontro agora. Você não fez nada de errado. — Não quero me ater ao caso de Art agora. Preciso de tempo para encontrar as palavras certas.

— Não — ela me interrompe firmemente. — Eu me acovardei. Lembro disso todos os dias. Deveria ter lhe dado apoio no ônibus. — Ela enxuga o rosto, um ar de bravura nisso, a pequena soldado. — Mas agora estou fazendo a coisa certa. Estou sendo corajosa. Você tem de ir, Celestine, se não Crevan a levará embora, e não sei para onde.

— Obrigada — sussurro, apertando as mãos dela nas minhas. — O homem que me trouxe para cá. Você sabe o nome dele?

— Carrick Vane.

Sorrio. Não o imaginei, não sonhei com ele.

— Ele significa algo para você?

Faço que sim e me lembro da sensação de seu peito marcada sob meu dedo ao me tirar do perigo, vejo o pomo de adão dele na ponta do meu nariz.

— Você vai encontrá-lo?

— Sim — digo, cheia de confiança agora, incapaz de pensar que estou abandonando minha família, indo para o desconhecido sozinha. Lembro que o

professor Lambert citou Pólya: “Se você não pode solucionar um problema é porque existe um problema mais fácil que você pode solucionar”. Não posso derrubar Crevan sozinha, não agora, mas terei de encontrar Carrick Vane. É tudo o que tenho agora.



Desço as escadas na ponta dos pés, o mais silenciosamente possível, sabendo que um movimento em falso será meu fim. Lá embaixo, ouço as vozes altas do meu pai e de Crevan, o papai mostrando todas as garras. Quero entrar lá e deter o papai, com medo de que ele seja o próximo na linha de fogo por me proteger, mas sei que não posso. Não ajudará em nada no longo prazo. A única forma de pôr um fim nisso é expor Crevan ao mundo.

— Vá — sussurra Juniper alto, e a sinto me empurrando.

Olho para a porta da biblioteca, incapaz de deixar a mamãe e o papai nesta situação, paralisada. Se for embora, eles podem ser punidos, acusados de me ajudar. Se ceder e ficar, eles estarão seguros. A porta de repente se abre e Juniper agarra minha mão. Nós duas ficamos paralisadas. Tudo acabou.

Em vez de Crevan, é a mamãe que aparece, pálida, mas com raiva. Ela tem um novo corte de cabelo, um dos lados da cabeça foi raspado, o outro ainda lembra seus belos e longos cabelos ondulados. Ela parece uma guerreira. Mamãe me vê com a mochila, prestes a ir embora, e fecha a porta da biblioteca atrás de si. Sei que ela não me deixará ir embora e terei de tentar convencê-la. Ela corre até mim, me abraça e me cobre de beijos. Mamãe sussurra uma palavra no meu ouvido que não deixa dúvidas em minha mente, mas que me arrepia toda.

— *Corra!*

Com as lágrimas quase me cegando, eu a deixo, sentindo-me arrasada por ela, o coração dilacerado. Pulo o muro dos jardins dos fundos. Fico abaixada e corro até alcançar a ruazinha que me levará até o alto do morro, a salvo de todos.

Um carro aparece, as luzes altas, e vem em minha direção. Ele me faz parar no meio do caminho. Não sei se o carro vai parar; e, com os faróis no máximo, não posso ver quem dirige. Mas tenho medo de que quem quer que seja queira me

atropelar. Não reconheço o carro, mas é novinho, caro. Ele para a centímetros de mim. Os faróis ainda brilham tanto que não vejo quem está atrás do volante. Penso em me virar e sair correndo, mas sei que Crevan está na outra direção. Estou tão perto da estrada que com sorte me levará à liberdade, a estradinha que costumava me levar para ver Art no alto do morro, quando a vida era mais simples.

A porta do motorista se abre e a juíza Sanchez sai. Meu coração acelera.

— Bela noite para uma fuga, srta. North — diz ela, com frieza.

— O que você quer?

— Quero o que você quer — diz ela. — Temos algo em comum.

— Duvido — digo, com raiva.

— Derrubar Crevan.

Fico chocada pela admissão, mas claro que não deveria ficar. Ela tentou ao longo de todo o meu caso prejudicá-lo. Ela só estava me usando para isso.

— Ouvi dizer que você sabe de algo sobre ele que poderia ser bom para nós duas. Algo que o está deixando incrivelmente nervoso, enviando grupos de Delatores para cá e para lá, para todos os lugares. Não sei o que é, mas espero que você possa me dizer.

— Por que eu deveria confiar em você? — Estou entrando em pânico. Preciso sair desta situação. Preciso fugir. Minha família não pode impedir que Crevan vasculhe a casa atrás de mim por muito mais tempo e, se é verdade que estou sendo considerada a responsável pela manifestação e pela confusão no shopping, então os Delatores e a polícia virão me buscar. Espero que a polícia me encontre antes, mas Crevan não me deixará escapar dele com tanta facilidade.

— Pode confiar em mim. Vou deixá-la ir embora — diz a juíza, e estou totalmente confusa. — Você não me é útil se estiver sob o controle de Crevan. Vejo o dano que você pode causar em liberdade. Você realmente o abalou e ele está cometendo mais erros do que o normal. Você sabe o que é isso que você tem contra ele? — pergunta ela, curiosa. Dá para ver que isso a está matando, isso de não saber o que sei.

Engulo em seco, pensando, e finalmente faço que sim.

Ela sorri, um sorriso tímido e ardiloso.

— Quem diria que seria você. — Ela me olha de cima a baixo. — Sabe, acredito no Tribunal, no inquérito público, na investigação de assuntos de importância pública, mas não acredito em como ele está sendo usado agora — diz ela, os olhos frios e focados nos meus. — Estava tentando ajudá-la no julgamento, Celestine. Você deveria ter aceitado a pena de prisão. Você gostou do showzinho que fiz você ouvir no castelo? Achava que ver a marcação a desencorajaria a passar por tudo aquilo, que você simplesmente admitiria ter ajudado um Imperfeito.

Foi *ela* quem organizou a reunião de Tina para que Funar pudesse obrigar a mim e a Carrick a nos sentarmos do lado de fora da Câmara de Marcação.

— Se você me ajudar, posso fazer algo sobre a braçadeira. — Ela enfia as mãos cobertas por luvas de couro pretas no bolso e pega um cartão. — Eu a deixarei fugir, Celestine, mas entre em contato comigo quando estiver preparada, e assim poderemos nos ajudar.

É quase bom demais para ser verdade, mas lentamente pego o cartão, não sem hesitação, e me afasto dela, esperando que alguém saia do nada e me segure, mas ninguém faz isso. Sigo em frente, apressando o passo. Ela me observa e volta para dentro do carro. Ela liga o motor e engata a marcha a ré.

Sigo o conselho da minha mãe.

Eu corro.

NOTA

[\[1\]](#) No dialeto irlandês, Carrick significa “rocha”. (N. T.)



www.estradoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

